HISTORIA GERAL DE PORTUGAL,

E SUAS CONQUISTAS;

OFFERECIDA

Á RAINHA NOSSA SENHORA

D. MARIA I.

POR

DAMIAÕ ANTONIO DE LEMOS FARIA E CASTRO.

TOMO I.

LISBOA,
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.
1786.
Com Licença da Real Meza Censoria.

SENHORA

QUE feliz tem ſido a fecunda pro- ducçaõ das minhas curioſas applicações do tempo dos meus annos os mais verdes, até a preſente idade já madura! Que feliz a minha longa vida privada, re- colhida no meu doce, deleitavel reti-

ro para ſazonar fructos de vaſta liçaõ; e de profunda meditaçaõ! Feliz a minha Politica Moral, e Civíl, Aula da Nobreza Luſitana, *que ha tantos annos corre firme, gira ſegura debaixo da Real Protecçaõ do Senhor Rei D. Joſé I. Auguſto Pai de Voſſa Mageſtade, que eſtá na Gloria: Felizes ſeráõ os meus* Diſcurſos Patheticos para a inſtrucçaõ dos eſtados do homem, *amparados á ſombra de outra Real, e Auguſta Protecçaõ: Feliz o Elogio, que intitulei* Oraculo de ſi miſmo el Grande Rei de Heſpanha D. Fernando el VI. *protegido, e conſagrado á Fideliſſima Rainha, Mãi de Voſſa Mageſtade, que Deos tem no Ceo: Feliz o meu* Memorial, *que intitulei* Gemidos da Reputaçaõ Offendida, *que gozou a incomparavel honra de ſobir aos Reaes Pés dos Senhores Reis D. Joaõ o V. e D. Fernando VI. Soberanos Avô, e Tio de Voſſa Mageſtade. Sobre todas as minhas Obras Feliz eſta* Hiſtoria de Portugal *ſe-*

gui-

guida, e quaſi completa, de que tenho concluidos quatorze Tomos deſde o ponto da entrada dos Carthaginezes em Heſpanha, até ao fim do Reinado do meſmo Senhor Rei D. João o V. He ſobre todas feliz eſta Obra, não por ſer a primeira quaſi completa, compoſta por hum Portuguez; mas porque honrada, protegida pelo Alto Reſpeito, e Soberano Nome de Voſſa Mageſtade. Elle ſe verá eſtampado no roſto de cada hum dos ſeus Tomos, á maneira da memoravel Torre que nos repreſentão com mil Eſcudos pendentes.

Sim, Auguſtiſſima Senhora, o Soberano Amparo, o Sublime Nome, o Alto Reſpeito de Voſſa Mageſtade ſão Eſcudos a milhares, que rodeião, dão firmeza, fazem incontraſtavel aos repelões mais violentos eſta primeira Hiſtoria ſeguida de Portugal. *Ella não he copiada, nem traduzida de Eſtrangeiros mais officioſos, que os noſſos Naturaes. Ella he formada, he compoſta por hum Portuguez na ſua lin-*

gua.

gua. Ella ſahe a público com eſte caracter: Vai a correr ſegura, de que ſerá do goſto de todos; que repelirá os avances da inveja, ou da emulaçaõ, rodeada dos ſeus magnificos Eſcudos, que a defendem. Ella dará utilidades á Patria; tapará as boccas á mordacidade; deixará ſem alentos antes a maledicencia, que a critica, e ſe fará amavel pela verdade. Eſtas acções encontradas ſeráõ hum effeito da doçura, e da força, da atracçaõ, e da reſiſtencia dos Soberanos, e Reaes Eſcudos. Elles, quando á ſua ſombra a deixaõ deſcançar ſocegada, tambem faráõ que corra ſem ſuſto.

Em fim, Soberana, e Fideliſſima Senhora, que Coroa taõ brilhante da felicidade deſta primeira Hiſtoria quaſi completa de Portugal, *naõ he a incomparavel honra, a indiſivel fortuna, e naõ ſei ſe diga a impreſcrutavel Providencia della encontrar, pedida peſſoalmente a ElRei Noſſo Senhor a Real, e Auguſta Protecçaõ de Voſſa*

Ma-

Mageſtade , que o meſmo Senhor me concedeo benigno : de Voſſa Mageſtade , que tambem he a primeira Rainha Herdeira deſtes Reinos : de Voſſa Mageſtade a primeira no Nome , em todas as virtudes primeira ? Qual de tantas Auguſtas Rainhas de Portugal , naõ digo eu que excedeo ; mas que igualou a Voſſa Mageſtade na Religiaõ , na Piedade , no Reſpeito á Igreja Santa , no Culto Divino , na Juſtiça , na Clemencia , na Moderaçaõ , na Magnificencia , em todas as qualidades Reaes , e Virtudes proprias dos Soberanos ? Sobre tudo , qual igualou a Voſſa Mageſtade em ſaber ſer , e moſtrar que he benigna , affavel Mãi dos ſeus vaſſallos ? Occupe , encha Voſſa Mageſtade por longas idades o Throno , que herdou dos ſeus Maiores. Nós , em cultos reſpeitoſos , em votos ardentes offerecemos ao Ceo muitos dos annos da noſſa vida , para que augmente , dilate , prolongue os da precioſiſſima de Voſſa Mageſtade para gloria immor-

mortal dos ſeus Reinos, brilhante illuminaçaõ dos noſſos Faſtos, alegria do noſſo Eſtado, honorificencia do noſſo Povo, conſolaçaõ, honra, amparo dos ſeus vaſſallos, e Coluna incontraſtavel da Igreja de Deos na terra.

Damiaõ Antonio de Lemos Faria e Caſtro.

PREFAÇAÕ.

NO sexto Tomo da minha *Aula da Nobreza*, já lastimado, de que entre os meus Patricios naõ tivesse havido algum, que formasse, e compozesse huma *Historia Chronologica*, *seguida*, *e completa da Pátria*: Eu a analysei, e contrahi áquelle Tomo, que foi o que entaõ me permitio a idéa da Obra. Ingenuamente confesso, que eu entaõ me abysmei em muitas das preoccupações dos nossos primeiros Chronistas. Em varias passagens descobri as poucas luzes da minha primeira idade entaõ mui verde.

Sempre foraõ vehementes os meus desejos de render á Patria o obsequio, e fazer o serviço de tecer a sua Historia por hum methodo, que se naõ désse della huma noçaõ completa, fallando muito, como alguns dos nossos Historiadores: ao menos lhe offerecesse o seu fio continuado para os applicados se naõ perderem nos labyrintos de dúvidas historicas, e Chronologicas, que nelles se encontraõ a cada passo. Muito tempo estiveraõ coarctados os meus desejos, opprimidos de molestias, e occupações do Estado. Tudo cessou, e todo eu me sacrifiquei aó penoso trabalho, que pela bondade de Deos tenho conseguido, e vou offerecer ao Público.

Antes que eu passe adiante no muito, que ha de conter esta Prefaçaõ; digo, que a *Historia*

ria

ria da propria Patria he huma applicaçaõ abſolutamente neceſſaria a todo o homem polido, que deſeja honrar o patriotiſmo, e fazer-ſe util. Ella, como volante diligente, lhe traz as novas dos mais remotos Paizes da Antiguidade. Ella lhe moſtra, e aponta os ſucceſſos nos ſeus lugares, e tempos devidos, como luz da verdade, que ao meſmo tempo he vida da memoria, e meſtra da vida. Ella na narraçaõ louva, ou condemna os conſelhos, as acções, os acontecimentos, e as peſſoas, como quem pinta com alma, ou falla com vida, para dar conſiſtencia ás palavras, que voaõ, e immortalidade ás vidas, que acabaõ. Ella traz á memoria os perigos alheios para nos fazer acautelados: a força dos exemplos para nos enſinar a dar uſo conveniente a todas as couſas; os altos conſelhos, para naõ tropeçarmos na facilidade, e inconſideraçaõ. Ella faz conhecer a cauſa dos males communs, e particulares; a difficuldade das emprezas, e o modo com que ſe conſeguiraõ. Em fim, ella une a ſciencia com a experiencia para o racional, que na inconſideraçaõ ſe faz ſemelhante aos brutos, naõ ficar contraido ás eſpecies, que vê, quando deve recordar os paſſados, reger os preſentes, e prevenir os futuros para dar ás revoluções o alto caracter de ſábias, e de prudentes.

Serve a *Hiſtoria da Patria* naõ ſó aos Eccleſiaſticos para encontrarem neſta Encyclopedia da erudiçaõ Maximas para a piedade: naõ ſó aos Politicos para tirarem deſte centro das dexteridades *invectivas* para o governo dos Eſtados: naõ ſó

aos

aos ſoldados para deſte Arſenal copioſo dos fortes extrahirem eſtimulos para animar o valor: ſenaõ que ella muito eſpecialmente ſerve aos Principes para verem a deſigualdade das cores, com que ella pinta a virtude, e o vicio, eſte para ſer aborrecido, aquella amada: para cotejarem os parallellos disformes, que ella faz entre a clemencia, e a tyrannia; a juſtiça, e a ſemrazaõ; a corage, e a covardia; a liberalidade, e a avareza; a prudencia, e a ignorancia: eſtas, e outras ſemelhantes qualidades virtuoſas, que ſaõ os eſmaltes das Coroas, aſſim como manchas das Purpuras eſtas, e ſemelhantes vicioſas qualidades.

Eu trabalhei, quanto coube nas minhas forças, para vencer as tres difficuldades, que ſe encontraõ na compoſiçaõ de huma Hiſtoria. Fiz o que pude para acertar com a verdade; para diſpôr a rectidaõ do Juizo: para ajuſtar as conveniencias do Eſtylo. Para conſeguir o primeiro intento, depois de me conſiderar bem longe de todas as idéas intereſſantes, e de ſer em nada parcial; eu me fiz difficultoſo de crer, diligente em indagar, critico em diſtinguir: e ainda me aſſuſtaõ as dúvidas, de que naõ ſerei exacto na verdade.

Para lograr o ſegundo deſignio naõ me poupei a fadigas. Fiz por comprehender de hum golpe a extençaõ da Hiſtoria, que me reſolvia a eſcrever. Eu a moía na preza ſolta do entendimento, eu a fazia nella em pó para buſcar os objectos principaes nos ſeus pontos verdadeiros; para eſcolher o conveniente, e regeitar o deſneceſſario; para naõ apertar o eſtylo, e fazer eſtalar a importan-

tancia; para naõ deixar aos Leitores como Tantalos, com os pomos á vista, e os braços curtos; para naõ mudar a prodigalidade em hydropesia, nem communicar a sede nas muitas aguas: em fim, para escolher nos successos os que devem ter a primasia na narraçaõ, quando elles servem como de alma a todos os mais.

A terceira difficuldade de ajustar as conveniencias do estylo, sendo das que menos importaõ, eu conhecia, que he huma das que mais se observaõ. Porém naõ parece temeridade haver quem julgue, que humas vozes alheias do seu tom, ellas sejaõ bastardas nas linguas, que as proferem? Cada qual firme no seu sentir, tem o estylo alto na Historia por hum sorvo bebido na Hypocrene. Se no mediano naõ observaõ muita força, o desestimaõ por Mercurio coxo, que cahio do Olympo. Eu desejei ajustar ás materias o que me he natural. Caminhei pelo meio como pude; sem vulgaridade de plebeo, nem altisonancia de Poeta. Naõ ha dúvida, que apropriar a Eloquencia aos assumptos tem muita belleza. Ha muito de brilhante em ajustar a sublimidade historica, levando-a com firmeza em qualquer genero de assumpto por entre as balizas da Poesia, e os confins da Oratoria. Aqui me lembrava, que huma sentença valente tem mais força para mover, que huma pintura delicada actividade para attrahir. Na manutençaõ do estylo entendi, que tropeçar naõ era cahir. Os pés firmes na eloquencia, pelos caminhos escabrosos, ainda que andem de vagar, *naõ páraõ*. Eleito com prudencia o methodo com

que

que podem as forças, faz evidente, como o efpirito fóbe ao cume com o mefmo paffo, fem fe defpenhar do meio.

Eu me difvelei porque nefta Hiftoria fe deixaffem ver os feus Elementos nas oito partes, de que ella fe compoem. Nella appareceráõ as Peffoas, as Caufas, os Lugares, os Tempos, o Modo, o Inftrumento, a Materia, e as Acções. Na Narraçaõ encominhada como fio, que vai atando as operações civís, eu lhe organizei o corpo: Nos louvores difpoftos em fôrma, que com a inftrucçaõ politica dê regras á civilidade, eu lhe introduzi a alma: Na eleiçaõ da materia trabalhei por encontrar a mais jocunda, e agradavel, que derrame fuavidades no efpirito dos Leitores. Se na idéa geral dos factos naõ brilhar a Prudencia, ao menos naõ me defcuidei na efcolha dos que devia omittir. Em tranquilidade o animo, e o efpirito rodeado de huma brandura imparcial, eu levei a minha narraçaõ pelo meio a que me conduziaõ as regras hiftoricas, mais, ou menos fublime conforme as peffoas, e a materia, efcufando-me ás repetições para evitar o enfado.

Grandes foraõ os meus defejos para faber mifturar o util com o agradavel, tudo em eftylo breve, que naõ foffe laconico, nem Ciceronico. Obfervando a proporçaõ da fublimidade hiftorica, entoei Epicedios com os anojados, e cantei Epinicios com os triunfantes. Pedi ao genio, que fe alentaffe para dar alma ao forte, animar o languido, e esforçar os penfamentos, tudo com o fim de unir a verdade com a novidade. Rofto em foca-

cego, depois de ter andado livre pelos caminhos da propria complacencia, aonde me pareceo, que me tinha remontado fóra do assumpto, encolhi as azas: aonde encontrei superfluidades, dei córte: aonde conheci as seccuras do entendimento, para as fecundar as reguei: aonde vi pouca extençaõ no capricho, alarguei as ensanchas: animei o humilde, corroborei o fraco, liguei o dissoluto, e dei algum enfeite á Eloquencia para agradar nos ornatos.

Na alma desta Historia, que he a Instrucçaõ politica, eu me naõ apartei dos fundamentos, qnando eraõ sólidos, do sentido commum, e de algumas das opiniões vulgares, e recebidas. Naõ quiz ser severo, nem desprezar Authores estimaveis, nem metter-me a indagador da natureza das cousas com subtilezas methafisicas, aonde nada mais se deixa ver, que labyrintos de conjecturas, ou partos disformes de mal organizadas quiméras. Em fim eu trabalhei, para que o juizo fosse correspondente á existencia real, ou verosimil dos objectos, e que a narraçaõ se ajustasse com os objectos, e com o juizo.

Já eu disse no Proemio do VI. Tomo da minha *Aula da Nobreza*: Que eu escrevia a *Historia de Portugal* entre Portuguezes: que nisto expunha o meu receio pela razaõ, de que todos querem, e muitos merecem ser louvados, e que naõ sabia se gostavaõ, que alguem o fosse: Que esta emulaçaõ naõ era viciosa, antes huma idéa magnanima de *peitos nobres*, que gloriosamente ambiciosos naõ soffriaõ se lhes adiantassem nos applausos outros

ob-

objectos, com quem elles podem competir no merecimento. Agora repito o mesmo, e protesto naõ ser da minha intençaõ defraudar pessoa alguma da justiça, que lhe he devida. Como tive de escrever muito em idades differentes, eu naõ pude dizer tudo, nem fallar de todos. O meu principal designio foi tecer para utilidade da Patria huma Historia Chronologica, seguida, e quasi completa, que nós naõ temos, para naõ a mendigar de Authores estrangeiros, que me asseguraõ se querem traduzir, devendo-nos causar pejo, que a necessidade de Portugal, aonde ha tantos homens de talentos eminentes, vá pedir esta esmóla batendo a portas estranhas.

Ultimamente na minha *Historia Portugueza* teráõ lugar amplo os louvores da virtude, e as pinturas dos vicios. Com penna desigual ao merecimento dou a conhecer o caracter dos nossos Heróes. Se elles vencêraõ na Asia a muitos Darios, eu desejei, que encontrassem em mim huma sombra dos Curcios, e Livios, que os désse a conhecer na Europa. Depois da gloria de Deos, tem dous fins o meu penoso trabalho. O primeiro he desenterrar dos nossos Monumentos as memorias, que se sepultavaõ com os cadaveres, para resuscitar os nossos mórtos á vida da Fama. O segundo he encaminhar este obsequio á instrucçaõ dos vivos, sem pretender lisongear o rumor popular, e ignorante com periodos sublimes, e frazes de estrondo; mas conseguir a applicaçaõ dos Estudiosos, o applauso dos Sabios, e instrucçaõ dos ignorantes, tudo com a candura do animo, e com a singeleza da verdade.

Ora feito este necessario preambulo, eu passo a dizer, que os Chronologos, e bem instruidos sabem, que todas as idades desde o principio do mundo até agora se dividem nos tres Tempos chamados Escuro, Fabuloso, e Historico. O primeiro ponto do Tempo Escuro he o da creaçaõ do primeiro Homem Adaõ: Ponto luminoso marcado pela Escritura Santa, em que só brilha a luz da verdade na Historia Sagrada, quando toda a Politica, e Profana estava involvida no Cáhos tenebroso da maior escuridade. Acaba aquelle Tempo no Diluvio de Ogyges, Rei de Boecia entaõ chamada Ogygia, que se representa succedido no anno do Mundo 2208, antes da Éra vulgar 1796 annos, e que comprehende vinte e dous Seculos de sombras impenetraveis, e de trévas immensas.

O Tempo Fabuloso principia depois do Diluvio de Ogyges, e corre até a primeira Olympiada no anno do Mundo 3228, antes da Éra vulgar 776 annos, com a duraçaõ de 1020. Chama-se este Tempo Fabuloso pela confusaõ, e miscellanea de verdades, e mentiras com que os Poetas organisáraõ os seus Escritos, cohonestadas as patranhas com o nome de Fabula, que elles fizeraõ brilhar pomposa com a derrota dos Argonautas; com o preço inestimavel do velocino; com as façanhas memoraveis de Ulysses; com a decantada formosura de Helena; com os estupendos trabalhos de Hercules; com o horroroso incendio de Troia, e com outras invençóes arbitrarias, que fazem plausiveis aquellas idades.

O Tempo Historico tem principio depois da primei-

meira Olympiada no anno do Mundo 3228, e vai parar no do Nascimento de J.C. 4000, e contem o espaço de 772 annos. Dá-se a este Tempo o nome de Historico; porque das Olympiadas em diante principiou a brilhar na Historia a verdade dos succeſſos ſem as tiſnas da eſcuridade,ſem as manchas da fabula.Entaõ ſe percebeo,que quanto Herodoto deixára eſcrito da tomada de Troia até aquelle tempo era taõ pouco, e taõ confundido, que ſe devia ler como huma Novella.Se nós reflectirmos no que elle diſſe dos Scytas, dos Egypcios, e de outros Póvos, em lugar de lhe darmos com Cicero o nome de Pai da Hiſtoria, lhe chamaremos hum dos Progenitores da Fabula. Em fim a luz hiſtorica nos fez ver bem quem foraõ Aunio, Filo, Beroſo, Manethon, e Metaſtene, outros Pais das patranhas quando os homens naõ ſó tinhaõ deſejos de buſcar a verdade eſcondida no pó dos turbilhões precedentes; mas ſe applicavaõ aos modos de a ſaberem buſcar.

Iſto ſuppoſto, ſe eu houveſſe de dar principio á *Hiſtoria Antiga de Portugal* imitando ao Doutor Fr. Bernardo de Brito, a Manoel de Faria e Souſa, aos Padres Joaõ de Mariana, Joze Moret, ao Arcebiſpo D. Rodrigo Ximenes, a Gabriel de Henao, e a quaſi todos os Hiſtoriadores das Heſpanhas: Eu lhe daria principio no anno do Mundo 1792,depois do Diluvio Univerſal 136 annos: Eu andaria abyſmado, engolfado, perdido 416 annos pelo cábos do Tempo Eſcuro: Eu apalpando, tropeçando, caindo marcharia 1020 annos pelos deſpenhadeiros do Tempo Fabuloſo: Eu me cançaria em provar o

 im-

improvavel de ſer Tubal, V. Filho de Jafet, e Neto de Noé , o primeiro Povoador da Luſitania ; como fizera elle a ſua viagem até ao Cabo de S. Vicente,que querem ſe chamaſſe Promontorio Sacro por ſer nelle ſepultado o ſeu cadaver ; ſe com effeito fundou Setuval, que dizem, que das vozes *Ajuntamento de Tubal* , tomára o nome ; e ſe governára o ſeu Povo ao modo monarquico com a ingenuidade, e candura daquellas idades innocentes.

Se eu houveſſe de me deſviar deſte ſentir dos Authores referidos,que naõ ſó bebêraõ os tragos mentiroſos na fonte impura de Beroſo , de naçaõ Caldeo ; mas nas dos ſeus Sectarios Floriaõ do Campo, Garibay , Beuter , e Vazeo : Eu me veria obrigado a paſſar de hum para outro abyſmo , e dar a gloria de primeiro Povoador de Heſpanha a Tarſis,Sobrinho de Tubal , filho de hum de ſeus irmãos : opiniaõ nova ,que naõ foi ouvida entre nós, em quanto o engenho vaſto de D. Joſé Pellicer naõ eſquadrinhou motivos , que tirou dos cófres da ſua erudiçaõ para a fazer ſuſceptivel aos engenhos menos vulgares. Elle ſim encontrou neſta claſſe luminoſa de homens hum grande número de partidarios. Mas iſſo de que valeo ? Tanto eſta opiniaõ nova de Pellicer, como a antiga de Beroſo ellas foraõ nervoſamente atacadas pelos famoſos Diariſtas no ſeu Juizo da Hiſtoria do Direito de Heſpanha , que publicou Sotelo : ataque,que ſe derrotou a opiniaõ reſpectiva a Tubal,tambem reduzido a nada a que pertence a Tarſis.

Nós naõ podemos duvidar,que todos os homens naſcidos no primeiro Seculo depois do Diluvio ficá-

cáraõ vivendo nas visinhanças do campo de Senaar com o Pai commum o Patriarca Noé. Elles propagáraõ monstruosamente, e bem podemos crêr, que a confusaõ dos idiomas nas Familias poderia ser a causa da separaçaõ daquellas, que mutuamente se entendiaõ. Naquelle tempo viviaõ Tubal, e Tarsis; mas nós naõ podemos affirmar, que algum delles viesse com huma colonia de Caldeos a povoar a Lusitania. Naquella Época eraõ ignorados todos os elementos necessarios para a sociedade, para o estabelecimento da vida civil, para a navegaçaõ, e para o exercicio das Artes. Os homens, que ficáraõ na companhia de Noé poderiaõ ser instruidos por elle em alguns dos conhecimentos, que antes vira no mundo o mesmo Noé. Os mais viviaõ como brutos nas cavernas, e grutas da terra, comendo o que ella produzia, em si estupidos, de tudo ignorantes.

Tubal, e Tarsis tendo em menos distancia do amavel Avó tantas Regiões desertas parece que naõ se apartariaõ delle mais de mil leguas para virem buscar a da Lusitania taõ remota. Se algum dos dous designados seus Povoadores nós podessemos entender, que elle emprehendêra esta derrota pela noticia da fertilidade da nossa Provincia, naõ he necessario presuppormos, que elles só a podiaõ ter por meio da revelaçaõ? Que homens viajantes havia naquella idade, que levassem novas de huns a outros Paizes? Além disto, a razaõ encontra outra inverosimilidade, em que a numerosa Colonia de Tubal, ou de Tarsis podesse fazer por mar a sua longa viagem. Impossivel parece, que huns homens ainda occupados *do horror* da congregaçaõ das muitas

aguas no Diluvio,elles ſe engolfaſſem em outra immenſidade de aguas nos mares Mediterraneo, e Oceano.

E naõ parece outro impoſſivel, que em taõ poucos annos depois do Diluvio os homens ſe inſtruiſſem na arte de navegar e na de conſtruir embarcaçōes para romperem mares nunca d'antes navegados deſde a Aſia até Setuval? O certo he, que nós ignoramos quem foſſem eſtes Argonautas, em que tempo elles vieraõ á Luſitania, e como vieraõ. A Sagrada Eſcritura naõ o diz. Nós naõ temos outras memorias eſcritas daquellas idades ſenaõ as ſuas. Quanto nos dizem os Hiſtoriadores Portuguezes, e Heſpanhoes he hum tecido de fabulas, de illusões, humas ſugeridas, outras arbitradas. Naõ ha trabalho mais inutil, que aquelle com que elles ſe cançaõ em ajuſtar ethimologias a Provincias, e cidades para perſuadirem pelos ſeus nomes a exiſtencia real de Principes, e de Heróes, que talvez ficaſſem na maſſa dos poſſiveis.

Algum tempo gaſtei eu em recordar a Hiſtoria do Geneſis, e achei, que na Europa a Tracia, a Grecia, e algumas Ilhas foraõ povoadas por Javan, e ſeus filhos. Póde ſer, que elles paſſaſſem deſtes climas para os de Alemanha, Italia, França, Heſpanha, e algumas terras do Nórte; mas nós por onde o ſabemos? Que correio nos trouxe eſtas novas lá do fundo da antiguidade? Tambem dei minhas horas de applicaçaõ aos Authores Gregos, e encontrei-me com o eſpirito de huma Naçaõ taõ inclinada ás ficçōes, que naõ as eſquece ainda no meio das *idades cheias* de luz. Nas da ſua eſcuridade nós que deſ-

descobrimos, senaõ fabulas insulsas, patranhas ridiculas, taes como os seus Jógos, Apotheôses, Theogonias, Mathamorphorses, e outros inventos pueris desta natureza? Huma gente, que se finge taõ antiga como o Sol, existente antes da Lua, produzida da terra para primeira semente dos homens futuros, que luzes nos pódem dar dos primitivos habitadores do mundo, que nos desterrem do juizo as sombras?

Depois destas applicações o mais que fiz, foi naõ duvidar, que Seculos depois do Diluvio seria habitada a nossa Lusitania. Discorri, que os Netos de Noé se apartariaõ delle, degenerando em rusticos, e grosseiros, ignorantes das vantagens da sociedade, homens sem leis, governo, nem cultura, que viviriaõ da producçaõ natural da terra. Representei possivel, que quaesquer que fossem estes homens, elles de tempo a tempo hiriaõ avançando as viagens, como gente de casa portatil: que consumidos os fructos de hum Paiz passariaõ para outro: que nestas marchas contínuas na terra deserta sem embaraços para ellas, alguma Colonia entraria pela Lusitania até dar de rosto com o mar: que naõ podendo avançar-se impedida pelo mesmo mar, nem retroceder com temor de outros moradores, que já havia por toda Hespanha, ella se estabeleceria neste Continente, que já seria fertil: que os mesmos brutos delineariaõ fórma de República em Setuval, e formariaõ outras Sociedades: que os Salvagens se embrenhariaõ pelas mattas, e cavernas, donde depois sahiriaõ os Barbaros *Sarrios*, monstros indomitos, que chegáraõ

a competir na ferocidade com os mais aguerridos Romanos, e outras Nações valentes.

Naõ duvido, que a ignorancia popular entenderá, que detroto a antiguidade veneravel em collocar na nossa Lusitania (viessem elles por mar, ou por terra) a estes Salvagens, rusticos por seus primeiros habitadores, e que nós hajamos de ser seus descendentes. Esta lembrança he huma demencia, huma falta de instrucçaõ da ordem do mundo, que todo elle traz a sua origem de homens grosseiros, sem policia, sem civilidade, que foraõ depondo a barbarie, e dando uso á razaõ pelos descobrimentos scientificos na carreira das idades. A noticia das Leis, das Sciencias, das Artes, dos costumes primitivos dos homens candidos isso ficou em patrimonio, e foi Herança da Naçaõ Santa, que Deos designou para os altos fins da sua Providencia. Quantos Seculos naõ sahiraõ da Asia as suas luzes? Poderiaõ recebellas algumas Regiões mais visinhas ao Campo de Senaar, como eraõ a Syria, a Media, Babylonia, e o Egypto. O resto da terra naõ estava entaõ engolfado nas trévas da ignorancia, que nascia do peccado, e toda a sua face naõ se via alagada com a segunda innundaçaõ da Idolatria, que se seguio á primeira do Diluvio?

Ora supposta a imaginada vinda de Tubal, ou de Tarsis a Hespanha, desde o anno do Mundo 1792 atê o de 2208, em que succedeo o Diluvio de Ogyges, e em que acaba o tempo chamado Escuro, os Historiadores já citados fingem huma *serie* de Reis Successores de Tubal com hum *governo Monarquico* na Lusitania, e em Hespanha.

Taes

Taes saõ os desta Época da Escuridade, a que se me permita chamar escuros Reis, a saber: Hibero, de quem querem, que Hespanha se chamasse Hiberia: Jubalda inculcado por hum grande Astronomo: Brigo sonhado fundador de quantas Povoações acabavaõ em *briga*, ou *brigo*, como foraõ Lacobriga, hoje Lagos, Cetobriga junto a Setuval, Medobriga perto de Portalagre, &c.: Tago homem de memoria immortal, que corre fresca com o seu nome nas aguas do Téjo: Beto, que tambem vive ainda nas lembranças da Provincia Betica, ou Andaluzia, e nas do Rio Betis, ou Guadalquivir: Geriaõ representado hum intruso, que matou a Beto, e que foi morto por Jupiter Usyris, que andava pelo mundo alimpando os Estados de Tyrannos: ultimamente os tres Geriões, ou Lominios, filhos de Geriaõ, os quaes Osyris restituio o Reino; mas que já na Época do Tempo Fabuloso perdêraõ as vidas ás mãos de Oro, ou Hercules Libico, filho do mesmo Osyris, no memoravel desafio, que nos representaõ os espiritos inclinados á plausibilidade.

Dos Reis nomeados nesta Época fingiraõ muitos Escritores a derivaçaõ do nome de Hespanha, de algumas de suas povoações, e dos seus Rios, materia, que naõ he da minha repartiçaõ, nem me pertence. He verdade, e bem póde ser, que de algum destes nomes geraes do Continente de Hespanha, ou de algum particular, que lhe imporiaõ os seus moradores, entaõ sería conhecido o de Lusitania. Os nossos Escritores quasi que assim o daõ a entender no silencio profundo, que guardaõ nes-

nesta materia em todo o tempo da primeira Época, e parte da segunda. Nesta representado Luso, do qual logo fallarei, por hum dos nossos augurados Reis, elles querem, que do seu nome fosse chamada Lusitania todo o nosso Continente. Esta noticia, que naõ passa de ser huma conjectura, que naõ tem verdade, nem verosimilidade, em que se firme; que nasceo na idade das Fabulas, aonde aquellas duas estimaveis qualidades apparecem como envergonhadas; ella nos deixa o campo livre para discursos mais sólidos, e veridicos, que a derivaçaõ do nome de hum Rei imaginado, sem probabilidade alguma de haver reinado na Lusitania.

Manoel de Faria e Sousa sim dá fundamento para se pensar, que a voz Lusitana terá origem em algumas das linguas antiquissimas dos Estrãgeiros, que vieraõ a este Paiz, e observando a sua situaçaõ extendida ao largo do mar, elles lhe chamariaõ por esta razaõ Lusitania, que significa *largura*. A ser isto assim, que póde ser, mais decente nos fica adoptar esta opiniaõ, do que appellar para o nome de Luso, hum Principe, que só reinou na Fabula. Tambem póde ser, que os nossos primitivos, reparando no Horisonte Occidental do seu Paiz a dilataçaõ do Crespusculo Vespertino, que longo espaço se mostra diafano, e luminoso quando o resto da Esféra está escuro, e já no Firmamento scintilaõ com toda a claridade as Estrellas: do *luzir*, ou *luzitar*, que se presume seriaõ termos proprios da sua lingua, destas vozes edusiriaõ elles o nome de Lusitania para a differençarem dos geraes de Hespanha, que fica mais de

hum

hum grão apartada na sua fronteira do nosso Horisonte Visual.

Ora dadas estas breves noticias, eu devo derrotar com a verdade as ficções introduzidas entre nós no Tempo Escuro, que acabou no Reinado dos Geriões. Hum Escritor da Historia de Portugal, e Estrangeiro, me fez parar attento para reflectir, que a ordem dos Reis de Hespanha, naõ só no tempo Escuro: mas ainda no Fabuloso, tecida por alguns Historiadores Portuguezes, e Hespanhoes, pedia huma indagaçaõ critica, judiciosa, e sevéra. Foi este Author o illustre Francez Le Quein de la Neufville. Elle diz de passo em dous paragrafos: Que Tubal, V. filho de Jafet, he olhado como Chéfe dos Póvos de Hespanha, aonde elle nunca veio: Que os seus descendentes Hiberios, que vieraõ da Hiberia habitada pelos Georgianos, saõ os mesmos que os Hespanhoes reconhecem por seus Progenitores: Que elles eraõ huns brutos incapazes de Religiaõ, e de Politica: Que sempre foraõ os mesmos, até que os Estrangeiros vindos do Egypto, e da Grecia, de Carthago, e das Gallias adoçáraõ o seu ar barbaro, e a dureza dos seus costumes. Logo salta elle ao terceiro paragrafo, que he o quinto na ordem do primeiro Tomo, e passando por alto toda a successaõ dos Reis fabulosos, que os ditos Historiadores foraõ desenterrar da podridaõ dos cemiterios, em que jazem os Pais da Fabula; elle escolheo para principio da sua Historia o da vinda dos Carthaginezes a Hespanha, de que ha outras memorias com verdade, e verosimilidade: Ponto, que já en-

entra no luminoso Tempo Historico, e que he o que tambem hei de seguir nesta minha Historia.

Entrou a Época do Fabuloso, e começáraõ os Poetas a tecer no heroismo da Theocracia hum governo tal, que antes parecia pintura para se gravar no Ceo, que maximas para se observarem na terra. Este tempo do fervor poetico foi o que encheo as medidas do furor Divino; furor, que entaõ fez pegar a maõ Omnipotente no Calix de ouro de Babylonia para embriagar o mundo todo com o vinho da sua prostituiçaõ. Taes foraõ os Dogmas abominaveis, e as palavras mortiferas da composiçaõ dos Poetas, o decóro da sua eloquencia, a verdade da sua Historia, e a sua divisaõ das cousas. Sobre estas bazes taõ pouco estaveis; sem solidez, nem constancia, firmáraõ as phantasias a successaõ de alguns vinte e quatro Reis desde Tubal até Abidis, que nos introduzem como hum menino milagroso, hum assombro nas trévas do Gentilismo, criado nos campos de Santarem por huma Cerva, taõ saltador, e ligeiro como ella; e assim levaõ enlaçada em huma corrente de absurdos a origem, e progressos da vasta Monarquia de Hespanha, como se ficçóes evidentes podessem ser honrosas á Patria.

Na entrada pois do tempo Fabuloso nos mostraõ reinando na Lusitania os tres irmãos Geriões. Logo vindo Oro, ou Hercules Libico tirar-lhes a vida em castigo da morte, que elles haviaõ dado a seu pai Osyris. Depois ficar o mesmo Hercules reinando na Lusitania; fundar no Promontorio Sacro hum Templo em memoria de Tubal; e que-

ren-

vendo aufentar-fe para Italia, deixou para Rei dos Lufitanos, a feu filho Hifpalo, que fundou Hifpalis, ou Sevilha; enfinou a enterrar os mortos, e ordenou, que por elles fe veftiffem de luto os vivos. Depois de Hifpalo apparece Hifpano, qũe dá a Hefpanha nome novo, e fe lhe fegue Hefpero, a faz chamar Hefperia. Athlante Ytalo, irmaő de Hercules, apparece Rei, e faz entre os Lufitanos grande figura. Com hum exercito delles ha quem creia, que fua filha Roma fundára em Italia a memoravel Cidade do feu nome, que veio a fer cabeça do mundo conhecido.

Sicoro he confiderado Succeffor de Athlante feu pai, e delle Sicano, que com huma colonia de Lufitanos faő tidos por origem dos Póvos Sicanos moradores de Sicilia, que dizem tomára delles o nome de Sicania. A Siceleo, que fuccedeo a feu pai Sicoro, fe feguio feu filho o memoravel Lufo, que na realidade o feria fe delle foffe Portugal chamado Lufitania. Siculo he reprefentado digno Succeffor de taő grande pai, e elle hum grande Rei. Na anarquia que fe feguio, Bacco, filho de Semele, mais conhecido pelos vicios, que pelas victorias, dizem que entrára pela foz do Guadiana com hum exercito de Gregos. Os Lufitanos lhe fizeraő parar a marcha, temerofos de que intentaffe fer Rei, quando elles naő queriaő Soberano, fenaő do fangue do feu amado Lufo. Bacco lhes faz crer, que a alma de Lufo tranfmigrára para o corpo de feu filho Lyfias. Elles com efta recommendaçaő o conhecem Rei, e fe affegura, que em attençaő fua tomára o Reino a denominaçaő de Lyfitania.

O

O seu Capitaõ Licinio Caco lhe succede, e dizem que entre os seus Póvos fora elle o inventor da Metallurgia. Seguio-se á sua morte huma anarquia, e quer Justino, abbreviador de Trogo Pompeo, que lhe succedesse Gorgoris pelo merecimento de descobrir ao Povo no tronco de huma arvore o artefacto das abelhas, dando-lhe a gostar a doçura do favo. Este Gorgoris he imaginado ao mesmo tempo pai, e avô do prodigioso minino Abidis, que foi lançado nas mattas de Santarem para se esconder a infamia do incesto. Nellas o fazem criado por huma cerva, rapido na carreira, colhido pelos caçadores de seu pai, que o conhece pelas feições do rosto, naõ o havendo visto senaõ quando nasceo. Ora em quanto Gorgoris reina, e Abidis nas montanhas se cria, vejamos como nos persuadem a estes Reis nomeados realmente existentes no Tempo da Fabula, e depois passaremos a ouvir o estrondo, que faz a Armada de Ulysses entrando, e rompendo as correntes do Téjo.

Houve na antiguidade hum homem chamado Beroso, Sacerdote Caldeo, que he citado pelo grande Josefo nas Antiguidades Judaicas. Houve outro Beroso, falso Impostor Viterbense, por outro nome Annio, a cada passo citado pelo nosso Fr. Bernardo de Brito. Este segundo Beroso quiz resuscitar as memorias corruptas do primeiro. Nos escritos que compoz em seu nome, elle fingio quanto quiz para fazer o comento plausivel. Os sopros viciados destes homens, os seus halitos corruptos saõ os que quizeraõ dar realidade de existencia á vinda a *Hespanha* de Tubal, e de Tarsis: elles os que

animáraõ, e organizáraõ os Principes, que eu deixo nomeados desde o centro do Tempo Escuro até ao fim do Fabuloso, em que nos representaõ reinando ao Rei Abidis: Principes, que já mais foraõ vistos Dominantes do Continente de Hespanha o longo espaço de 1500 annos contados do tempo da sua povoaçaõ até a entrada nella dos primeiros Gregos.

Naõ ha duvida, que Floriaõ do Campo, e Joaõ de Mariana foraõ Sectarios dos Berosos; mas sem se declararem fiadores da sua verdade, nem verosimilidade. Que credito merecem elles depois de Authores de tanta antiguidade como Diodoro, Estrabaõ, Justino, e outros do seu caracter nos deixarem desta materia humas poucas noticias, e essas taõ confusas, como o tempo dos imaginados successos? Lá muito ao longe apparecem os quatro Geriões, pai, e tres filhos: falla-se com balbuciencia na morte, que elles deraõ a Osyris: como ella foi vingada por seu filho Hercules, aquelle Heróe domador dos monstros, que nos pintaõ com huma massa na maõ por armas, e coberto com huma pelle de Leaõ por saia de malha: vingança de Hercules sobre os Geriões, que deo origem á Fabula, de que Hespanha e Lusitania foraõ governadas por hum Rei de tres cabeças.

Herodoto deixou lembrança deste combate de Hercules com os tres irmãos Geriões. Mariana naõ se esqueceo dos dous montes de pedras que o vencedor mandou deitar no mar dos lados de Hespanha, e de Africa, o chamado Abyla a huma parte, o Calpe a outra, ambos as memoraveis colu-

nas

nas, em que foi gravado o *Non plus ultra.* Para nós crermos, que Osyris, e Hercules nunca vieraõ a Hespanha, basta sabermos, que elles reináraõ no Egypto. Seculos longos estiveraõ os Principes deste Estado sem sair dos seus confins, até Sesostris, que dizem governava pelos annos do Mundo 2341, e fora o primeiro, que emprehendeo novas conquistas. Além disto, os Sabios naõ ignoraõ, que os antigos Egypcios tinhaõ em conta de impios aos navegantes: que olhavaõ com horror para o mar, como imagem de Typhon, que tirára a vida ao seu Osyris: que daqui nasceo o costume referido por Herodoto de já mais contrairem allianças com gente maritima. Logo se os Egypcios naõ navegaraõ nas idades de Osyris, e de Hercules, como vieraõ elles a Hespanha?

Quizeraõ os Escritores Portuguezes, e Hespanhoes encher o vacuo da Historia Antiga, e foraõ desenterrar plausibilidades do cemiterio dos Berosos. A successaõ dos Reis elles a arrancáraõ do centro da escuridade, e da fabula. Com mais fundamento o devemos entender, entre os mais, de Hispalo, de Hespero, de Athlante, e da fundaçaõ de Roma por sua filha do mesmo nome; idéa inventada por Fabio Pictor para cair sobre elle com pezo desmarcado toda a severidade da critica. Em fim nós deixamos por indignas da nossa illuminaçaõ as viagens Orientaes, e Occidentaes dos Principes Titões; o seu vasto Imperio, que veio rematar nas Hespanhas; as suas batalhas de tremer a terra; as conquistas para que já naõ havia mundo; os combates dos Gigantes com os Deoses; a regencia so-

bre

bre o noſſo Continente do Rei Tartareo,que veio dos Infernos, com outras puerilidades jucundas, arrancadas do centro da Mythologia.

Mas já chama pelas noſſas attenções o eſtrondo da Armada de Ulyſſes rompendo as correntes do Téjo,e devaçando as ſuas margens no anno 77 do governo do velho Gorgoris,pai do celebrado Abidis. Poetas famoſos, homens de grandes talentos, e até as *Aventuras de Telemaco*, obra de hum eſpirito ſublime, nos inſtruem, como reduzidas a cinza as altas Torres de Troia,os authores de tanta ruina ſe botáraõ a viajar pelo mundo. Ulyſſes, Rei de Ithaca, reputado perdido, e buſcado em muitas partes por ſeu filho o dito Telemaco bem conduzido na penna do illuſtre *Fenelon*; a elle no-lo repreſentaõ embocando o Téjo em huma groſſa Armada, que ſería formada dos navios de papel em que falla o Profeta Iſaias, e ſaltando em terra com os ſeus camaradas aventureiros,goſtarem tanto della, que eſquecidos da Grecia, determináraõ fundar huma povoaçaõ, que foi dita *Ulyſſéa*, ou *Ulyſſipo*, hoje a famoſa *Lisboa*. Affirma-ſe, que a eloquencia de Ulyſſes naõ ſó moveo a Gorgoris para conſentir a fundaçaõ; mas a dar-lhe por mulher a ſua filha Calypſo, que elle tratou como tal em quanto ſe demorou na Luſitania.

Ao meſmo tempo que Ulyſſes fundava Lisboa, o Rei Diomedes com outra Armada dizem,que deſembarcava no Minho: que em memoria de ſeu pai Tydeo fundára nas ſuas margens a Cidade de Tyde: e que depois para a diſtinguirem de Tui, lhe chamáraõ *Tydiciano*. Pouco depois ſe affirma,que

fo-

foraõ entrando pelos portos de Hefpanha Teucro, irmaõ de Ajax, Telemonio, e Mnefteo, Rei de Athenas: que efte, havendo fundado Carthagena, paffára a Galliza, aonde fora o primeiro Povoador, e Legislador: que aquelle, aportando junto a Cadiz, fundára a Cidade de Mnefteo, que hoje dizemos Porto de Santa Maria. A vinda deftes Principes aos lugares, que ficaõ ditos, ainda que efteja firmada na fé de alguns Authores, nós a veremos logo deftruida. Em quanto a Ulyffes, que he o que mais nos toca, a fua concordia com os moradores da terra teve pouca duraçaõ, como dizem: elle fe recolhe ao feu Reino de Ithaca: Calypfo fente a fua faudade: morre Gorgoris, e entra a reinar feu filho Abidis antes nas phantafias, que nos Eftados.

Ora como acabo de fazer memoria das viagens dos Principes Gregos a Hefpanha depois da ruina de Troia, e efta guerra he huma Época brilhante, naõ fó por principiarem a hiftoriar os Poetas; mas porque fervio como de vefpera ás matinas da verdade hiftorica, que já fe principiava a defcobrir: as ditas viagens, que faõ de tantas confequencias na mefma Hiftoria, devem fer examinadas com critica mais judiciofa, que a dos noffos Hiftoriadores precedentes.

A vinda de Ulyffes ás praias do Téjo he para nós huma paffagem hiftorica muito intereffante; mas o amor da verdade eftá primeiro, que a amizade de Plataõ. Vemos em hum rafgo de Ovidio, como aquelle Heróe, depois de vencer a Troia, *andou* dez annos feito hum entretenimento das

on-

ondas, como se fosse hum Pyrata sem destino. Homero o escolheo para o Heróe da sua *Odisséa*, e com outro rasgo poetico o arrojou para fóra do Estreito de Gibraltar; o conduzio pelo Oceano Athlantico; o desembarcou nas Ilhas Aea, e Ogygia, sitas no mesmo mar, e Ilhas de que além de Homero, ninguem mais nos deo noticia. Os dous citados Poetas saõ os authores, e inventores da viagem de Ulysses ao Oceano. Delles extrairaõ a nova os Historiadores Gregos, que refere Estrabaõ. Estes a transmitíraõ aos nossos, que a crêraõ sem mais exame critico, que o de haver corrido pelos canaes da antiguidade.

Naõ bastou o seu respeito para outros Escritores Gregos, e especialmente Eratosthenes, a impugnarem. Elles affirmaõ, que os Poetas fingiraõ nella cousas monstruosos, já occultando o sentido das palavras, já sublimando-se nos ornatos para attrahir o bom gosto, e que especialmente sobre as aventuras de Ulysses fuzilavaõ os erros. Outros pertendêraõ investigar as ficções de Homero a seu respeito, e naõ descobriraõ outro fundamento mais, que o de se haver embarcado o Heróe em hum navio Phenicio, depois que Telemon lhe derrotou a Armada em vingança da morte, que dera a seu filho Ajax: Que viera a Sicilia, aonde com os Cyclopes obrou as heroicidades, que concebêraõ os Poetas: Que sabendo Homero desta viagem, o levára na imaginaçaõ a engolfallo no Oceano, do que já tinha algumas luzes communicadas pelos Fenicios em Smirna; e que collocára no mesmo mar a Ilha *Ogygia* que Plinio descreve immediata *ás costas de Italia.*

A circunſtancia mais celebre deſta viagem de Ulyſſes he a fundaçaõ de Lisboa. Della ſaõ abonadores Marciano Capela, e Solino. O meſmo faz o Doutor Brito firmado na authoridade de Aſclepiades Myrleano, que ſe inculca por teſtemunha, de que elle vira guardadas no Templo, que Ulyſſes fundára em Lisboa, reliquias da ſua Armada. Que credito merece Aſclepiades, quando Polybio, Pomponio Mella, e Eſtrabaõ, indagadores exactos das ſingularidades das noſſas coſtas, naõ fazem nem a mais paſſageira memoria da fundaçaõ de huma Cidade taõ diſtinta, que merecia ſer lembrada? Bem ſei, que André de Reſende, Antonio de Lebrija, Aldrete, e outros modernos daõ a Ulyſſes a gloria de fundador de Lisboa, e que do ſeu nome derivaõ o de Ulyſſipo. Damiaõ de Goes bem advertido nelle, affirma, que Ulyſſes na lingua Grega ſe diz *Odyſes*: que por iſſo o Poema de Homero, que o tem por aſſumpto, ſe chama *Odyſſea*; e naõ poem a Lisboa o nome de Ulyſipo, ſenaõ o de Olyſipo.

Alguns confundiraõ eſtas duas Cidades, que Eſtrabaõ diſtingue, e aponta os lugares das ſuas ſituaçóes. Elle diz, que *Olyſipo* eſtava na coſta do Athlantico, e que *Ulyſipo* ficava no Mediterraneo, dizem que acima de Malaga. Abertamente impugna a fundaçaõ de Lisboa por Ulyſſes, e ainda que naõ contradiz a ſua viagem a Heſpanha, com claridade nervoſa ſuſtenta, que naõ paſſára o Eſtreito de Hercules, nem navegára o Oceano. Os de parecer contrario affirmaõ, que em dez annos de navegaçaõ devaçára todas as noſſas coſtas; que fundára a Cidade de Ulyſipo derivada do ſeu nome; que nel-

ſa edificára o Templo de Minerva; que aſſim o conta Aſclepiades Myrleano, que fora Meſtre de letras-humanas na Betica; e que elle atteſta haver viſto naquelle Templo os deſtroços dos navios de Ulyſſes, que eraõ huns monumentos incontraſtaveis da ſua vinda a Lisboa.

Mas como Aſclepiades he a fonte deſta noticia, e elle naſceo em MyrleaCidade da Bithynia, que depois ſe chamou Apamea, em tempo de Ptolomeo Epiphanes, e no de Sertorio em Luſitania; duvidaõ muitos Modernos, que elle podeſſe ſer o Aſclepiades de quem diz Eſtrabaõ, que fora Meſtre no Paiz dos Turdetanos, e que compozera huma Relaçaõ do meſmo Paiz, que ſe attribue a algum Author do ſeu nome,que aponta Luiz de Moreri. Pois ſe qualquer que foſſe dos Aſclepiades, elles vivêraõ Seculos depois do Myrleano, como podia ſer teſtemunha ocular dos deſtroços da Armada de Ulyſſes no Templo de Minerva?

Os noſſos Hiſtoriadores extraíraõ de Silio Italico a vinda de Diomedes ao Minho.Elle deriva dos ſeus Gregos aos noſſos Gayos, que Plinio tem pelos Bracarences, e Gravios de Galliza. Só Silio, Poeta Latino, he o Author das Viagens de Diomedes ao Minho. Os Eſcritores Gregos naõ fallaõ nella huma ſó palavra. Pauſanias he quem o faz arribado ao Porto Phalerio no Atico;elle o acompanha até Corintho; o ſegue na expediçaõ com que reſtabeleceo a ſeu pai Oeneo no Reino de Argos; elle o faz apparecer em outras muitas partes; mas naõ o conduz como Silio Italico á Foz do Minho. Naõ dos *ſeus Gregos*, ſenaõ de outros, que

depois viriaõ a elle, tomariaõ o ſeu nome os noſſos Gayos, ou Gronios, que alli ſe eſtabelecêraõ. E com maior razaõ o podemos entender aſſim, por nos perſuadir Plinio, que no ſeu tempo era huma tradiçaõ dominante haverem os Gregos feito fundações na Luſitania antes da vinda dos Carthaginezes.

Nada ha na Hiſtoria de menos verdadeiro, e veroſimil, que dar-ſe por couſa certa as Viagens de Ulyſſes, de Diomedes, de Teucro, de Mneſteo, e de outras Colonias numeroſas de Gregos ao mar Athlantico. O meſmo digo das ſuas fundações de Cidades, e Póvos pelo noſſo Continente. Eu preſcindo da pouca prática, que os Gregos tinhaõ da navegaçaõ. Dou, e naõ concedo, que Ulyſſes vieſſe ao Téjo; Diomedes, e Teucro ao Minho; Mneſteo, e outros Gregos por outras partes de Heſpanha. O que deſejo he ſaber, por que modo em toda ella, por toda Luſitania, e Galliza elles fundáraõ tantas Cidades famoſas, que neceſſitavaõ de hum grande número de gente. Elle naõ caberia na Armada, que eſteve ſobre Troia muitas vezes multiplicada, e em que nos dizem, que aquelles Aventureiros fizeraõ as ſuas Viagens. Para a conquiſta de huma ſó Cidade, que foi Ceuta, levou ElRei D. Joaõ o I. menos de 50$ homens em huma Eſquadra de 220 Náos groſſas. Pelo contrario, as de maior número de toneladas na guerra de Troia, diz Homero que naõ cabiaõ nellas mais de cento e vinte homens. De Ulyſſes ſe diz, que depois de Telemon lhe derrotar a Armada, apenas *lhe ficára* hum navio. Como havemos nós logo

crêr,

crêr, que em taõ poucas, e taõ pequenas Náos accommodáraõ aquelles Principes a gente necessaria para a fundaçaõ, e povoaçaõ de tantas Cidades, e Provincias nas Hespanhas?

Ponho aqui de parte outros indispensaveis inconvenientes de naufragios, de mortes, de falta de viveres, de necessidade de Officiaes para fabricantes de Templos, e de casas; e nos lugares citados recommendo aos mesmos Leitores, que vejaõ a Polybio (1), a Herodoto (2), a Thucidides (3), a Iliada (4), e a Mr. Gouguette (5) que nelles veráõ derrotadas as opiniões favoraveis aos Gregos, e huns testemunhos claros, e convincentes da verdade. Entaõ saberáõ como na Época da guerra de Troia saõ fabulosas as Viagens das Gregos ás nossas cóstas, que elles totalmente ignoráraõ até as conquistas dos Romanos. Das suas próvas, e doutrinas tiraráõ elles os fundamentos para assentarem, que aquella Naçaõ, como fundadora, naõ esteve nas Hespanhas antes dos Romanos, nem depois delles.

Naõ duvido porém, antes me capacito de algumas Viagens casuaes de outros Gregos a partes determinadas do nosso Continente, como foraõ as de Coleo de Samos, e a dos Gregos chamados Phocenses. Fazem memoria os Authores destes ultimos, que com effeito trouxeraõ a elle huma Colonia, que depois povoou a Cidade de Menace perto de Malaga, donde passariaõ alguns á Lusitania,

(1) *Lib. 3. Cap. 7. idem Lib. 3. Cap. 2.* Trad. de *Tuillier.* (2) *Liv. 3. 4. e 8.* (3) Lib. 1. (4) Lib. 1. (5) *Tom. 3. pag. 268.*

nia, e Galliza. Assim o pensou hum Author erudito (1), e he constante que estes Gregos Phocenses foraõ os primeiros que usáraõ de Náos grandes, nas quaes vieraõ ás Gallias, e a Hespanha. Tambem parece naõ haver dúvida, em que antes da passagem de Xerxes á Europa, e muito tempo depois a marinha dos Gregos era das mais fracas, e o seu Commercio naõ passou do Mediterraneo.

As opiniões de outros, que crêraõ os estabelecimentos Gregos pela derivaçaõ de palavras, que com facilidade se destroe; Bochart as derrota (2) como fabulosas. Elle diz, que os nomes que naõ saõ barbaros, e que tem derivações Gregas, naõ he porque tragaõ a origem da Grecia, donde naõ vieraõ habitadores para as nossas terras: Que ao contrario, os Fenicios antigos navegantes, fizeraõ muitas viagens aos nossos pórtos, e fundáraõ Colonias no nosso Continente; e que entendia serem elles os que pozeraõ o nome a muitas das principaes Provincias, Cidades, Rios, e Montes. Entre outros diz, que o Douro he derivado dos *Dorios* naturaes de Dora na Palestina: o Minho da voz Fenicia *Manin*, que iguala ao *Minium* dos Latinos: o Téjo de *Dag*, ou *Dagi*, que entendiaõ por peixe, pelos muitos, de que este rio he abundante, donde se deprehende a insubsistencia da opiniaõ, que deriva o nome Téjo do do Rei fabuloso Tago.

O mesmo Author pretende, que a grande Lisboa tantos Seculos estimada por fundaçaõ de Ulysses, tomasse o nome da palavra Fenicia *Alis-ubbo*, que

(1) *Melot. Acad.* des Insc. Tom. 23. pag. 149.
(2) *In Chan.* Liv. 1. Cap. 24.

que ſignificava lugar ameno, aludindo á fertilidade dos ſeus campos, que o Téjo banha. Porém he bem certo, que deſte parecer de Bochart ninguem ficará por fiador. Em hum diluvio de conjecturas, que fez, ſe em algumas couſas acertou, em outras podia errar. Póvos haveria entre nós, que tomaſſem nomes Fenicios; outros que conſervaſſem os antigos Luſitanos; e em antiguidades taõ remotas ſaõ opiniões mais provaveis as mais ſeguidas pelos melhores Authores, e das mais ſólidas as que mais ſe conformaõ com a razaõ.

Ora já he tempo de entrarmos pela dilatada Anarquia, que nos repreſentaõ na Luſitania depois do ſeu ultimo, e imaginado Rei Abidis. Ao primeiro paſſo nos encontramos com a formidavel ſecca de longa duraçaõ, que dizem fora cauſa de ſe deſpovoar grande parte de Heſpanha, e paſſarem os ſeus moradores além dos Pyreneos. A fertilidade que ſe ſeguio os chamou para as ſuas terras, aonde entráraõ acompanhados dos primeiros Celtas, que povoáraõ a Celtiberia. Eſta gente faz grande figura na noſſa Hiſtoria. Sem me embaraçar com a antiguidade da ſua origem, ſó direi, que os Celtas era huma Naçaõ de tempo immemorial eſtabelecida na Gallia chamada *Bracata*, e *Comata*, que os Romanos depois chamáraõ *Tranſalpina*, e deraõ aos ſeus moradores o nome de *Gallos*. Confinavaõ com Heſpanha pelos Pyreneos, e por iſſo, ainda antes da memoravel ſecca, elles tinhaõ facil o tranſito, e paſſagem do Ebro para virem viver de miſtura com os noſſos moradores primeiro que os Gregos. *Herodoto* de tempos muito anti-

gos

gos presume a estes Celtas habitadores das partes mais Occidentaes de Hespanha: noticia, que talvez recebesse dos Fenicios, ou dos Gregos Phocences, que navegavaõ as nossas cóstas, como acabo de dizer.

Já os Celtas Andaluzes suppunhaõ em Hespanha outros Celtas visinhos ás Gallias, e foraõ os que enviáraõ esta Colonia unida á que elles mandáraõ ás terras dos Turdulos, e Turdetanos nossos moradores poderosos, já civilizados. Tito-Livio os representa Naçaõ florescente dominada por Ambigato, principe valeroso, e taõ feliz, que sobre fertilizar os terrenos, e cultivar os homens, vendo a grande propagaçaõ dos seus vassallos, com Colonias delles diz, que augmentára o número dos moradores de Italia, e da Bohemia. Depois tendo por curto o terreno de Celtiberia, se estabelecêraõ entre os Vetones, e Carpentanos; dilatáraõ-se pela Lusitania, e Andaluzia, naõ havendo já em Hespanha Paiz sem Celtas, senaõ o que corria do Cabo de *Finis terræ* aos pyreneos. Os que entráraõ em Lusitania vieraõ ao Algarve, e foraõ sobindo pelas margens do Guadiana até darem nos dilatados campos, em que fundáraõ a Cidade de Elvas. Resende conjectura, que a Cidade seria assim chamada em razaõ de alguns Gallos Elveticos, que deviaõ vir com os Celtas. Alli foi tal a sua propagaçaõ, que se affirma deraõ gente para muitos Póvos, e para a vingança das affrontas, que haviaõ recebido dos Hiberios; mas que as desconfianças acabáraõ em casamentos, paz, e uniaõ de vontades por toda a Andaluzia.

Sem

Sem fazermos caſo da ſonhada vinda de Homero a Heſpanha,e campos que rega o Guadiana,naő he para deſprezar a noticia da de alguns Gregos, que foraő ficando pelos noſſos Paizes. Criticos judicioſos, ſem fixarem tempo certo,diſputaő quaes ſeriaő os primeiros, que chegáraő aos pórtos da noſſa Peninſula,aonde tinhamos entre nós aos Celtas. Já nós diſſemos, que hum delles foi Coleo de Samós, ao qual Herodoto dá eſta precedencia, e affirma, que elle ſe embarcára na Ilha Platea para voltar ao Egypto: que arrebatado o navio por hum Leſte furioſo,corréra todo o Mediterraneo; e que paſſando o Eſtreito de Hercules,chegára ás terras de Tarteſo, que he a Andaluzia. Outros preſumem, que quando Coleo com os Samios aportou na Ilha de Cadiz, já nella commerciavaő os Tyros, os Hebreos do tempo de Salomaő, e alguns Carthaginezes. Póde bem ſer, que as noticias eſpalhadas na Grecia das riquezas de Heſpanha,obrigaſſem alguns dos ſeus moradores a frequentar de tempo a tempo o noſſo Commercio. Ellas ſeriaő a cauſa das viagens,que dizem de Soſtrato,dos Rhodios, dos Phocences, que fundáraő colonias pelas noſſas praias, e dos da Ilha de Jaſanto, ou Zacynto, que ſe conjecturaő fundadores da célebre Cidade de Sagunto.

Por eſtes tempos os noſſos Celtas ſe tinhaő derramado pela Provincia do Alem-Téjo, donde ſe foraő eſtendendo pelas terras viſinhas; e familiares com os Turdulos de entre os Rios Téjo, e Douro, e com os Vetones da Eſtremadura, ficou tratavel a maior *parte* da Luſitania. Ella ſim ſe via

po-

povoada de familias numerosas: mas em poder de Estrangeiros, que se lhe augmentavaõ o Estado, lhe diminuiaõ a gloria da primeira, e ingenua simplicidade. Como o mundo já se communicava, a fama das riquezas de Hespanha desaffiava as Nações para virem passar a vida entre os seus moradores com commodo mais vantajoso, que os das proprias Patrias. Pelo mesmo tempo se faz memoria da vinda dos Rhodios a Catalunha, aonde fundáraõ a Cidade de Rhoda, que hoje se chama Rhodes. Della falla Tito-Livio na narraçaõ da viagem de Cataõ a Hespanha. Os Fenicios de Tyro, que pela continuaçaõ das suas navegações tinhaõ noticia da fertilidade dos nossos terrenos: agora se recolhêraõ para a Patria levando hum thesouro.

Como entráraõ em Tyro tantas preciosidades a pouco custo, os seus Argonautas voltáraõ, naõ só a negociar; mas a estabelecer-se em Hespanha. Dizem que commandados por Sycheo, Sacerdote de Hercules, estes Tyros ferráraõ o Promontorio Sacro. Traziaõ a Frota bem provida de generos para os cambiarem pelo ouro: trafico, que Aristoteles entende se fazia nas terras de Tarteso junto a Cadiz. Sycheo no Promontorio, e ruinas do Templo de Hercules, he contemplado pelo inventor dos seus ossos, que nunca estiveraõ nelle, e os Agoureiros o persuadíraõ, que estas reliquias suppostas as transportasse a Cadiz, escala do seu Commercio, aonde estavaõ preconizadas á Naçaõ Fenicia immensas vantagens.

Porque a dita Naçaõ mettida dentro de casa tem de ser lembrada nesta Historia: porque ella foi

quem

quem convidou os Carthaginezes para virem a Hespanha ; vinda , que hade ser a Época primeira da minha narraçaõ historica : porque aquella gente taõ bellicosa da Africa trazia dos Fenicios a sua origem : devo dar huma breve noticia da Cidade de Tyro sua Patria,por terem elles a favor da sua assistencia em Hespanha as próvas mais constantes da Historia : por ser a primeira Colonia , que sahio do Estreito : que fundou a Cidade de Cadiz ; nella o Templo de Hercules , e que fez a guerra aos Lusitanos.

A Cidade de Tyro donde vieraõ para Hespanha os Fenicios , naõ he a que estava situada na terra firme ao lado Oriental do Monte-Libano,quasi taõ antiga como Sidonia , que os Escritores chamaõ *Paletyro*.Eu vou a descrever a célebre Ilha de Tyro adjacente da Fenicia , e a sua Cidade do mesmo nome , que muitos estimaõ , naõ só pela fonte da navegaçaõ ; mas pelo berço das Letras , que della sairaõ para illustrar o mundo Desta Ilha he que fallaõ com tantos elogios os Profetas Santos , e os melhores Historiadores. Ella he memoravel pelas viagens dos seus nacionaes ; pelos Templos sumptuosos , especialmente o de Hercules ; pelo Rei Hiraõ, amigo do Rei sabio de Israel, ao qual forneceo tantos materiaes preciosos para a construcçaõ do Templo de Jerusalem : e pelos dous estragos , que nella fizeraõ Nabuco , e o grande Alexandre.

Saõ muitas as opiniões a respeito da sua antiguidade. A de Josefo tem hum grande pezo , e se faz respeitavel , assim por convir em muita parte

com

com as Tradições dos mesmos Fenicios, como por se haver instruido nas suas Historias, Monumentos, e Escritos originaes. Elle poem a fundaçaõ da Cidade na Ilha de Tyro pelos annos de 240 antes da fundaçaõ do Templo, que vem a ser na Época dos Juizes do Povo, e Governo de Gedeaõ. O grande Eusebio affirma, que vira hum Escritor Fenicio anterior á guerra de Troia, o qual dava a gloria de fundadores de Tyro aos dous irmãos Hypsurano, e Isous: Que elle os fazia contemporaneos de Saturno: Que Isous ensinára os homens a vestir-se de pelles; e que formára a primeira canoa, em que elles se aventuráraõ a andar por cima das aguas.

Deste Estado pois em todas as qualidades respeitavel, saíraõ os Fenicios, que naõ temeraõ romper as correntes do Estreito de Gibraltar entaõ medonhas, como depois as do Cabo-Tormentoso, hoje de Boa-Esperança. A sua corage os trouxe a engolfar-se no immenso pego do Oceano para devaçarem as nossas praias: para se estabelecerem na Ilha de Cadiz: e para dilatar o seu dominio pela terra firme. O Templo de Hercules que edificáraõ na Ilha: a sua capacidade, e a frequencia das suas navegações os encheo de respeito, os fez recommendaveis, e bem acceitos. Os Andaluzes porêm naõ se escusáraõ ao primeiro susto: a vista de gentes novas os faz reflexivos, e o temor cresce quando elles sem premio saõ forçados a trabalhar nas minas.

Até nós tem chegado, extraido das sombras de tanta antiguidade, hum pequeno raio de luz tre-

tremula, que nos deixa ver esta desconfiança entre Fenicios, e Andaluzes. Assegura-se que elles vexados pediraõ o soccorro dos Lusitanos seus visinhos. Sessenta mil nos representaõ marchando em seu auxilio. A sua corage derrota os Fenicios, arraza-lhes as fortalezas da terra firme, e os acantona na Ilha de Cadiz. Tambem ha quem nos instrua na noticia, de que estes Lusitanos lembrados, e ainda sentidos dos Fenicios lhe roubarem do seu Templo de Hercules no Promontorio Sacro os destroços da mortalidade do seu respeitado Deos; que transportados do furor vingativo se lançáraõ sobre o outro Templo de Hercules, que os Fenicios haviaõ construido, ou na Ilha de Cadiz, ou na terra firme, aonde agora está Medina Sidonia, e o arrazaraõ até aos fundamentos, roubáraõ os dons, profanáraõ o Santuario. Este sacrilegio irritou os Andaluzes: elles se sepáraõ dos Lusitanos, e revivem os negocios dos Fenicios em Hespanha.

Ora por estas idades, sem differença essencial de annos, acabou a segunda Época, ou Tempo Fabuloso, e entrou a terceira do brilhante Tempo Historico, em que principiou a apparecer na Historia a verdade desenvolta do cáhos da escuridade, luminosa sem as manchas da fabula. O ponto desta Época no da entrada dos Carthaginezes em Hespanha, he o que tenho marcado para dar principio á minha Historia. Mas como a sua vinda naõ foi logo na entrada do dito tempo; devo continuar esta Prefaçaõ pelo que respeita á Historia Antiga da *Lusitania* até me encontrar com os Cartha-

thaginezes nas noſſas terras chamados pelos Fenicios, de quem eu vou fallando, para naõ cortar o fio da meſma Prefaçaõ.

Deſaſombrados os Fenicios do temor dos Luſitanos, ſobmettidos os Andaluzes, elles foraõ dilatando tanto os ſeus progreſſos, que ſe fizeraõ ſenhores das riquezas de Andaluzia. Dos ſeus montes cortavaõ madeiras para os navios: nas faldas delles acháraõ minas de differentes metaes, com que os carregavaõ; e bem ponderada a fertilidade do Paiz em outros muitos generos, elegeraõ Heſpanha para alvo á que a ſua ambiçaõ, e avareza pozeſſem todos os pontos. Eſta abundancia, e naõ o mentiroſo, antes ridiculo Incendio dos Pyreneos, que crêraõ os noſſos Hiſtoriadores, foi a cauſa dos Fenicios naõ pouparem esforços para ſe eſtabelecerem entre nós com a gloria de Inventores dos noſſos theſouros eſcondidos.

Como a amizade com os naturaes da terra naõ lhes ſervia para o avance das ſuas ideas: pouco a pouco foraõ mudando o ſemblante de amigos, desfigurando a face de hoſpedes, até ſe deixarem perceber com viſeiras baixas de Senhores. Os coraçóes ſe lhes apertavaõ no pequeno recinto da Ilha de Cadiz, aonde os Luſitanos os haviaõ acantonado. A favor da ſimplicidade dos Andaluzes, elles foraõ enchendo o Continente de Povoaçóes, taes como Sevilha, Calpe agora Gibraltar, Malaga, Huelva, Cordova, Tarteſo, Carteia, e outras, que os Authores nomeiaõ. Aſſim collocados no coraçaõ de Heſpanha, ſenhores das ſuas *minas*, do ſeu Commercio, da Navegaçaõ de am-

bos

bos os mares Oceano, e Mediterraneo, os Fenicios ſobiraõ, exaltáraõ, eleváraõ a ſua Cidade de Tyro ao ponto mais alto de riqueza ſobre todas as do Oriente.

Mais de hum Seculo ſe paſſou, e delle nada mais ſabemos, que a continuaçaõ da felicidade pacifica dos Fenicios. Na Luſitania haviaõ os Celtas pelo meſmo tempo propagado muito, e naõ cabendo no Alem-Téjo, intentáraõ povoar a Beira. Deſejavaõ executar o ſeu projecto de modo, que naõ eſcandalizaſſem aos Turdulos moradores da cóſta maritima deſde o Promontorio da Lua, ou cabo de Caſcaes, até as embocaduras do Douro. Pela antiga Tibucci, que hoje he a Villa de Abrantes, fizeraõ os Celtas a ſua entrada. Ao primeiro paſſo encontráraõ a oppoſiçaõ dos Turdulos. Eſtes, de eſpirito terno, ſe laſtimaõ de cauſar, e receber perdas. Ajuſtaõ-ſe, e convem, que os Celtas occupem as partes Orientaes da Luſitania, que correm da Comarca da Covilhã até a raia de Caſtella, e que os Turdulos ficaſſem com as Occidentaes até ao mar. Foraõ eſtes Celtas os chamados Peſures, de que falla Plinio, origens daquelles de quem ſe ſervio Trajano para fabricar a Ponte de Alcantara.

Naõ durou muito tempo a fatisfaçaõ mutua com que viviaõ as duas gentes, occupadas na cultura dos campos, na multiplicaçaõ dos gados, em huma vida innocente. Os noſſos ſalvagens primitivos, que até entaõ paſſavaõ o tempo como brutos embrenhados nos matos, e covas da Luſitania, ſuſtentando-ſe com as frugalidades ruſticas,

cas, que produziaõ as plantas, e arvores silvestres, e com o leite das cabras, de quem vestiaõ as pelles: perturbaõ, inquietaõ Turdulos, e Celtas. Elles investem as suas terras, que achaõ cultivadas, e fornecidas de alimentos proprios para a passagem do homem. Celtas, e Turdulos acodiraõ a ter maõ no impeto dos Barbaros, que encontráraõ taõ ferozes no valor como medonhos na figura. Depois de dura guerra saõ os monstros forçados a passar o Téjo, donde se foraõ estendendo até Setuval, occupando os terrenos, que antes haviaõ abandonado os Turdetanos. Há quem presuma, que destes Barbaros tomára o cabo de Espichel o nome de Promontorio Barbarico.

Foraõ correndo os tempos, e deshouveraõ-se os Lusitanos com os Fenicios por motivos, que ignoramos. Os ultimos com os seus alliados leváraõ a vantagem no primeiro encontro. Desta québra dos seus Patricios se estimuláraõ os Turdetanos do Algarve, e Campo de Ourique. Estes saõ os primeiros, que marchaõ. Outros muitos Lusitanos os seguem especialmente os Celtas. As novas gentes imprimem novo semblante nos successos. Para de hum golpe cortarem aos Fenicios a esperança de dominar os campos de Tartesso, ganharaõ-lhes as Povoações da terra firme. A golpes repetidos os metteraõ na Ilha de Cadiz, aonde os deixáraõ como sitiados. Estabeleceraõ-se por toda a Andaluzia, que entaõ foi chamada Provincia Turdetana.

A falta de tantas gentes fez taõ pouca na Lusitania, que muitas mil familias suas sairaõ com

boa provizaõ de gados a buſcar terras incultas, até acharem algumas cómmodas para a ſuſtentaçaõ da vida. Marchavaõ ao longo da Serra da Eſtrella, e rompendo as brenhas paráraõ no campo, que fica entre Cerolico, e Trancoſo. Aqui foraõ muitos os ſeus combates com as féras, e com os Salvagens, que ſe eſcondiaõ pela eſpeſſura das mattas. Quanto ellas viaõ lhes cauſou tanto horror, que as obrigou a paſſar o rio Cuda, hoje Coa, e achando agradaveis os campos entre elle, e o Agueda, o eſcolhêraõ para domicilio. Eſtas familias foraõ as progenitoras dos Póvos chamados Tranſcudanos, que povoáraõ as Comarcas do Riba-Coa pelas terras de Almeida, e Caſtello-Rodrigo, ferteis, e regadas de muitas aguas.

Mas o eſtrondo das armas de Carthago já chama pelas attenções da Luſitania. Os Fenicios em Cadiz deſamparados de remedio, contraidos, e vexados, pedem a protecçaõ dos Carthaginezes, que como elle tinhaõ a ſua origem da Cidade de Tyro. Em quanto na República de Carthago ſe ouvem, e acceitaõ as propoſtas dos Fenicios, ſe prepáraõ armas, e navios, e os Carthaginezes paſſaõ o mar; ſuſpendo neſta Prefaçaõ o mais, que he reſpectivo á *Hiſtoria Antiga de Portugal*, de que logo entrarei a formar o ſeu corpo. Agora paſſo a dar a razaõ de algumas opiniões, que ſigo em todo o meſmo corpo da *Hiſtoria Moderna* depois de J. C. até ao fim do Governo de alguns dos noſſos Reis para tirar as preoccupações aos reparos da critica, e dar a razaõ do que eſcrevo.

Dou noticia pelos annos de 494 da noſſa Era vul-

vulgar do prodigio, que annualmente ſuccedia, e digo: Que havia hum Templo no termo da Villa de Offel ás margens do rio Cambra, de que ainda ſe conſervaõ veſtigios, e nelle hum tanque em forma de cruz, o qual em todo o anno eſtava ſecco: Que nos dias da Semana Santa, tempo entaõ deſtinado, para o bautiſmo dos mininos, que naſciaõ dentro do anno, os Prelados fechavaõ as portas do Templo até ao Sabado da Alleluia: Que neſte dia entrava nelle o Povo, e ſe via o tanque naõ ſó cheio de agua; mas com hum alto, e prodigioſo cumulo elevado ſobre as paredes ſem correr por cima dellas: Que o Biſpo o benzia com o chriſma, e bautiſado o primeiro minino, a agua levantada ſe abatia, e ficava o tanque razo: Que acabado de conferir o Sacramento, de repente ſe ſumia a agua, como ſe nunca alli eſtivera. Naõ fico por fiador da verdade deſte milagre; mas naõ tenho authoridade para derrotar a de tantos Eſcritores eſtimaveis, que o referem, e antes quero errar com elles, que fazer-me ſingular em contradizer paſſagens, para que me faltaõ as próvas.

Se a Infanta D. Thereſa, mulher do Conde D. Henrique, foi filha legitima, ou baſtarda de ElRei D. Affonſo VI. de Caſtella, he hum ponto na noſſa Hiſtoria muito duvidoſo. Segui a opiniaõ, de que foi legitima, julgando por melhores, e mais ſólidos os fundamentos, e razões do erudito Author do Catalago das Rainhas de Portugal, do que as de outros Eſcritores, que o contradizem, eſpecialmente o Arcebiſpo D. Rodrigo taõ pouco inclinado ás vantagens dos Portuguezes. Proteſto, que

neſ-

nesta materia naõ pretendo fazer opiniaõ por mim, quando sempre estou prompto para em todos os casos seguir as mais provaveis.

Quando compuz a breve Historia de Portugal no VI. Tom. da minha *Aula da Nobreza Lusitana*, na livraria de Thomaz Caffaro, illustre no nascimento, e nas qualidades, que entaõ assistia no Algarve, encontrei o resumo da nossa Historia em hum Author Italiano, de que me naõ póde lembrar o nome. Foi elle o unico, em que até agora vi tratados os fundamentos, e motivos, por que o Conde D. Henrique deve ser tido, e reputado pelo primeiro Rei de Portugal. Expendi, e ampliei no dito Tomo, e agora no Segundo desta Historia os mesmos fundamentos, e motivos, conhecendo muito bem, que isso parecia huma idéa methafysica, ou hum ente de razaõ, quando naquelle Principe faltavaõ todas as circunstancias necessarias, e marcas exteriores para ser chamado Rei; sendo de todos reconhecido, e tratado por hum Conde Soberano. Eu tratei, e escrevi esta passagem para mostrar, que Portugal em todas as idades teve a dignidade de Reino, que núnca a perdêra; que separado da Coroa de Hespanha ficou Reino, e que tendo novo Dominante, qual foi o Conde D. Henrique, que parece devia participar da Dignidade do Reino, e ser reconhecido antes Rei, que Conde.

Eu me oppuz a Authores de grande nota na impugnaçaõ do casamento da mesma Infanta D. Theresa depois de viuva do Conde D. Henrique com o Conde de *Trastamara* D. Fernando Peres de

Trava. Das sólidas razões com que o supposto casamento se derrota, resulta desterrarem-se da Historia d'ElRei D. Affonso Henriques as quiméras fabulosas, que lhe introduzio a ignorancia indigna, ou a credulidade imprudente. A verdade destroe a mentirosa prisaõ de D. Thereza: a maldiçaõ, que disseraõ deitára ella a seu filho: a vinda do Cardeal de Roma a excomungallo; os soccorros que o Rei de Leaõ deo a sua tia; a guerra com D. Affonso Henriques; a pasmosa fidelidade de Egas Moniz ir com sua mulher, e filhos nûs atados com córdas dar satisfaçaõ ao Rei de Leaõ por naõ querer D. Affonso cumprir as promessas, que elle lhe fizera em seu nome, com outras invenções desta gerarquia.

A Appariçaõ de J. C. a ElRei D. Affonso Henriques no Campo de Ourique antes da batalha, naõ só que eu sigo; mas que todos os Escritores nacionaes, e muitos estrangeiros tem por constante, aínda ha Portuguezes criticos judiciosos, que a impugnaõ. Ora convenho na temeridade, de que tantos Historiadores illuminados naõ tenhaõ, nem mereçaõ fé. Concedo, que a Escritura do juramento do mesmo Rei achada em Alcobaça he supposta, e introduzida no seu archivo: mas a tradiçaõ constante, interrupta desde os dias do mesmo D. Affonso até agora, quem a contrasta, a vence, a derrota? Dir-me-haõ, como se próva com certeza esta tradiçaõ de tanta antiguidade transmettida, e communicada até as nossas idades? Podéra responder com a Tradiçaõ da Igreja, que he muito mais antiga, e tem de durar in-

cor-

corrupta até a consummaçaõ dos Seculos. Sigo hum novo modo no que vou a dizer.

Pergunta-se por que modo podia Moysés escrever o Pentateuco, que compoz mais de 2500 annos depois da creaçaõ do Mundo, que circunstanciadamente refere. Responde-se, que o podia fazer de duas maneiras: huma sobre natural por meio da revelaçaõ, como he mais provavel, naõ se supondo, que Deos fallasse com este meio para a illuminaçaõ de hum homem, que nos Sagrados Fastos, que hia a escrever, havia marcar nelles a verdade do mais resto da Religiaõ, que devia emanar delles como consequencia infallivel. A segunda maneira, sem dúvida, nem contradicaõ, podia ser natural com os soccorros da verdadeira tradiçaõ succesivamente communicada de pai a filho desde Moysés até Adaõ: Por quanto Moysés tratou muitos annos com seu pai Amraõ, que aprendeo a Historia do Mundo de seu pai Levi: a Levi a referio seu Avô Isaac, com o qual viveo 33 annos: Isaac a ouvio a Sem, que foi testemunha ocular do Diluvio, que teria hum claro conhecimento das cousas do mesmo Mundo, com quem assistio 50 annos; Sem tudo saberia de seu Bisavô Mathusalem, vivendo com elle mais de cem annos: Mathusalem tudo aprenderia de Adaõ, com o qual se communicou 243 annos.

Ora valendo-me destas demonstrações, e cotejando com ellas a verdadeira tradiçaõ do Apparecimento de J. C. ao Rei D. Affonso Henriques, naõ me fazendo especie a antiquissima pintura, que até *hoje se vê* em huma Hermida da Villa de Cas-

Caſtro, aonde ſe moſtra ao dito Rei de *joelhos* fallando com o Senhor: nem me conformando com os criticos audacioſos, que pelo capricho querem, que a referida tradiçaõ tiveſſe origem no reinado de D. Joaõ o I.: he bem certo, que do tempo de D. Affonſo Henriques até nós corre conſtante, e indubitavel a tradiçaõ. Os que hoje vivemos a podiamos receber dos homens, que alcançáraõ o Reinado de D. Pedro II.: os deſte Reinado a receberiaõ do tempo de Filippe IV.: os deſte tempo dos do Governo do Cardeal Rei: e correndo aſſim por idades correſpondentes á vida dos homens, ir parar nos da Época de D. Affonſo Henriques, na qual a tradiçaõ teve a ſua origem.

As célebres Cortes de Lamego, Leis fundadamentaes de Portugal, ſaõ outro ponto impugnado, naõ ſó por muitos Eſtrangeiros, entre elles o célebre D. Luiz de Salazar com todas as forças da ſua eloquencia adulatoria: mas de alguns dos noſſos nacionaes, empenhados em oſtentar erudiçaõ, e inculcar a deſcoberta de Documentos antigos, que talvez lhes naõ paſſaſſem, nem como luz de relampago, pelas viſtas. Iſto naõ he conſtituir a Naçaõ Portugueza em hum eſtado de ignorancia mais groſſeiro, que muitas das ſalvagens, e brutas do Univerſo? Raras ſe encontraráõ entre ellas, que no principio do ſeu eſtabelecimento naõ ſe promulgaſſem Leis fundamentaes para a ſua boa direcçaõ, ordem, e economia. As gentes civiliſadas ſabiaõ, que Deos lá do fundo da antiguidade deo eſte exemplo ao mundo. Logo que Elle arrancou ao Povo de Iſrael da eſcravidaõ do Egypto,

no mesmo deserto lhe formou esta sórte de Leis, como consta dos Livros Santos.

Guiados pela simples luz da razaõ se fizeraõ célebres muitos Principes Gentios pelo estabelecimento das Leis fundamentaes. Entre outros saõ memoraveis os Legisladores Gregos. Elles attestaõ com tanta delicadeza a solidez, que os Romanos, a Naçaõ mais illustrada da terra, as foraõ mendigar aos seus Paizes, para com ellas illuminarem as suas. Pois os Portuguezes do tempo de D. Affonso Henriques, que naõ eraõ brutos, nem salvagens, ao seu Reino, que lhes nascia nas mãos, e que com tanto valor nellas o arrancavaõ das dos Mouros, acclamando o seu Rei, e formando huma Monarquia nova: como cabe em juizo sem paixaõ, e com que razaõ se accommoda, que elles a si, e aos seus Successores deixassem de impor Leis fundamentaes para a boa administraçaõ, e ordem da justiça, para fórma, e régra da Successaõ da Monarquia? Tudo elles fizeraõ nas Cortes de Lamego, que devemos respeitar como Leis fundamentaes do Estado.

Em todas as mais passagens da *minha Historia* naõ ha alguma, que deixe de ir encostada na fé de monumentos, de tradições, de Escritores nacionaes, e estrangeiros. Se errar, he porque erráraõ: Se me arredar da verdade, he porque se apartáraõ della. Prezumo, que alguns genios delicados me teráõ em conta de encarecido, de affectado, de parcial, antes panegyrista, que Historiador, quando trato das virtudes dos Portuguezes; do seu valor; do *estrondo*, com que faço soar pelo mundo to-

todo as ſuas milagroſas victorias terreſtres, e navaes; as ſuas rápidas conquiſtas de Praças; as ſuas gentis defenſas de ſitios; tudo heroicidades nas ſuas expediçóes; ſucceſſos, que nem aos meſmos, que nada crem do milagroſo, pódem deixar de parecer milagres; trabalhos tolerados com forças ſuperiores á natureza de humanos; ſingulares nas Embaixadas; com dexteridade rara nos gabinetes; delicados nos negocios; em fim, igualmente deſtros Politicos, e bravos Soldados. Sim, eſcrupuloſos Leitores, vós aſſim o podereis entender; mas fico muito conſolado, de que em tudo o que delles digo fallo verdade; que ſou muito menos encarecido, que os que me precedéraõ em eſcrever, e debuchar o brilhante caracter dos Portuguezes.

HIS-

HISTORIA GERAL DE PORTUGAL.

LIVRO I.

Da Historia Antiga de Portugal.

CAPITULO I.

Principio da Historia na entrada dos Carthaginezes em Hespanha.

Annos do Mundo,

ENTRO a escrever em todo este Tomo a Historia Antiga de Portugal do ponto luminoso da vinda dos Carthaginezes ao nosso Continente, livre das sombras, e das ficções dos tempos da escuridade, e da fabula, até ao Nascimento de *J. C.* que he entre todas as

Annos do Mundo.

Épocas a mais brilhante, do qual tem principio a Hiſtoria Moderna. Eſta como mais neceſſaria, encherá muitos volumes para inſtrucçaõ mais ampla pela obrigaçaõ, que temos de ſaber melhor as diſciplinas, que nos pertencem. Nada mais me mette neſte empenho, que o amor da Patria. A tanto me provocaõ os deſejos da ſua gloria. Eu me laſtimava, que nós em triunfos maiores, que os dos Gregos, e Romanos, abominaſſemos os Faſtos de Roma, e da Grecia, para que os noſſos Heróes igualaſſem aos ſeus nas obras, naõ na fortuna.

3453. Sem gaſtar mais preambulos, e dando principio á Hiſtoria, no ponto marcado para ella, naõ me embaraçando na diſputa ſe a Cidade de Carthago foi fundada pela Rainha Dido, célebre nos Eſcritos de Virgilio, ſe pelos Fenicios lançados pelos Hebreos das ſuas terras no Governo de Joſué; ſó devo eſcrever o caracter dos Carthaginezes, que foraõ largos annos intruſos dominantes das noſſas terras. Eſtes homens ſe fizeraõ recomendaveis pelo Commercio, e pelas Armas. Elles inven-

ventáraõ os Arietes para romper as muralhas: armáraõ as primeiras Galez com quatro ordens de remos: tiveraõ tanto valor, que fobmettèraõ a Lybia, a Sicilia, a Sardenha, e já os vamos ver conquiftadores de Hefpanha, bravos competidores dos Romanos até a fua ultima ruina. O Commercio dos noffos portos foi derrotado pelas vantagens do feu. Em quanto fe naõ fizeraõ defpoticos no de toda Hefpanha, nada lhes parecia o que tinhaõ nas mefmas cóftas de Africa, nas Gallias, na Italia, e ilhas adjacentes. Como fouberaõ pelos Fenicios, que Hefpanha brotava hum manancial perenne de riquezas, já elles fe difpunhaõ a unir efte ramo de Commercio ao tronco da arvore, quando a fortuna lhes metteo a occafiaõ em cafa.

Annos do Mundo. 3453.

Das primeiras viagens defta Naçaõ a Hefpanha nós naõ poderemos fixar data precifa, nem das mais que ella fez antes de vir conquiftadora, chamada pelos Fenicios de Cadiz. Huns lhe deftinaõ Colonias particulares, outros por *toda a Betica*, correndo o *longo das noffas* cóftas. No Seculo oi-

Annos do Mundo.

tavo, antes de J. C., he provavel, que os Carthaginezes principiassem esta navegaçaõ, que favorecia a alliança com os Fenicios, commerciando estes pelo Oceano, aquelles pelo Mediterraneo. Assim iriaõ correndo os tempos das incertezas, e nelles fundando os Carthaginezes huma, ou outra Colonia nestas, ou aquellas paragens das praias de Hespanha para a sustentaçaõ do seu Commercio, e trato de amisade com os Fenicios de Cadiz seus Patricios, até que elles chegáraõ á extremidade, em que eu acabei de os contemplar, no Prefacio a esta Historia, atacados pelos Turdetanos, contraidos á Ilha de Cadiz, e obrigados a pedir o seu soccorro.

Sem me embaraçar com a opiniaõ de Justino, que figurou esta vinda dos Carthaginezes em soccorro dos Fenicios no principio do seu estabelecimento em Cadiz: Eu a fixo com melhores fundamentos no meio do Seculo VI. antes de J. C. pelos annos do Mundo 3453. Época do abatimento dos Fenicios, causado pela ultima guerra referida dos Turdetanos, que cio-

3453.

sos

ſos da ſua oppulencia, e de verem ſe- nhores os viſinhos, que conſentírаõ na terra como hoſpedes, fizeraõ todos os esforços para lhes abater o orgulho, e tirar o fomento da avareza.

Annos do Mundo. 3453.

Na ordem deſta Chronologia vou eu ſeguindo a minha Hiſtoria, e referindo, que os noſſos Turdetanos gozavaõ em Andaluſia a gentileza da paz com os ſeus inimigos humildes, acantonados na lingua de terra, que cortada de hum rio, e rodeada de mar fórma a pequena Ilha de Leaõ, onde eſtá ſituada a Cidade de Cadiz; quando elles víraõ ſobre as ſuas cabeças as armas de Carthago, commandadas pelo valeroſo, e prudente Mezerbal. Reſpiráraõ os Fenicios com a chegada dos ſeus nacionaes, e os Turdetanos conhecêraõ a differença dos inimigos nos ſeus primeiros paſſos pela terra firme. A prudencia que os fez reportados para obſervarem, os Carthaginezes a tiveraõ por temor, que os apartava; notando de covardes os Fenicios, que faziaõ caſo de inimigos taõ froxos. Elles, que ponderavaõ a neceſſidade que caſos *novos tem* de novos conſelhos, pa-

ra.

Annos do Muudo. 3453.

ra naõ fazerem huma guerra tumultuaria, elegêraõ por ſeu Chéfe a Baucio Capeto, ou Carupo, que ſe preparava para a defenſa, quando os ſeus inimigos em plena marcha talavaõ a campanha.

Os Carthaginezes naõ viaõ nella contrarios, que lhe cortaſſem o paſſo; mas Baucio, que huma tarde póde obſervar a fórma dos alojamentos, na madrugada os inveſtio com tanto impeto, que póſtos em deſordem, Mezerbal ſalvou a vida fugindo. Baſtou eſte ſucceſſo para os Carthaginezes mudarem de conceito, deſculparem os Fenicios, já enſinados pela experiencia, de que tinhaõ competidores, que ſe ſubmetteriaõ menos á força, que ás induſtrias. Outro corpo poſtado nas margens do Guadalete para receber mantimentos, ſó com a noticia de que Baucio marchava ſobre elle, abandonou com precipitaçaõ o campo. Entaõ ſe deſculpou Mezerbal com os Turdetanos, e negociou com tanta dexteridade, que enganada a innocencia, acceitou a paz fraudulenta, admitio *trato* com os inimigos, deixo-os devaçar

çar a terra com pretexto de Commercio, e nos póvos antes conquistados aos Fenicios, consentio mettessem presidios para freios da liberdade, adoçados côm a brandura.

Annos do Mundo, 3453.

Elles se aproveitárao de outras traças semelhantes para se fazerem senhores das fortalezas principaes da Ilha de Cadiz, já respeitadas como Hespanholas as novas gentes introduzidas em Hespanha. Fenicios, e Turdetanos conhecêrao tarde o seu erro; o arrependimento era infructuoso; o remedio quasi impossivel, e sentidos os primeiros de os chamarem, os segundos de os consentirem, olhos differentes viaõ o mal commum com cura difficultosa. Os Fenicios desesperados recorrérao ás armas, que reduzírao o recinto da Ilha a hum theatro de calamidades; mas vendo as suas torres, os seus muros sempre respeitados, abatidos pelos Arietes, que entaõ inventou Pefasmeno, official de carpinteiro da Cidade de Tyro, que vinha em serviço dos Carthaginezes. Elles perdêrao a corage, abatêrao a arrogancia, entregárao a Ilha, e *ficárao escravos* do Imperio fraudulen-

Annos do Mundo. 3453.

lento de Carthago, que invocárão em seu auxilio.

Aos Turdetanos, ainda que inimigos dos Fenicios, parece taõ mal este procedimento, que determinárão naõ se fiar de huma gente, sem outro objecto respeitavel além do interesse. Usaraõ os Carthaginezes de todas as intrigas para adoçar os animos; mas a continuaçaõ da tyrannia os obrigou a valer-se do recurso das armas. Quando os campos estavaõ prestes a bater-se, os Chéfes ajustáraõ huma paz, que servio de dar tempo aos intrusos para lançarem fundas as raizes da usurpaçaõ no nosso Continente. Naõ admirará este proceder dos Carthaginezes, a quem souber a dureza do seu caracter, o espirito de imperio, o rigor com que tratavaõ os maiores homens, a pouca suavidade na communicaçaõ, a nenhuma doçura na humanidade; homens de má fé, e avarentos; mas inclinados á Eloquencia Grega, ás manufacturas, á guerra, ás viagens. Pintura, que delles fazem os seus inimigos inplacaveis Gregos, e Romanos, por naõ haver Historia alguma de

Car-

Carthago escrita pelos seus Patricios, ou por outra Naçaõ indifferente.

Annos do Mundo.

Em quanto succediaõ estas cousas em Andaluzia, os nossos Turdulos Lusitanos naõ estavaõ ociosos. Os Barbaros das florestas da Beira os assustavaõ com correrias rápidas; mas sempre destroçados nos combates, as suas mesmas perdas os forçavaõ a naõ largar a companhia das féras. Outros brutos semelhantes tambem chamados Sarrios, naõ se atrevendo a medir as armas com os Celtas, nem cabendo a sua multidaõ no espaço curto de entre Téjo, e Setuval; escolhêraõ os moços mais robustos para irem buscar terra em que viver com as suas familias. Elles entráraõ pelos campos, aonde está Thomar; passáraõ o Munda, ou Muliadas, que agora dizemos Mondego, e occupáraõ a campanha até Viseo. Destes Barbaros, que povoáraõ a maior parte da Beira, trazem a sua origem os Portuguezos illustres, os descendentes dos Caldeos nossos primeiros habitadores, unicos naturaes da terra, que com elles occupavaõ Estrangeiros; no Alem-*Téjo os Celtas*, que eraõ Gallos, e

3461.

os

Annos do Mundo. 3461.

os de Entre-Douro , e Minho a maior parte Gregos.

Os Carthaginezes em Cadiz ſe entretinhaõ em fazer duas obſervações, que ambas propuzeraõ á ſua República para fornecer os meios neceſſarios ás vantagens promettidas. A primeira era a reſpeito da fertilidade do terreno de Heſpanha, que elles contemplavaõ hum dos mais ricos do Univerſo, abundante em fructos; com rios, que corriaõ por cima de arêas de ouro; com pedras, que eſcondiaõ veias de prata; com minas deſtes metaes precioſos. A ſegunda reſpeitava a difficuldade da conquiſta em hum Paiz habitado de Nações ferozes, que hiaõ depondo a ſimplicidade, faziaõ goſto das armas, eſtavaõ mettidas em deſconfiança de Cartago, já conheciaõ quanto era amavel a liberdade. Circunſtâncias, que faziaõ indeſpenſavel a neceſſidade de groſſos ſoccorros para proſeguir com vigor a guerra de Heſpanha. Entaõ ſe achava a República embaraçada com outras, que lhe impediaõ avançar eſtes deſignios, e houve de entreter as ſuas Colonias do noſſo Continente com eſpe-

ran-

ranças breves, que os succeſſos fizeraõ longas, para naõ deſampararem as terras ganhadas.

Annos do Mundo.

3480.

A Luſitania ainda gozava o ſeu amavel ſocego, ſem experimentar por eſtes tempos mais perturbaçaõ, que a dos Gallegos, que invadíraõ as terras dos noſſos Gayos para ſe apoderarem da fertilidade dos ſeus campos. Elles ſe lhes oppoſeraõ com o eſpirito marcial, que os Gregos ſeus aſcendentes haviaõ bebido na guerra da Patria, obrigando os Gallegos a recolher-ſe menos jactanciosos, mais diminuidos. Naõ eſquecêraõ os Gayos eſta injuria, nem ſe deraõ por ſatisfeitos com a primeira vingança. Elles entráraõ por Galliza, e para fazerem ver que hiaõ com a idéa de Conquiſtadores, leváraõ alguns milhares de familias, que vadeado o Minho, foraõ levando a Provincia a ferro, e fogo. Acodíraõ os Gallegos a defender-ſe com taõ grande impeto, que obrigáraõ os Gayos a fazer-ſe fortes no váo do rio. As mulheres, ſenaõ os excedêraõ, os igualáraõ no valor, com que vencêraõ huma grande batalha, que lhes deixou o *campo livre* para fundarem a Cidade de

3489.

Annos do Mundo.

de Tui, que entaõ differaõ Tide a nova. Daqui partio bom número de gente a penetrar mais o Paiz, e vencido outro encontro com gloria naõ menos do ſeu valor, os Gayos povoáraõ as Cidades de Yria, e Tydiciano.

3500.

Tinhaõ paſſado largos annos ſem ſucceſſos memoraveis entre Carthaginezes, e Andaluzes; os primeiros ſatisfeitos em conſervar o ganhado pelos muitos embaraços da guerra de Sicilia, que lhes impedia maiores progreſſos; os ſegundos contentes com a paz, que lhes facilitava as ganancias do Commercio pela comunicaçaõ com aquelles viſinhos induſtrioſos. Emprendêra a República de Carthago conquiſtar Sicilia ſobre os ſeus Reis Gelon, e Dioniſio. As forças de que dizem ſe valêra para eſta empreza, ſaõ monſtruoſas. As do mar conſtavaõ de mil Galez, e tres mil navios, de que ſó voltou hum a Carthago. As de terra affirmaõ haver ſido 300ↀ homens, de que pereceo o maior número. Entre elles milatavaõ 12ↀ Heſpanhoes, em que entravaõ muitos Turdetanos de Luſitania. Elles foraõ a admiraçaõ de amigos, e contrarios. No ſi-

Annos do Mundo.

dos dous Chefes, com muitos navios para continuarem os defcobrimentos: Precurfores na antiguidade dos modernos Portuguezes. Elles deixáraõ a Gyfcon encarregado do governo, e fazendo-fe ambos á vela, cada qual tomou feu rumo. Fallaremos primeiro de Hanon, logo de Hymilcon.

Querem alguns Authores, que Hanon, fahiffe a efta viagem de Carthago, outros de Cadiz com 60 navios, em que diz o Periplo, levára feffenta mil povoadores para as Colonias, que hia a defcobrir. Elle fe foi prolongando pela cófta de Africa, e chegou ás Ilhas de Arguim, aonde os Portuguezes acháraõ veftigios deftes Carthaginezes. Emproou o Golfo de Guiné, aonde os feus camaradas mais bem inftruidos eftimáraõ os Macacos por individuos da geraçaõ humana. Aqui parou a jornada de Hanon, que a credulidade facil de muitos Efcritores levou ás embocaduras do Mar Roxo. Elle entrou em Carthago coberto de gloria; foi recebido entre aplaufos; ficou célebre o feu nome, porque defcobrio 600 legoas da *Cófta* de Africa. De que elogios

Annos do Mundo.

gios naõ ſeráõ dignos os primeiros Portuguezes, que aviſtáraõ todas as praias, ſeios, golfos, enſeadas, e recoſtos do Univerſo pela variedade dos ſeus mares!

Deſta viagem eſcreveo elle hum Diario, que chamamos Periplo de Hanon, Monumento illuſtre da antiguidade, que elle collocou no Templo de Saturno, e foi notado por Monſieur de Bougainville. Nelle meſmo marca Hanon o Golfo de Guiné pelo lugar do ſeu retroceſſo, e derrota a opiniaõ dos que o imaginaõ dobrar o Cabo de Boa-Eſperança, chegar ao Sino Perſico, e entrar pelo Eſtreito do Mar Roxo. Eſte Periplo de Hanon, a ſua expediçaõ, as ſuas obras juſtamente nos repreſentaõ hum homem mais attento ao fim das emprezas, que á vaidade da gloria; hum peito magnanimo, mais inclinado ao ſolido, que ao brilhante; hum eſpirito perſpicaz, que ao primeiro golpe de viſta ſeparava o difficultoſo do impoſſivel; hum ſabio inſtruido, que ſe governava pela prudencia ſem attribuir nada á fortuna, ou ao acaſo; hum Heróe ao meſmo tempo que intrepido nas reſoluções, acautelado nos perigos,

gos, com os olhos no fim, naõ na fama; Legislador entendido, General reportado, soldado valente, Mercador destro.

Hymilcon, irmaõ de Hanon, foi encarregado do descobrimento das cóstas Occidentaes, e Septentrionaes de Cadiz atê ao Nórte. Elle sahio desta Cidade, veio ao Promontorio Sacro na Lusitania; passou o Barbarico, e tomando terra, teve trabalho em escapar das mãos dos nossos rustiços Sarrios: em Lisboa encontrou hospedagem benigna; dobrou o Cabo de Cascaes, ou Promontorio da Lua; descobrio as Ilhas Berlengas, que Ptolomeo chamou Landobris, e fallou aos nossos Turdulos antigos por toda a cósta até ao Mondego, sendo tratado de todos com atençaõ delicada. Elle se informou do interior, e costumes da Lusitania, e continuando a viagem ao Minho, encontrou nos nossos Gayos hospedagem em nada inferior á dos Turdulos. Correo os mares de Galliza, de Byscaia, de França, e da altura Septentrional, que nós ignoramos qual fosse, desan-

Annos do Mundo.

dou pelos mesmos rumos, trazendo-o huma tempestade á Foz do Douro. Na sua entrada perdeo algumas embarcações, e naõ couberaõ nas outras os muitos Carthaginezes, que se salváraõ. Elles ficáraõ vivendo entre nós, e fundáraõ a Cidade de Braga, a que deraõ o mesmo nome em memoria do rio Bragada, que se lança no mar de Africa cortando as terras de Carthago, e Hymilcon se recolheo a Cadiz.

Elle escreveo huma relaçaõ da sua viagem em outro Periplo com exacta noticia dos seus descobrimentos; Memoria, que se inserrou nos Annaes Punicos, e se conservou até o anno 400. da nossa Éra vulgar. A sua perda para a Historia, e Geografia foi sensivel, como obra escrita por huma testemunha ocular do caracter de Hymilcon, que se recolheo a receber em Carthago o premio, e o applauso das suas façanhas, e serviços.

CA-

CAPITULO II.

Da vinda do primeiro Anibal a Hespanha, e mais successos da Lusitania.

Annos do Mundo. 3531.

ANTES que tratemos dos successos de Carthago com a chegada a Hespanha do primeiro Anibal, devo fallar da fundaçaõ de Braga, que acabo de dizer fizeraõ os Carthaginezes de Hymilcon naufragados na barra do Douro. Floriaõ do Campo, e Garibay presumem seus primeiros fundadores aos Gallos Celtas chamados Bracatos por causa da sua vestidura Bracea, ou Braca, que eraõ humas calças largas de que usavaõ, attribuindo a origem taõ humilde o nome de Cidade taõ illustre. Ao contrario Vaseo, Aires Barbosa, Julio Pacense, e outros de caracter estimavel, representaõ a Braga sahida das entranhas de Carthago; hum Padraõ da saudade levantado pelos Carthaginezes de Hymilcon em memoria do rio Bragada, que fertilisava as terras donde *eraõ naturaes* os fundadores.

Annos do Mundo.

Vendo-ſe eſtes abandonados dos ſeus camaradas em Paiz eſtranho, pedíraõ aos Gayos quizeſſem acceitallos por companheiros; lhes deſſem ſuas filhas para mulheres; lhes marcaſſem terreno, aonde habitaſſem, com a liberdade de viverem ſegundo os ritos, e coſtumes Africanos. Tudo lhes foi concedido; mas deſtinada a terra para a nova Colonia, os ſeus Aruſpices pelas obſervações dos ſacrificios, e ſciencia augural naõ a acháraõ conforme, e paſſáraõ adiante. Chegáraõ aos campos de Braga, e parecendo-lhes ajuſtados ás imagens da ſua fantaſia, fundáraõ a brilhante Cidade, que entre a Gentilidade fez alta figura, e no Chriſtianiſmo ſe honra com a Deviſa de Primacial das Heſpanhas.

Chegou a Heſpanha o primeiro Anibal, irmaõ de Saffo, e de Aſdrubal, todos filhos de Hymilcon, que era irmaõ de Hamilcar, o que morreo na batalha de Sicilia, que foi pai dos tres famoſos Hanon, Hymilcon, e Gyſcon, em que acabei de fallar, *huns*, e outros producções illuſtres da

fa-

familia dos Barcinos. Anibal era revestido de qualidades taõ distintas, que foi estimado de todos, e senhor dos coraçoes, entrou a governar com prudencia, a fortificar as Cidades, e Fortalezas de Hespanha, que pertenciaõ a Carthago, ambicioso da gloria de seus Primos nos desejos virtuosos de lhes imitar as obras. Elle mandou embarcações para conduzirem os Carthaginezes, que naufragáraõ com Hymilcon na entrada do Douro; mas já gostosos na sua Braga, naõ só repugnáraõ a vinda; mas persuadíraõ a muitos dos seus patricios ficassem entre elles gozando as commodidades da nova terra.

3534.

Foraõ estas noticias taõ agradaveis para Anibal, que se embarcou para ter a complacencia de ver a gente Carthagineza entranhada no centro da Lusitania. Como elle desde Cadiz hia descobrindo a cósta, dizem que desembarcára em hum Ilheo junto a Alvor, e que achando-o cómmodo para servir de escalla ás náos Carthaginezas, se detivera para fundar nelle huma povoaçaõ, que se chamou Porto

de

Annos do Mundo.

de Anibal. No lugar desta fundação se enganaõ os Escritores; porque junto a Alvor, e por toda aquella cósta naõ ha Ilheo algum, que Anibal podesse escolher para fundar huma Colonia. Eu presumia algum dia, que antes de chegar a Alvor huma legua, na bocca da barra de Villa-Nova de Portimaõ em huma quasi Peninsula, que formaõ o mar, e o rio no sitio, que chamaõ a Ponta da Arca, poderia haver estado o antigo Porto de Anibal, junto á bocca da barra do rio duas leguas navegavel, com muito fundo, proprio para abrigar as náos em qualquer estaçaõ do anno, para o que naõ tem aptidaõ a Bahia, que dalli corre até Lagos, aberta a todos os ventos, nos do Sul, e Levante muito arriscada

Isto que naõ passava em mim de idéa, ou o tive por huma evidencia, quando vi depois do terremoto do primeiro de Novembro de 1755. os vestigios claros da fundaçaõ antiqũissima, que o combate furioso do mar deixou descobertos, depois que levou os grossos montes de area, que elle mesmo tinha

nha ajuntado naquella Ponta em tantos Seculos. Ainda hoje eſtaõ á viſta eſtas ruinas ſituadas no meio da Peninſula, ou Ponta da Arca, pela face do Nórte banhadas das aguas do rio, que corre duas legoas a cima até a Cidade de Sylves; pela do Sul com a bocca do meſmo rio, que forma a barra; ſituaçaõ a mais propria para a Colonia dos navegantes Carthaginezes. Mas ſe com effeito nas idades remotas houve o Ilheo, que ſe diz immediato a Alvor, ou as aguas o ſorveraõ, ou algum dos terremotos antigos o ſubmergio.

Com diſſimulaçaõ, e deſtreza ſe foi Anibal fazendo ſenhor dos pórtos daquella cóſta deſde a Foz do Guadiana até ao Promontorio Sacro, quando os noſſos Turdetanos, que viviaõ entre os antigos Andaluzes, tiveraõ com elles deſavenças pezadas ſobre a demarcaçaõ dos ſeus reſpectivos terrenos. Como o negocio chegou a termos de ſer decidido pelas armas, os Turdetanos pediraõ ſoccorro á Luſitania, ſua Patria, que lhes mandou hum bom exercito; os Andaluzes ſe valêraõ de Ani-

bal,

Annos do Mundo.

bal, que os ajudou em peſſoa com todas as ſuas forças. Encontrárað-ſe os campos, e travárað entre ſi huma das batalhas mais bem diſputadas daquellas idades. Todo hum dia competio o valor dos Luſitanos com a coraje dos Carthaginezes, e depois de oitenta mil mortes reciprocas, nað ſe conheceo mais vantagem, que a de haver Anibal perdido a vida. Ambos os corpos deſtroçados cuidárað em retirar-ſe; e os Turdetanos Andaluzes, que ſe deixárað occupar do temor da futura vingança de Carthago, ſe recolhêrað com os Luſitanos para a ſua Patria.

3558. Os Barbaros Sarrios aproveitárað o tempo deſta auſencia dos noſſos Turdulos, deixárað a marinha, penetrárað a terra, invadirað os Celtas. Soffrêrað eſtes os repelões com conſtancia até a chegada dos noſſos com os Turdetanos Andaluzes, que ſendo recebidos como irmãos, nað quizerað deſpir as armas em quanto nað caſtigaſſem os Sarrios. Unidos Turdulos, e Celtas, com induſtrias militares trouxerað os Barbaros a combater em campanha raza, aonde

ſe

se deixáraõ matar como brutos desesperados. Taõ horrivel foi a carnagem, que excepto os Sarrios da Provincia da Beira, todos os mais, nossos primitivos moradores descendentes illustres dos Caldeos, em hum dia acabáraõ ás mãos de Turdulos, e Celtas estrangeiros.

Annos do Mundo.

Naõ só no proprio Paiz, tambem nos remotos obrava o nosso valor prodigios. Nestes tempos, contaõ Thucydides, Trogo Pompeo, e Diodoro Syculo, as façanhas dos Lusitanos, e Hespanhoes, que alistados pelos Carthaginezes, abatêraõ na Grecia o orgulho dos Athenienses, a destreza dos Agrigentinos, a arrogancia dos Syracusanos. Em Lacedemonia, aquella grande Aula militar, fizeraõ elles tantos actos grandes do seu valor, que a República aguerrida, pouco costumada a fazer apreço de acçóes vulgares, na magnificencia dos premios para com elles, caracterisou de heroica a sua corage. Mas os peitos bravos, que soubéraõ resistir ás pontas de tantos affiados ferros, todos acabáraõ na Grecia de doenças agudas.

Ter-

Annos do Mundo.

Terremotos eſpantoſos nas noſſas cóſtas maritimas, fome extrema no interior de Heſpanha ſoffria a noſſa gente, quando Magon, que eſtava nas Ilhas Baleares, ou de Mayorca, foi mandado ſubſtituir a falta de Anibal. Elle achou a terra em paz profunda, e ſe eſte he o Magon, que eſcreveo vinte e oito volumes de Agricultura, elle entaõ gaſtaria o tempo neſta composiçaõ, que mereceo as atenções dos Romanos, naõ obſtante o que o ſeu Cataõ havia eſcrito ſobre a meſma materia. Columela chamou a Magon o Pai da Agricultura, que era taõ honroſa entre os Carthaginezes, como o foi entre os Romanos; e os Authores Geoponicos ainda hoje citaõ a Magon, como o fez o célebre Heſpanhol, que eſcreveo de *Re Ruſtica.*

3590.

Veio Hanon II. ſucceder a Magon, e delle nos dá a Hiſtoria mui pouca noticia. No ſeu tempo, ou annos depois, os Celtas do Alem-Téjo, que viaõ a Provincia opprimida de muita gente, determináraõ de acordo commum, depois de muitos juramentos ſolenes de ir-

man-

mandade perpetua, de celebrados ſacrificios expiatorios para applacar os Deoſes; mandar algumas mil Familias a buſcar terra accommodada em que ſe eſtabeleceſſem. Elles fizeraõ o ajuntamento geral nas praias entre Alcacere, e Setuval, aonde arribáraõ varias náos com muita gente da Grecia, que fugindo da guerra do Peloponeſo, andava buſcando no mundo lugar com deſcanço. As noſſas gentes os recebêraõ com muito agrado; referiraõ-lhes os motivos de as acharem juntas; os Gregos ſe lhes offerecêraõ para as acompanhar; pedíraõ licença aos moradores de Lisboa para paſſar o Téjo; e ſatisfeitos da amenidade dos campos, que banha o Mondego, deixaraõ nelles huma Colonia dos Turdetanos Andaluzes, chamados Colimbrios, que fundáraõ a povoaçaõ entaõ chamada Colimbria, hoje Condexa a velha.

Annos do Mundo.

O reſto da numeroſa comitiva foi ſeguindo a marcha, e antes de chegar ao Rio Vouga, naõ longe do Agueda, fundou a Cidade de Eminio. Daqui partíraõ alguns Turdulos a examinar a mari-

Annos do Mundo.

rinha, aonde ſe encontrárao com os ſeus antigos nacionaes do meſmo nome, que os perſuadírao á fundaçao de Talabrica, aonde agora eſtá Aveiro. Aſſim divididos Turdulos, e Celtas, os Gregos com outros dos noſſos, chegarao ás margens do Douro, aonde reſolverao eſtabelecer-ſe. Sobre o nome da Cidade, e a fórma de governo, que havia ter, Luſitanos, e Gregos ſe deſgoſtárao, dividirao-ſe, derramárao-ſe pelos boſques, até que atacados pelos Barbaros Sarrios, conhecêrao a neceſſidade da uniao, e da força de huma Praça, que lhes detiveſſe os impulſos. Elles ſe ajuſtárao, convierao que a fabrica correſſe por conta dos Celtas: que o nome da Cidade o pozeſſem os Gregos, que em memoria de Lacedemonia, ou Laconia, ſua Patria, lhe chamárao Laconimurgi, depois Burgi, agora Lamego.

Dos meſmos Celtas, e Turdetanos ſe derramárao alguas partidas por Entre-Douro e Minho, que os Carthaginezes de Braga nao queriao conſentir nos ſeus contornos; mas obſervando

nos

Annos do Mundo.

›s hoſpedes huma ſinceridade ſem re-
rva, elles os deixáraõ buſcar a vida
quellas terras. Quizeraõ eſtas gentes
ſſar o Lima, aonde diſcordáraõ os
irmos, que convertêraõ a amizade em
ror; que com o ferro das armas ati-
raõ o fogo da cólera; que mutua-
ente ſe tiráraõ quantidade de vidas.
te ſucceſſo, pelo eſquecimento da
ncordia, fez que os noſſos antigos
amaſſem Lethes ao Rio Lima. Eſque-
mento, que trouxe muitos tempos er-
ntes como féras a tantos homens, e
ie quando os deixou depor o odio, foi
ıra ſe atormentarem com as lembran-
s.

3596.

Naõ embaraçáraõ a Carthago as
andes deſavenças, que por eſte tem-
ı tinha com os dous Dionyſios de Si-
lia para deixar de mandar governar
eſpanha pelo Capitaõ Bohodes com
uitas tropas de refreſco. Elle encon-
ou aos Andaluzes taõ deſgoſtados dos
fricanos, que naõ podendo com in-
ıſtrias, e ameaças trazellos ao ſeu par-
do, navegou para o Porto de Anibal,
nde as franquezas do Commercio

at-

Annos do Mundo.

attrahiaõ os animos, e a gente Luſitana. Facilmente ajuſtou elle as pazes comnoſco como quiz; e para avançar as idéas, que haviaõ ter por conſequencia a ſugeiçaõ de Luſitania, propoz aos naturaes a fundaçaõ de hum povo mais dentro na Provincia, que ſerviſſe de feira, ou mercado publico a ambas as Nações. Cahiraõ os noſſos no bem armado laço; ſatisfeitos, e goſtoſos ſe offerecêraõ a trabalhar na obra; duas legoas avante do Porto de Anibal para o Poente reſuſcitáraõ a antiga Lacobriga, e no roſto da agradavel Bahia com a face para o Naſcente, fundáraõ o Povo, que he hoje a Cidade de Lagos, entaõ com o meſmo nome de Lacobriga.

3599.

Acabada a obra, e bem fortificados os dous preſidios de Luſitania, Bohodes ſe retirou para Carthago, e veio occupar o ſeu poſto em Heſpanha o prudente Maharbal, Capitaõ experimentado, e affavel, que depois de pacificar a Andaluſia com a ſua natural brandura, veio com ella acabar de ſobmeter os eſpiritos Luſitanos. Com penſamentos de en-

engrandecer o Algarve, desembarcou no Porto de Anibal a tempo, que chegava a elle huma náo de Chypre, alliada de Athenas, inimiga de Cartago. Maharbal a investio, e rendeo, sem fazer caso dos Idolos de Venus, e Cupido, que os Gregos lhe poseraõ na frente para intercessores da sua liberdade. Este despreso de Maharbal feito aos Deoses do Amor, logo dará motivo para se levantar na Lusitania hum dos padrões memoraveis da sua idolatra antiguidade.

3615. Desejava elle penetrar a terra para communicar os Celtas do Alem-Téjo, tendo já trato franco com os moradores do Algarve. Em todo o caminho até Elvas encontrou elle civilidades bem correspondentes ás muitas, que usava com todos. Depois de ajustada a amizade com os Celtas, foi discorrendo pela sua Commarca, aonde o assaltou huma enfermidade grave, que os seus agoureiros attribuíraõ a castigo das injúrias feitas aos Deoses delicados da ternura, Venus, e Cupido; a hum effeito das execrações dos Gregos opprimidos.

Annos do Mundo.

dos. Maharbal empenhou aos Deoſes com votos; e dando-lhe a natureza ſaude, elle liberdade aos Gregos, em hum Templo, que levantou magnifico no lugar, aonde agora eſtá Terena, Cupido, e Venus começáraõ a receber cultos de Luſitanos, e Carthaginezes. Teve grande reſpeito naquellas idades o Deos Endovelico, que com eſte nome ſe intitulava a Deidade do Amor, que endoudece. E por iſſo os ſeus Miniſtros eraõ Sacerdotiſas, que mais pelo ſexo, que pelo miniſterio, chamaſſem os devotos para a frequencia dos cultos.

Poſtos os Gregos em liberdade, faltos do neceſſario para voltar ás ſuas terras, e agradados das noſſas, ſe valêraõ de Maharbal, para que alcançaſſe dos Luſitanos admittillos entre ſi, e dar-lhes ſitio, aonde elles fizeſſem hum povo, em que viver ſujeitos ás Leis de Carthago. Os noſſos lhe marcáraõ o campo, que he agora a Villa de Sant-Iago de Cacem, aonde fundáraõ a Merobriga, Cidade de alta conſideraçaõ no dominio dos Romanos, como ain-

da hoje consta das inscripções do seu tempo.

Annos do Mundo.

CAPITULO III.

Do Imperio do Grande Alexandre com os successos da Lusitania pelo tempo do governo de Hamilcar.

NOS successos que acabo de referir, e em outros que nos occultou a diuturnidade do tempo, se foraõ passando os annos, engolfada Lusitania com o mais resto da Terra nas trevas da Idolatria, excepto o curto espaço da Palestina, aonde raiava a luz da verdade, como precursora da essencial Luz, que havia vir illuminar todo o homem: Quando no Mundo foi visto hum Imperio novo, e formidavel, estabelecido sobre tantas victorias, que o seu estrondo fez ouvir com respeito o nome do Grande Alexandre. Os éccos dellas, que se percebiaõ nas partes mais remotas, aonde naõ chegavaõ as armas deste Conquistador Universal, obrigavaõ os Principes, antes assustados, que officiosos,

Annos do Mundo.

a mandar-lhe Miniſtros, que o congratulaſſem na felicidade das ſuas ventagens, que para o Rei de Macedonia, ſenhor do Mundo, foraõ taõ rápidas como breves, logradas, e conſummidas.

Perſuadíraõ os Carthaginezes aos Heſpanhoes, que na companhia dos ſeus Embaixadores mandaſſem elles hum, que da parte dos ſeus póvos reconheceſſe a ſoberania do Vencedor das Nações. Elles o fizeraõ, nomeando o Embaixador, que Oroſio chama Marino; que Vaſeo diz ſer Luſitano; que Arriano, e Quinto-Curcio affirmaõ eſtiveraõ eſperando por Alexandre em Babylonia com os de Carthago para cumprirem a ſua commiſſaõ, quando elle veio morrer deſgraçadamente naquella Cidade, affogado nas demaſias dos licores. De reſulta das ſuas victorias nos couberaõ a nós as reliquias da arrazada Tyro, que paſſando a Carthago, vieraõ a Cadiz buſcar a protecçaõ dos ſeus antigos nacionaes, que os encaminháraõ para a Luſitania. Ella, que ſempre eſtimou ſer mãi dos eſtrangeiros, ainda

3681.

da que a notem madrasta dos naturaes, os recebeo nos braços, com condiçaõ de fundarem hum Povo, aonde Lusitanos, e Tyros parecessem em tudo os mesmos homens.

Annos do Mundo.

3684.

Com esta idéa buscáraõ as margens do Guadiana, e sobre huma das suas rochas eminentes, que entaõ se lhes representaria taõ agradavel, como hoje nos parece funebre, unidos os animos, principiáraõ a fundar a Villa, que com allusaõ á Cidade de Tyro, chamáraõ Mirtyris, depois Mirtylis, e nós agora dizemos Mertola. Pelos mesmos tempos os Turdetanos, e Celtas de Entre Douro, e Minho propagando tanto, que naõ cabiaõ na Provincia, formáraõ dous exercitos de moços robustos; hum que encaminháraõ para as montanhas das Asturias; outro para as ribeiras do Elza, aonde se estabeleceraõ unidos, e conformes com os antigos moradores.

Ardia a guerra em Sicilia entre Pyrrho, Rei do Epyro, que os naturaes da Ilha chamáraõ em seu soccorro, e os Carthaginezes, que se servíraõ dos nos-

Annos do Mundo.

ſos Celtas do Alem-Téjo, e de outros Heſpanhoes, inſtrumentos glorioſos de muitas das ſuas vantagens nos choques mais bem diſputados. No meio de negocios taõ graves, e do ciume, que a ſua potencia cauſava aos Romanos, elles zelavaõ tanto a conſervaçaõ de Heſpanha, que nada lhes impedio mandar a ella com muitas forças ao famoſo Hamilcar, pai do grande Anibal, para abafar a rebelliaõ das Ilhas de Mayorca, que neſte tempo ſe levantáraõ contra Carthago. Eſte novo Chéfe, da illuſtre familia dos Barcinos, era ſuperior a todos os ſeus predeceſſores em religiaõ, em conſelho, em esforço.

3730.

Hamilcar foi hum Herói grande, ainda que pouco ditoſo, que reſtaurou o Imperio Carthaginez em Heſpanha. O ſeu eſpirito ſuperior ás deſgraças, era capaz de formar a idéa de levar a guerra ao coraçaõ da Italia. Baſtou a ſua preſença em Sicilia para mudar a face dos negocios: entaõ na idade muito moço, ſoube introduzir reſpeito nos vencedores, e dar corage aos vencidos. Ainda que Cornelio-Nepos, como Romano

em

Annos do Mundo.

em nada inclinado aos Carthaginezes, naõ defendeſſe a nóta da affeiçaõ torpe, que ſe imputa a Hamilcar, taõ indigna do ſeu caracter, como de nós a nomearmos: A prodigioſa defenſa, que elle fez em Erix, lhes abafaria muitos defeitos; a guerra da Lybia, ou dos Mercenarios, lhe cobriria outras faltas; agora a facilidade com que pacificou os Minorquins lhe deo novos explendores.

Elle veio ſem demora ao Porto de Anibal, e ſabendo a grande amizade com que ſe tratavaõ Luſitanos, e Carthaginezes, quiz liſongear-nos pela parte, por onde obſervou, que mais nos deixavamos attrahir, e era a piedade. Reſolveo-ſe a viſitar os noſſos Templos, e foi o primeiro o do Deos Endovelico, que repreſentava, ou era o meſmo Beleno, ou Apollo das Gallias, intitulado Deos da Saude, aonde derramou dons precioſos. A meſma devoçaõ o levou ao Templo de Minerva em Lisboa, que ſendo ſempre delicada nos cortejos, agora para Hamilcar ſe excedeo em atenções. Elle que queria lançar raizes ao trato, dizem entre nós

de

Annos do Mundo.

de tres Seculos a esta parte os nossos Escritores, que casára com huma senhora Lusitana de grande qualidade, formosura, e riqueza, a que Laymundo, Floriaõ do Campo, e Garibay só chamaõ Hespanhola. Esta ultima fineza, se he verdadeira, ou a da visita dos Templos, acabou de sobmeter a Carthago os espiritos Lusitanos.

3750.

Como já ardia o fogo da primeira guerra Punica, Hamilcar para ir servir nella, bem acompanhado de Lusitanos, e Hespanhoes, voltou para Carthago. Na viagem sentio sua mulher as dores do primeiro parto; incidente, que o obrigou a tomar porto na Ilha Formentera, entaõ dita Triquadra, huma das Baleares, aonde ella deo á luz ao grande Anibal. O valor da nossa gente nesta guerra competio com as desgraças de Carthago, que naõ saõ do meu assumpto. Ellas a deixáraõ tributaria de Roma; aos Hespanhoes animados para sacodirem em grande parte o seu jugo, e restaurarem as perdas passadas. Entaõ ponderou ella quanto lhe impor-
[illegible]roveitar-se da alliança contrahi-

da

da por Hamilcar para ſujeitar Heſpanha por ſeu meio. Segunda vez o manda Carthago com ſua mulher, e filhos moſtrar eſtas prendas Carthago-Heſpanholas aos noſſos olhos para nos inclinarem os corações. Acompanhado da eſpoſa, de Anibal, Magon, Hanon, e de huma filha, que foi mulher de Aſdrubal, appareceo entre nós o reſtaurador do Imperio Carthaginez, que com a perſuazaõ, e as armas obrou grandes façanhas; ſugeitou muitos Pôvos; ſuſtentou grandes guerras.

Annos do Mundo.

3766.

Seguiraõ os Luſitanos a Hamilcar na conquiſta de Andaluſia, Murcia, Valença, e parte de Aragaõ até ao Ebro. Ganhou victorias completas ſobre Indortes, e Iſtolacio, Rei dos Celtas, preſumimos, que no Paiz da Celtiberia, aonde fundou a forte praça chamada Acraleuca. Muitos entendem, que tambem edificára a Barcelona, derivando-lhe o nome do ſeu appellido de Barcino; mas iſto naõ conſta de Authores antigos, e nós naõ ſabemos, que elle paſſaſſe além do Ebro, nem que levaſſe as conquiſtas a Catalunha.

O

Annos do Mundo.

O fundamento mais ſolido deſta opiniaõ conſiſte em chamar Auſonio Punica á Cidade de Barcino, que talvez ampliaſſe Anibal, ou Hanon. Em fim Hamilcar, havendo nove annos, que neſta ſegunda vez governava Heſpanha com tanta gloria ſua, e vantagem de Carthago, quando ſitiava a Praça de Helice, que poderia ſer Elche no Reino de Valença, a fortuna lhe traçou o fim tragico, que vou a referir.

3774. Os noſſos Vetones moradores no terreno, que corria dos Rios Téjo ao Coa, em que ſe comprehendia Salamanca, Cidade Rodrigo, Lapara, e outras povoações, tinhaõ odios antigos com os Celtas do Alem-Téjo, e com os Turdetanos ſeus confederados, que quizeraõ vingar na conjuntura de diminuidos, pelo grande número delles, que andavaõ com Hamilcar no coraçaõ de Heſpanha. Entráraõ elles pela Provincia com tanto terror, e eſtrago dos Celtas, que foraõ obrigados a aviſar os ſeus camaradas, para que lhes acodiſſem, e elles a deſpedir-ſe de Hamilcar para virem defender a Patria. O Chéfe magna-

ni-

nimo, ou levantando o ſitio de Heli- ce, ou deixando os aproches com a guar- niçaõ neceſſaria, quiz em peſſoa con- duzir os Celtas no groſſo do ſeu exerci- to para caſtigar a confiança dos Veto- nes; atraveſſando o Sertaõ intractavel de Heſpanha para os colher no Alem- Téjo deſcuidados.

Annos do Mundo.

Deſta marcha foraõ aviſados os Vetones pelos Focenſes Andaluzes, que ſe haviaõ revoltado contra Hamil- car: avizo, que elles acompanháraõ de groſſos ſoccorros para animar os Ve- tones, que ſe reſolvêraõ a entrar em Heſpanha, e atacar a Hamilcar em campo aberto. Ao meſmo tempo, que valentes, induſtrioſos, elles cobríraõ a ſua frente de muitos carros carregados de lenha, e neſta fórma eſperáraõ os inmigos. Ao ſinal de romper a batalha, deraõ elles fogo á materia combuſtivel prevenida nos carros, com tanto eſ- panto dos bois, que furioſos ſe lançá- raõ ſobre a vanguarda dos Carthagine- zes, e Celtas, com tanto impeto, que a deſtreza de Hamilcar, e o valor dos Officiaes naõ poderaõ impedir a deſ-

Annos do Mundo.

desordem geral do exercito. Entaõ se avançáraõ elles com tanta rapidez sobre os inimigos, que a naõ serem tal gente, no primeiro repelaõ sentiriaõ a derrota completa. Mas Celtas, e Carthaginezes, animados pelo mesmo perigo, supprírаõ com o valor a falta da ordem; igualáraõ as mortes commuas, e ainda teriaõ hum dia formoso, se Hamilcar, fazendo os officios de bom soldado, e destro Capitaõ, naõ deixára no campo a vida. A perda deste Chéfe foi a da batalha, em que Hamilcar poz a gloria de tantos triunfos nas mãos dos Lusitanos Vetones, moradores nos nossos Sertões, e competidores das vantagens de Cartago, que promovia o maior número dos seus patricios.

Asdrubal, que era General das Galez de seu sogro Hamilcar, igualmente destro na arte militar, e na policia, lhe succedeo no Governo de Hespanha. A sua affabilidade, eloquencia, dexteridades, e prudencia acompanhadas de grandes acções, augmentáraõ nella muito os interesses de Cartha-

Annos do Mundo.

thago. Sobre a vingança tomada dos matadores de ſeu ſogro, além de muitas victorias, Aſdubral naõ ſó ganhou as doze Cidades, de que falla Diodoro Syculo; mas toda a Hiberia até ao Ebro, que o reconheceo por Chéfe Supremo. Anibal, que de poucos annos começára a fazer a guerra, ſabida a morte do pai, veio unir-ſe com ſeu cunhado. Ambos, com o impeto do raio, ſe lançáraõ ſobre as povoações dos Focences Andaluzes, authores da rebeliaõ, e entre elles naõ deixou a cólera teſtemunhas do eſtrago, que provou ſer geral o crime.

Em quanto Anibal acabava de diſſipar o partido Andaluz, Aſdrubal marchou á Luſitania para dar o meſmo caſtigo aos Vetones, que foraõ muitas vezes vencidos. A neceſſidade de quem os conduziſſe em tanto aperto, os obrigou a eleger por ſeu Commandante, a modo de Rei, hum nacional valeroſo chamado Tago, illuſtre no ſangue, e nas obras, que fez a Aſdrubal mais circunſpecto. A vantagem que eſte conſeguio derrotando a

ca-

Annos do Mundo.

cavallaria Vetona, forçou a Tago a pedir concertos, que Aſdrubal lhe concedeo facilmente, naõ ſó pelo deſejo de voltar a Andaluzia; mas porque lhe diſporia os meios para a execuçaõ do projecto, que concebêra. Em peſſoa veio Tago tratar com Aſdrubal os Preliminares do ajuſte; mas eſte, eſquecida a fé da palavra, o matou com armas, ſe até entaõ valeroſas, agora pouco honradas.

Já os progreſſos dos Carthaginezes em Heſpanha eraõ indiſſimulaveis ao ciume dos Romanos. Quando eſtes deſejavaõ fazer-lhes oppoſiçaõ no meſmo continente, e introduzir-ſe nelle, as inſtancias dos Francezes de Marſelha foraõ diſpondo os meios com a Embaixada, que mandavaõ a Roma, pedindo a protecçaõ do Senado contra as tentativas de Carthago. Repreſentou elle a Aſdrubal, que devia tratar os Póvos de Marſelha como ſeus Confederados; que ſe contentaſſe com a parte de Heſpanha, que poſſuia do Ebro até ao Occeano, ſem ſe metter a paſſar eſte Rio; que deixaſſe para el-

Annos do Mundo.

outra parte, que corria do mesEbro aos Pyreneos. Bem penetrou
arthaginez astuto na proposta, que
omanos buscavaõ pretexto para
per a guerra, e determinou con-
-se reportado. Em quanto Ani-
hia a Carthago dispor as idéas pa-
esempenhar o conceito em que seu
tivera, de que elle sería hum
indomito contra Roma: Asdrubal
ede ao Senado quanto delle per-
êra. Esta era a figura dos nego-
de Hespanha a tempo, que hum
a Lusitano, criado fiel de Tago,
va buscando conjuntura de pagar
a vida de Asdrubal a morte, que
dera a seu amo. A fortuna lha of-
eo na de hum sacrificio, que As-
al offerecia aos Deoses rodeado
eus soldados, aonde o Celta o
u a punhaladas, e ficou inaltera-
ntre todos com a mesma presença
spirito, que conservou até a mor-
tre tormentos.

3774.

CA-

Annos do Mundo.

penhar o juramento ſolemne, que ſeu pai lhe fizera dar no Templo de Jupiter de já mais ter com elles amizade, e perſeguillos ſempre. A diſpoſiçaõ para a guerra foi a invaſaõ ſobre Toledo, aonde a cópia immenſa dos deſpojos podia bem alagar-ſe no mar de ſangue, que correo. Elle veio aos confins da Luſitania viſitar os matadores de ſeu pai, e a viſita lhes cuſtou caro. Triunfante ſe recolhia elle para a nova Carthago, quando cem mil Heſpanhoes lhe pediraõ conta no caminho do que acabava de obrar nas ſuas terras. Vellos na paſſagem do Téjo, inveſtillos, e vencellos foi huma meſma acçaõ em Anibal, que lhe completou a ſua fortuna entre nós.

Em hum trienio Anibal ſugeitou a Heſpanha, conquiſtou Sagunto, formou tres grandes exercitos; hum que mandou a Africa; outro que deixou em Heſpanha; terceiro o com que elle meſmo paſſou os Pyreneos, e os Alpes, por onde já mais andára gente armada: Idéas ſublimes, para que a Hiſtoria nos convida. Anibal temido, Heſpanha

con-

Annos do Mundo.

confederada, os ſoldados contentes, elle lhes declára a ſua reſoluçaõ contra Roma. Naõ houve algum de valor, a quem naõ pareceſſe que tardava a gloria de taõ honrado feito. Porque o Senado Romano attendia ás queixas da Cidade de Sagunto ſua alliada, Anibal marchou contra ella com hum campo de 150ф Infantes, e 20ф cavallos. Nos oito mezes que durou eſte formidavel ſitio, recebeo elle muitas Embaixadas, todas deſprezadas pelo Capitaõ altivo, que eſpada em maõ entrou na Cidade com cólera indiſtinta ſobre o ſagrado, e o profano, ſobre o innocente, e o culpado.

Rompeo eſte ſucceſſo a ſegunda guerra Punica, por onde eu devo caminhar a paſſo largo, como em paiz, que he eſtranho. Aonde pararei mais attento, he na eſtimaçaõ que Anibal fez do noſſo esforço, da noſſa fidelidade para o acompanharem em Italia. Elle levou de Lisboa hum Eſquadraõ dos bravos Montanhezes, que moravaõ na Serra de Cintra, chamada antigamente Promontorio Artabro, e Artabros

Annos do Mundo.

os ſeus habitadores. Seguio-o em todas as marchas com os Turdulos, e Celtas ſeu amigo o noſſo primeiro Viriato, que na batalha de Cannas, depois de peleijar como hum leaõ, morreo ás mãos do Conſul Emilio Paulo, que ſe vingou com a vida de Viriato a morte, que elle dera ao Conſul Servilio, naõ houve Luſitano, que em Emilio naõ cravaſſe a lança, em quanto houve nelle parte para receber feridas. De Entre-Douro e Minho marcháraõ todos os moços robuſtos, que podiaõ formar no campo Africano outro Eſquadraõ dos Namorados, como vimos depois no de Aljubarrota. Até os Vetones, que matáraõ a Amilcar, já congraçados com Anibal, o acompanháraõ neſta jornada, em que as occaſiões, ſe foſſem mais bem aproveitadas, fariaõ triunfar a Carthago em Roma, como triunfou depois Roma em Carthago.

Ganhou Anibal em Italia as batalhas do Pó, de Trebia, de Trazimenes, e de Cannas. Depois deſta ultima ſe affirma devera marchar ſobre Roma,

que

que sem duvida rendêra: que pelo naõ fazer, Maharbal, Commandante da Cavallaria, lhe dissera: Os Deoses naõ deraõ a hum só homem todos os talentos; vós, Anibal, sabeis vencer; mas naõ sabeis aproveitar as victorias. Anibal, Heróe taõ habil, naõ he crivel deixasse passar as vantagens sem motivos grandes, e Tito-Livio que o notava, era porque o via com olhos romanos. Nós naõ diremos, que as delicias de Capua embotáraõ os fios das armas, que ainda vencêraõ tantos annos depois, e em quanto esteve em Italia, Anibal sempre foi triunfante. Preferir os regalos de Capua ao sitio de Roma para lisongear o gosto, naõ he manobra que se pense de hum Capitaõ duro, que havia pezar os motivos, que o obrigavaõ a metter em quarteis a tropa, que naõ veria em estado de sustentar por entaõ mais tempo a campanha.

Annos do Mundo.

O que nós havemos lembrar he a enveja dos emulos de Anibal, que em catorze annos de assistencia em Italia, naõ permittio que elle já mais rece-

Annos do Mundo.

beſſe ſoccorros de Carthago. Naõ obſtante eſta falta reprehenſivel, elle conſervou ſempre das Nações alliadas hum exercito victorioſo, com tal diſciplina, que os Africanos, os Heſpanhoes, os Luſitanos, os Gallos, e outros diverſos homens, todos pareciaõ Carthaginezes. Finalmente, o que a nós nos pertence agora de Anibal he moſtrarmos a eſtimaçaõ, que elle fez das noſſas gentes em Italia. Deixadas algumas occaſiões menores, lembraremos a paſſagem do Rhodano, que depois de julgada impoſſivel, elle as chamou, e quiz ouvir o ſeu voto. A reſpoſta foi lançarem-ſe a nado, ganhar a contra-margem, accommetter os Gallos de repente, e abrirem a porta á victoria do ſeu Chéfe. Hum tal ſucceſſo, de que daõ noticia Tito-Livio, Hiſtoriador Romano, e Polybio, que eſcreveo quaſi no meſmo tempo, a verdade delle eſcapou a hum critico do caracter de Feijó.

Elle affirma, (1) que os Heſpanhoes, ſendo os primeiros na paſſagem do

(1) *Theat. Crit. Tom. 4. Diſc. 13. n. 25.*

Annos do Mundo.

do Rhodano, deraõ furiosamente sobre as trópas de Publio-Cornelio, que defendiaõ o passo, ficando o grosso do exercito Africano na margem opposta; antes no Téjo vencidos, agora no Rhodano vencedores; aqui porque tinhaõ Chéfe; além porque lhes faltou. Naõ eraõ estas trópas as de Publio-Cornelio; eraõ os Gallos visinhos ás ribeiras do Rhodano, como dizem aquelles Authores de idades mais proximas. Elles mesmos nos asseguraõ, que na passagem dos pantanos do rio Arno antes do lago Trazimeno, as nossas gentes fizeraõ a vanguarda: que quando Anibal imitou aos Vetones na batalha de seu pai Hamilcar com os carros carregados de lenha para illudir as idéas de Fabio, o mais astuto de quantos Generaes tiveraõ os Romanos, ellas foraõ as executoras: que os Lusitanos, e Celtas, mais infatigaveis, que os Numidas, naõ davaõ socego aos Romanos, quando estavaõ Celtas pela retaguarda dos inimigos na batalha de Cannas, foi a causa da victoria: que se mostrava serem ellas a força principal do exercito;

por-

Annos do Mundo.

porque accommetido Anibal por Marcello, elle as puchára á frente de todas as trópas: que no ſitio de Capûa, fazendo retirar huma Legiaõ Romana, chegáraõ até ao ſeu acampamento, aonde ſuſtentáraõ o pezo de hum deſigual combate, taõ teimoſas, que ſem mover pé acabariaõ todas, ſe Anibal naõ as forçaſſe a retirar-ſe: Tudo próvas do conceito, e confiança, que o grande Anibal fazia das noſſas gentes.

3792. Quando elle aſſim triunfava nas campanhas de Italia, os Romanos naõ ſe deſcuidavaõ de mandar a Heſpanha Emiſſarios occultos, que ſondaſſem o animo dos moradores, viſſem as qualidades da terra, examinaſſem as melhores entradas para hum exercito numeroſo, com as mais commodidades neceſſarias para fazerem a guerra aos Carthaginezes dominantes. Apenas elles fizeraõ as ſuas obſervações, e ganháraõ os animos dos deſcontentes, aviſáraõ ao Senado, que ſem perda de tempo reſolveo mandar a Heſpanha a Gneyo-Scipiaõ, que já fora desbaratado por Anibal na Lombardia. Elle trazia ordens

dens precisas de atacar sómente aos Africanos, que commandavaõ Hanon, e Asdrubal, irmãos de Anibal, sem molestar de sórte alguma aos naturaes de Hespanha, que attrahidos com brandura, mudariaõ de inclinaçaõ á vista da face dos successos. Este he o principio da guerra dos Romanos em Hespanha, que eu vou a tratar no Capitulo seguinte até os mostrar nella estabelecidos.

Annos do Mundo.

CAPITULO V.

Da guerra dos Romanos com os Carthaginezes em Hespanha, até os expulsarem della.

3793.

ASDRUBAL, como se seu irmaõ Anibal lhe communicasse a fortuna, e a desgraça, que levou a Italia, começou a guerra em Hespanha vencendo, e acabou a sendo vencido. Elle abandonou o passo que guardava nos Pyreneos, quando recebeo de seu irmaõ Hanon o aviso, de que os Romanos entravaõ por Catalunha acompanhados dos Hespanhoes, que nella se achavaõ.

Annos do Mundo.

Sem esperar os soccorros que vinhaõ em plena marcha reforçar o exercito de Asdrubal, elle se lançou intrepido sobre os Romanos, que desbaratou; prendeo a Gneyo, e para aproveitar a victoria, cahio de repente em Tarragona sobre a sua fróta, que quando se vio investida, se sentio abrazada. Passou á Comarca de Lerida, que tomára a voz de Roma, e fez em póstas aos Póvos Ilergetes, que destruíra a naõ acodir em seu soccoro Scipiaõ, que o obrigou a retirar a Carthagena.

3794. Em pessoa veio Asdrubal a Lusitania buscar o auxilio poderoso das nossas armas, entaõ respeitadas na qualidade, e no número. Alliado com hum Rei nosso chamado Mandonio, os Celtas do Alem-Téjo, os Turdetanos do Algarve, a Cavallaria dos Vetones o seguíraõ, e foraõ os instrumentos, que suffocáraõ a respiraçaõ de Cornelio-Scipiaõ victorioso em Lerida. Mas quando a uniaõ era mais necessaria, Asdrubal se deshouve com os Celtiberos, que muitos, e valerosos, o fizeraõ parar na carreira dos triunfos. Esta di-

versaõ alentou aos Romanos, que reforçáraõ as trópas com os destroços alheios, e descançáraõ á sua sombra, em quanto os mesmos naturaes peleijavaõ a favor da sua fortuna.

Nós somos entrados nos successos de huma Época, que nos desafia as atenções para olharmos de hum golpe a figura tragica, que se nos principia a representar. Nós entramos a ver os Romanos no meio das suas grandes perdas em Italia mantendo hum exercito poderoso em Hespanha, aonde as suas armas foraõ mais felices. Nós vemos a Publio-Cornelio-Scipiaõ, pai do grande Africano do mesmo nome, querendo trazer a guerra á nossa casa, obrigado a sustentalla em Italia; naõ podendo impedir a marcha de Anibal pelas Gallias, dar volta pela Liguria para se oppor á sua descida dos Alpes, e ser este o motivo de entregar a seu irmaõ Gneyo-Scipiaõ hum exercito para marchar sobre Hespanha: primeiras trópas Romanas, que nella foraõ vistas. Nós entramos a ouvir o nome dos Scipiões, que fatal aos Cartha-

Annos do Mundo.

Carthaginezes entendeo ella, que chegava o momento feliz da ſua liberdade. Os ſucceſſos lhe abrírao os olhos para ver naõ tivera mais vantagem, que a de mudar de dominio. Deixar huns ſenhores, e acceitar outros, entaõ ſe lhe fez duro de ſoffrer, e conjurou-ſe Heſpanha para tratar aos Romanos, como elles acabavaõ de tratar aos Carthaginezes. Eis-aqui o theatro formidavel, em que nós vamos a repreſentar ſcenas horroroſas até vermos derramar do noſſo Continente a felicidade de Auguſto, que dá fim á Hiſtoria Antiga, e o dará a eſte I. Tomo da noſſa Hiſtoria.

Já os dous Scipiões Gneyo, e Cornelio, eſte pai, aquelle tio do grande Scipiaõ Africano, eſtavaõ em Heſpanha acompanhados de forças, de reputaçaõ, de amigos, quando Aſdrubal determinou levar muitas trópas a Italia. A fortuna de Cornelio o fez retroceder a marcha derrotado, e buſcar o azylo de Carthagena. Aqui recebeo Aſdrubal grandes ſoccorros de Luſitania; chegou-lhe huma groſſa Ar-

mada de Africa, em que conduziaõ muitas trópas Magon, e Hanon, irmãos de Anibal, e Asdrubal, com o ontro Asdrubal seu parente chamado Gyscon, e o Principe Massinissa, filho do Rei Gala. A este tempo os Romanos tinhaõ dividido as forças; para hum lado Cornelio, para outro Gneyo. Asdrubal aproveitou a conjuntura; ataca o campo de Cornelio, que com grande estrago perde a victoria. O mesmo destino teve seu irmaõ Gneyo dezanove dias depois; perda de duas vidas, e de duas victorias, que se devêraõ á destreza da cavallaria de Numidia, ao valor da infantaria Lusitana; que fez esmaiar a corage dos Romanos, declinar a sua reputaçaõ, taõ infeliz em Hespanha, como em Italia. Peste, fome, e guerra ao mesmo tempo affligiaõ a nossa Peninsula, quando o resto do mundo sentia os effeitos do espantoso terremoto, que arrasou Cidades, e montanhas no dia, em que Anibal atacava a batalha de Trazimeno, naõ o percebendo os dous

cam-

Annos do Mundo.

campos, que arrebatados do furor, tinhaõ extaticos os ſentidos.

Occupou a vaidade os cerebros dos Carthaginezes victorioſos, que perdêraõ a circunſpecçaõ; zombáraõ das reliquias deſtroçadas de Roma ſem Chéfe; dividíraõ as forças para vir a ſer cauſa da ruina de Aſdrubal a meſma, que acabava de ſer a dos Scipiões. De tudo ſe ſoube aproveitar o Romano de valor extraordinario, que eu diſſe; o Heróe digno de fama eterna; o bravo Lucio-Marcio, Centuriaõ de Roma, que com poucos centos de homens impavidos, que achou derramados, e pode trazer á ſua devoçaõ, aſſaltou em duas noites os arraiaes deſprevenidos dos Carthaginezes com valor taõ deſmedido, que lhes degolou trinta e ſete mil homens. Por eſte modo taõ ſublime reſtabeleceo Lucio-Marcio em hum inſtante na Heſpanha os negocios Romanos, que pareciaõ irreparaveis. Naõ ſoube imitallo Claudio-Nero, que ſuccedeo aos Scipiões. Elle deixou eſcapar a Aſdrubal, que com aſtucia Carthagineza ſe livrou do

pe-

perigo evidente de ſe perder com todo o exercito na paſſagem de hum desfiladeiro. Em ſituaçaõ taõ triſte, todos os Officiaes Generaes ſe eſcuſavaõ em Roma de vir ſucceder a Claudio no empenho da guerra de Heſpanha, aonde dous Chéfes famoſos como os Scipiões, e dous exercitos aguerridos tinhaõ ſido huma irrizaõ da fortuna.

Neſta conſternaçaõ univerſal, Publio-Cornelio-Scipiaõ, na idade de 24 annos, filho de Cornelio, e ſobrinho de Gneyo, elle ſe levanta, ſóbe a hum lugar eminente, e ſe offerece para ir comandar em Heſpanha. Eſta offerta reſuſcita toda a Aſſemblea, que o aclama General por voz commua. Elle chega a Heſpanha; mette corage nas trópas, que no ſeu ſemblante vem huns raſgos de ſemelhança com o pai, e o tio. No primeiro diſcurſo que lhes faz, Scipiaõ lhes diz eſpera bem cedo, que ellas lhe reconheçaõ o meſmo eſpirito, o meſmo valor, a meſma equidade. Naõ foraõ vans eſtas promeſſas, que principiáraõ a cumprir-ſe com o ren-

Annos do Mundo.

rendimento de Carthagena, Cidade a mais rica, e mais forte de toda Hefpanha. Os defpojos nella foraõ tantos, que podiaõ defpertar a cubiça dos Diogenes, e Catões: Defpojos da nova Carthago, que era a praça de armas, o arfenal, o armazem, o thefouro, o lugar de fegurança dos Carthaginezes, que de alguma fórte já nella perdiaõ toda Hefpanha.

Em quanto Afdrubal recorria ao refugio de Lufitania para reftaurar tamanha perda, e chegava de Africa com foccorros novos o Principe Maffiniffa: Scipiaõ enchia as fuas tropas de louvores, de recompenfas, de devifas de honra, conforme o merecimento de cada hum. Elle falla aos moradores da rendida Carthagena, e lhes diz: Que o Povo Romano eftima mais ganhar corações, que Praças; que detefta introduzir temor nas gentes, e trabalha por lhes infpirar amor; que defcancem á fombra da fua protecçaõ, aonde reconheceráõ a differença, que vai de livres a efcravos. A Princeza, mulher de Mandonio, irmaõ de Indibilis, Rei

dos

Annos do Mundo.

dos Ilergetes, que lhe expoem o ſuſto, de que as Princezas cativas ſejaõ profanadas: Scipiaõ lhe aſſegura, que he hum dever da ſua honra fazellas reſpeitar como quem ſaõ em qualquer lugar do mundo; que a advertencia, que ella acabava de lhe fazer, ſerviría para lhe deſpertar mais huma pouca de delicadeza na obſervancia das ſuas obrigações. Informado de que outra Princeza cativa, de formoſura rara, eſtava deſpoſada com Allucio, Principe da Celtiberia: Scipiaõ, como ſe fora pai dos noivos, mandou vir o eſpoſo, e parentes á ſua preſença; diſſe-lhes, que queria fazer-lhes hum preſente digno de Allucio, e de Scipiaõ, que era entregar-lhe a noiva, e recebellos com a maior ſolemnidade. Ao reſgate, que Allucio lhe offerecia ſe moſtrou officioſo; ordenando-lhe ajuntaſſe aquella quantia á do dote, que havia dar-lhe ſeu ſogro. Acompanháraõ a Allucio, a Mandonio, e a Indibilis na gratidaõ muitos Póvos reconhecidos, que clamavaõ havia entrado em Heſpanha hum Moço ſemelhante aos Deoſes.

Annos do Mundo.

Afdrubal atonito dos rápidos fucceffos do exercito Romano, entendeo fer o unico meio de os fazer parar huma batalha decifiva, o mefmo que Scipiaõ dezejava. Elle a ataca; mas a perde, e com as forças ainda inteiras determina paffar a Italia em foccorro de Anibal, que nas fuas, e na fortuna principiava a fentir diminuiçaõ confideravel. Depois defta victoria, os Póvos de Hefpanha quizeraõ aclamar Rei a Scipiaõ, attrahidos do feu valor, da fua moderaçaõ, de virtudes raras em taõ poucos annos. Elle fe efcufa com o pretexto, de que aquelle caracter em toda a parte eftimavel, os Romanos o deteftavaõ. Affegurou-lhes, que elle eftimava mais que fer Rei, entender delle Hefpanha, que tinha inclinações Reaes. Idéa fublime, mas taõ tocante, que as noffas gentes barbaras fe enchêraõ de admiraçaõ á vifta da grandeza de huma alma, que tinha a virtude por premio de fi mefma.

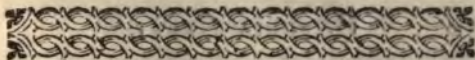
3797. Deixou Afdrubal encarregados os negocios de Hefpanha a feu primo Afdrubal Gyfcon, que com a gente Cartha-

Annos do Mundo.

agineza veio buſcando a Luſitania,
correo a Andaluzia com fortuna, aju-
do dos ſoccorros, que Hanon trou-
ra de Africa. Bem inſtruido pelas
aximas de Scipiaõ, Marco-Sileno os
rrota a todos, faz priſioneiro a Ha-
n; Aſdrubal, e Magon fogem para
adiz ſem eſperança, nem ſoldados.
aõ tardou muito a noticia, que el-
s aqui recebêraõ, de que ſeu irmaõ,
primo Aſdrubal com o exercito po-
roſo, que levava a Italia, fora no
minho vencido, e morto pelos Con-
les Claudio-Nero, e Livio-Salinator; 3802.
tima deſgraça, que os obrigou a
andonar Heſpanha depois do Impe-
o de 344 annos, embarcando-ſe na
ota, que tinhaõ em Cadiz. Scipiaõ
andou ſeu irmaõ a Roma para lhe le-
r a nova da conquiſta das Heſpanhas;
as elle deitava muito além as ſuas viſ-
s, naõ olhando eſta conquiſta ſenaõ
omo hum preludio, ou preparaçaõ
ara a de toda a Africa.

Os mais ſucceſſos deſta guerra naõ
e pertencem. Eu ſó direi por memo-
a da ruina de Carthago, que Anibal,

Annos do Mundo.

naõ podendo ſubſiſtir, ſe retirou de Italia; que Scipiaõ paſſou a Africa, aonde o acabou de vencer na batalha de Zania; que ſugeitou Carthago, merecendo por eſta ultima empreza o nome de Africano; que Anibal, deſprezando a vida ſem gloria, e por naõ cahir nas mãos deſte emulo, ſe matou com veneno, fim tragico de Heróe tamanho. Na diverſidade porém de tantos ſucceſſos naõ vulgares, o valor de Heſpanha, e Luſitania foi o mais attendido, a ſua fidelidade a mais eſtimada; e Roma illuminada, que aſſim o conhecia, naõ perdoou a esforço para conſeguir com a noſſa conquiſta o dominio de taes vaſſallos. Ella, que parecia noſſa libertadora, diſpunha-ſe para ſugeitar-nos: nós que entendemos a idéa, preparamo-nos para defender-nos: Guerra longa, que occupará todo o reſto da Hiſtoria Antiga, e acabará de encher o da Época, que me falta.

Annos do Mundo.

LIVRO II.

Da Historia Antiga de Portugal.

CAPITULO I.

Qualidades dos Romanos, principio da sua guerra em Hespanha depois da expulsaõ dos Carthaginezes.

VIO-SE Hespanha livre do jugo pezado de Carthago, que a opprimia o espaço longo de 344 annos, e entrou a tomar o pezo ao dos Romanos, que a carregou Seculos dobrados. Depois que passou o gosto plausivel, que costuma trazer comsigo a novidade dos governos, que enganaõ com esperanças; ella foi perdendo as da liberdade amavel, que desejava, quando sentio, que a Naçaõ libertadora se revestia do caracter de dominante: quando lhe observou o espirito de valor bellicoso, conquistador, atrevido, inteiramente consagrado á profissaõ das armas, preferindo a tudo a gloria, que provem

3804.

das

Annos do Mundo.

das expedições guerreiras: quando attendeo ás medidas ſabias, que tomavaõ em todos os negocios para dilatar, e engrandecer o Imperio; maxima eſtabelecida na ſua origem, que ſe via practicada á cuſta de tantas Nações livres feitas eſcravas: quando ſe foi inſtruindo nas deliberações de hum Senado, que para ſuſtentar a firmeza do Dominio, ſe compunha de homens intereſſados pelas ſuas fortunas, pelas ſuas dignidades, capazes do governo pelos ſeus annos maduros, pelas ſuas experiencias longas, cheios de luzes, de ſentimentos naõ vulgares para ſe fazerem arbitros do Univerſo: em fim, quando depois de outras muitas obſervações ſobre o caracter dos novos hoſpedes, que tinha em caſa, Heſpanha vio, que aquelle Senado a dividia em duas Provincias para ſerem governadas por dous Pretores Romanos; huma chamada Heſpanha Citerior, que continha as terras, que correm entre o rio Ebro, e os montes Pyreneos; outra Heſpanha Ulterior, que comprehendia as que vaõ do Ebro até ao Ocea-

no,

no, em que ficava incluida toda a Lusitania.

Annos do Mundo.

Hespanha foi feita Provincia Romana pelos annos de Roma 555, quatro depois da paz com Carthago, concluida a segunda guerra Punica, sendo Consules Cayo-Cornelio-Cetego, e Quinto-Minucio-Rufo. Entaõ criou ella dous Pretores além dos quatro, que antes tinha, destinados para o governo das duas Hespanhas Citerior, e Ulterior, de que logo fallaremos. Agora devo dar huma breve noticia dos ultimos successos depois da retirada dos Carthaginezes, e ausencia de Scipiaõ para me contrair logo ao objecto particular do meu assumpto no que respeita á Historia da Lusitania, sem me embaraçar com a de Hespanha, quando ella com a nossa naõ tiver relaçaõ.

Fugidos os Carthaginezes do nosso Continente, partido Scipiaõ para Roma, os dous Principes Hespanhoes seus favorecidos, Indibilis, e Mandonio, observando que Lucio-Lentulo, e Lucio-Manlio-Acidino naõ eraõ Scipiões: que as suas idéas derrotavaõ as

ima-

Annos do Mundo.

imaginações de liberdade com que os haviaõ lisongeado: que os Romanos se valiaõ do direito de conquista para tratarem Hespanha como sua, os Hespanhoes como vassallos. Elles chamáraõ os Póvos das Provincias, appellidando Liberdade. Acodiraõ os Chéfes Romanos a atalhar o mal no principio para naõ lhes ficar mais difficultosa a cura, e com a fortuna que traziaõ ao seu soldo, vencéraõ em disputada batalha aos dous Principes colligados, com morte de Indibilis, e derrota total de Mandonio. Teve este de ceder aos preceitos da necessidade; buscou a salvaçaõ na fugida; mas tendo por impossivel escapar ao furor dos Romanos, convencionou com elles pôr-se nas suas mãos, e servillos com a gente, que o seguia. Elles entaõ tiveraõ por melhor cuidar na segurança, que cumprir a palavra; e cortando todas as cabeças, que lhes podiaõ dar cuidado, a troco do sangue derramado com injustiça, comprou por entaõ Roma huma paz menos segura, quando parecia mais constante,

Annos do Mundo. 3806.

Já destruida Carthago por Scipiaõ, dividida Hespanha nas duas Provincias, vieraõ os primeiros Pretores á Citerior Gneyo-Sempronio Tuditano, taõ bem recebido, que os moradores o matáraõ em huma batalha; á Ulterior-Marco-Elio, que deixou dispostos os nossos animos para os esforços, que fizeraõ pela liberdade em tempo dos seus Successores Quinto-Fabio-Buteo, e Quinto-Minucio-Thermo. Estes Pretores nas duas Hespanhas supportáraõ taõ pezados os golpes da nossa indignaçaõ, que o Senado teve de mandar a ellas com exercito Consular ao Consul Marco Porcio Cataõ Censorino, que naõ se atrevendo a inquietarnos com a guerra, quiz movernos com beneficencias, com religiaõ, com liberalidade, com industrias. Elle avançou tanto as conquistas por meio destas manobras, que dizia depois haver com ellas ganhado mais Póvos, do que em Hespanha estivera dias.

3807.

Scipiaõ Nasica, primo de Scipiaõ Africano, nome fatal a Hespanha, veio succeder a Censorino com a lembrança

ain-

Annos do Mundo.

ainda freſca da morte, que nella haviaõ dado a ſeu pai Gneyo-Scipiaõ. Luſitanos, e Celtiberos nem o eſtimáraõ por quem era, nem pelo que podia o temeraõ. Huns, e outros devaſtáraõ as terras da devoçaõ de Roma; mas Scipiaõ, naõ querendo dividir as forças para atacar ſeparadas as ſuas gentes, entendendo que deſtruidos os Luſitanos, facilmente domaria aos Celtiberos. Eſperou, que elles ſe retiraſſem do interior de Heſpanha carregados de deſpojos, opprimidos das marchas, e com todo o pezo do ſeu exercito os atacou nellas. Cinco horas durou eſte temeroſo conflicto com eſpanto dos Romanos, que compráraõ huma victoria com doze mil dos noſſos mortos pelo cambio de 7900 das ſuas vidas. Se eſta vantagem alentou o partido de Roma, ella deſenfreou o noſſo furor, prompto antes á ruina, que á ſugeiçaõ, mais faceis a perder-nos, que a deixar de deſpicar-nos.

3811. Com rugidos de leões indomitos bramiaõ os Luſitanos por vingança, quando a fortuna lhes metteo a occaſiaõ

em

em caſa. Marchava o Pretor Lucio-Emilio-Paulo contra os Baſtulos de Andaluzia, que foraõ ſoccorridos pelos Luſitanos. Elles atacáraõ ao Pretor, e ſe o fizeſſem com tanto acordo, como cólera, de todo o ſeu exercito naõ eſcaparia huma ſó teſtemunha do eſtrago. O goſto da victoria, ou da vingança lhes fez perder a circunſpecçaõ; a fugida do Pretor os encheo de confiancia, ſem mais advertencia nos ſeus tranſportes, que lembrar-ſe de que elle eſcapára vivo. A dor deſta perda chegou a Roma, que naõ demorou a applicaçaõ dos meios para recobralla; mas o Pretor, que ſabia a noſſa deſordem, e naõ quiz perder tempo no deſaggravo da injúria: em huma ſorpreza nocturna, quando os Luſitanos eſtavaõ enterrados no ſomno, ſem guardas, nem cuidado, degolou dezoito mil. Cuide Roma victorioſa no reparo; que os ſucceſſos lhe vaõ moſtrando baſtaria Luſitania para lhe dar garrote ao orgulho, ſe particular providencia naõ quizera entregar-lhe a dominaçaõ da terra para os fins entaõ occultos á cegueira do ſeu *gentiliſmo.*

Annos do Mundo.

En-

Annos do Mundo.

Entráraõ os Lusitanos por Andaluzia a fogo, e sangue, aonde a Cidade de Asta evitou ser hum dos monumentos do seu furor, sobmettendo-se ao seu jugo. Sobre ella lhes offereceo batalha o Pretor Caio-Catinio, que se teve a gloria de lhes matar seis mil, a perdeo com a vida no repelaõ, que quiz dar aos muros de Asta. Uniraõ-se depois os nossos com os Celtiberos, e talando as campanhas com fortuna, levantavaõ troféos sobre as suas ruinas, em quanto a de Lucio-Manlio naõ sugeitou a fereza daquelles nossos alliados, seus irreconciliaveis inimigos. Naõ lhe impedio o seu destroço tornarem a buscar a nossa uniaõ para se opporem aos designios de Caio-Calfurnio-Pison, que vinha ameaçando vingar a morte do seu predecessor Catinio. Elle naõ se fiou só nas suas trópas para investir as duas Nações colligadas; e convidou ao Pretor da Hespanha Citerior Lucio-Quincio-Crispino viesse ajudallo a devastar a Andaluzia, ou para suspender os estragos que ellas faziaõ pela Carpentania nas terras entre Madrid, e Toledo,

cha-

chamando-as á defensa do proprio Paiz, ou para passarem a Serra-Morena, e ir investillas, aonde quer que as achassem.

Annos do Mundo.

Assim o fizeraõ os dous Pretores, que leváraõ os seus exercitos á Carpentania para semiarem os campos com os seus cadaveres em huma das emprezas mais vergonhosas, que sentíraõ os Romanos na conquista de Hespanha. Em quanto Lusitanos, e Celtiberos recolhiaõ os fructos da sua victoria nos despojos abandonados pelos inimigos, na assolaçaõ dos seus Póvos alliados, em festas, e entretenimentos de humas idades, em que a circunspecçaõ militar dos nossos consistia no valor de accommetter: Os Pretores, que observáraõ a inconsideraçaõ de os naõ seguirmos para de todo os destroçarmos, tiveraõ tempo de recrutar forças formidaveis em Aragaõ, e Catalunha para voltarem a despicar a affronta, ou a consummar a ruina. Entaõ receáraõ os alliados o perigo, que os ameaçava, e os obrigou a entrincheirar-se entre vallos profundos com a face nas margens do Téjo.

Os

Annos do Mundo.

Os Pretores, que tinhaõ empenhada a honra: que ſabiaõ depender daquella acçaõ a ganancia, ou a perda dos ſeus intereſſes em Heſpanha; que ſe viaõ com forças muitas vezes ſuperiores: intrepidos vadeáraõ o Rio, e foraõ os noſſos atacados nas ſuas meſmas trincheiras. Foi de deſeſperaçaõ eſte combate, em que os Luſitanos naõ quizeraõ ſobreviver á perda da ſua gloria. De cincoenta mil, que formavaõ o campo, unicamente quatro mil dos mais ſenſiveis ao amor da vida ſe eſcapáraõ para virem infundir na Patria eſtimulos de nova vingança. Tito-Livio foi quem tirou eſta ſomma pela Arithmetica Romana, que ſenaõ eſtava já nas idades de animar os Faſtos fingindo, ainda naõ tinha perdido o coſtume de os ſublimar encarecendo. Neſte meſmo eſtrago, e nos myſterios com que aquelle grande Hiſtoriador o trata, nós nos inſtruimos no muito que os Luſitanos tinhaõ de formidaveis para os Romanos, que vencedores, ou vencidos os temiaõ, nas derrotas pelo damno, nos triunfos pelo perigo.

Pa-

Annos do Mundo. 3820.

Pacifico levou o tempo da ſua Pretura Publio-Sempronio-Longo por encontrar quietos aos Luſitanos, ou lembrados da paſſada perda, ou diſpondo os meios para deſaggravalla, e como elles naõ faziaõ a guerra, he fiador Tito-Livio, de que algum dos outros Póvos a intentava. Aſſim nos imprimem o caracter de unicos rivaes de Roma, que mediamos o noſſo valor com as forças do maior Imperio. De Publio-Manlio, Succeſſor de Sempronio, temos poucas noticias. Lucio-Poſthumio experimentou entre nós as variedades da fortuna, naõ lhe reſultando gloria pequena de vencer aos noſſos Bracarenſes, alliados dos Póvos Vaſeos ſeus Comarcãos, ambos elles jactancioſos de ſerem inimigos irreconciliaveis da Potencia Romana.

Mas já vinha chegando o tempo feliz de Roma, em que Polybio a repreſenta ſenhora do Univerſo, e que forçava todas as Nações para reconhecerem, que lhes devia ſer ſuperior em poder, e authoridade hum Povo, que lhes levava tanta vantagem

Annos do Mundo.

no merecimento, e na virtude. Naõ ha dúvida que elle, até entaõ contraido a eſpaços curtos de terreno, correo como rio rápido, como mar rompeo os diques, e com furia incrivel innundou quaſi inteiras as tres partes do mundo. Reunindo em ſi a República Romana os Reinos, e as Nações, já por eſtes tempos ella as fazia gozar á ſua ſombra da boa ordem, da paz, da inſtrucçaõ, que lhes hia depondo a barbaridade. Por iſſo diſſe Plutarco, que Roma naõ media as ſuas victorias ſobre a multidaõ dos mórtos, ſobre a grandeza dos deſpojos, nem pelo número das conquiſtas de Praças, e Cidades. Que ella firmava a ſua gloria em humilhar as Nações, em ſugeitar os Reinos, em conquiſtar as grandes Ilhas, e vaſtos Paizes. Aſſim como a temos viſto, e veremos amontoar triunfos a triunfos, conquiſtas a conquiſtas ſobre nós, aſſim o fazia ella já por todo o mundo. Hum ſó golpe abateo a Anibal, outro a Filippe, outro baſtou para lançar da Aſia ao grande Antioco. Neſte

meſ-

Annos do Mundo.

mesmo anno naõ foi necessario mais que hum mez para a conquista de Macedonia, outro mez para a do Reino de Illiria, e para metter em ferros aos dous Reis Gencio, e Perseo. Hum só dos seus homens, Pompeo, na carreira de huma mesma expediçaõ, elle sobmetteo a Armenia, o Ponto, a Syria, a Palestina, a Arabia, os Albanezes, os Hiberos, e fixóu os limites da dominaçaõ Romana nos mares Caspio, e Vermelho.

Esta he a Potencia com quem combate Lusitania, e Hespanha; e ella naõ sugeita estes pequenos Estados, como as grandes Regiões, em mezes, nem em annos. Ella gasta seculos em os render, e empenha os seus Heróes mais aguerridos em os sugeitar, como iremos vendo no fio da nossa Historia. Nós fomos a prova da verdade com que affirmou Santo Agostinho, que a justiça dos Romanos os fizera senhores do mundo: com que attestou Plutarco, que a fortuna de Roma naõ fora obra dos homens, mas de Deos: com que disse Polybio, que

Annos do Mundo.

CAPITULO II.

Continuaçaõ da guerra com os Romanos até o tempo de Viriato.

3808. NA Pretura de Hefpanha dá-quem dos montes fuccedeo Tiberio Graco a Publio-Manlio, que por defigual conduta fuftentou com merecimento raro o explendor do feu nafcimento. Elle tinha huma alma grande, hum efpirito alto, huma eloquencia vehemente para attrahir os animos, hum zelo vivo pela juftiça, huma compaixaõ natural para os miferaveis, hum odio irreconciliavel contra a oppreffaõ, de que nafcia que a refiftencia lhe fizeffe degenerar o valor em animofidade. Como no feu tempo ardia a guerra em Lufitania, que a nada perdoava para fuftentar a liberdade, elle veio foccorrer ao feu companheiro Lucio-Pofthumio, que governava a Hefpanha Ulterior. Nella expediçaõ nos reprefentaõ os Efcritores Romanos degolados 30☉ Lufitanos Bracarenfes pelas ar-

armas dos dous Pretores, ſem nos fa-zerem memoria da ſua perda, nem da fórma, e lugar de taõ grande batalha.

Annos do Mundo.

O caſo verdadeiro, que nella ſuccedeo, foi o ſitio, que Tiberio poz a huma das noſſas Cidades com todo o vigor, e induſtria do ſeu eſpirito, e dexteridade. Os da guarnaçaõ lhe repreſentáraõ deſiſtiſſe do empenho contra Luſitanos, que naõ ſe abatiaõ a esforços, nem os ſujeitaria a fome, por terem na Praça mantimentos para dez annos. O General aſtuto lhes reſpondeo fleugmatico: Eu acredito o que me dizeis, e aqui eſtarei á voſſa viſta eſperando o anno onze para vos render. Os Luſitanos paſmados do genio fogoſo ſe cobrir de neve, naõ lhes ſoffrendo os animos eſtar fechados, e ocioſos, entregáraõ a praça para deſpicarem a injúria na campanha. Os bons ſucceſſos deſtes Pretores fizeraõ que Roma os recebeſſe como triunfantes; a Poſthumio por vencedor dos Luſitanos, e mais Póvos Comarcãos, e a Gracco dos Celtiberos, e ſeus confederados.

De-

Annos do Mundo. 3847.

Depois delles, nós ignoramos os succeſſos de muitos annos até chegar a Heſpanha o Pretor Marco-Manilio, que experimentou o reſentimento dos Bracarenſes, ainda naõ eſquecidos da paſſada injuria. Elles entráraõ pelas terras dos alliados augmentando as ſuas forças, logo pelas dos Romanos deſcarregando-as. Para que a falta de Chéfe naõ foſſe para elles cauſa de ſegunda ruina, poſeraõ na ſua téſta com o caracter de General ao bravo Apimano, que repreſentava o cargo na peſſoa, e o deſempenhava com as obras. Tirou o odio da eſpada, e nas campanhas naõ podêraõ os Romanos ſoportar-lhe os golpes. Acodio o Pretor a atalhar as ruinas, a fazer parar as correntes de tanto ſangue, e ſe encontra com os Luſitanos carregados de deſpojos. Apimano lhes ordena, que para empregarem nas armas todos os affectos do coraçaõ, os entreguem ao fogo; e mais eſtimulado o odio com o ſentimento da perda, naõ pódem reſiſtir os Romanos a hum valor offendido por duas cauſas. Quaſi todos os inimigos morrem, e vi-

victoria taõ completa merece a Apimano a deviſa honroſa de Libertador de Heſpanha.

Annos do Mundo.

3848.

Manda Roma recobrar o credito, e a perda por Calfurnio Piſon, e pelo ſeu Queſtor Terencio Varro, mas eſte perde a vida, aquelle outra grande batalha, que deixa aos Luſitanos ſenhores do campo para os talarem ſem reſiſtencia. Apimano, que nelle naõ encontra inimigos, naõ lhes quer dar reſpiraçaõ, nem elle eſtar ocioſo, determina-ſe a conquiſtar Cidades. Elle poem apertado cerco á de Blaſtofenices, que ſe entende fundaçaõ dos Heſpanhoes chamados Blaſtos; e picado da reſiſtencia dura, que nella encontra, reſolve-ſe aſſaltalla em peſſoa. Sobe Apimano aos muros como ſoldado valente, eſquecido da ſua conſervaçaõ como General neceſſario, e hum golpe vago lhe tira a vida, golpe, que deixou aos Luſitanos ſem alma. Elles ſe retiraõ, perdendo o deſalento de muitos homens, quanto ganhára o valor de hum; baſtando a temeridade do Chéfe para derrotar as vantagens da Patria.

Os

Annos do Mundo.

Os Lusitanos costumados a vencer com Commandante, e a perder-se em guerra tumultuaria, observando em Cesaron qualidades para desempenhar as obrigações de successor de Apimano; elles o elegêraõ seu Chéfe affortunado, que resuscitou a gloria da Lusitania, e fez reviver os sustos de Roma. Mandou esta para Pretor a Lucio Mumio, que de longe se jactava em triunfos imaginarios antes de ver a face dos perigos. Cesaron quiz poupar-lhe o trabalho das marchas, e depois de o enganar industrioso, postado nas margens do Guadiana, como quem queria disputar-lhe a passagem; elle o vem trazendo até aos planos de Villa-Viçosa para medir o valor com igualdade em campo aberto. Vieraõ ás mãos as Nações competidoras, huma fiada na sua fortuna, outra na sua corage; mas cedendo a segunda á primeira, quando os Lusitanos se retiravaõ, sem ordem, os seguiaõ sem piedade os Romanos.

Cesaron sente com igualdade o estrago da gente, e a quebra da reputaçaõ no primeiro encontro, em que de-

Annos do Mundo.

deſejava eſtabelecella. A cólera lhe miniſtra acordo, a authoridade lhe dá força para enriſtar a lança, buſcar a vanguarda dos deſmandados, ſoſter a precipitaçaõ dos fugitivos, e reconduzillos á batalha. Com hum Eſquadraõ formado elle ataca os magotes diſperſos, occupados nas mortes, e nos roubos; muda no meſmo theatro a ſórte, e no primeiro repelaõ degola cinco mil Romanos. Eſta diverſaõ favoravel animou o reſto da tropa, que buſcou a bandeira do ſeu Capitaõ; lançou-ſe ſobre os Reaes de Mumio, que com a perda de outras cinco mil vidas pagou a confiança da victoria. Luſitania ſe enriquiceo com deſpojos immenſos; os Numantinos, e Celtiberos reſpiráraõ das oppreſsões, que lhes cauſava o Pretor Quinto-Fulvio-Nobilior, que com a dignidade de Conſul lhes fazia mais vigoroſa a guerra, e Roma ſe aſſuſtou com a noticia, de que todas as Provincias de Heſpanha ſe conjuravaõ para ſacodir o jugo.

3849. Mas a ſua potencia era hydra, que no lugar das cabeças cortadas reproduſia

Annos do Mundo.

sia outras. Da confiança audaz com que os Lusitanos em quadrilhas sahiaõ a motejar a covardia dos Romanos se fez participante Cesaron, que devia ser General mais circunspecto para se escusar da nota de zombar dos inimigos vencidos. Elle se poz com seis mil homens na frente das trincheiras de Mumio, que com a honra offendida, naõ duvidou sacrificar a vida em seu obsequio. Elle sahio, e atacou a Cesaron taõ denodado, que lhe tirou a vida; fez as trópas em postas; renovou a reputaçaõ, e das cinzas dos estragos resuscitou a gloria de Roma. Antes havia elle empenhado com votos a Deidade de Proserpina, que agora chamou Reparadora no Templo magnifico, que em cumprimento da promessa fez edificar em Villa-Viçosa grato, e officioso.

Os Lusitanos da Comarca de Lisboa escandalisados da quebra dos seus Patricios, sem paciencia para soffrerem a jactancia de Mumio, que com a morte de Cesaron dava por acabada a guerra da Lusitania; naõ o quizeraõ dei-

deixar ſatisfazer o voto ſem ſuſtos, nem acabar a obra em paz. Elles elegem por ſeu General ao bravo Canchenо, que ajuntando hum groſſo exercito ſe lançou ſobre o Algarve, e paſſado o Guadiana, ganhou a Cidade de Cuniſturgi, que hoje he a Villa de Niebla, e com huma innundaçaõ de victorias, ſobmetteo as praças Romanas até Gibraltar. Os eſpiritos elevados com os triunfos, eſquecêraõ a prudencia para fazer os ſeus officios a arrogancia, que reſolveo inconſiderada dividir as forças, parte para acabar de diſſipar o partido de Roma em Andaluzia, parte para paſſar o mar á conquiſta das Cidades Africanas de Carthago. As primeiras ſe empenháraõ no ſitio da Cidade de Orciles, que ſe diz ſer Origuela, aonde os ſoldados perdêraõ a diſciplina, occupando-ſe em pilhar a terra. Mumio, que acabára a obra do Templo, elle ſe aproveita da confiança, e deſordem dos Luſitanos, que naõ podendo derrotar valeroſos, foi-lhe facil degollar a todos por divididos.

Annos do Mundo.

Annos do Mundo. 3850.

Em quanto Mumio recebia em Rom aas honras de triunfante dos Lusitanos, o seu successor Marco-Atilio os observava com semblante de senaõ sobmetterem ao jugo antes de tirar as ultimas próvas á fortuna. Primeiro que elle rompemos nós a guerra com vantagem; mas ella se nos fez sensivel pela ruina da Cidade de Ostrace, de que já mais nos deixáraõ memoria a Tradiçaõ, nem os Escritos. Este estrago lastimoso penetrou o fundo dos espiritos com tal espanto, que os Póvos Comarcãos, sem reserva dos nossos bravos Vetones, se sobmettêraõ ao Pretor, que os deixou tributarios. Elle parte para Andaluzia, que se consolava de ver aos Lusitanos participantes da sua sórte infeliz; mas os Vetones indomitos se aproveitaõ da sua ausencia para reunirem os visinhos; e de novo mostrarem a Roma, que os Lusitanos naõ saõ como as outras gentes, que rendem as liberdades aos destroços, antes se servem delles para animar a corage, senaõ para viverem livres, para acabarem vingados.

Che-

dos, ſahio cedo á campanha; mas elles, que vigiavaõ, lhe poupáraõ grande parte do caminho para lhe tomarem conta dos eſtragos eſpantoſos, que a ſua crueldade commettêra nos terrenos do Algarve, e Campo de Ourique. Os primeiros repelões foraõ vantajoſos aos Romanos para maior ruina ſua; porque os Luſitanos eſcandalizados das mortes deſapiedadas, ſem quartel, que o barbaro Pretor mandava dar nos que ſe rendiaõ; elles voltáraõ caras com tanta mudança da fortuna, que da priſaõ apenas pode eſcapar Servio-Galba com poucos cavallos. Fiáraõ-ſe os Luſitanos no reſpeito de tamanha victoria para voltarem a ſuas caſas a cuidar na cultura dos campos. Deſcuido, de que ſe aproveitou Galba para invadir as terras do Algarve com hum corpo de 20ↀ homens, fazendo eſta nova guerra com as reliquias Romanas, que ſempre compráraõ os triunfos com os ſeus deſtroços.

Os Turdetanos Algaravios, e mais Póvos ſeus Comarcãos, que goſtavaõ a doçura do ocio, e principiavaõ a dei-

lei-

Annos do Mundo.

leitar-se nas utilidades da agricultura, deixáraõ-se soprezar do susto panico desta invasaõ, e pedíraõ paz ao Pretor. Elle a concede fraudulento; assentando por preliminares, que para as suas propostas serem attendidas, todo o seu campo devia depôr as armas para ouvirem as condições da paz já com esta apparencia de pacificos. Naturalmente sabio, e eloquente Galba, com tantas persuazões, ternuras, vantagens, e interesses futuros, de tal sórte enganou os Lusitanos, que conseguio delles quanto quiz. Entaõ o Pretor barbaro, e infiel mandou tocar a degollar, e investindo o corpo desarmado, lhe passou nove mil homens á espada. Deste primeiro campo voltou a furia a outros dous, que Galba havia mandado postar em lugares differentes, e os tratou do mesmo modo. Poucos se salváraõ com vida desta mortandade horrenda pela espessura dos bosques; mas entre elles foi hum Viriato, que he quem basta para agradecer a Roma este serviço; para com a sua espada dar mais pezo

á

á gravidade defta infamia, para elle fer o vingador feroz da injuria da Patria.

Annos do Mundo.

Em quanto Viriato bufca a falvaçaõ nos montes, nós diremos delle, que era todo Lufitano, fem miftura de outra alguma Naçaõ, no nafcimento hnmilde, nas obras illuftre. Pela grande opiniaõ do feu valor, do exercicio de guardar rebanhos, e perfeguir as féras, os homens o eleváraõ ao emprego de General, de Chéfe, quafi de Principe. Os primeiros que fe aliftáraõ debaixo das fuas bandeiras foraõ os patricios Lufitanos, que com a fama das fuas victorias attrahíraõ outros Póvos de Hefpanha á fugeiçaõ do feu Commandante, conquiftador das terras que correm do Téjo ao Ebro. Nós veremos, que nem Pretores, nem Confules de Roma poderaõ fofter-fe firmes na fua prefença. Que elle com igual aftucia, que valor; com invenções taõ maravilhofas, como delicadas; amado dos amigos, e temido dos contrarios, fuftentou baftantes annos a gloria da Lufitania, e promo-

Annos do Mundo.

veo a ignominia dos Romanos. Que pelo ſeu meſmo teſtemunho elles o confeſſaõ Rival invencivel, competidor incançavel; homem monſtruoſo, que para ſe deſcartarem delle, lhes foi neceſſàrio pagar a Aſſaſſinos infames. Com razaõ lhe chamou Floro o Romulo de Heſpanha; porque ſe lhe continuára a fortuna com a vida, fundára nella o Imperio, que em Roma fundou Romulo. Os ſeus Eſcritores lhe chamaõ Ladraõ, para deſacreditarem as ſuas correrias, a guerra furtiva, em que os Heſpanhoes eraõ deſtros, ſobre todos os Luſitanos, que com ella atormentáraõ a ſua jactancioſa Roma. Por ſer taõ bom Ladraõ os Póvos elegêraõ por ſeu Chéfe a Viriato, que foi o eſcandalo dos Generaes, dos Pretores, dos Conſules Romanos. Aſſumpto ſublime, para que a Hiſtoria já chama pelas noſſas attenções.

Annos do Mundo.

CAPITULO III.

Primeiras acções de Viriato, e estado da Disciplina militar das Hespanhas no seu tempo.

3851.

FINJA Roma, que desestima a Galba por traidor, quando estimava os effeitos da sua traiçaõ; que Viriato penetrado até ao fundo do coraçaõ dos eccos lastimósos dos seus Patricios agonizantes, nas idéas da sua magnanimidade traça os meios para a vingança de tantos innocentes assassinados. Com os poucos que o seguíraõ depois do estrago, elle baixa dos montes para ver se se encontra com alguns vivos escondidos entre tantos milhares de mórtos. Novamente gemem os coraçõcs agoniados com a vista de tantos objectos de lastima, que obrigaõ Viriato a inventar huma nova fórma de juramento, como disposiçaõ sagrada para fazer inexoravel a vingança. Elle persuade os seus camaradas, que mettendo as mãos nas feridas, e ensopan-

Annos do Mundo.

do-as no ſangue virginal das donzellas, e meninos as levantem ao Ceo, promettendo perder antes as vidas, que deſiſtir hum ponto nos proteſtos de reduzir os Romanos ao meſmo eſtado dos ſeus amados innocentes. Feita eſta ceremónia, com paſſos accelerados entra por Luſitania, aonde expoem o ſucceſſo, a força do ſeu juramento, e diz que o ſigaõ todos os que amaõ a Patria. Com huma trópa de deſtemidos, Viriato a fogo, e ſangue, reſpirando cólera, entra pela Carpentania, quando chegava de Roma Marco-Vetilio para Succeſſor do deshumano Servio-Galba.

3852. Elle ſe encontrou com dez mil partidarios de Viriato, que andavaõ derramados por Andaluſia fazendo o terror commum: elle ataca alguns córpos, que derrota, e obriga Viriato a ſalvar o reſto em huma Cidade para o animar a defender-ſe. Tanto apertou eſte ſitio o Pretor prudente, que os Luſitanos ſe inclinavaõ á paz, que elle lhes propunha. Viriato com razões fortes, lembranças triſtes do

paſ-

paſſado, deſconfianças juſtas da pouca fé dos Pretores, deo taes alentos aos eſpiritos languidos, que todos mudáraõ de parecer; elegêraõ a Viriato para Capitaõ General da Luſitania, e Defenſor da ſua liberdade. Já Chéfe obedecido, elle ſahe da Cidade com mil cavallos, que ſuſtentáraõ hum dia inteiro o pezo do campo contrario, em quanto a infantaria abandonava a Praça, e com marcha forçada ſe recolhia ás da Luſitania. O meſmo fez Viriato na noite, e quando amanheceo o dia, o Pretor ſe vio ſó no campo, a Cidade ſem gente, elle em maior perigo; que ardid taõ generoſo, ſe lhe provocava a cólera, eſtabelecia a reputaçaõ de Viriato, animava Heſpanha, aſſuſtava a Roma.

De todas as partes buſcavaõ os Luſitanos a Viriato, e Vetilio por credito o ſeguia com receio até a antiga Cidade de Tribola entre o Guadiana, e Gibraltar, aonde elle ordenára á infantaria, que o eſperaſſe. O credito deſta retirada foi o primeiro pregaõ da fama de Viriato, o eſtimulo do fu-

Annos do Mundo.

ror de Vetilio, que resoluto a castigalla, marchava pelos mesmos riscos, e montanhas, que para Viriato foraõ azylo, estrago para Vetilio. Observou o primeiro hum passo estreito na garganta de dous montes, por onde o Pretor havia fazer caminho, e occultando nos mattos dos seus cumes a gente escolhida, esperou que o inimigo, posto pé em terra, descançasse naquelles vales da fadiga das marchas. Entaõ sahíraõ das espessuras, e das cavidades dos penedos os Lusitanos rugindo como féras, que no primeiro avance tragáraõ a vida de Vetilio com as de quatro mil Romanos. O seu Questor foge para a Cidade de Tarteso com os destroços, que reforça de trópas Andaluzes, e Celtiberos seus alliados para se despicar de Viriato em campanha raza. Elle lhe satisfaz os desejos sem procurar mais vantagens, que as do valor, taõ monstruoso neste combate igual, que affirma Apiano, naõ escapára hum só Romano de onze mil com que o Questor atacára o bravo Chéfe.

Já

Já o nome de Viriato se ouvia com espanto em Roma, que temeo nelle outro Anibal. Pelos campos de Madrid, e Toledo exterminava elle quanto havia de Romanos em satisfaçaõ do seu juramento, quando chegou o novo Pretor Gayo-Plaucio, poderoso com as muitas trópas de refresco. Viriato com forças muitas vezes inferiores lhe apresentou batalha, e querendo o Pretor acceitalla, outro estratagema delicado do Ladraõ Lusitano o deixa só no campo, ignorante do modo, e lugares por onde elle se retira. Por quanto mil cavallos ligeiros mandou Gayo picar-lhe a retaguarda; mas Viriato voltando caras os fez em póstas. O Pretor, que o seguia, quando avistou o campo, Viriato havia passado o Téjo, e entrado na Lusitania, que o recebeo nos corações.

Em quanto Gayo discorria atonito como havia contrastar o valor, e industrias do seu competidor, a Patria lhe fornecia soccorros, e de Hespanha marchavaõ os mais alentados homens

Annos do Mundo.

a alistar-se debaixo das bandeiras do flagello de Roma. Elle se postou no monte de Venus, que hoje chamaõ Pomares, junto á Cidade de Evora, para esperar a pé firme o Pretor, que com o exercito reforçado entrára a visitallo na casa propria. Arrostáraõ-se os bravos campos com tanta furia dos Romanos, que os nossos lados principiavaõ a perder terreno; mas o esquadraõ de Viriato, participante do seu espirito, e da sua fortuna, se conduzio de modo, que pondo em fugida ao Pretor com parte da cavallaria, o resto de taõ numeroso exercito foi hum despojo da cólera, que ensopava o ferro amolado nas pedras de muitos odios. Aqui pagou o sangue Romano com usuras o muito que derramáraõ os Lusitanos na traiçaõ de Galba; e Roma com esta noticia teme, que Viriato prosiga as idéas de Anibal; que passe os Alpes, e o veja ás suas portas com a viseira baixa.

As gentilezas dos Lusitanos, e mais Póvos de Hespanha, que eu tenho referido nesta Historia com tanta bre-

brevidade, especialmente na Época presente, que vou tratando: ellas marcaõ bem como as nossas gentes, naõ só eraõ valerosas; mas bem instruidas na extençaõ da Arte Militar. Em quanto aos Lusitanos, diz Diodoro-Siculo, e o confirma Joaõ Botero Benes, famoso Cosmografo do Imperador Carlos V. que elles eraõ estimados pelos Póvos mais aguerridos, ferozes, e indomitos de toda Hespanha; que sustentáraõ valerosos a alternativa dos successos depois da invasaõ dos Romanos até ao Imperio de Augusto por espaço de 200 annos. Todos os mais Seculos, que se seguiraõ de Augusto até agora saõ outras tantas próvas desta verdade, assim como he a authoridade de Lucio-Floro, que assegura cahira sobre os Lusitanos, e Numantinos todo o pezo da guerra de Roma. Para nós conhecermos o discernimento militar dos antigos Lusitanos, basta sabermos, que elles naõ fiavaõ os seus successos do acaso, antes elegiaõ sabios Chéfes, que os governasse, como vimos nos Apimanos, Canchenos, agora Viriato, e de-

Annos do Mundo.

Annos do Mundo.

depois Sertorio. As ſuas luzes militares os illuſtráraõ para naõ repararem no humilde naſcimento de Viriato, na fortuna triſte de Sertorio, e diſtinguil-los como homens neceſſarios para a defenſa da Patria, para a conſervaçaõ da liberdade, para abaterem o orgulho de Roma: Duas acções, e eleições dos Luſitanos, que daõ bem a conhecer os ſeus profundos talentos na Arte da guerra. E quem dúvida, que elles elevariaõ o ſeu Imperio ſobre o Romano, ſe a traiçaõ, e perfidia dos Pretores naõ os houveſſe privado de huns Chéfes taõ capazes de irem pregar os ferros das ſuas lanças nas portas de Roma?

Naõ ignoraõ os ſabios o eſpirito marcial dos Celtiberos; quantas vantagens conſeguíraõ dos Carthaginezes; depois ſervindo a Anibal, quantas gentilezas obráraõ na batalha de Cannas; quanto ſe oppoſeraõ ao valor, e fortuna de Scipiaõ; quantas vezes os Romanos os aliſtáraõ com groſſas pagas para auxiliares dos ſeus exercitos. Os Gallegos, que ſegundo os noſſos antigos confins, tambem eraõ Luſitanos, me-

re-

Annos do Mundo.

recêraõ pela ſua corage, e diſciplina as attenções, e elogios dos Eſcritores da antiguidade. Até as ſuas mulheres, como viſinhas das noſſas Bracarenſes, as imitaraõ em ſer hum aſſombro na guerra; Amazonas intrepidas, que recebiaõ as feridas calladas, e davaõ a conhecer que morriaõ, quando com os eſpiritos perdiaõ o movimento. Em nada inferiores os Aſturianos, e Cantabros, elles competiaõ comnoſco em trazerem atropelados aos Romanos. Os Turdulos, e Turdetanos Andaluzes, amigos da paz, da ſociedade, e do Commercio, naõ quizeraõ ſer participantes da ferocidade, e applicações bellicas dos ſeus viſinhos. Por iſſo os Pretores, que vinhaõ á Heſpanha Ulterior, ſem ſuſtos reſpectivos a Andaluſia, ſó cuidavaõ na guerra da Luſitania, e Galliza: e Auguſto com eſta inſtrucçaõ, reſervou para ſi os Póvos Luſitanos, e Tarraconenſes renovadores da guerra, abandonando ao Senado, e ao Povo a Betica pacifica, como diz Eſtrabaõ.

Pe-

Annos do Mundo.

Pelo contrario os noſſos Turdulos, Turdetanos, e Celtas da Luſitania fizeraõ as invasões militares, que eu tenho referido. Elles penetráraõ a Galliza além do rio Limia até quaſi ao Cabo Nerio: eſtabelecêraõ-ſe valeroſos entre o Téjo, e o Douro; chegáraõ ao Promontorio Sacro; rompêraõ as margens, e correntes do Guadiana; penetráraõ a Betica, e colhêraõ fructos copioſos de aſſinaladas victorias. Muitos deſtes homens fizeraõ vacilar a fortuna de Ceſar na batalha de Munda ao lado dos filhos de Pompeo. Dos noſſos Vetones vimos nós em muitas occaſiões as elegancias da ſua corage. Os Vaceos, e Arevacos ſe fizeraõ famoſos nos ſitios de Numancia, Uxama, Segeda, Palencia, Calahorra, e outras muitas Praças. Os Balbos Gaditanos foraõ hum eſcandalo dos Romanos, e entre elles Cornelio-Balbo o primeiro Conſul eſtrangeiro. Eſtas ſaõ as gentes bravas, aguerridas, diſciplinadas, que temos de ver façanhoſas debaixo das ordens de Viriato; e devemos ſaber, que a victoria ſobre ellas, quando o

resto do mundo já estava sugeito ao Imperio Romano, o feliz Augusto pela paz universal a contemplava o complemento da sua felicidade. O ponto fixo do rendimento destes Póvos foi a Época luminosa de Roma; os Preliminares da Paz do Universo; o preparo para a vinda do Rei Pacifico, e para onde vai correndo apressada a breve Historia deste Tomo até se encontrar com aquella Época mais brilhante de todos os Tempos, e de todas as Historias.

Com o valor destas Nações, a que eu descrevo o caracter, Viriato se opoz á destreza, fortuna, e potencia do Imperio Romano. Delle conseguio victorias taõ completas, que logo na do Monte de Venus, que acabei de referir, os mesmos Romanos entenderaõ, que elle hia a ser preza de Viriato com mais evidencias pela disciplina valerosa das gentes de Hespanha, do que o esteve para ser no tempo de Anibal. Deste receio naquella idade feliz se viraõ depois as próvas nas Inscripções dos Monumentos dos Romanos distintos,

que

Annos do Mundo.

que morrêraõ naquella batalha, e davaõ as ultimas despedidas á liberdade da Patria, que sendo senhora do mundo, a julgavaõ sobmettida ao jugo de Viriato. Elles naõ se enganavaõ, se os seus Pretores, nada conseguindo de nós com o esforço das armas, naõ mettessem em uso a perfidia para, pelo meio de traições covardes, nos privarem dos Chéfes capazes de conduzir os nossos designios até a hum complemento perfeito de vantagem sobre elles.

CAPITULO IV.

Continuaõ-se com as expedições de Viriato contra os Romanos.

3853. TRIUNFANTE Viriato nos campos de Evora, fez tremolar vencedores os seus Estandartes por toda Hespanha com tanto terror dos Romanos, que apenas respiravaõ com desaffogo no azylo das Praças fortes. Roma, que já sentia perder o Dominio de Hespanha, mandou a ella ao experimentado Pretor-

Clau-

Claudio-Unimano para reparar a ruina dos ſeus negocios com a deſtruiçaõ de Viriato. Elle havia reforçado o exercito na Luſitania, quando ſoube que o Pretor vinha com grande aparato a viſitallo. Viriato cortez o foi eſperar ao Campo de Ourique, terra árida; mas theatro glorioſo das façanhas Portuguezas a beneficio da liberdade. Á viſta da noſſa formatura, o Pretor teve a victoria por infallivel: á ſenſibilidade dos noſſos golpes mudou de conceito. Elles abateraõ todo o exercito; todos os ſeus homens juncáraõ cadaveres as campinas dilatadas de Ourique; com as ſuas Bandeiras coroámos os montes da Luſitania; os ſeus deſpojos immenſos deixáraõ os ſoldados ricos, e Claudio deveo a liberdade á ligeireza de hum cavallo Andaluz, que o poz em ſalvo neſta Provincia ſua alliada.

Naõ ſe demorou elle em participar eſta infelicidade a ſeu companheiro o Pretor Cayo-Negidio, rogandolhe acodiſſe a reparar o credito das armas Romanas, antes que Viriato de vencedor paſſaſſe a inſolente. Elle entrou

Annos do Mundo.

trou pela Beira nadando em rios de ſangue, que ſem reſiſtencia derramavaõ eſpadas vingativas. Viriato abandona todos os outros projectos para acudir á Patria opprimida; e baſtou a noticia da ſua marcha para o Pretor ſe entrincheirar dentro de huns vallos taõ altos, e taõ profundos, que ainda hoje ſe lhes conhecem os veſtigios junto á Cidade de viſeo, aonde eſtá huma Hermida de S. Jorge. Deſejava Viriato combatello no campo, ou fazer priſioneiro o exercito, e ſitiou-o em fórma; ordenando das ſuas trópas hum corpo para inveſtir as trincheiras no caſo dos Romanos ſahirem dellas, em quanto o groſſo da gente ſuſtentava a batalha. A fome extrema os forçou a deixar as linhas, e quando buſcavaõ os meios para ſuſtentar a vida, encontráraõ a morte. Succedeo nos campos de Viſeo o meſmo que nos de Ourique. Os Reaes foraõ forçados; a guarniçaõ dellas degollada; o exercito feito em poſtas: e eſcapáraõ com o Pretor Negidio os que corrêraõ como elle.

Annos do Mundo.

Esta derrota acabou de satisfazer a justa vingança dos Lusitanos sobre a traiçaõ de Galba, já tocado hum sangue com outro sangue, contrastada huma infamia Romana por muitas heroicidades Lusitanas: partos de espiritos taõ sublimes, só a si iguaes na magnanimidade; porque eucontrando no campo muitos cadaveres de Romanos illustres, que em algumas occasiões mostráraõ inclinaçaõ á sua Patria; elles lhes deraõ sepultura honrada, e esculpíraõ nas campas Inscripções brilhantes, que marcavaõ o seu merecimento na vida, a nossa gratidaõ depois da morte, e passados Seculos ellas vieraõ a ser o testemunho elegante desta gloriosa victoria. Ella deixou os inimigos taõ consternados, aos nossos taõ affoutos, que já naõ mediaõ proporções para os combates. Em quanto Viriato marchava para o Alem-Téjo, os paizanos da Beira, que haviaõ acabado de espoliar o campo da batalha, com corage incrivel exterminavaõ o resto das trópas Romanas, que se retiravaõ para as Cidades amigas.

Annos do Mundo.

Mostrou entaõ Lusitania, que naõ só levava vantagens a Roma em Varões famosos; mas que criava Heroinas mais decantadas, que as Clelias, e que as Lucrecias. Excedeo a Romana Lucrecia a Lusitana Ormia, que antes de lavar com o sangue proprio a nodoa involuntaria da pureza, vingou a injuria do seu esposo com a morte do Romano adultero, que a forçára. Depois que ella o matou, entaõ se mata. Leváraõ vantagem ás Clelias as nossas Matronas, que nesta invasaõ de Negidio, sendo muitas cativas conduzidas com os seus homens para Castella, todos com as mãos prezas: ellas, quando os inimigos dormiaõ, as soltáraõ com os dentes; desatáraõ-as dos maridos; lançáraõ-se ás armas dos Romanos; degolláraõ a todos; vestíraõ os seus uniformes, e voltáraõ á Patria, sem que no combate, e no caminho mostrassem differença de sexo.

A reputaçaõ de Viriato tinha sobido a taõ alto gráo de sublimidade, que naõ só trouxe a Hespanha hum ho-

mem do tamanho de Caio-Lelio; mas obrigou o Senado a mandar daqui em diante exercitos Consulares para abaterem a ferocidade de huma alma, que nutria com a repetiçaõ dos perigos. Lelio, que naõ queria arriscar a sua, os dous annos do seu governo se conduzio reportado, sem buscar nem fugir da guerra, sempre longe de Viriato. Naõ se satisfazia com a inacçaõ de Lelio o Senado Romano, que mandou em seu lugar á Hespanha Ulterior ao Consul Fabio-Emiliano, filho do grande Paulo-Emilio, e á Citerior a Lucio-Hostilio-Mancino, tambem Consul, ambos com exercitos correspondentes aos seus cargos.

Annos do Mundo.

Com a mesma fortuna que teve seu pai em Macedonia, combateo Emiliano a Viriato em Andaluzia. Cedeo huma vez o Varaõ forte com perda de gente, de terreno, de duas grandes Cidades, que antes ganhára na face do Consul, e sentio, que o nome de Fabio havia ser taõ respeitavel a Viriato, como já tinha sido a Anibal. Este avance foi huma sorpre-

Annos do Mundo.

za nocturna, que naõ achou desprevenido a Viriato; mas esta sua retirada bastou para respirar Roma, para se animar Fabio, para os Romanos naõ estimarem a Viriato por invencivel. A sua corage se redobra com o successo de Galliza. Os moradores de Entre-Douro e Minho, que suppunhaõ longe de si aos Romanos, se armáraõ contra os Gallegos, ou para os dominarem soldados, ou para viverem com elles nas suas terras como paizanos. Receou o Consul Lucio-Hostilio, que este apparato descarregasse sobre os Póvos Vaseos, e Celtiberos seus colligados. Elle os busca com marchas forçadas, e foi-lhe facil passar á espada trinta mil, que achou pelo campo sem ordem, desgarrados, desprevenidos.

3858. Occupado com idéas de paz apparente encontrou o Pretor Popilio a Viriato, que a pedio cortez, e lha concedêraõ facil, quando o seu projecto era alistar gente, e fazer alliados. Tanto que elle dispoz os animos dos Arevacos, Ticios, e Bellos, visinhos de Numancia, para a guerra, entrou

a

Annos do Mundo.

a fogo, e sangue pelo Riba-Coa. Popilio para naõ perder a devisa honrosa de Domador de Viriato, que adquiríra pela paz, que lhe concedêra, marcha com as suas trôpas a deter-lhe o passo; mas a gente luzida do seu exercito foi despojo da espada de Viriato, que da derrota passada fez materia para o furor presente. He culpavel nas victorias procurar despiques; esquecer a humanidade para lembrar a vingança. Já Viriato o tinha experimentado com Fabio, agora o torna a sentir com o novo Pretor Pompeo; aquelle, que desaffrontou os seus Predecessores; este, que desaggrava a Popilio. Quando chegou o Pretor Pompeo, que vinha resoluto a entrar logo em Lusitania, Viriato estava entranhado em Hespanha, donde marchou para acodir á Patria; trazendo de soccorro tres esquadrões de alliados para a sua ruina; hum de Ticios, que mandava Dictaleaõ; outro de Vaseos, que regía Minuro; outro de Bellos, que commandava Aulaces, tres Chéfes covardes, que logo veremos traidores infames.

3859.

Nos

Annos do Mundo.

Nos campos de Evora o buſcou Pompeo, que fez dobrar os nomeados auxiliares; retirar-ſe Viriato para o monte de Venus; matou lhe gente; tomou bandeiras, e deſpojos, entre elles mais importante o applauſo. Segunda vez retrocedeo o bravo Heróe; mas ſe fez pé atraz para deſcarregar com maior violencia o golpe, a ſua fortuna já o hia diſpondo a eſperar o ultimo, que tinha de lhe preparar, naõ o valor, mas a perfidia de Roma. Viriato expoem aos Luſitanos a ſua injuria; a quebra da reputaçaõ das armas; a proxima perda da liberdade, ſe naõ ſacrificaſſem tudo por ella. Todos clamaõ antes pela morte, que pelo cativeiro: aquecem os eſpiritos, e antes que o ardor esfrie, ſe lançaõ ás armas. Entraõ a ſaltar cabeças Romanas longe dos golpes, e quem recebia o primeiro, eſcuſava ſegundo. Com muitas bandeiras tomadas aos contrarios os Luſitanos alimpavaõ o ſangue de muitas mil vidas perdidas, e a maior façanha do Pretor foi a gentileza da ſua fugida.

Vi-

Annos do Mundo.

Viriato, ſenhor da campanha, entrou por Andaluzia, ganhando a cada paſſo huma victoria, cortando huma palma a cada golpe, e desfallecendo os hombros com o pezo dos triunfos. Elle intima á Cidade de Utica, bem preſidiada de Romanos, que ſe renda; mas porque lhe dá a reſpoſta, de que ſe retire o Ladraõ Chéfe de vadios; elle lhes diz: Vós os Romanos ſois bem liberaes em dar eſte nome de Ladraõ, quando ninguem vos iguala na avareza do officio. Moſtrando-ſe injuriado da repoſta, Viriato fingio que ſe retirava, e tanto mais apreçava a marcha, quanto mais os de Utica acoçavaõ ao Ladraõ, que fugia. Como Ladraõ, que na noite ſegura a preza, elle volta caras, e quando os Uticenſes viraõ com a manhã a ſubtileza da induſtria, lhe entregáraõ a Cidade, huns as peſſoas, outros as vidas. Daqui foi aſſolando todo o continente até Gibraltar, ſem que o horror dos eſtragos, nem o clamor dos Póvos moveſſem Quinto-Pompeo a ſahir de Cordova, que fortificava di-

li-

Annos do Mundo.

ligente para deter nella o curſo rápido do conquiſtador de Heſpanha.

3860. Neſtas expedições ſe paſſou o anno da Pretura de Pompeo, que foi ſubſtituido por Quinto-Fabio-Maximo-Serviliano no meſmo anno do ſeu Conſulado. Seguia-o hum grande exercito de Romanos, reforçado por muitos cavallos, e elefantes de Numidia, que mandava Micipſa ſeu alliado. Jactava-ſe o Conſul, de que elle vinha a ſer o exterminador de Viriato, talvez por trazer já concebida a idéa, de que ſe á força o naõ rendeſſe, elle naõ perdoaria a diligencia, para que a induſtria o acabaſſe. Nada conſeguio Fabio, que ſem lhe valer a reputaçaõ do nome, perdeo as forças, e a fraqueza da traiçaõ eſtava guardada para Servilio-Scipiaõ ſeu Succeſſor. Elle buſca em Utica a Viriato, que por falta de mantimentos ſe fizera na volta da Luſitania. Na ſua auſencia rendeo Fabio Cines lugares, preſidiados por dez mil Luſitanos, que depois de matarem muitos contrarios, a fome os obrigou a render-ſe com partidos honrados.

Eſ-

Annos do Mundo.

Esqueceo-se Fabio de imitar os Predecessores do seu mesmo nome: barbara, e infielmente manda degollar quinhentos, e entrega os mais á furia dos soldados. Com a noticia desta atrocidade, a Lusitania fere o Ceo com clamores; os Póvos mutuamente se convidaõ para a guerra, para exterminarem do seu Continente aos Romanos, e Viriato batendo as azas ao coraçaõ furioso, voa ás execuções da vingança. Com huma corrente de estragos, que levava diante, marchou elle a atacar o Consul no mesmo acampamento, aonde vieraõ ás mãos os bravos Chéfes; mas o Romano com a vantagem dos seus elefantes, que rompêraõ, e desordenáraõ toda a nossa cavallaria. Seguiaõ os Romanos o alcance, já seguros da victoria, quando Viriato, que tinha prevenido o successo, e posto em fórma quadrada hum batalhaõ da melhor Infantaria: dando-lhe pulos o coraçaõ intrepido, ao mesmo tempo investe os inimigos, ordena os desmandados, e com tal corage ataca homens, e féras, que tudo

Annos do Mundo.

do aterra, degolla, abysma, e perece quem naõ foge. Com destreza de soldado salvou Fabio as reliquias do exercito; mas confessando, que offerecer batalhas a Viriato era dar-lhe occasiões para avançar a gloria, fornecer-lhe instrumentos para lavrar os triunfos, e brindallo com incrementos para reputaçaõ, e intrepidez.

3861. No princio do anno seguinte foi grande o ruido das armas em Lusitania, aonde quanto soava era guerra, todos preparavaõ os animos, por toda a parte se alistava gente, empenhado Viriato em cortar mais cabeças de Romanos, do que o tyranno Fabio, depois de vencido, havia decepado de mãos aos Lusitanos, que na volta para o coraçaõ de Hespanha, se entregáraõ nas suas com a boa fé de rendidos. Viriato o busca, quando elle, com poder renovado, sitiava a Cidade de Erissana, armazem das nossas trópas, bem defendida de muitas. Com hum dos seus estratagemas entrou nella Viriato para animar a guarniçaõ, e sahir com ella a atacallo pela frente, quando o

seu

ſeu exercito lhe fizeſſe o meſmo pela retaguarda. O vigor do ataque, a perda da gente, a conſternaçaõ de todo o campo obrigáraõ o Conſul a buſcar o refugio de hum alto monte, aonde paſſou de ſitiante a ſitiado. Monte, donde ſe precipitou a vaidade Romana ao abatimento de pedir huma paz vergonhoſa, que ſe ſalvava as vidas, abyſmou a reputaçaõ dos Dominantes do Univerſo, agora abatidos aos pés do Ladraõ da Luſitania.

Com eſta concordia ſaltavaõ de prazer os Andaluzes, que ſe contemplavaõ livres das irrupções de Viriato: os Luſitanos eſtimáraõ a paz para ſe aproveitarem do intereſſe dos ſeus fructos, e Quinto-Servilio-Scipaõ, que na occaſiaõ do aperto a firmára, agora motejava da paz, e do Conſul. Eſta induſtria lhe adquirio o conſulado, e com elle trópas numeroſas para vir a Heſpanha executar, em lugar de altas heroicidades, vilezas infames. Eſtava Viriato no Reino de Valença, os morriões, e arnezes deſcançando á ſombra da paz, os Luſitanos nos bra-

Annos do Mundo.

ços do ocio honesto, quando o novo Consul rompe a guerra; escalla junto a Sevilha a Cidade de Arsa: persegue a Viriato para lhe impedir a entrada em Lusitania; mas elle encontra nos nossos Vetones o seu escandalo, hum freio ás suas desbocadas correrias. Viriato, incapaz de soffrer injurias intentadas, quanto mais feitas, ajuntou as trópas que pode, e com huma torrente de estragos fez tremer quanto tinha nome de Romanos pelo coraçaõ de Hespanha. Attento porém ao socego commum, e á reputaçaõ própria, elle mandou ao Consul huma Embaixada pelos tres Estrangeiros Dictaleaõ, Minuro, e Aulaces, Commandantes dos Bellos, Vaseos, e Ticios, lembrando-lhe a paz estipulada o anno passado, a fé do Tratado, que violava, o credito de Roma, que rompia: mas tudo com arrogancia tal, que o Consul conhecesse o Principe pelas palavras.

Sondou elle os animos dos Embaixadores, e achando-os dispostos para huma traiçaõ vil, os cativou com promessas, assegurou-lhes a graça do Senado,

do, pedio-lhes mataſſem a Viriato. Coſtumava elle dormir na ſua tenda com a ſegurança de quem era Chéfe dos Luſitanos, aonde os traidores entravaõ com frequencia. Graças indiſcretas concedidas a Eſtrangeiros, que olhaõ aos outros Principes como alheios, aos ſeus Eſtados como eſtranhos. Na noite deſtinada para o Parricidio, os tres infames degolláraõ dormindo ao Heróe, e morreo Viriato. Roma conſeguio o intento covarde, e os traidores recebêraõ o primeiro premio no deſpreſo do Conſul.

Annos do Mundo.

Amanheceo o dia fatal, que moſtrou ſem alma ao eſpirito dos Luſitanos, e nelle huma ſó cauſa, que produzio effeitos oppoſtos, equivocando-ſe tanto a laſtima, e o furor, que diluvios de lagrimas derramáraõ chuveiros de ſangue. Terna, e furioſa a noſſa gente ſe lançou ſobre os Romanos priſioneiros, e naõ ficou hum ſó, que deixaſſe de ſer victima da indignaçaõ juſta. Sepultáraõ com grande pompa o cadaver; Viriato ficou vivo nos coraçóes. Até o valor dos Luſitanos, ſenaõ eſ-

Annos do Mundo. 3864.

eſmoreceo, elle ſe callou, e os dous annos que ſe ſeguíraõ ao cataſtrofe, he nos Hiſtoriadores de ſilencio. Em fim, abateo-ſe a corage Luſitana, e as trópas de Viriato entranhadas em Heſpanha ſem Capitaõ, que as conduziſſe á Patria, poſeraõ armas em terra, pediraõ paz ao Conſul, entregáraõ-lhe a liberdade, e as peſſoas, que marcháraõ deſarmadas para os lugares deſtinados pelo author da ſua infelicidade: cativas, ſem acçaõ, longe da Patria.

CAPITULO V.

Do que ſuccedeo depois da morte de Viriato. Eleiçaõ, e qualidades de Sertorio.

3865.

A PERDA da vida de Viriato entregou a noſſa gente no poder dos Romanos. O ſeu Imperio dominou os corpos; os corações eſtavaõ muito longe da ſugeiçaõ, ſubditos forçados, até que a ſórte lhes forneceſſe meios para ſacodirem o jugo. Queriaõ mover-ſe os ſoldados de Viriato, que coſtuma-

dos

dos a viver de despojos Romanos, os buscavaõ como salteadores; mas ao Consul Decio-Junio Bruto foi facil reprimir o orgulho das quadrilhas sem ordem, nem Chéfe. Elle as contentou com a repartiçaõ das terras da Costa maritima ao Meio-Dia, partidas com a corrente do Guadalaviar, aonde fundáraõ a Cidade de Valença. Entrou Bruto em Lusitania ganhando Cidades, e para sugeitar a opposiçaõ, que lhe fez a de Eburobricio, aonde agora está Alfeizaraõ, teve de empenhar com votos ao Deos Neptuno, fundando junto á praia, aonde o atacáraõ, o Templo, que foi padraõ da victoria.

Annos do Mundo.

3866.

Ficou Decio pela sua fortuna recondusido no governo da Lusitania, que deixou quasi sugeita ao seu Imperio. Elle penetrou o Minho banhado em sangue, que souberaõ vingar nas suas trópas desmandadas os nossos homens impavidos, e mulheres heroinas. Desagravou-se Decio na Cidade de Labrica, aonde equivocou o rigor com a brandura, duro em castigar, affavel para attrahir. Sobre Braga, nos muros,

e

Annos do Mundo 386

que naõ podiaõ ter o odio encoberto, entráraõ em groſſas partidas a devaſtar as terras dos Romanos com tanto impeto, que inquietáraõ toda Heſpanha. Quando elles ſouberaõ, que o Proconſul Cayo-Mario ſahia a campo para os caſtigar, ſe uniraõ em hum corpo, e em batalha campal lhe derrotáraõ todas as ſuas forças. Recobrou-ſe o Proconſul com o ſoccorro dos Celtiberos, e preſidios Romanos, que forçáraõ os Luſitanos a acantonar-ſe na Patria, por lhes faltar quem os governaſſe na campanha.

3900. Pelos annos que corrêraõ entráraõ na Luſitania muitos Pretores, e trópas innumeraveis para abaterem o orgulho das contínuas revoluções, ſem que a ſua eſpada perdoaſſe a ſexo, ou idade; eſpecialmente tudo o que tinha nome, ou inclinaçaõ militar perdia a vida ſem refugio: Barbaridade, que parecia irritava os noſſos campos para brotarem homens, que naõ dariaõ ſocego á Heſpanha Ulterior, ſe o Proconſul Lucio-Cornelio-Dolabella naõ arbitraſſe meios mais ſuaves para os

ado-

adoçar. Com igual fortuna conseguio o Proconsul Licinio-Crasso domar os de Entre-Douro e Minho, que pela dura opposiçaõ, que lhe fizeraõ, e elle derrotou, mereceo em Roma particular triunfo. Espere porém elle os effeitos da desesperaçaõ de Lusitanos sem liberdade, que encontraõ na espada de Sertorio para si refugio constante, para Roma cuidados novos.

Annos do Mundo. 3904.

Tomáraõ grande corpo na República dominante os debates de Mario, e Sylla, dous monstros de ambiçaõ, que como cancros roêraõ as entranhas da Patria. Estas discordias, que dividíraõ a Nobreza, e o Povo, fizeraõ esquecer ao Senado os negocios de Hespanha. Esquecimento, de que se aproveitáraõ os Lusitanos para renovarem as idéas da liberdade, invadirem os campos contrarios, assaltarem os presidios Romanos sem prevençaõ, que degolláraõ sem piedade. Nesta figura estavaõ os negocios da Lusitania, quando Sertorio, perseguidor de Sylla por faccionario de Mario, gozava prósperas fortunas em Africa. Já

3920.

Annos do Mundo.

Hespanha pelo trato antecedente conhecia as qualidades deste honrado Sabino, que elle havia empregado no serviço de Roma sua Patria, agora abandonada para buscar a ventura na vingança. Os Lusitanos desejosos de hum Cabo, que lhes cobrisse a frente para sustentarem a fórma, quando atacassem aos Romanos; mandárão embaixadas a Africa, pedindo a Sertorio quizesse vir governar as suas armas, que necessitavaõ de Chéfe.

Os motivos que tiveraõ os Lusitanos para a eleiçaõ de Sertorio, foi a fama das suas virtudes politicas, e militares; o conhecimento, de que elle era supererior ao medo, e ás delicias; nas adversidades constante; na fortuna moderado; nos casos repentinos atrevido, e firme; elle o melhor General do seu tempo: foi saberem, que era artifice destro de intrigas, e estratagemas; astuto, e prompto a aproveitarse dos descuidos dos inimigos, e das vantagens dos terrenos: foi a conformidade dos genios, com huma tal harmonia, que naõ teve violencia em

pe-

peleijar á Luſitana, nem em inſtruir os Luſitanos a combater á Romana; motivo por que o ſeu valor, e deſtreza nunca elles as deixáraõ ver taõ ſublimes como debaixo das ordens de Sertorio: foi por ouvirem publicar a fama, que elle era liberal nos premios, piedoſo nos caſtigos, facil em ſe inſinuar nas benevolencias dos Póvos, que naõ ſó o reſpeitavaõ como milagre da Arte militar; mas hum varaõ illuminado no acerto dos ſeus conſelhos. Em fim, ſe outra traiçaõ Romana naõ o privára da vida, elle era taõ capaz como Anibal, e Viriato de fundar em Heſpanha hum novo Imperio. Elle teve hum vaſto conhecimento das Sciencias, que eſtabeleceo entre nós; com a ſua applicaçaõ obſervou em Africa muitos Monumentos antigos, e deſcobrio em Tangere o ſepulcro do Gigante Anteo, que ſe dizia fora morto por Hercules Lybico.

Veio Sertorio a Luſitania attrahido dos noſſos rogos, e eſcolheo a Cidade de Evora para ſeu Quartel General. Na ſua primeira entrada ganhou

to-

Annos do Mundo.

todas as vontades, como meio o mais ſeguro de firmar a obediencia, e os triunfos. Longe das idéas perniciofas de fazer aos homens pobres, e ignorantes para os ter ſobmettidos, ainda que deſeſperados; elle ſe applicou todo a fazellos ſabios, e ricos para ſe recrear de os ver goſtoſos, e ſatisfeitos, obedientes attrahidos, ſem ſerem forçados. Levado deſtas idéas nobres, fundou hum Senado, que os noſſos Eſcritores querem foſſe compoſto de Heſpanhoes, contra a authoridade de Plutarco, que entende ſer formado de Romanos proſcriptos; e criou a Eſcóla brilhante de Oſca, Cidade de Andaluzia, que com pouco fundamento preſumírao alguns ſer Hueſca no Reino de Aragaõ. Se eſta Univerſidade houveſſe permanecido, as Sciencias teríaõ florecido luminoſas em toda Heſpanha, ſem neceſſidade de as mendigar nos Paizes alheios.

Os noſſos Moços mais qualificados curſavaõ aquellas Aulas, aonde Sertorio os fazia educar em todo o genero de Bellas-Letras. Elle as enriquecco

com

com Meſtres de Erudiçaõ Grega, e Latina, gravando nos porticos por primeiro premio a promeſſa das Dignidades, e governo do Eſtado. Elle os fez veſtir com a Tóga Pretexta, e diſtinguio os Meſtres com o decóro, e magnificencia das pagas. Elle os examinava, por ſi meſmo; que Sertorio eloquente, e ſabio, naõ neceſſitava conhecer os homens por informações, nem mandar-lhes medir os talentos por procuradores; Heróe, que com tanto garbo veſtia a Tóga, como cingia a eſpada. Seriaõ as noſſas mocidades refens da fidelidade dos pais, ſegundo ſente Plutarco; mas ellas tratadas com tantas diſtinções, tantas honras, com tal inſtrucçaõ, conhecimentos, e premios, bem ſe podiaõ dar em refens, e ſerem fieis os pais ſó pelo bem dos filhos. Eſtes aprendiaõ as melhores Faculdades pelos Authores mais qualificados Gregos, e Latinos. Explicavaõ-lhes os Poetas, os Oradores, os Filoſofos, os Hiſtoriadores, por ſer eſte o methodo, que entaõ ſe uſava nas Eſcólas da Grecia.

Annos do Mundo.

Annos do Mundo.

Em quanto ao Senado, que estabeleceo Sertorio para a administraçaõ dos negocios civís, elle naõ era só formado de Romanos proscriptos, como diz Plutarco, nem só de Hespanhoes, como entendêraõ alguns dos nossos Authores: mas de Lusitanos já provados por Sertorio, e de Romanos seus amigos, que o seguiaõ como facciona-rios de Mario contra Sylla, que os proscrevêra. Desta mesma qualidade de Romanos, e daquelle caracter de Lusitanos compoz Sertorio a sua guarda de corpo, que continha sete centos cavallos, e quatro mil infantes, com a qual sahio de Evora a visitar as praças fortes, que mais seguravaõ o Paiz, e examinar os terrenos mais proporcionados para as marchas, combates, e retiradas inexcusaveis na guerra, que determinava emprehender.

Satisfeito o novo Chéfe com a inclinaçaõ dos Lusitanos, com o obsequio dos Andaluzes, que entregáraõ as Cidades na sua protecçaõ, com o estabelecimento do Senado, e Universidade de Osca; elle se vale da industria

pa-

Annos do Mundo.

para persuadir aos Póvos divinizadas as Maximas do seu governo. Para isso lhe deo occasiaõ o nosso natural Spano trazendo-lhe huma Cerva branca, que elle criára, e tinha muitas celebridades, que servíraõ para se animar a ficçaõ. Sertorio eloquente, persuasivo, insinuante, faz capacitar a gente, que a cerva era o orgaõ, por onde a Deosa Diana lhe comunicava os seus segredos; hum Ajudante das suas ordens, que elle executava na campanha como subalterno da Deidade: Industria graciosa, que inclinou a simplicidade para lhe render huma veneraçaõ, fé, e respeito profundo. Elle formou o primeiro exercito de cinco mil homens de Lusitania, de trez mil de Italia, e Africa, a que depois se foraõ ajuntando outros de Andaluzia; gente de grande experiencia, de corage intrepida, costumada a desprezar Romanos, e perigos.

Com este pequeno esquadraõ vamos nós ver a Sertorio postado em campo; sustentar contra Roma por espaço de nove annos huma guerra formi-

Annos do Mundo.

midavel; combater os quatro capitães mais famosos daquella República; derrotar os seus exercitos aguerridos compostos de homens a centos de milhares; abater o orgulho das Praças inconquistaveis; ultimamente vamos a ver, que para triunfar Roma, lhe foi necessario maquinar contra Sertorio outra traiçaõ semelhante á que traçára contra Viriato. Nós o acompanhamos na sua primeira marcha pela Carpentania, ou Reino de Toledo para o vermos lançar della a todos os Romanos, e sobmetter todo aquelle terreno para nas mais invasões concebidas na sua idéa lhe ficar facil a retirada para Lusitania. Nesta empreza intentada, e conseguida, em que os successos mostráraõ, como o valor, e a disciplina naõ temem o maior poder: nós deixaremos occupado a Sertorio, e no Capitulo seguinte passaremos a mostrallo vencedor constante no mar, e na terra.

Annos do Mundo.

CAPITULO VI.

Da guerra de Sertorio contra os Romanos.

JÁ instruido Sertorio no valor da Naçaõ, que o elegêra por seu Principe, e informado pelo Senado Lusitano, de que o Capitaõ Romano Cota com huma Armada poderosa infestava o Estreito para impedir os soccorros, que elle esperava de Africa: Sertorio com a mesma fortuna, que levára á Carpentania, se embarca, e quando Cota naõ esperava esta visita, depois de cinco horas de combate, elle vê no poder do vencedor o resto dos vasos, que o furor naõ metteo a pique. A Chéfeacçaõ gloriosa do comandante animou os Lusitanos para voltárem as proas á embocadura do Guadalquivir, e com o favor da noite sobirem pelo rio atè perto de Sevilha, aonde campava o Capitaõ Didio, ignorante do successo de Cota, com hum grande exercito de Romanos, para o atacarem no quarto da

Annos do Mundo.

da Alva. Aſſegura-ſe, que de tantos mil hum ſó Romano reſtára, que naquelle dia viſſe naſcer o Sol. Sertorio, coberto de gloria, e rico de deſpojos, mais precioſos ás armas Romanas, ſe recolheo á Luſitania, que ſe o recebeo com acclamações fauſtas, o applauſo mais energico era o ſilencio dos corações.

3921. O ecco deſtas victorias chamáraõ para a companhia de Sertorio a todos os Luſitanos, que conſervavaõ freſcas as lembranças de Viriato, outra vez vivo nos obſequios da Patria, e na veneraçaõ de Sertorio. Sylla temeo em Roma as novas alterações de Heſpanha, movidas por hum dos ſeus Rivaes mais temivel, a que elle conhecia o odio, e as qualidades. Elle deſcobrio o pavor

3922. do perigo, e a reputaçaõ de Sertorio na eleiçaõ, que fez de Quinto-Metello-Pio, ſeu companheiro no Conſulado, para fazer frente a hum, para arraſtar o outro, e manter o credito de Roma no continente teimoſo em lhe naõ ceder vantagens. Naõ ſe diſtinguia em Metello qual era maior, ſe o po-

der,

der, ſe a tyrannia, ou a authoridade com que ſe apreſentou em Heſpanha. Elle deſtacou a Lucio-Domicio para talar a Andaluzia com toda a mais terra até aos Pyreneos; ordenando-lhe levaſſe na vanguarda o terror, para que o eſpanto das atrocidades diſpozeſſe os eſpiritos á ſugeiçaõ.

Sertorio, que naõ julgou conveniente ſahir entaõ da Luſitania, reſolveo-ſe a oppor hum Capitaõ a outro, hum a outro deſtacamento. Elle mandou a Herculeio, que com hum bom troço de Luſitanos, marchaſſe a reprimir a facçaõ de Sylla, que em Heſpanha peleijava com dous odios, do Capitaõ, e da gente. No Reino de Aragaõ apreſentou Herculeio a batalha, que Domicio naõ queria acceitar; mas ſendo forçado a combater, elle, e a maior parte dos ſeus foraõ feitos em poſtas: Derrota, que fez tremer as Cidades Citeriores, e obrigou a Manilio, Proconſul da Gallia Narbonenſe, a paſſar os Pyreneos accelerado para impedir, que o eſtrago naõ foſſe nellas completo. Herculeio, que pe-

Annos do Mundo.

las ſuas meſmas mãos degollára a Domicio: os Luſitanos, que com a victoria eſtavaõ ſoberbos: elles páraõ firmes, o Capitaõ para ver-ſe como a Domicio deſpacha a Manilio; os ſoldados para moſtrarem aos Romanos, e Francezes, que eſtimaõ a uniaõ para romper laços dobrados. Perto da Cidade de Lerida ſe deo a batalha, huma das mais diſputadas, que até aquelle tempo vira Heſpanha, entre Portuguezes, e Romanos. Eſtes, depois de notarem que a Cavallaria Franceza, combatendo com valor, morrêra com gentileza, buſcáraõ formados as ſuas fórtes trincheiras, que deixáraõ bem guarnecidas. Os noſſos, já ſenhores de meia victoria, com a meſma marcha as inveſtíraõ, e as rendèraõ, fazendo huma carniceria taõ horroroſa, que o Proconſul para a eſcapar, e a naõ ver, ſe retirou precipitado, e ſem companhia para França.

Em quanto Herculeio aſſim ſe conduzia em Lerida, Sertorio no Algarve illudia a Metello o projecto da conquiſta de Lagos. Quando o Conſul preſu-

mia

Annos do Mundo.

mia ter a praça rendida pela violencia da ſede; Sertorio anima, premeia dous mil cavalleiros bravos de Luſitania, e Africa, para que cada qual com ſeu odre de agoa á garupa, rompaõ as linhas dos Romanos, e ſoccorraõ os ſitiados. Elles o fizeraõ com tanto deſembaraço, que Metello corrido da induſtria do Chéfe, e do valor dos ſoldados, abandonou a empreza, e ſe retírou para Andaluzia ſeguido de Sertorio, que foi cançando a ſua velhice com ataques continuos. Alli quiz elle desaffrontar a injuria com o cerco da Cidade de Oſca, e tomar ás mãos os Eſtudantes Luſitanos para vingar nos cultores de Pallas togada o deſcredito, que lhe cauſavaõ os ſequazes da Pallas armada: mas como as prevençóes de Sertorio lhe fruſtráraõ os deſignios, elle ſe retirou para Carthagena livre do ſuſto, ainda que ſem gloria. O noſſo Chéfe voltou para Evora a paſſar o Inverno, e ouvir a Embaixada de Mithridates, Rei do Ponto, inimigo inexoravel dos Romanos, que deſejava ajuſtar com elle huma liga offenſiva *contra Roma.*

Deo

Annos do Mundo. 3923.

Deo Sertorio audiencia aos Embaixadores em tom de Rei. Ouvi-os fazer hum paralello bem ſemelhante entre o ſeu Monarca, e o bravo Phyrro, entre elle, e o grande Anibal, e imaginarem Roma aniquilada ſe chegaſſem a confederar-ſe contra ella Mithridates, e Sertorio. A ſituaçaõ dos noſſos negocios naõ lhe permitio mais condeſcendencia, que mandar ao Ponto hum eſquadraõ de Luſitanos, que talvez foſſem teſtemunhas dos ſucceſſos triſtes daquelle Monarca, digno de melhor ſórte. Eſta reputaçaõ de Sertorio fez em Roma a eſpecie, que devéra, e ella obrigou o Senado a eleger para ſeu competidor ao grande Pompeo. Elle ſe ajuntou em Heſpanha com Metello, e na Luſitania com Sertorio-Marco-Perpena, hum traidor vil da facçaõ de Mario, que lhe trouxera de Sardenha algumas trópas de refreſco. Impacientes os noſſos, pediaõ ao ſeu Chéfe os deixaſſe ir combater as forças unidas de Pompeo, e Metello; mas Sertorio para lhes moſtrar a difficuldade de romper a uniaõ,

traçou huma induſtria para lhes ſocegar os animos. Annos do Mundo.

Elle mandou vir ao campo dous cavallos, hum novo, e gordo, outro velho, e magro, e dous homens com a meſma deſproporçaõ dos cavallos. Á viſta de todos mandou ao moço robuſto, que pegando com ambas as mãos no cabo do cavallo magro, e velho, apuraſſe as ſuas forças, e lho arrancaſſe. Elle alentado arraſtava o bruto; mas o cabo ſempre firme, e as forças já laſſas. Pelo contrario ordenou ao velho, que chegaſſe ao potro gordo, e novo, e que huma a huma lhe foſſe tirando as ſedas. Elle fleugmatico executava a ordem, e em pouco eſpaço, ſem fadiga, deixou ſem ornato a colla do ginete. Entaõ Sertorio diſſe aos Luſitanos: Aſſim haveis ſeparar as forças Romanas, ſe quereis vencer a Pompeo, e Metello. Deſte modo deteve Sertorio a audacia, que prudentemente advertida ſe ſugeitou pontual á obediencia, alma dos acertos em todas as profiſsões.

Annos do Mundo.
3924.

Chegou o tempo da campanha, partio Sertorio de Evora para a Cida de de Valença, que ſendo povoada d Luſitanos, a maior parte delles ſo dados de Viriato, o recebêraõ nos co rações. O meſmo fez o reſto daquel Reino, excepto a Cidade de Laurona que hoje ſe diz Liria, preſidiada d Romanos, ſoberba pela viſinhança d campo de Pompeo. Á ſua viſta a ſ tiou Sertorio, e nas diſputas de qu dos exercitos havia dominar hum val abundante de paſtos, matámos dez m homens ao Capitaõ Decio-Lelio, na o podendo embaraçar toda a corag de Pompeo. Depois intentou eſte bra vo Chéfe ganhar hum monte, que ſe nhoreava a Cidade; mas Sertorio, qu o prevenio, o tomou primeiro. Pom peo o ſente, e para deſaffogar a cól ra, determina cercar os Luſitanos en tre o ſeu exercito, e a Cidade. O a tuto, e acautelado Sertorio, tomand bem as ſuas medidas, poſtando hu mas trópas com vantagem, emboſcan do outras, diz com ſegurança aos ſeus Cabos: Eu hei de moſtrar a eſte Mo

ço diſcipulo de Sylla, que ao Capitaõ aviſado importa mais ter os olhos atraz, que adiante.

Naõ ſó eſte empenho de Pompeo, mas obrar antes da vinda de Metello, que eſtava em muita diſtancia, eſtimulou o eſpirito de Sertorio para ſe conduzir com tal vigor, que o ſegundo ſe deſenganaſſe, o primeiro ſe ſurprendeſſe. Quando Pompeo ſe movia á execuçaõ do projecto, os ſeis mil emboſcados no monte ſe lançáraõ como leões á Cidade, que eſcalláraõ, rendêraõ, pegáraõ-lhe fogo, e a conſumíraõ, para que o horror do incendio atiçaſſe mais em Pompeo a voracidade da chamma. A viſta laſtimoſa lhe esfriou o ardor do animo, que buſcou apreſſado o refugio dos ſeus Reaes para evitar o combate a que Sertorio ſe movia, envergonhado da confiança indiſcreta com que pouco antes mandára dizer aos rendidos deſſem graças aos Deoſes; porque tinha cercado de tal modo aos Luſitanos, que nem hum ſó delles eſcaparia com vida.

Annos do Mundo.

Pompeo, de quem principia a triunfar Sertorio, he aquelle Heróe, que nos ſeus elogios faz parecer a Cicero encarecido: Heróe, que elle aſſinalla na ſua mocidade verde occupando grandes commandamentos, e importantes expedições; que teve parte em mais combates, do que haveriaõ lido os outros da ſua idade, e graduaçaõ. Heróe, que conſeguio tantos triunfos, como o mundo tem de partes; tantas victorias, como nelle tem havido diverſas ſórtes de guerras. Heróe com felicidade, e valor, que por toda a parte o acompanháraõ com tanta conſtancia, que de alguma ſórte ſe póde dizer delle era elevado alêm da condiçaõ humana. Todas as virtudes moraes, a probidade, a inteireza, o deſintereſſe, a Religiaõ, diz Cicero, fizeraõ eſte Heróe infinitamente reſpeitavel aos Póvos eſtrangeiros, que á ſua viſta crêraõ naõ ſer fabula quanto lhes contavaõ dos Romanos antigos. Elle competio com Ceſar, que naõ conſentia igual, quando Pompeo naõ podia ſoffrer ſuperior.

Cheio

Annos do Mundo.

Cheio de gloria, carregado de riquezas, com grande número de cativos, e muitos Hespanhoes valentes, que o seguiaõ, Sertorio veio invernar a Evora, que engrandeceo com despojos dos Romanos. Elle cercou a Cidade de muros, taõ fortes, que naõ bastáraõ milhares de annos, nem a destruiçaõ dos Godos, e Mouros para os abaterem. Foi chamada esta fortificaçaõ a Cerca Velha até ao tempo d'ElRei D. Fernando, que ornando a Cidade de muralhas novas, mais lhe tirou na memoria, do que lhe deo na grandeza. Além desta obra, fez outra de muita magnificencia, que foi o aqueducto famoso da Agua da Prata, que ainda hoje ennobrece esta Cidade illustre. Edificou para a sua pessoa huma casa com a sumptuosidade simples daquelles tempos; e a sua familia, que constava de tres libertos, e huma criada, deo hum banquete aos visinhos no dia da dedicaçaõ, celebrou a festa Compitalia em honra dos Deoses Lares; mas a pouca veneraçaõ dos Portuguezes futuros, que até hoje fazem

acou-

Annos do Mundo.

açougue de hum dos Templos antigos da ſua Cidade, alterou a fórma deſte Monumento glorioſo da antiguidade da Patria. Em fim, Sertorio conſumou eſte anno feliz com o caſamento illuſtre, e rico de huma Senhora Eborenſe, filha de Firmio Laberio; nó de parenteſco com que fez indiſſoluvel o laço da amizade.

3925. A Primavera convidou os exercitos para a campanha nas ribeiras do Xucar, aonde ſe encontráraõ os dous Capitães, ambos valeroſos, ambos irreſolutos, por naõ arriſcarem em huma acçaõ o credito das paſſadas. Ao meſmo tempo os dous Chéfes rompem pela irreſoluçaõ, e Sertorio porque naõ chegaſſe Metello, Pompeo para que elle naõ lhe roubaſſe a gloria, atacáraõ a batalha, em que Pompeo levava de vencida o Eſquadraõ de Perpena, e em que Sertorio derrotava o lado de Afranio. Elle, por eſta parte victorioſo, corre a ſocorrer a Perpena, e entraõ a ſaltar cabeças no campo de Pompeo, que com a perda da liberdade, cahido do ſeu cavallo, Sertorio con-

ſe-

Annos do Mundo.

guiria triunfo completo, ſe os ſeus ldados naõ eſtimaſſem em menos tal ɔmem, que a ſua cubiça os jaezes do uto. Todo o exercito de Pompeo recêra neſta jornada a naõ ſobrevir etello na occaſiaõ do ardor mais vi-. Entaõ mandou Sertorio tocar a re-lher, dizendo magoado: Eu manda-a eſte minino Pompeo caſtigado pa- Roma com açoutes, ſe a vinda da elha naõ mo tiraſſe das mãos.

3926.

Como o deſtroço de Pompeo dei-ɔu circunſpecto a Metello para ſe naõ over, Sertorio ordenou aos ſolda-ɔs, que á ſua viſta talaſſem ſem pie-ide a campanha; mas a gloria de ntas vantagens foi perturbada pela erda da Cerva, que era o mais firme ɔoio da authoridade de Sertorio. O u apparecimento ſe eſtimou por ou-o milagre, com que a induſtria no-imente animou a ſuperſtiçaõ para Ser-rio naõ deixar de reſpirar alentos de vino, ſoprados pela adulaçaõ de hu-a falſa fé. Com eſte bom annuncio, le marchou ao Reino de Valença, ira onde partíra Metello a oppôr huns

a

Annos do Mundo.

a outros eſtragos, humas a outras correrias; e porque a chegada de Sertorio o obrigou a entrincheirar as trópas, elle o cercou no ſeu meſmo campo. Os apertos da neceſſidade conſtrangeraõ Metello a abandonar as linhas; o credito de General aguerrido o forçou a peleijar. Já perdia terreno o campo Romano, quando hum dardo, que atraveſſou a Metello, devendo declarar o triunfo, poz tropeços á victoria. Os Romanos fugitivos retrocedem envergonhados, convertido o valor em deſeſperaçaõ, a cólera militar em furia barbara, que empenha huns em ſalvar o ſeu Capitaõ, os outros em acaballo.

3927.

A confiança da victoria, fez que os Luſitanos ſe arrojaſſem dividos a eſte combate, que os Romanos já ſuſtentavaõ recobrados; e montando a cavallo o ſeu Chéfe, elle dava golpes taõ eſpantoſos, que naõ pareciaõ ſahidos dos braços da velhice, nem animados pelo ſeu coraçaõ exangue. Hum eſquadraõ formado, que Sertorio conſervava, evitou a ruina do ſeu exercito,

Annos do Mundo.

, que poz em ſalvo, e elle buſcou
efugio de huma Cidade, que ſem
ſoccorros da arte, fizera forte a na-
eza. Nella o ſitiou Metello jactan-
ſo de que haveria ás mãos ao Com-
:idor das ſuas façanhas, quando Lu-
nia naõ perdoava a todas as diligen-
s para vir com exercito numeroſo
var o ſeu Chéfe. Naõ neceſſitou Ser-
rio deſte ſoccorro; porque enga-
ndo huma noite as guardas de cam-
, ſahio com toda a cavallaria, e
n perigo, nem ſuſto veio paſſar o
verno á Luſitania. Das Inſcrições an-
;as conſtavaõ as graças, que Serto-
dêra entaõ aos Deoſes pelos ſeus
ns ſucceſſos, e que a ſua Ama Ju-
-Donace offerecêra huma Coroa, e
m Sceptro de prata no Templo de
piter, que ficava nas margens do
xarrama, junto da Villa do Torraõ,
nde agora eſtá a Igreja dos Santos
artyres Juſto, e Paſtor.

Tantas forças juntas achou Serto-
em Luſitania, que naõ quiz per-
r tempo em as deſcarregar ſobre Me-
lo. Mas aviſado dos grandes ſoccor-

Annos do Mundo.

ros, que elle eſperava de Roma embarcados nos portos dos ſeus Dominios, elle ſahio com huma eſquadra numeroſa a devaçar os do Mediterraneo, que aſſolou com huma torrente de victorias. Ellas, acompanhadas da perda das náos, e dos mantimentos, pozeraõ em tal conſternaçaõ aos dous Chéfes Romanos, que tiveraõ por perdidos os ſeus negocios em toda Heſpanha. Confirmou-os na idéa triſte a derrota, que o Capitaõ Herculeio dêra a ſeis bandeiras de Cavallos, que aos lados de huma Legiaõ cobria Probo-Emiliano, eſcoltando hum comboi importante, que ficou em poder dos Luſitanos. Tantos motivos de conſternaçaõ leváraõ a Metello para Navarra, donde com pretextos eſpecioſos paſſou a França, e Pompeo ſe refugiou nos Póvos Cacceos, alliados de Roma. Daqui eſcreveo elle ao Senado noticias, que fizeraõ nella grande ecco por irem acompanhadas do eſtrondo das noſſas armas, animado pelo ſuſto, e eloquencia de hum homem tamanho como Pompeo. Com ingenuida-

dade creo a cabeça do mundo a eſtatura da reputaçaõ de Sertorio, e temeo, que quem triunfava dos dous Generaes, que ella tinha em Heſpanha; intentaria arvorar os Eſtandartes Luſitanos no alto do Capitolio.

3929.

Porém a hydra continuou a multiplicar as cabeças. Chegáraõ de Roma novos ſoccorros, de que naõ quiz fazer caſo a confiança deſmedida dos Luſitanos para verem mudar a face aos ſucceſſos. O ſeu general Herculeio andava deſpotico na Celtiberia, quando Metello, ſeparado de Pompeo, o buſcou com paſſo ponderoſo taõ veloz, que lhe degollou vinte mil homens, antes que elle o viſſe parar na carreira. Metello deo hum tal caracter a eſta victoria, que tranſportado com ella o meio cadaver, ſe acclamou immortal, ſe arrogou qualidades de divino, e entrou a vaporar fumos de Deos a corrupçaõ, que já parecia cemiterio de cinzas. Deſandou a róda da fortuna; e Sertorio, que quiz reparar a quebra de Herculeio, amolgou a opiniaõ propria. Elle obra contra o que an-

Annos do Mundo. 3930.

antes perſuadira, atacando juntos a Pompeo, e a Metello. Os Romanos ſim perdêraõ mais gente; mas ficáraõ ſenhores do campo, e da Cidade de Valença, que foi huma das fatalidades maiores para os intereſſes Luſitanos.

Dous ſoldados ſe deſafiáraõ antes da batalha, e ſe batêraõ á viſta de ambos os campos. Triunfou o Romano, e levantando a viſeira ao morto para lhe cortar a cabeça, conhece hum ſeu irmaõ do partido de Sertorio. Fazendo as ſuas funções a natureza, elle o carrega ſobre os hombros, o conduz ao arrayal, e ſe mata ſobre o cadaver com reſoluçaõ muito mais barbara, que gentil. Sertorio, ainda quando vencido, ſempre valeroſo, elle ſe quiz moſtrar ſuperior á deſgraça, ajuntando as reliquias antes diſperſas, que deſtroçadas, para ſuſtentar com ellas huma nova guerra. Sobre a Cidade de Caraca, agora Guadalaxára, reſuſcitaõ os ſeus alentos com tanto mais de eſpirito, quanto mais tinhaõ de picantes os deſpreſos com que a guarniçaõ o inſultava dos muros. Naõ pode elle rendel-

la

lá por força; mas valeo-lhe a nova induſtria de eſperar hum vento rijo ponteiro á praça, e mandando levantar junto della grande copia de terra ſutil, que affogando os ſoldados com huma nuvem do pó agitado, fez render humilde a arrogancia, que pouco antes jactancioſa ſoprava ſoberba.

Eſtratagema taõ ſingular reſtituio a primeira alma á reputaçaõ de Sertorio, que por naõ perder com o tempo os favores da fortuna, marchou a buſcar Pompeo, que ſitiava a Cidade de Palencia. O Romano valeroſo naõ deſpreſou hum inimigo taõ deſtro, que ſabia cortar palmas quando perdia triunfos, e cuidou no modo com que havia impedir o ſoccorro ſem deſiſtir do ſitio. Sertorio naõ lhe deo tempo para muitos diſcurſos; porque o ſeu brio offendido naõ ſó cortou as demoras, e poz de parte a natural circunſpecçaõ; mas ſe lançou arrogante aos Romanos, taõ empenhado em deſaggravar as afrontas paſſadas, que adiantando-ſe aos ſeus, dando carga aos inimigos, mataraõ-lhe o cavallo, cahiaõ ſobre elle,

An.
Mu.

Annos do Mundo.

le, e quizeraõ que da temeridadē fosse despojo a sua vida. Acodio a Cavallaria ao perigo do seu Principe, que prostrado em terra, vibrava a espada como raio, e a troco de muitas vidas dos nossos, mais das dos *Romanos*, compramos a liberdade, do Chéfe, que seguio a victoria com confusaõ, e ruina dos contrarios. Pompeo se salvou com o favor da noite, guardado pelos fados, que ainda lhe queriaõ dar formosos dias.

CAPITULO VII.

Ultimos successos, e fim tragico do memoravel Sertorio.

RECEBEO Metello a noticia da derrota de Pompeo, quando ganhava Cidades com fortuna; quando fazia o nome Romano respeitavel em Hespanha; quando com vigor sitiava a Praça de Calahorra: empreza, que entrou a duvidar, se a devia continuar, ou suspender. Elle toma por partido mais honrado o brioso, que era reforçar os

Annos do Mundo.

ataques para naõ entender a guarniçaõ, que lhe diminue a corage a desgraça de Pompeo. Soffria ella combates horrendos com grande constancia o tempo, que lhe foi necessario para a soccorrer Sertorio, que sem suspender a marcha, atacou ao astuto velho nos seus mesmos Reaes com morte de tres mil soldados. Em quanto Metello se *fazia* forte em hum monte para esperar com as suas trópas a Pompeo, Sertorio entrou em Calahorra para distribuir os ultimos premios, que delle haviaõ receber os Lusitanos. A noticia que recebeo da uniaõ dos Generaes Romanos, a tempo que a sua fortuna decahia, ella o perturba, reconhece a declinaçaõ, e muito mais se assusta com a do apertado cerco, que elles pozeraõ á Cidade de Osca, com os estragos de Aragaõ, e Catalunha, muito mais com a perda de Lerida: Praça importantissima, que se entregou aos Romanos, e foi o ultimo golpe, que se descarregou nas vantagens de Sertorio.

El-

Annos do Mundo.

Elle quiz ſoccorrer a de Oſca, que os Luſitanos defendiaõ com gentileza, como depoſito das ſuas Mocidades, que nella eſtudavaõ. Junto aos muros plantou Sertorio o ſeu campo; mas as guardas corrompidas, ou deſcuidadas, naõ deraõ ſinal do aſſalto nocturno de Metello, que o poz em deſordem, e conſtrangeo Sertorio a recolher-ſe com precipitaçaõ na Cidade, deixando em poder dos inimigos todas as equipagens. Fatalmente decahio a ſua gloria com eſte ſucceſſo, e entre os Romanos, que o ſeguiaõ, ficou a ſua reputaçaõ taõ arruinada, que ambicioſos huns para lhe occuparem o cargo, avarentos outros para obterem os premios, que Pompeo, e Metello promettiaõ a quem lho entregaſſe vivo, ou morto, elles determináraõ aſſaſſinallo. Perpena, General de Sertorio, no naſcimento illuſtre, baixo nas qualidades, foi o inſtrumento de que ſe valéraõ os Heróes Romanos do vulto de Metello, e Pompeo para acabarem por meio da traiçaõ o homem, que naõ podiaõ render com

as

as armas. Acçaõ foi indigna de taes homens persuadir; muito indigna de Perpena executar a traiçaõ.

Annos do Mundo.

Já Sertorio se naõ fiava dos seus amigos Romanos, e punha a segurança da pessoa a coberto da perfidia no azylo da fé Lusitana, de que logo os seus professores quizeraõ dar próvas evidentes, naõ deixando em Osca Romano algum com vida, para que pagassem a conjuraçaõ intentada com a mesma pena de conseguida. Sertorio ainda naõ desenganado, a impede, talvez naõ crendo, que Perpena traçasse a infidelidade pelo ouvir cortar pelos inconfidentes. Elle que receia se descubraõ os seus designios, publica a nova falsa de huma grande victoria conseguida pelos Capitães de Sertorio, que lhe dá occasiaõ para o convidar a hum banquete em demonstraçaõ de gosto, aonde lhe tiráraõ a vida com vinte e huma punhaladas. Morreo Viriato, morreo Sertorio ás mãos de traidores, porque os Lusitanos deraõ confianças demasiadas a Estrangeiros. Elles querem vingar-se nos authores da

Annos do Mundo.

atrocidade, mas achaõ todas as ave nidas da Praça bem guardadas pelc Romanos inconfidentes, e o que ha viaõ ser lances do furor, o converter em demonstrações de piedade. Cele braõ os Lusitanos o funeral, e Heca tombas do seu Principe, degolando se corpos inteiros de soldados, com constava da Inscripçaõ de huma pedra que se achou muitos Seculos depois e dizia: Aqui jazem muitas compa nhias de gente de cavallo, que mo rendo de boa vontade, se offerecêra á terra mãi dos mortaes para hirer em companhia da alma de Sertorio porque morto elle, lhes era a vida tri te: Aqui se matáraõ peleijando hun com os outros, como valentes, e bu cando assim a morte, que com anci desejavaõ: Ficai-vos em paz, vindouro

Com a urna das cinzas do se Chéfe chegáraõ os Lusitanos á Cidad de Evora, aonde collocáraõ para a su estimaçaõ esta reliquia; lembrando Diana a gloria, que lhe devia dar de pois da morte, por se haver commu nicado com elle pelo orgaõ da Cerva

a melhor parte da vida, neſte Epitafio, que eſculpíraõ no ſeu ſepulchro: Sertorio, Capitaõ dos Luſitanos, aqui na ultima parte do Mundo offerece ſua alma aos Deoſes Immortaes, e o corpo á terra: Eſte he aquelle, ó Deoſa Tethis, que por ti foi livre do mar, e aqui neſte lugar junto de Evora, aonde elle antes tinha desbaratado hum Conſul Romano, e todo o ſeu exercito, lhe foi poſta ſepultura: Deoſa Diana encaminha para os Campos Elyſios a alma, que por traiçaõ foi deſtruida: Seja-te a terra leve: Aulico lhe poz eſta memoria. «. Conta-ſe, que na occaſiaõ da morte de Sertorio eſtava junto delle a Cerva, que ſentida da ſua falta, naõ queria apartar-ſe do cadaver, e que dando balidos laſtimoſos ſe deixára morrer de fome. Operações, que ſe naturalmente tem ſido viſtas em muitos animaes, naquella occaſiaõ o demonio governaria as da Cerva para naõ desfalecer a ſuperſtiçaõ.

A maior parte do exercito eſtava com o traidor Perpena, que ſe achou

Annos do Mundo. 3931.

nomeado herdeiro de Sertorio no seu testamento, quando Pompeo, e Metello informados do que se passava, se apressaraõ a concluir, com a ruina daquella gente, os negocios de Roma em Hespanha. A consternaçaõ geral obrigou Hespanhoes, e Romanos a elegerem por seu Commandante ao mesmo Perpena. Em quanto elle se punha em campo para pagar no primeiro encontro o crime da aleivosia, os lugares planos da Lusitania se despovoavaõ; buscando os animos afflictos segurança nas Praças fortes, nas cavernas dos montes; rebanho sem pastor, que já se sentia acoçado pela voracidade de Pompeo, e Metello. Ajuntou-se o nosso Senado para conferir as deliberações, que se haviaõ tomar em occasiaõ de tanto aperto, e foi determinado, que nada se innovasse até ver o semblente, que tomavaõ as resoluções de Perpena, ou se o exercito de Sertorio, que o seguia, voltava para a Lusitania.

Pompeo a toda a diligencia marchava a atacar o novo cabo, que arrogante na vaidade por se ver Chéfe

es-

supremo, naõ recusou o combate. Atacáraõ-se os dous exercitos, e no principio da batalha foi vivo o ardor dos nossos, em quanto naõ esfriáraõ nelles as lembranças, de que tinhaõ sido soldados de Sertorio. Levavaõ elles os Romanos de vencida; mas na continuaçaõ da refrega, communicando-se ao corpo a fraqueza do espirito novo, elle perdeo o campo, a victoria, os alentos, em fim, perdeo tudo. Perpena, na traiçaõ forte, na peleija covarde, se escondeo entre humas mattas, aonde o descobrio huma partida de cavallaria, á qual pedio a vida com lagrimas infames. Conduzido á presença de Pompeo, que naõ quiz ouvillo, elle manda cortar esta ultima cabeça á hydra Lusitana, que em guerra diuturna deo tanto que fazer aos Hercules mais façanhosos da soberba Romana. Em resulta de victoria taõ completa, os dous Consules se dividíraõ para ganhar, e fortalecer Cidades, que em Hespanha firmassem o seu Imperio. Pompeo mandou á Lusitania a seu amigo Afranio, soldado de valor,

Annos do Mundo.

que

Annos do Mundo.

que achou deſpovoados os noſſos campos; mas reputando a ſolidaõ hum effeito, naõ do medo, ſenaõ de deſignios novos, voltou para dar conta a Pompeo, que receou eſtratagemas temiveis na Naçaõ, que quando naõ podia ſervir-ſe do valor, mettia em uſo a vivacidade das induſtrias.

Elle determinou applicar as armas á conquiſta de Uxama, que hoje dizemos Oſma, defendida de Luſitanos, querendo com trabalhos, e repelões eſpantoſos vir traçando de longe a noſſa ruina. Inexoraveis ſe moſtráraõ aquelles corações intrepidos ás propoſtas pacificas, e ataques horrendos dos Romanos; depois da morte de Sertorio mais faceis a perder as vidas, que a eſtragar a fidelidade. Todos elles quizeraõ acabar na defenſa, e os poucos que Pompeo encontrou vivos, quando levou a praça por aſſalto, na ſua face ſe matáraõ voluntarios para lhe moſtrarem, que como valeroſos, acabavaõ livres. Diga elle ſe admirou Roma eſtas gentilezas nos ſeus Manlios, e envergonhe-ſe de nos dar em roſto

com

com hum ſó Decio. De Oſma partio Pompeo com maior poder ſobre Calahorra, tambem preſidiada de Luſitanos. Maiores defficuldades; que na primeira ponderou elle neſta ſegunda empreza, que lhe impedia recolher-ſe a Roma para receber na flor dos annos o triunfo mageſtoſo concedido aos Heróes. A impaciencia de ouvir na Patria o brádo das ſuas façanhas, o faz reſolver a abandonar Heſpanha, aonde deixou levantado para padraõ immortal da ſua memoria a Cidade de Pamplona, que fundou em Navarra.

Afranio ficou encarregado do ſitio de Calahorra, aonde quiz deſempenhar com as obras o conceito, que delle fizéra Pompeo; mas os cercados ſe defenderaõ com tal obſtinaçaõ, que depois de comerem as mulheres, e os filhos, depois de darem fogo a quanto havia na praça, para que os inimigos naõ chamaſſem victoria a hum rendimento ſem cativos, nem deſpojos: elles, em ſacrificar as vidas pela liberdade, imitáraõ aos de Oſma com reſoluçaõ, que por ſer ſegunda, naõ

per-

Annos do Mundo.

perde a estimaçaõ de rara. Afranio, que na Cidade naõ encontrou mais que horror, incendio, sangue, cadaveres, para arrancar do mundo o Obelysco, que havia conservar viva a memoria do valor dos Lusitanos, mandou arrazar os edificios, e os muros. Com estes, e semelhantes estragos substituio Afranio o lugar de Pompeo, sem que nos dez annos seguintes até o de 3941 as Historias nos refiraõ cousa memoravel, já superior a fortuna de Roma á corage de Hespanha.

3941. Os triunfos de Pompeo, e de Metello, a sobmissaõ dos Póvos, a falta de quem os commandasse, tudo fez entender ao Senado Romano, que a guerra desta parte dos Pyreneos estava acabada, e que bastava qualquer homem, mais politico, que de guerra, para governar o nosso Continente. Esta idéa o moveo a mandar por Pretor ao pacifico Publio Pison; mas elle teve de alterar a condiçaõ com a noticia, de que algumas Cidades, abusando da sua bondade, traçavaõ maquinas revoltosas. Elle principiou a domal-

las

las por meio do ſeu Queſtor Lucio Flaco; e para fazer as armas Romanas reſpeitadas, ſahio a campo com grande exercito, que devia obrar acções de eſtrondo, como ſe collige do triunfo com que Piſon foi recebido em Roma.

Teve elle por Succeſſor a Gneyo Piſon, de genio taõ oppoſto, taõ aborrecido pela ſua dureza de Romanos, e Heſpanhoes, que eſtes o matáraõ, os outros o conſentíraõ. Pouco depois houve nas cóſtas de Luſitania hum terremoto eſpantoſo, em que morreo muita gente, os lugares por largo tempo eſtiveraõ deſpovoados, o mar cobrio longos eſpaços do Continente, e deſcobrio terras no ſeu centro com admiraçaõ dos homens. Do Pretor Quinto-Calidio ſe diz, que derrotára muitas trópas de Luſitanos revoltoſos, que naõ podiaõ eſquecer o amor da liberdade, nem o odio contra os Romanos. Tuberon trouxe a Heſpanha por ſeu Queſtor a Julio-Ceſar, que no Templo de Hercules em Cadiz teve hum ſonho admiravel, bem interpretado

do a favor dos ſeus intentos pelos Agoureiros, que pelas circunſtancias delle, lhe prognoſticáraõ o ſenhorio abſoluto da República Romana, que daqui em diante lhe começou a preparar a ſua fortuna.

Eſte homem famoſo foi em tudo grande. Ceſar pode diſputar vantagens entre a excellencia de Eſcritor, e a ſingularidade de Capitaõ. Na Eloquencia, na Erudiçaõ, na Hiſtoria, na Poeſia, nos talentos militares, ninguem no ſeu Seculo o excedeo. Já nós o temos Queſtor, e logo o veremos Pretor em Heſpanha, aonde eſcreveo os livros *Ante-Catões*, e o Poema intitulado *Iter*: os primeiros pouco depois da batalha de Munda, e o ultimo quando veio de Roma á Betica contra os filhos de Pompeo. Ceſar he o Heróe que em menos de dez annos fez guerra nas Gallias, tomou por força mais de oitocentas Cidades, dom[inou] trezentas Nações, combateo por [di]verſas vezes em batalha campal c[on]tra tres milhões de inimigos, [dos] quaes matou hum milhaõ, e fez

Annos do Mundo.

tro prisioneiro. Em fim, Cesar pela grandeza das suas idéas, pelo rápido das suas conquistas, pela sua corage, e intrepidez nos perigos, diz Paterculo, que elle podia ser comparado a Alexandre o Grande; mas sem o excesso do vinho, e da cólera de Alexandre.

LI.

LIVRO III.

Da Historia Antiga de Portugal.

CAPITULO I.

Da Pretura de Julio Cesar em Hespanha.

A PAZ profunda dos dez annos depois do Governo de Pompeo, e Metello, de que acabei de fallar no Livro precedente, tinha feito com que Roma se descuidasse hum pouco dos negocios de Hespanha. Pelo contrario os Lusitanos, que naõ perdiaõ conjuntura para promover os interesses da liberdade, elles se aproveitavaõ daquella omissaõ, invadindo, assolando, comettendo tantas hostilidades nas terras de Andaluzia, que os Romanos naõ eraõ senhores de sahir dos Presidios sem o perigo evidente do cativeiro, ou da morte. Esta inquietaçaõ dos nossos espiritos obrigou o Senado a mand

por Pretor de Hespanha a Julio-Cesar, se ainda naõ taõ grande como ao depois, já com merecimento que lhe dava lugar entre os maiores. Em annos verdes a sciencia o fizéra politico, o valor soldado; duas azas, que o remontáraõ á esféra de Soberano absoluto, á regiaõ de Heróe completo. Da intolerancia, ou magnanimidade do seu espirito deo elle os indicios na jornada para Hespanha, quando aquartelando-se em França na mais desprezivel das suas Aldeias, e ouvindo disputar aos camaradas se haveriaõ nella homens, que aspirassem a dominar os outros, elle respondeo promptamente: Em quanto a mim, antes aqui primeiro, que segundo em Roma.

Annos do Mundo.

Vagos, e derramados na execuçaõ dos insultos encontrou Cesar aos Lusitanos. Elle se receou dos seus ardís, e para lhes embotar, menos os fios das espadas, que os do juizo, se resolveo com crueldade a enchellos de terror, a ocupallos do medo. Na primeira marcha naõ conseguio elle mais, que fazellos recolher circunspectos do in-

Annos do Mundo.

interior de Heſpanha para as ſuas terras. Com exercito formidavel, que os moradores roubados, e perſeguidos de Andaluzia faziaõ mais temivel, elle entra por Luſitania nadando em ſangue, foſſe innocente, ou culpado. Indignidade barbara do grande Ceſar! Elle naõ ſe ſatisfaz com deſpedaçar os homens: ás Cidades, que ſe lhe entregavaõ humildes, arrazava os muros, e mandava roubar os moradores. Os Hiſtoriadores Romanos deſculpaõ a Ceſar neſtas atrocidades, que attribuem aos Heſpanhoes eſcandaliſados; mas ſe Ceſar naõ as executa, quem o deſculpará, quando as conſente?

Ambicioſo de mais gloria, que a de render Praças na terra plana, ſobmettidas ſem reſiſtencia; elle intenta atacar a ferocidade dos noſſos Herminios, habitadores da Serra da Eſtrella, entaõ chamada Herminia, que ſe fiavaõ na fortaleza do ſitio, no forte dos animos, e para obſervar tudo, lhes mandou huma Embaixada. Viraõ os Miniſtros de Ceſar nos dous ſexos huns monſtros humanos cobertos de

pel-

pelles de cabras, no aſpecto horrendos, no ar ferozes, em ſe alimentar brutos, nos alaridos eſpantoſos, em ſobir ás ſerras empinadas ligeiros, vibrando as armas denodados, longe do medo, ignorantes da eſtimaçaõ da vida, ſem outro cuidado, que o de viverem livres paſtando os ſeus gados. Depois de os entreterem alguns dias com o divertimento de verem os penedos deſcarnados, as cavernas funebres, as choupanas ruſticas, a fragoſidade das montanhas: junta a chuſma ſalvagem, depois de ferir os horiſontes com éccos eſpantoſos, de vibrar as armas com impetos ferozes, ella ordena aos Embaixadores proponhaõ a commiſſaõ, de que Ceſar os encarregára.

Continhaõ os officios Romanos: Que o ſeu Chéfe ſe laſtimava, de que huns homens que naſcêraõ racionaes, viveſſem na companhia das féras: Que ſendo notorias as ſuas virtudes, a ſua probidade, e o ſeu esforço, elles naõ communicaſſem tudo ás outras gentes para gloria ſua, e exemplo dellas: *Que naõ era juſto* paſſaſſem a vida co-

mo

Annos do Mundo.

mo ladrões eſpiritos taõ valeroſos acantonados nos ſerros, quando podiaõ eſtabelecer huma reputaçaõ brilhante com acções famoſas, que mereceriaõ o louvor, e os premios do Senado Romano: Que por iſſo Ceſar lhes perſuadia quizeſſem deixar os montes, e deſcer para a habitaçaõ das terras planas, aonde encontrariaõ melhores commodidades para as ſuas criações, que elle promoveria com maõ liberal. « A eſte arraſoado ſe ſeguíraõ novos eſtrepitos, alaridos, e golpes nas armas, como diſpoſições para a atençaõ, com que os Miniſtros haviaõ ouvir a reſpoſta, que hum ruſtico veneravel pelas cans, e authoridade deo em nome de toda a Aſſembléa, intimando-lhes em tom groſſeiro, e fero:

Que foſſem dizer a Ceſar, aonde mandava elle perſuadir os nojos, que lhe cauſava o ſeu máo modo de viver, como ſe iſſo foſſe couſa, que a elle lhe empeceſſe, ou os Herminios gente de guiſa para acreditar ſolapas: Que a ſua meſura naõ filhaſſe em ſi pezar, nem ſe atormentaſſe da ſua companha

com

com as alimarias, que nisso estavaõ criados, e a criaçaõ podia muito: Que a sua liberdade, e franco modo de viver herdada dos seus Maiores lá para traz, naõ era de taõ pouca estima, que com ella houvessem de fazer trocas, nem o seu animo taõ pouco macho, que deixassem a propria terra sem nella ficarem deitadas de mergullaõ todas as vidas: Que erèto haviaõ dar os Herminios ao que elles acabavaõ de papear em seu nome, se as Cidades que elle tomava em boa paz as fazia hum patameiro de sangue, e os moradores carneirada no talho: Que abaixarem elles das suas terras para os plainos, era dar huma quéda, que nos seus serros faria hum grande baque: Que álem disso o seu Ceo era alli muito mais craro, as suas aguas muito frescas, os seus pastos regallados, o seu conduito de todo o anno: Que elles tinhaõ servido pouco a Cesar para lhes querer fazer tantas merceias: Que se fosse embora, e os deixasse, bem theudo a conhecer, que o contrairo lhe havia custar caro.

Annos do Mundo.

Á respoſta do ruſtico levantáraõ hum alarido grande os paiſanos, que batiaõ com os eſcudos huns nos outros em ſinal de approvaçaõ, e rompimento de guerra. Ceſar inſtruido das ſuas intençóes, a declara, e ſe reſolve a invadir a montanha, aonde já mais ſobira gente armada. A ſua corage ſe perturba, quando aviſta os penedos nús, e deſcarnados dos montes cobertos de arvoredos ſilveſtres, e melancolicos, cingidos por huma coroa de neve, que faz o Inverno mais triſte; que combate, e vence os ardores do Veraõ; quando percebeo a languidez das tropas, que naõ approvavaõ expor-ſe a perigos evidentes na conquiſta de humas roxas inacceſſiveis por natureza, de que naõ reſultava outro intereſſe além da vaidade de Ceſar ſe querer ſingulariſar por emprehender evidentes impoſſiveis. Elle incapaz de ceder ás difficuldades, que previa, ganhou a devoçaõ de alguns Luſitanos moradores nas faldas da ſerra, e com largas promeſſas os induzio para guiarem por caminhos occultos huma parti-

tida ao lugar, aonde os Herminios tinhaõ depositado sem guardas as suas mulheres, e filhos incapazes dos combates. Em quanto este esquadraõ soportava na marcha trabalhos immensos, Cesar para a esconder aos Herminios, emprehendeo a sobida com o resto do exercito pela garganta dos montes para os chamar todos á defensa.

Foi ella taõ vigorosa, e intrepida, que Cesar houve de retroceder com a gente bem diminuida, e a reputaçaõ amolgada. Na madrugada seguinte sobio o esquadraõ destacado a fragosidade das brenhas, e assaltando aos innocentes desprevenidos, o estrondo dos golpes, e o clamor dos agonizantes avizou aos Herminios do estrago destes pedaços das suas almas. Elles, para acodirem aos éccos, que os chamavaõ, e os feriaõ, abandonáraõ os postos, que logo foraõ occupados pelo exercito Cesareo, aonde elles o acháraõ postado, quando voltavaõ triunfantes do esquadraõ, que passáraõ a espada sem reserva de hum só homem. *A necessidade* abatteo a arrogancia dos

Annos do Mundo. 3942.

Herminios, que pedíraõ a paz, e se lhes deó com a condiçaõ de baixárem do monte para os Valles, aonde se estabelecêraõ violentos até se lhes offerecer conjuntura de se conduzirem briosos. O espanto desta victoria occupou de sórte aos moradores dos lugares comarcãos desta parte do Douro, que todos desampararáraõ as terras para se refugiarem além do rio. Cesar *os* encontrou embaraçados na sua passagem, e com barbaridade indigna do seu caracter, fez que humas vidas acabassem a ferro; outras perecessem nas aguas. Despojos foraõ da atrocidade os meninos, e as mulheres, entre ellas muitas com resoluçaõ taõ heroica, que abraçadas com as suas prendas innocentes, se lançáraõ ao Douro, menos sensiveis ás agonias da morte, que aos grilhões do cativeiro.

A passagem de Cesar a Galliza nesta campanha he muito disputada. Se elle a fez, naõ se demorou nas suas terras; porque os Herminios, desassombrados do primeiro susto, se revoltáraõ a favor da liberdade. Cesar, que

que só era capaz de abatellos, acodio a reconquistallos; mas naõ tendo as suas forças em proporçaõ de atacar homens desesperados, houve de esperar grossas recrutas, que mandára vir das praças de Hespanha. Este intervallo deo lugar aos Herminios para formarem dous exercitos; o menor, que marchasse com lentidaõ pela costa do mar, escoltando as mulheres, meninos, e rebanhos; o maior, que esperaria a Cesar para lhe dar huma batalha, e se succedesse naõ mudar a fortuna daquelle Chéfe, os vencidos segurariaõ a retirada buscando a uniaõ do primeiro campo. Em conflicto horrendo se battêraõ os Herminios, e encontráraõ a mesma fortuna, o mesmo Cesar.

Annos do Mundo.

Os rusticos destroçados se retiráraõ a buscar o outro corpo, que marchou com a noticia da derrota accelarado a algum lugar forte para o valor obrar as ultimas extremidades. O destino os levou á vista de Peniche, aonde a maré cheia formava huma Ilha, a que se podia chegar na vasia com a agua pelos peitos, como os Hermi-

nios

Annos do Mundo. 3943.

nios o fizeraõ , e ás ſuas mulheres , meninos , e gados , que foraõ as pontes para o paſſo deſtes afflictos , com quem combatia a conſternaçaõ , e a magnanimidade, eſta naõ os deixando render , a outra trabalhando pelos ſalvar. Aſſombrou-ſe Ceſar com eſta gentileza , que por ſer obrada a influxos do medo , naõ quiz excedeſſe á da ſua corage , e com o meſmo favor da maré baixa mandou atacar os Herminios pelo melhor do ſeu Exercito , commandado por Gneyo Plaucio , para ter a gloria de dominar homens ſemelhantes. Em quanto durava a refrega ſobio o mar , e a deſeſperaçaõ , que fazia a defenſa , arrojou a elle cadaveres a todos os Romanos , excepto Publio-Scevio , que deveo a vida á deſtreza de bom nadador.

A Ilha de Peniche guarnecida de huns poucos de milhares de ruſticos , Ceſar a teve por hum objecto digno das ſuas attenções ; ella o fez parar na carreira das victorias , reſoluto a naõ deſiſtir ſem triunfar , ou morrer. Ao vencedor das Nações ſervem de eſ-

candalo os montanhezes da Serra da Estrella acantonados, famintos, sem soccorro; que naõ admitem outro partido, senaõ deixallos em paz na sua Ilha, ou hum dos dous oppostos acabar na contenda. Impossivel de render a obstinaçaõ, Cesar se deixou estar á vista dos Herminios até vir a Armada, que mandou buscar a Cadiz. Quando os salvagens a descobríraõ, entenderaõ que eraõ monstros marinhos, animaes nadantes, que chegavaõ a tragallos. Elles, que já o estavaõ da fome, faltavaõ-lhes as forças para a resistencia, e houveraõ de se sugeitar ás leis do vencedor. Aqui deo o ultimo arranco a guerra diuturna de Lusitania contra Roma. Foi Cesar quem completamente venceo os Portuguezes, e logo começou a usar com elles de tantas liberalidades, em premio do seu valor heroico, que respeitáraõ affavel o animo pouco antes temido por feroz.

Embarcou-se Cesar na Armada para Galliza, aonde obrou acções, que naõ saõ do meu assumpto. Na volta desta expediçaõ tornou a tomar terra

em Peniche, donde despedio a Armada para Cadiz, e elle penetrou toda Lusitania com tanta segurança, e satisfaçaõ dos Póvos rendidos á sua munificencia, como se fizesse a jornada pela campanha do Lacio. Com o gosto de levar o célebre potro Andaluz de cinco unhas em cada casco, de que nos deixou memoria Suetonio, e que o servio fiel nas guerras das *Gallias*, de Africa, e de Pompeo; elle chegou a Cadiz, e se embarcou cheio de gloria para Roma, aonde o deixaremos traçando as maiores máquinas para obter o Consulado, para arruinar a República Romana, em quanto nós seguimos o fio da nossa Historia, sem nos embaraçarmos com as alheias.

C.

CAPITULO II.

Continuaçaõ dos successos da Lusitania, e guerra civil de Cesar, e Pompeo em Hespanha.

DEIXOU Cesar Propretor de Hespanha ao mesmo Tuberon, de quem elle fora Questor, que desejava conservar a paz dos Póvos; mas os Lusitanos sem os reduzirem calamidades, nem beneficios a esquecer o amor da liberdade, e a vingança das crueldades passadas, naõ perdiaõ para ellas as occasiões mais ligeiras. Especialmente no Governo do Proconsul Publio-Cincinato restauráraõ elles sobre os inimigos muitas das suas perdas, invitando os animos para revoluções novas, que teve de abafar com as armas o seu Successor Publio-Cornelio Lentulo. Nos nossos Seculos se acháraõ dous Monumentos nas Inscripções de duas pedras, huma junto a Capara, outra perto de Marvaõ, que prováraõ a verdade desta guerra, e o desasocego dos Lusitanos

3944.

Annos do Mundo.

nos pela amavel liberdade. Dizia a primeira, que Lucio-Lolio, Alferes da Legiaõ Decima Gemina, acabára alli a vida servindo seu cargo debaixo do mando de Publio-Cornelio Lentulo na guerra que teve com os salteadores, que haviaõ sahido da Lusitania. A segunda continha, que os moradores de Mirobriga (hoje Marvaõ) dedicáraõ aquella memoria ao Proconsul Publio-Cornelio Lentulo, Feliz, que entrando sua Cidade por força de armas, usára grande piedade com os Cidadãos.

Já neste tempo fazia Cesar a guerra nas Gallias com a mesma fortuna da de Hespanha. Os Francezes opprimidos pedíraõ soccorros da nossa gente, especialmente os soldados velhos do tempo de Sertorio. Crasso, Legado de Cesar, teve a gloria de dar batalha ao exercito Gallo-Lusitano, em que cometteo temeridades o valor; mas como Roma tinha chegado á Época feliz de nada atalhar o curso das suas victorias, o exercito colligado, depois da perda de quarenta mil vidas,

lar-

largou o campo. Os Lusitanos obrárao nesta guerra proezas gentís, e os mesmos Escritores Francezes sem paixaõ confessaõ, que elles nesta jornada ensináraõ á sua Naçaõ os primeiros elementos da guerra, polindo o seu modo de peleijar até entaõ barbaro, e sem ordem.

Annos d Mundo. 3945.

No espaço dos sete annos, que se seguíraõ, nada houve de memoravel na Lusitania, naõ devendo fazer especie huma sombra de guerra a que deo occasiaõ o Pretor Q. Cecilio Dentato com a extracçaõ violenta do trigo para fornecimento de Roma. Discordia, que se compoz facilmente, gozando já os nossos com suavidade o beneficio do estudo das Letras, as vantagens do Commercio, e os interesses da Agricultura á sombra da reputaçaõ das armas Romanas. Naõ tardáraõ porém cuidados novos com as inquietações dos Vacceos, e Vetones Lusitanos seus confederados, que principiáraõ a atiçar o incendio no interior de Hespanha. O Senado o temeo tanto, que fiou a sua extinçaõ do calor de Pom-

3946 até 3953.

peo;

Annos do Mundo.

peo; mas elle embaraçado com o ſeu caſamento, a encarregou aos ſeus tres Legados Afranio, Marco Varro, ſe Petreyo, que vieraõ ao noſſo Continente com ſete Legiões aguerridas. Nós vamos a ver preparado o theatro para repreſentações funeſtas.

O Triumvirato formado entre Pompeo, Ceſar, e Craſſo, unicamente pelos ſeus intereſſes particulares, e que involveo a ruina de todos igualmente com a da República, moſtra com bem evidencia quanto nós devemos penſar da probidade de Pompeo decantada por Cicero. Elle paſſou muito além, naõ ſe envergonhando de eſcolher a Ceſar por ſeu Sogro, adoptando por eſta alliança as ſuas deſordens, os ſeus crimes, as ſuas vaſtas idéas. Naõ ſe enganou Cataõ na ruptura da uniaõ, que prevenio. Elle á viſta do eſtrago das Leis, do deſprezo do Senado, da corrupçaõ do Povo, naõ ceſſava de advertir aos Romanos amantes da Patria, que elles meſmos trabalhaſſem por ſe eleger hum ſoberano, deſpojando-ſe do mais precioſo dos ſeus

bens,

bens, qual era a liberdade. Como Cataõ o prediſſe, as couſas ſuccedêraõ. A deſuniaõ appareceo logo monſtruoſa, moſtrando ambos os partidos em armas. Hum parecia, que tinha a ſeu favor a juſtiça, o outro a força. Pompeo firmava-ſe na authoridade do Senado, Ceſar buſcou apoio no valor dos ſeus ſoldados; mas o primeiro deſacreditou a eſtimaçaõ, que ſe tinha concebido do ſeu merecimento com abandonar Roma, e Italia para ſe retirar a Macedonia.

Naõ me pertencem os ſucceſſos deſta guerra civíl, que todo o mundo ſabe: Eu direi o que nos toca. Aqui baſta que reſuma, como depois do eſtrago de boa parte do Genero Humano, da efuſaõ do melhor ſangue do Imperio Romano, Ceſar ficou ſeu dominante abſoluto, ſem faltar á ſua ambiçaõ mais que o ornato da ſoberania, o Titulo de Rei, que os ſeus Emiſſarios muitas vezes lhe pretendêraõ. Eis-aqui o deſejo que lhe abreviou a vida, e affogou a gloria no ſeu meſmo ſangue. Inſpirou o Agente Supremo de

Annos do Mundo.
3954.

todos os succeſſos aos Romanos o ultimo esforço a favor da liberdade, que eſpirava. Elle diſpoz, que Ceſar armaſſe as mãos dos ſeus melhores amigos, daquelles que elle mais havia honrado, para eſte Uſurpador, que ſe tinha ſervido do credito de Pompeo para eſtabelecer a ſua tyrannia, ſer aſſaſſinado, cahir morto a punhaladas aos pés da eſtatua do meſmo Pompeo. Em fim, Ceſar deſobediente ás ordens do Senado, apreſenta as ſuas armas ſobre Roma contra a parcialidade de Pompeo, que vai para Macedonia, e Ceſar paſſa a Heſpanha contra os ſeus tres Legados, que acabei de nomear, e que cuidáraõ em fazer diſpoſições bizarras para lhe impedir a entrada, e ſuſtentar com vigor o ſeu partido.

Em quanto elles guarneciaõ os desfiladeiros, e paſſos dos Pyreneos, e ſe preparavaõ em Lerida para deter os de Ceſar. Elle augmentando em França o número das ſuas trópas, com ardís generoſos enganou a prevençaõ contraria. Dos muros de Lerida viraõ

os

Annos do Mundo.

os Legados tremolar nos campos de Heſpanha as bandeiras Ceſareas; e Ceſar lançar pontes ſobre o rio Segre, naõ lhe impedindo as ſuas correntes, nem as do Cinca com as margens bem guardadas, fazer pé a traz a fortuna, que entaõ corria rápida para ir aplainando a Ceſar todos os tropeços. Eu naõ me embaraçarei com eſta guerra de Lerida, que he alheia. Baſta que diga, que o valor dos Luſitanos, que nella ſe acháraõ, foi mais attendido: que elles ganhárao aos Pompeanos huma victoria memoravel: que Ceſar venceo a ultima batalha; e que a ſua clemencia nada mais quiz dos tres Legados, que paſſarem os montes, e abandonar Heſpanha. O meſmo praticou com os Heſpanhoes, e Luſitanos, que ſe recolhêraõ ſatisfeitos da liberalidade, a que entaõ convinha a ganhar corações.

Sem inimigos no noſſo Continente, Ceſar partio para Roma a continuar o projecto de arruinar a República, e a Pompeo na Grecia. Elle deixou Propretor da Luſitania, e Andalu-

Annos do Mundo.

luzia ao Cruel Caſſio-Longuinho, inimigo inexhoravel da noſſa gente deſde o tempo que fora entre ella Queſtor de Pompeo. Naõ podendo os animos tolerar as ſuas inſolencias, com que queria buſcar pretextos para a guerra; elle ſe queixava dos Herminios, que depois da auſencia de Ceſar haviaõ fortificado a Serra da Eſtrella, e eraõ os menos ſoffridos nas ſuas extorsões. Como a ſua pobreza fornecia pouca materia para a avareza de Caſſio, atacou a rica Meydobriga, ſituada na raiz da Serra, com o fundamento de ſer alliada dos Herminios. Deſeſperada de remedio, a guarniçaõ fugio para a montanha; mas como eſtes, e outros ſucceſſos naõ tem mais teſtemunho, que o das Inſcripções breves, e confuſas dos Monumentos antigos, nós naõ devemos com elles gaſtar o tempo.

Os Herminios lançados por Ceſar da Serra da Eſtrella tinhaõ multiplicado tanto neſtes annos, que além dos muitos que andavaõ derramados por toda Luſitania, outros em grande numero deſcèraõ da Serra, e intentáraõ

oc-

Annos do Mundo.

occupar as margens do Téjo a prejuiſo dos ſeus antigos moradores. Eſtes ſe preveníraõ com ſoccorros, e o meſmo fizeraõ os de Lisboa. Sitiáraõ os Barbaros eſta Cidade com mais ardor, que diſciplina. Ignoráraõ, que deviaõ ſoſtentar as margens do rio, e o ſeu deſcuido facilitou aos camponezes atacallos, e deſtruillos com derrota taõ completa, que fóra das Serras da Eſtrella, Marvaõ, e Aramenha naõ ſe víraõ na Luſitania mais Herminios. Tudo por entaõ ficou em ſocego; mas tardou pouco que o eſtrondo das armas de Ceſar ſobre os filhos de Pompeo naõ chamaſſe as attenções de toda Heſpanha.

3955. Entráraõ nella Gneyo, e Sexto reſolutos a continuar a guerra contra Ceſar, ſem os perturbar a deſgraça de ſeu pai Pompeo, que na batalha de Farſalia perdêra a vida com as apparencias de querer ſoſtentar a liberdade de Roma. Os ſeus genios affaveis, e o grande odio, que os Luſitanos tinhaõ concebido contra Ceſar, os inclinou á ſua devoçaõ, commandados

Annos do Mundo.

pelo Capitaõ Filo ſeu nacional. A noticia da ſugeiçaõ de Africa ás armas de Ceſar obrigou Gneyo a mudar de medidas. Para aſſegurar as cóſtas de Heſpanha nomeou para General da grande Armada, que tinhaõ nella, a Accio Varro: para commandar a cavallaria ao experimentado Labieno: para defender a importante Praça de Cordova a ſeu irmaõ Sexto. De todo o Continente ſe lhe hiaõ unindo tantas forças, que os ſeus negocios tomavaõ o ſemblante dos mais felices, naõ podendo Pédio, e Fabio, Legados de Ceſar, dar hum paſſo a favor dos ſeus intereſſes. Elles o aviſáraõ a toda a diligencia do perigo, em que ſe achavaõ, e os Hiſtoriadores naõ acabaõ de encarecer a preſſa com que a agilidade de Ceſar o trouxéra a Heſpanha deſde Roma em dezaſete, ou vinte dias, cobrindo a marcha de hum exercito numeroſo, como ſe elle, e o Chéfe foſſem hum correio de poſta, ou hum volante ligeiro.

3957.

O voo accelerado de Ceſar naõ o pode trazer a tempo de impedir nos

cam-

campos de Capara a derrota formidavel, que Gneyo Pompeo, e os seus alliados deraõ aos Legados Pédio, e Fabio, começando escaramuça leve, acabando geral conflicto. Gneyo triunfante marchava a sitiar a Cidade de Ulia, quando Cesar appareceo sobre Cordova. Cinco legoas de distancia entre os dous campos facilitou a Cesar metter na Praça já apertada o soccorro, que fiou á intrepidez do Hespanhol Lucio-Junio Pacieco. Ao mesmo tempo ganhou a devoçaõ de muitos dos Cordovezes, que lhe entregariaõ a Cidade, se a vigilancia de Sexto Pompeo naõ lhes derrotára os designios. Elle avisou a seu irmaõ Gneyo do perigo, em que se achava, persuadindo-o naõ quizesse por ganhar huma Praça arriscar outra. Levantou Gneyo o sitio de Ulia, e marchou para Cordova, aonde postou o exercito na frente do de Cesar. Muitas, e raras gentilezas obráraõ as partidas, especialmente as dos Lusitanos, que traziaõ attentos todos os olhos, empenhado Gneyo em entreter a Cesar, Cesar em combater

Annos do Mundo.

Annos do Mundo.

a Gneyo. Com este intento poz elle sitio á Cidade de Atega, que hoje se diz Teba-Velha, para onde o seguio Gneyo; mas observando o campo muito reforçado com trópas de refresco, elle se retirou precipitado.

Para lhe picar a retaguarda destacou Cesar ao Rei Indo. Gneyo a mandou cobrir pelo Capitaõ Filo com os seus Lusitanos, que depois de matarem o Rei, e degollarem grande parte das suas trópas, derrotáraõ os designios de Cesar. Naõ bastou esta vantagem para Gneyo soldar a quebra da sua retirada, que escandalisou alguns dos Romanos do presidio da Cidade, e se passáraõ para o partido contrario. Os Lusitanos, que compunhaõ a maior parte da guarniçaõ de Atega, antes que o resto dos Romanos seguisse o exemplo dos primeiros, se lançáraõ sobre elles, e os passáraõ á espada. Informado Gneyo do que succedia na Praça, do abatimento da reputaçaõ, da fé com que os Lusitanos trataváõ os seus interesses, resolveo voltar ao mesmo campo, que abandonára; mas

alli-

antes elle o naõ fizéra, para na face da mais vigorosa resistencia, ser a sua inacçaõ tibia huma testemunha da infelicidade da constancia Lusitana, da entrega da Cidade a Cesar, da dos homens á sua fortuna.

Esta conquista, a clemencia, que Cesar usou com os rendidos, a effusaõ da sua liberalidade, inclinavaõ todos os corações ao mesmo destino de Atega. Já eraõ raros os que deixavaõ de notar a Gneyo de duro com os amigos, de tyranno com os contrarios, de demasiado nos castigos, de abandonado á pouca fé. Talvez que o receio destas faltas de vantagem o resolvessem a arriscar todo o cabedal a hum lance da fortuna, antes que todo perdesse sem o favor das contingencias, privado do beneficio da esperança. Em fim, os dous Rivaes se encontraõ nos campos de Munda. Elles saõ os de Farsa em Hespanha, aonde o filho tem a mesma sórte do pai. Hum dia inteiro combatêraõ os dous exercitos com tanta animosidade, que o combate mais parecia de féras, que de homens. Por

par-

Annos do Mundo.

parte alguma ſe declarava a victoria, quando hum dos chamados Acaſos a deo a Ceſar. Rogul, Rei Africano, acaſo ſe lembrou de puchar huma partida para inveſtir os arraiaes de Gneyo mal guardados, tendo em ſi riquezas infinitas. O General Labieno, que penetrou os intentos do Africano, correo com a cavallaria a cortar-lhe a marcha. Ambos os Exercitos tiveraõ eſta manobra de Labieno por huma fugida: o de Ceſar clama victoria; o de Gneyo perde a corage. Elle na téſta da ſua guarda de Luſitanos, o outro a pé com a viſeira levantada no centro dos perigos, combatem em deſeſperados.

Já ſenaõ vê na campanha mais que deſtroços da humanidade, reliquias do furor; os Pompeanos fugindo, os Ceſareos matando. Do meio de trinta mil cadaveres de Romanos, e de ſete mil de Luſitanos ſe retira Gneyo com a eſcolta de cento, e cincoenta cavalleiros da ultima daquellas nações, que com fidelidade paſmoſa o accompanhaõ a Gibraltar em demanda da Armáda, que alli tinha. Só mil homens perdeo Ce-

Annos do Mundo.

Cesar; pouco fundo para tanta ganancia. Decidio-se a contenda, e perdeo Roma a esperança da liberdade, porque a Cesar naõ ha quem resista. Os famosos Accio Varro, e Labieno foraõ do número dos mortos: muita gente se recolheo em Munda: Filo com os Lusitanos se retirou para Sevilha. Gneyo, rodeado de desgraças, temeroso das trópas, que lhe hiaõ no alcance, afflicto com a revoluçaõ de Carteya, agora as Algeziras, aonde os moradores o quizeraõ prender, com feridas novas no acto de embarcar pelo erro do golpe, que se encaminhava a cortar huma corda; elle navega o Mediterraneo, consternado, fraco, falto de sangue, quando sente ao Almirante Didio, que com a esquadra de Cesar o persegue, para que naõ haja Elemento, que o ampare.

Foi esta a ultima infelicidade de Gneyo, que o obrigou a desembarcar com todos os Lusitanos para elles o conduzirem sobre os seus hombros até chegarem a Lusitania, aonde esperavaõ ajuntar exercito taõ copioso, que reno-

Annos do Mundo.

novaſſe a guerra. A eſte tempo o buſcava por toda a parte Ceſſonio Leaton com a Cavallaria de Ceſar, que o encontrou no eſtado referido. Os Luſitanos empenhados em ſalvar-lhe a *vida*, o leváraõ a hum monte fragoſo, *inacceſſivel* á Cavallaria, que lhe tomou todas as ſahidas com o cuidado de quem buſcava hum homem, que com a ſua morte havia dar ſocego ao Mundo. Ceſſonio, que daqui deſcobríra a Armada de Didio coſida com a terra, lhe fez aviſo do que ſe paſſava; pedindolhe deſembarcaſſe a Infantaria para com hum golpe dar fim á guerra. Eſtimou Didio o empenho; ambos eſcaláraõ a montanha, aonde os Luſitanos fizeraõ huma defenſa ſuperior ao encarecimento; morrêraõ os mais; os outros foraõ preſos, e Gneyo ſe eſcondeo em huma caverna para nella ſepultar vivo as glorias da ſua grande caſa. Promeſſas, ameaças, favores, tormentos, tudo os Luſitanos deſpreſáraõ para o naõ deſcobrirem. Hum Romano infiel entregou a Gneyo, que ſendo atacado eſtando mal ferido, com hum joelho

em

Annos do Mundo.

em terra peleijou de modo, que antes de o matarem, tirou muitas vidas. Cesar chorou esta morte com lagrimas, que a lisonja chama de piedade, quando ellas correm das fontes da complacencia. A mesma qualidade de ternura, que tiveraõ as que Alexandre derramou sobre o cadaver de Dario, podemos crêr que foraõ as que verteo Cesar com a noticia da desgraça de Gneyo.

CAPITULO III.

Successos de Sexto Pompeo, de Filo, acções de Cesar na Lusitania com outros acontecimentos.

3958, até 3964.

OS poucos Lusitanos que escapáraõ da carneceria da montanha em que deixamos morto a Gneyo-Pompeo, deraõ parte da sua infelicidade ao grande número delles, que andavaõ desgarrados pelos contornos immediatos, assim como por muitas partes da Hespanha. Todos se ajuntáraõ em hum corpo para buscarem o seu Capitaõ, que vie-

Annos do Mundo.

vieraõ a encontrar ſem cabeça, inſepulto, e laſtimoſo cadaver. Á viſta do objecto da compaixaõ ſe accendeo a cólera, que os fez jurar com exageraçaõ a naõ viver ſem vingança, ou morrer nella. Elles ſe lançaõ na *noite* ſobre Didio, que tinha a Armada pojada em terra, e do primeiro golpe elle, e os ſeus perdem as vidas: deſpojos do fogo foraõ as galez; o *mais* preza dos ſoldados. Daqui marcháraõ para Sevilha a incorporar-ſe com o ſeu Capitaõ Filo, que os recebeo com os agrados merecidos pela façanha duas vezes qualificada, huma pela fidelidade do valor, e outra pelo aperto da conjuntura.

Com a noticia da morte de Gneyo, ſeu irmaõ Sexto abandonou Cordova, levando repartido pelos ſoldados o grande theſouro, que ſe guardava naquella Cidade para os gaſtos da guerra. No caminho ſe lhe ajuntáraõ muitos Luſitanos, que andavaõ deſgarrados depois da batalha de Munda: ſoccorro taõ importante, que com elle ſuſtentou hum dia inteiro o encontro

pe-

pezado, que teve com Ceſſonio, matador de ſeu irmaõ, e que a elle o chegou á meſma extremidade, ſe o valor dos noſſos naõ o pozéra a ſalvo na Luſitania, donde logo ſahirá a fazer no mundo figuras eſtranhas. Entretanto Ceſar, marchando na vanguarda com a reputaçaõ, e beneficencia, ſe fez ſenhor de Cordova, e do reſto de Andaluzia. O noſſo Filo em Sevilha naõ quiz experimentar a ſegunda, nem temeo a primeira. Elle rodeado de muitos Luſitanos com corage do tamanho da ſua, ſe reſolveo ſeguir até ao fim o deſtino dos ſeus amigos filhos de Pompeo, e esforça os animos para reſiſtirem a Ceſar, que os buſcava em plena marcha. Nada ſe ficou devendo a ſi meſmo o valor deſmedido de Filo, e dos ſeus camaradas; mas a fortuna do Dominante do Univerſo os forçou a fazer-ſe na volta da Luſitania para recrutar as trópas diminuidas em avances ſem número.

Annos do Mundo.

Reforçado com as da Cidade de Lenio em Luſitania, que mandava o *Capitaõ Cecilio* Negro, faccionario de

Pom-

Annos do Mundo.

Pompeo; Filo marcha apreſſado a ſoccorrer Sevilha, que ſe defendia obſtinada. Hum eſtratagema bem penſado com que Ceſar em huma ſahida nocturna atraca todos os Luſitanos entre o rio, e huma Legiaõ eſcolhida, querendo abrazar-lhe as galez, deo a Ceſar a victoria. Elle mata a todos depois de hum combate deſeſperado para romperem os Romanos, e ſalvar-ſe na Praça. Com eſte golpe ſe rendeo Sevilha; cahio a fortaleza de Munda; abriraõ as portas todas as Praças confinantes; acaba de triunfar Ceſar. Elle determina entrar na Luſitania, aonde o temor das crueldades executadas no tempo da ſua Pretura, invita os animos para huma vigoroſa reſiſtencia. Cuida Ceſar em evitar huma nova guerra, que na contingencia dos ſucceſſos podia ſer dilatada, e por iſſo oppoem aos noſſos ſuſtos as ſuas beneficencias.

A todos os Luſitanos priſioneiros, que ſegundo as leis da guerra eraõ cativos, elle lhes dá liberdade gratuita, e os manda recolher á Patria favorecidos. Entra pelos confins da Luſitania

Annos do Mundo.

ſem conſentir que os ſeus ſoldados deſviem hum pé dos caminhos, nem lancem maõ ao fruto mais deſprezivel ſem o pagarem á vontade de ſeu dono. Reſpirando a aura da paz, da liberalidade, da brandura, elle chega a Béja, naõ querendo entranhar-ſe no Reino ſem o conſentimento voluntario dos moradores. Alli convoca os Emiſſarios das Cidades, que eſtavaõ póſtas em armas, e ſem as deſpirem, mandaõ ſaber o que Ceſar pretende dellas. Elle trata a todos com tanta affabilidade, propõem-lhes paz vantajoſa, e lhes dá a conhecer com eloquencia taõ ſublime a formoſura della, que com ſatisfaçaõ mutua a ajuſtaõ em nome das ſuas Cidades. Elles ſe retiraõ obſequiados por Ceſar com dadivas taõ precioſas, que ſe fazem por toda a parte trombetas da ſua humanidade, da ſua magnificencia, do outro homem, que he Ceſar Soberano, do que fora Ceſar Pretor.

Elle eſtimou tanto eſta concordia, que á Cidade de Béja, aonde a concluio, deo o nome de Paz Julia, deſ-

Annos do Mundo.

tremer a terra, affligir os homens, gemer todos os viventes.

Affinio Polion ficou fubftituindo a authoridade de Cefar na Lufitania. Entaõ fahio Sexto Pompeo dos Póvos Lacetanos, aonde fe havia refugiado, e andava incognito. Guiado por Niconio Saxo, natural do Algarve, veio ao Porto de Anibal, aonde o disfarce da peffoa lhe fez honefto o *officio de* Pirata. Tanto fe enriqueceo com os roubos, ajuntou tantas forças, os Algaravios fabendo quem era, o eftimáraõ de fórte, que Sexto fe refolveo a continuar fobre Hefpanha as fuas idéas. Com os groffos foccorros, que recebeo de muitas partes, alcançou victorias confideraveis, bem á fatisfaçaõ do Senado de Roma, que abominando a Cefar, e determinado a matallo, eftimou efta revoluçaõ de Sexto contra o feu partido de Hefpanha. Como a morte de Cefar poz termo á fua fortuna, Sexto venceo, e matou a Polion em huma batalha de tantas confequencias, que o Triumvir Marco-Lepido o chamou a Roma com a pro-

mef-

mesſa de grandes vantagens, antes que as muitas conſeguidas em Heſpanha renovaſſem huma guerra funeſta nos diſtrictos do ſeu Governo.

Annos do Mundo.

Octaviano Auguſto, que depois de arruinar aos dous membros do Triumvirato Lepido, e Antonio, eſtava deſtinado para dar paz a todo o Univerſo; atacou em huma batalha naval a *Sexto*, como partidario de Lepido, o venceo, e na fugida o prendeo Ticio, Capitaõ de Marco-Antonio, que o conduzio a Mileto, aonde lhe cortáraõ a cabeça. Com eſte fim tragico acabou a familia de Pompeo, naõ podendo Sexto unir-ſe na Aſia com Bruto, e Caſſio, que ſuſtentavaõ nella a voz do Senado contra os tres Tyrannos. *Buſcáraõ* as bandeiras daquelles dous Chéfes, depois da derrota de Sexto, quatro mil Luſitanos ſeus antigos companheiros no Algarve quando Pirata; mas elles naõ quizeraõ ſobreviver á deſgraça de Bruto, e Caſſio, e com gentileza barbara foraõ acabar taõ longe da Patria.

Annos do Mundo. 3964.

Das grandes calamidades, que por este tempo soffria o mundo, foi participante Lusitania, que tolerava tormentas espantosas, fome extrema, enfermidades pestilentes, sobre tudo a invasaõ cruel de Bogud, Rei de Africa, que desembarcando no Porto de Anibal, foi nadando em sangue até Setuval. A desprevençaõ facilitou os estragos; mas as pessoas, que delles escapáraõ, deraõ aviso aos do Algarve, e Alem-Téjo, que correraõ a poz o Barbaro para castigarem a sua tyrannia. Elles o acháraõ já embarcado, navegando pelo rio de Setuval para Alcacere, aonde tiveraõ a dor de ver arruinar o Templo da Ninfa Salacia situado nas margens do mesmo rio. A injuria foi feita a huma Deosa do mar; mas a superstiçaõ teve a complacencia de que as aguas a vingassem. Carregado das riquezas immensas, que roubára, Bogud já navegava pela côsta para se recolher a Africa, quando os nossos da praia lhe davaõ com desesperaçaõ a despedida. De repente se levantou hum temporal taõ furioso, que mui-

Annos do Mundo.

muitas embarcações foraõ a pique, as mais varáraõ em terra, aonde encontráraõ mais furiosa a cólera dos Lusitanos. Naõ escapou com vida hum só dos barbaros, que podesse levar novas do destroço á sua Patria.

3967.

Estimada por mysteriosa a tempestade natural, a gratidaõ idolatra se empenhou com votos a renovar com a primeira magnificencia o Templo da Ninfa revoltosa, Deosa vingativa nos mares, e junto a elle fundar a Villa de Alcacere do Sal, que entaõ chamáraõ Salacia, naõ por causa das muitas marinhas, que ha naquelle sitio, como entenderaõ alguns; mas em obsequio da Ninfa, que honrou a povoaçaõ com o seu nome. O Imperador Augusto fez alta estimaçaõ deste successo, assim em veneraçaõ á Deosa, como pela vingança contra Bogud, e para conservar delle a memoria, concedeo á nova povoaçaõ o privilegio de Municipio; admitio-a debaixo da protecçaõ immediata dos Soberanos de Roma, e ordenou se chamasse Salacia Cidade Imperatoria.

Annos do Mundo.

CAPITULO IV.

Dos mais successos de Lusitania até ao Nascimento de Jesus Christo.

3972. Á PAZ geral que esperava gozar o Mundo a beneficio da felicidade de Augusto, precedêraõ em muitos annos por todo elle successos tristes, que deraõ assumpto para a composiçaõ dos Historiadores de Roma. Naõ se isentou delles a nossa Provincia, opprimida com a guerra que se accendeo entre os do Minho, e os Gallegos, na qual fez estragos lastimosos a pertinacia. Os ultimos houveraõ de se retirar atacados de huma peste devorante, que leváraõ com sigo ás suas terras. Os Bracarenses se escandalizáraõ do favor, que a gente do Porto deo aos Gallegos, ou em razaõ do amor da origem, sendo todos Gregos, ou por causa do medo, tendo menos forças. Declaráraõ os primeiros a guerra aos segundos, em que houveraõ accidentes raros, gentilezas naõ vulgares; mas os do

Porto perdêraõ ao Romano Norbano Calvio, que rogáraõ para ser seu Commandante.

Annos do Mundo.

Crescia a infidelidade dos do Porto ao passo que se avançavaõ as vantagens dos de Braga. Vinganças crueis, ingratas á humanidade se nos representaõ nestas desavenças de dous visinhos inexoraveis. Os ultimos porém, querendo descarregar nos do Porto hum golpe mortal, escolhêraõ por objecto a sua alliada fiel, a famosa, e notavel Cidade de Cinania, que se teve coragem para abater a vaidade de Decio Bruto, houve de sugeitalla á arrogancia dos Bracarenses. Sim apuráraõ os de Cinania os ultimos esforços, supportáraõ fome extrema, sahiraõ a campo para venderem caras as vidas, chegáraõ a pôr os Bracarenses no maior aperto; mas estes com alentos superiores os abysmáraõ, com cólera brutal naõ deixáraõ na sua Cidade pedra sobre pedra. Com ruina taõ completa acabou a Cidade de Cinania, que apenas se encontra na Historia o seu nome.

Os

Annos do Mundo.

Os do Porto, perdida toda a esperança, tiveraõ de se sugeitar á paz vergonhosa, que lhe quizeraõ prescrever os vencedores. No Tratado, que fizeraõ, prometteraõ: Que as mulheres de Braga, que casassem no Porto, naõ levariaõ dote, antes o dariaõ os maridos aos pais das suas noivas; e que se estas fossem adulteras, elles naõ teriaõ acçaõ para as matar conforme ao uso; mas as entregariaõ aos pais para elles as castigarem como bem lhes parecesse: Que elles naõ levantariaõ muros, nem alguma outra fortificaçaõ sem licença expressa dos de Braga: Que sem authoridade dos mesmos naõ tratariaõ negocio de qualquer natureza, que elle fosse, em castigo de metterem Romanos na Provincia, e de se alliarem com os Gallegos em damno dos seus visinhos: Que em occasiaõ de guerra naõ serviriaõ em companhias determinadas; mas debaixo de diversas bandeiras, até expiarem com o tempo o crime de infidelidade, para assim se fazerem dignos de se naõ entender com elles esta condiçaõ: Que se os Braca-

ren-

renſes entendeſſem benemerito de algum cargo a homem do Porto, naõ lhe dariaõ poſſe delle em quanto naõ anathematiſaſſe o erro dos ſeus Patricios ſe ſazerem Gallegos; ceremonia, a que aſſiſtiria huma mulher de Braga, tendo-lhe o pé ſobre o peſcoço em quanto elle dizia as palavras da abjuraçaõ do erro, para entaõ ficar eſtimado como Bracarenſe:

Annos do Mundo.

Que homem do Porto, que caſaſſe em Braga, naõ ſeria o primeiro, que levaſſe a mulher da ſua honra; mas que ella eſcolheria hum dos ſeus parentes, de que mais goſtaſſe para ſer o author deſta obra; aſſiſtindo o noivo ao acto com a cabeça coberta, e conduzindo-a pela maõ ao quarto, aonde a eſperaſſe o parente eleito: Que os gados de Braga poderiaõ paſtar livremente nos campos do Porto, e os do Porto nos de Braga ſeriaõ tomados por perdidos: Que ſe homem do Porto caſado com mulher de Braga a apanhaſſe em adulterio, a ella naõ poderia dar caſtigo, e do adulturo ſe contentaſſe com lhe tomar o veſtido, que

ti-

Annos do Mundo.

tiveſſe no corpo ao tempo de cometter o crime: Que ſe homem do Porto adulteraſſe com mulher de Braga, e o marido os viſſe, ambos os complices morreſſem apedrejados, e os parentes do adultero ficaſſem ſendo eſcravos do marido offendido: Que para os gaſtos da guerra, de que os do Porto foraõ cauſa, dariaõ aos de Braga a quarta parte das novidades daquelle anno, e hum número taxado de cabeças de gado: Que os do Porto ſeriaõ obrigados a dar na primeira guerra aos de Braga hum corpo de trópas pago á ſua cuſta contra quaeſquer contrarios, ainda que elles foſſem ſeus amigos, e alliados: Que na morte dos maridos, as mulheres de Braga caſadas com homem do Porto, herdariaõ toda a ſua fazenda, ainda que naõ tiveſſem filhos, e no caſo de os haver, ſe faria partilha nos bens de raiz, ficando para ellas todo o movel; e que o meſmo ſe obſervaria a reſpeito dos homens de Braga caſados com mulheres do Porto. A eſtas condições barbaras, e infames ſe ſugeitáraõ os Portuenſes, e ellas ſaõ huma

pró-

Annos do Mundo.

próva bem clara, de que a civilidade, e litteratura, que entre nós haviaõ estabelecido os Romanos, como diremos adiante, ainda naõ tinhaõ chegado ao fundo das nossas Provincias do Nórte.

3978.

Augusto Cesar, senhor absoluto do Imperio do Mundo, se offendeo, de que em todo elle, só os Lusitanos de Entre-Douro e Minho, os Biscainhos, e Gallegos o naõ reconhecessem por Soberano. Affirma-se, que para os sujeitar, elle viera em pessoa a Hespanha, aonde naõ pode continuar a guerra, que felizmente concluíraõ os seus Legados, por causa de huma grande doença, de que o curou em Andaluzia o grande Medico Antonio Musa, com refrescos, e banhos de agua fria. Entaõ se fez moda desta cura, que se usava ainda no maior rigor do Inverno, como diz Plinio. Semelhante effeito com aquelle remedio experimentou Horacio pela direcçaõ do mesmo Antonio Musa, que foi recompensado generosamente pelo Imperador, e pelo Senado em premio do primeiro acer-

Annos do Mundo.

to. Foi-lhe concedido o privilegio de trazer anel, que só era permittido aos cavalheiros, e pelo merecimento de hum, foraõ todos os Medicos isentos de pagar tributos. Até os particulares em obsequio ao Imperador, lhe collocáraõ huma Estatua junto á de Esculapio. Todos os Professores de Medicina gozáraõ entaõ o direito de Cidadãos, e principiáraõ a *florecer* varios Escritores Latinos daquella Arte, que publicáraõ Aldo, e Estefano, e foraõ Apuleyo Celso, Sereno Sanmonico, Celio Aureliano, e outros que escrevêraõ depois. Mas a Arte para naõ deixar de ser infeliz, o mesmo Antonio Musa, que com banhos de agua fria curou a Augusto, o uso do dito remedio lhe servio depois para matar a Marcello, filho de Octavia irmã de Augusto, que o havia adoptado para lhe succeder no Imperio.

Domadas as Nações revoltosas, o Imperador mandou fundar a Cidade de Merida, que foi Capital da Lusitania, para morada dos soldados invalidos, e lhe fez chamar Emerita Augusta. Os no-

novos habitadores lhe levantáraõ muitas Estatuas, Templos, e Altares, invocando-o Deos, consagrando-lhe Sacerdotes, e sacrificios. Os do Porto naõ podendo sopportar as leis pezadas, de que os haviaõ carregado os Bracarenses, tornáraõ ao refugio das armas, e pedíraõ a protecçaõ de Augusto. Quando elles soffriaõ desgraças semelhantes ás passadas, appareceo Agripa em seu soccorro com grande exercito, a cuja vista se retiráraõ os Bracarenses. Respiráraõ os afflictos com o temor dos contrarios; mas a generosidade dos de Braga usada com os Romanos, que os sitiavaõ, os tocou tanto, que a guerra acabou em favores; o Imperador a instancias de Agripa, mandou dar á Cidade as prerogativas de Colonia Romana, e nome de Augusta com applauso taõ grande dos seus moradores, quanto era excessiva a consternaçaõ dos do Porto.

3979. Em Tarragona recebeo Augusto Embaixadores das partes mais remotas do Mundo, e de todas as Cidades de *Lusitania*, que se sobmettêraõ ao seu Im-

Annos do Mundo.

Imperio. Aqui teve elle a gloria vã no estado de completa, vendo levantar-lhe Templos, adorando-o como a Deos, attribuirem-lhe as acções, que saõ mais proprias da Divindade verdadeira. Mortaes infelices nas Épocas lastimosas da Idolatria, que assim comutavaõ a gloria do Deos Omnipotente pela dos monstros humanos carregados de abominações, e de crimes!

3998. Em fim, corriaõ os annos sem acções, nem successos memoraveis, como disposições para a futura paz; e Lusitania esquecida do desejo ardente da sua liberdade, passava em silencio profundo sujeita ao Dominio Romano.

Por estes tempos promulgou Augusto o Edicto para a denumeraçaõ geral da gente do Imperio, que havia pagar certa moeda de tributo em reconhecimento de vassallagem, de que naõ quiz isentar-se a Augusta sobre todas as creaturas MARIA Mãi de Deos. A Lusitania estava entaõ dividida nas quatro Chancellarias de Merida, Béja, Santarem, e Braga, aonde se resolviaõ em ultima instancia todas as causas dos

des-

diſtrictos reſpectivos. Nellas foi contado o Povo Luſitano, e ſegundo refere Laymundo, ſe acháraõ nelle cinco contos e ſeſſenta e oito mil peſſoas cabeças de familias: número monſtruoſo, que requer huma tal ſomma de individuos, como naõ ſe faz crivel á noſſa intelligencia, ainda que ſaibamos a muito maior extençaõ de terreno, que com differença de agora, tinha entaõ a Luſitania.

3999.

No meio da tranquilidade deſta Provincia, ſe levantou na de Entre-Douro e Minho o eſpirito revoltoſo de hum homem chamado Corocota, que com outros dos ſeus humores inquietava a terra com roubos, e inſultos. Os Capitães Romanos o buſcáraõ, e em hum choque diſputado o obrigáraõ a fugir para Biſcaia com as reliquias do ſeu deſtroço. Nella ajuntou outra gente ſemelhante á paſſada, e continuou exercicios em nada deſemelhantes aos primeiros. Auguſto em Roma tomou o furor juſto, de que hum Chéfe de vadios alteraſſe o ſocego geral do Univerſo. Elle promette grandes pre-

mios,

Annos do Mundo.

mios, e o perdaõ de qualquer crime a quem lhe entregar Corócota vivo, ou morto. Tem elle esta noticia, e com gentileza bizarra marcha a Roma, falla ao Imperador, e lhe diz, que vai pôr nas suas mãos Reaes vivo a Corocota, como determinava nas suas ordens; que lhe perdoe os crimes, e para as suas venhaõ sem demora os premios promettidos. Augusto se agrada do desambaraço; tudo lhe concede junto com a graça de entregar a tanta fidelidade a segurança, e commandamento da sua Guarda de Corpo Hespanhola.

Ultimamente Augusto, desde os primeiros dias da sua authoridade soberana, teve a complacencia de ver fechado o Templo de Jano: acçaõ, que naõ tinha práctica em quanto a guerra naõ cessava em todo o Imperio. Discorreo o erudito Tillemont, que o Filho de Deos estando proximo a fazer-se homem para nos trazer do Ceo a paz verdadeira com Deos, comnosco mesmos, com os outros homens. Elle quiz no mesmo tempo pôr à nossa vis-

vista huma imagem daquella paz interior, em que sobre a terra se havia estabelecer a paz exterior, e visivel. Entaõ mostráraõ os successos, que esta paz, esta reuniaõ de hum grande número de Provincias debaixo do dominio de hum só homem, era conveniente as idéas de Deos pela facilidade, que ella havia dar aos promulgadores do futuro Evangelho para levarem a luz da Fé de Provincia em Provincia, quando os homens desoccupados das perturbações, e tumultos da guerra, ouvissem com liberdade a doutrina, e com alegria a abraçassem, tocados da graça interior, e excitante.

Em todo o curso pois da Historia, que deixo escrita, nós estamos vendo, como Deos, Unico Arbitro de todos os successos, determina Senhor absoluto o destino dos Imperios; que lhes regula os limites, lhes taxa a duraçaõ, e faz servir as mesmas paixões, crimes, e desordens dos homens para a execuçaõ dos seus designios na Historia vastissima do Genero Humano, e *santificaçaõ da* sua Igreja. Designios

cheios

Annos do Mundo.

cheios de bondade, e de justiça, trazidos de bem longe, e escondidos nos cofres de huma Sabedoria infinita, e occulta para o fim dos seus escolhidos

4000.

serem salvos. Felicidade, que principiaõ a conhecer os homens no ponto da Epoca sobre todas luminosa, em que Jesu Christo nasce de Maria Virgem. Ponto Augusto, que poem termo á nossa Historia Antiga, e dá principio á Moderna, que eu tenho de escrever nos Tomos seguintes.

CAPITULO V.

Descripçaõ Geografica da Lusitania, noticia dos seus moradores, com os nomes antigos, e modernos dos mais principaes dos seus Montes, e Rios.

A LUSITANIA antiga comprehendia muito maior extensaõ de terreno do que contem Portugal no presente. A sua fertilidade, as suas riquezas, o agradavel do Paiz, a commodidade para a navegaçaõ, tudo convidava as gentes estranhas para virem commerciar,

ciar, e eſtabelecer-ſe nella. Eſta foi a razaõ de ſerem ſuas povoadoras muitas Nações differentes, que dos tempos mais remotos habitáraõ o ſeu recinto. Porque a parte Meridional de Heſpanha foi ſempre contemplada pela mais fertil, e toda Luſitania faz face ao Meio-Dia, por iſſo Atheneo deſcreve com vantagem a bondade do ſeu Clima, a ſua fecundidade admiravel em animaes, e em fructos. Se ſe perſuade, que antigamente era pouco o cuidado da Agricultura; tratando Eſtrabaõ a Luſitania por huma Regiaõ muito rica, he certo que ſuppria o commercio o que faltava na omiſſaõ culpavel das producções da terra. Mas ſabendo nós com mais certeza, que o commercio era raro, ſendo oppulenta a Luſitania, naõ ſe póde duvidar, que a Agricultura a enriquecia.

Para nós nos capacitarmos, de que a induſtria dos antigos Luſitanos junta á producçaõ monſtruoſa da terra em homens, gados, e fructos, fazia feliz a ſua Provincia: Baſtará ouvirmos fallar nella a Atheneo, que alcançou

o fim do Seculo ſegundo da noſſa Éra, citando a Polybio, que foi anterior a Eſtrabaõ cento e cincoenta annos. Diz elle, que Luſitania era huma Regiaõ feliz, aonde os fructos naõ ſe corrompiaõ: que as flores, e hervas delicadas permaneciaõ a maior parte do anno, e que o peixe era em abundancia, de melhor viſta, e mais goſtoſo, que o dos ſeus mares: que os alimentos corriaõ por tal preço, que o trigo ſe vendia por nove obolos de Alexandria; a medida de cevada por huma dragma; por outra dragma huma metreta de vinho; huma lebre, ou cabrito por hum obolo; hum cordeiro por quatr dragmas; por duas huma ovelha; hu dos animaes bem gordo nos montad que peſaſſe 200 arrates, por ci dragmas; por cinco obolos hum n lho; por dez hum boi de lavrar; a carne dos animaes ſilveſtres ſe de graça; e que Luſitania, na mantinha a neceſſidade; mas a gu outras Provincias com todo o g de fructos, que continuamente n va para ellas.

Daqui ſe infere, que a Agricultura florecia na Luſitania do tempo da maior antiguidade, e quaes foſſem os terrenos, que produziaõ tanta abundancia, he o que eu vou a moſtrar nas ſuas antigas demarcações. A Luſitania era huma das tres Provincias, em que os Romanos dividíraõ Heſpanha, da qual a ſeparava ao Meio-Dia a corrente do Guadiana, e o Oceano Athlantico: ao Norte o Rio Douro, como aponta Ptolomeo; mas depois ſe extendeo por mais algumas legoas, deixando o limite do Douro, e tomando o do Minho, que a divide de Galliza: ao Occidente tinha por demarcaçaõ a cóſta maritima, que corria daquelles Rios ao Promontorio Sacro: ao Naſcente levava huma linha quaſi direita do lugar, aonde o Rio Piſuerga ſe mette no Douro entre Valhadolid, e Tordeſilhas, tocando em huma grande volta, que faz eſte Rio junto da Villa de Caſtro-Minho, até Villa Nova de Serena ſituada ſobre o Guadiana, e comprehendia a Eſtremadura de Caſtella com as Cidades de Merida,

Badajoz, Capara, Salamanca, e outras.

Entre estes terrenos, levaraõ grande vantagem aos mais as Provincias do Alem-Téjo, e Estremadura. *Na* primeira era monstruosa a producçaõ *dos* grãos, carnes, azeites, e vinhos, com que por muitas vezes foi fornecida a Cidade de Roma. Na segunda, o territorio de Merida o repartio Augusto pelos seus soldados velhos, gratificando a distinçaõ dos serviços com os commodos da sua fertilidade. O campo dos Póvos Vacceos, affirma Diodoro Siculo, que se differençava de muitos da Lusitania pela amenidade, e cultura. Naõ impedia a barbaridade a estas gentes a lembrança das primeiras idades do mundo, quando a terra era mãi commua dos mortaes, antes da violencia, e da avareza. Elles repartiaõ as terras pelos lavradores, que indeffectivelmente as haviaõ semiar; quando chegava o tempo da colheita, os fructos eraõ communs, destribuidos á proporçaõ de cada hum, e aquelles que fal-

tavaõ á boa fé ſonegando-os, eraõ caſtigados com pena de morte.

Outras muitas ſingularidades ſe referem da Luſitania, eſpecialmente o ſeu ſal roxo, que moido ſe fazia branco. Se os Luſitanos antigos houveſſem ſido mais applicados a inveſtigar eſtes, e outros fenomenos da natureza por meio de obſervações fyſicas, nós eſtariamos ha muito tempo deſenganados dos ſyſtemas abſtractos, e com os experimentos formariaõ elles alguma idéa, que tiveſſe paſſado a nós deſde entaõ, a reſpeito da Optica, e propriedade das cores. Ora como a penna tem corrido inſenſivelmente por eſtas antiguidades Luſitanas, depois de tratar dos terrenos, naõ ſerá improprio fallar na gente, que naquellas idades os povoavaõ.

Em quanto ao valor dos Luſitanos, os Authores antigos os qualificaõ pelos primeiros homens de Heſpanha. As armas primitivas com que elles entráraõ a exercitallo, eraõ huns páos toſtados á maneira de piques, a que Eſtrabaõ chama Haſtas. Depois lhe fixáraõ na

ex-

extremidade mais aguda huma ponta de cobre, e eſtas eraõ as clavas com que elles vencêraõ as Nações mais ferozes. Dos Seculos mais remotos conhecêraõ elles o uſo do ferro, e tanto delle, como do cobre forjavaõ armas excellentes, que eraõ huma próva, de que elles naõ ignoravaõ a Metallurgia, quando davaõ aos metaes taõ bom tempero. Em jogar as armas de arremeço eraõ deſtriſſimos, tanto na certeza dos tiros, como na diſtancia a que levava o impulſo. Entende-ſe ſerem eſtas armas, que faziaõ feridas profundas, humas pequenas lanças, ſoliferreas, falaricas, ou tragulas, das quaes levava muitas cada ſoldado. Se elles uſavaõ de algumas máquinas para as deſpedir, poderiaõ ſer os celebres Armatoſtes, que ſe praticavaõ em Heſpanha muitos ſeculos depois da Éra Chriſtã.

Tambem os Morriões ſaõ das primeiras idades da Luſitania. Os noſſos antigos os traziaõ de metal com trez penachos vermelhos, que Diodoro chama Creſtas. Delles pendia huma ſe-

gu-

gura de viſeira, que diziaõ Buccula, porque cobria os queixos, e parte da cara. Elles veſtiaõ o corpo com a Lorica, ou Thorax, que nós diremos cota de armas, e deſcia de cima dos hombros pelos peitos até ao groſſo das pernas. As cotas de linho eraõ entre elles as mais vulgares. Polybio, e Tito-Livio deixáraõ memoria, de que os Luſitanos, que ajudáraõ a ganhar a batalha de Cannas a Anibal, hiaõ armados deſtas cotas de linho, e de outras materias ſemelhantes, com matizes de purpura. As Peltas Luſitanas naõ foraõ menos celebradas. Ellas eraõ huns Eſcudos, ou Broqueis pequenos; mas taõ deſtramente manejados, que deſviavaõ os golpes, como ſe elles tiveſſem o tamanho dos que cobriaõ a ſuperioridade do corpo. Menos na grandeza, as Peltas eraõ como os Clypeos dos Gregos, e dos Romanos. Elles entravaõ nas batalhas com grito de guerra, cantando o *Pæan*, ou Hymno de Apollo, e de outras Deidades gentilicas, que invocavaõ em ſeu ſoccorro.

Uſa-

Uſavaõ os Luſitanos antigos de huma Medicina Empirica puramente experimental á maneira da do Egypto. Quando adoecia algum o levavaõ aos caminhos públicos, para que aquelles que paſſaſſem, pelas ſuas *experiencias* em queixas ſemelhantes, lhe applicaſſem os remedios, de que nellas ſe ſervíraõ. Aquellas experiencias ſe firmavaõ na Botanica, naõ contribuindo para a ſaude mais que o Reino Vegetavel, com total excluſiva do Animal, e Mineral. Talvez foſſe entaõ a vida mais larga, a ſaude mais robuſta, os achaques menos, e as moleſtias mais bem curadas. Naõ terá niſto dúvida quem ſouber, que a introducçaõ dos Medicos em Roma enfermou os homens, e fez as mortes mais frequentes. Que foſſe nelles notavel o conhecimento das hervas, ſe próva com a invençaõ da ſua bebida chamada cemhervas, que naõ ſó eſtimavaõ ſaudavel, mas goſtoſa; e quem para a compoſiçaõ de huma ſó potagem ſe ſervia de hum cento de plantas, muitas mais conheceria para outros uſos.

De-

Depois de eſcrevermos a Terra, e os homens, vamos a tratar dos Rios, e Montes da Luſitania. Em quanto aos primeiros, comecemos pelo Téjo, que os antigos diſſeraõ Tagus, e naſce nas ſerras de Cuenca em huma pequena lagoa, donde vem, depois de muitas voltas, acabar no mar junto a a Lisboa, e leva as noſſas Náos a todas as partes do Mundo. Aſſim como as do Douro, e as do Minho, as ſuas correntes traziaõ areas de ouro, que os Luſitanos recolhiaõ com pouco trabalho. As Damas de Madrid, e Toledo nunca eſtavaõ deſprovidas das ſuas aguas, que fazem o caraõ luſtroſo, como diz Fr Bernardo de Brito. As de Lisboa naõ podem aproveitar-ſe deſte beneficio pela miſtura, que alli tem com as ſalgadas do mar.

O Guadiana merece muitas obſervações, e das mais delicadas, porque ſe occulta debaixo da terra, como ſe quizera naſcer muitas vezes, ſegundo a explicaçaõ de Plinio. Os antigos lhe chamáraõ Anna, e naſce de *duas lagoas* na mancha de Aragaõ;

cor-

corre, e deſapparece, torna a deſcobrir-ſe rápido, e levando o ſeu curſo por varias Provincias, ſe mette no mar pela bocca, que forma entre Caſtro Marim, e Ayamonte. He abundante de peſcados, mas as ſuas *aguas ſaõ* pouco ſaboroſas, turvas, e melancolicas. O rio Sado, que Ptolomeo chamou Callipode, vai deſaguar na barra de Setuval, aonde fórma hum agradavel porto, abundante de peſcarias, de grande commercio de Sal, que carregaõ as Náos eſtrangeiras.

Ao Mondego chamáraõ Munda, ou Muliadas, e naſce na Serra da Eſtrella, donde vai banhar a Cidade de Coimbra, e ſe mette no mar junto á Figueira. Na meſma Serra ha hum Lago profundo, em que ſe agitaõ tempeſtades, e diz hum dos noſſos Eſcritores, que iſto he huma couſa natural, porque eſtando a agua muito alta, e ſem correr, os ventos, que a ferem, a perturbaõ. Acreditou Vaſeo, que eſtando eſta Lagoa doze leguas apartadas do mar, ſe achava nella deſtroços de navios naufragados. O Vouga

ga foi chamado Vacua, ou Vacum, que rico com as aguas do Agueda, e de outros rios pequenos, ſe mette no Oceano junto a Aveiro. Os antigos dérаõ ao Agueda o nome de Eminium, ou Eminio. O Douro, dito Durias, ou Dorium, que divide a Luſitania de Galliza, naſce na Serra Orbion, volteando para o Poente até ſe engolfar no Oceano pela barra do Porto. Ainda que as ſuas aguas ſaõ pouco agradaveis á viſta por correrem entre ſerras, tem a qualidade de darem cor á lã, conforme diz Claudiano no Panegyrico, que faz a Serena, mulher do General Stilicon.

Pomponio Mella ſe lembrou de dar o nome de Celando ao Leça: Ptolomeo o de Avus ao Ave: Antonino Pio Nebis ao Neiva, que ſe ajunta com o Cadavo, e entra no mar perto de Faõ: Eſtrabaõ Belion ao Lima, que outros diſſeraõ Limia, e Lethes. Depois deſtes tem a Luſitania aos Rios Minho, que diſſeraõ Minium, e entra no mar á viſta de Caminha: O Zezere, que vindo da Serra da Eſ

trel-

trella, corre, e rompe as correntes do Téjo entre Tancos, e Abrantes: o Alba, ou Albula, que tem o mesmo nascimento, e a morte no Mondego: o Coa, ou Cuda, que nasce perto da Villa de Alfaiates, e se mette no Douro junto a Villa-Nova de Tascoa: o Tavora, Taura, ou Tabra, que depois de nascer em Trancoso, vai acabar no mesmo Douro: o Nabaõ, ou Nabanis, que com corrente branda se perde no Téjo. Os outros Rios de menos consideraçaõ naõ foraõ conhecidos pelos Geografos da antiguidade.

Nella gosáraõ a abundancia dos terrenos, e rios de Lusitania, em que eu tenho fallado, os Póvos Turdetanos, e Curetes, que viviaõ da foz do Guadiano até ao Promontorio Sacro, que hoje dizemos Reino do Algarve, e occupavaõ as Cidades, ou Villas de Myrtilis, agora Mértola; Balça, ou Tavira; Ossonoba, antiga, e memoravel povoaçaõ; Fáro, terra dos Curetes; Porto de Anibal, agora Villa de Portimaõ; Lacobriga, hoje

La-

Lagos, e outras muitas, que naõ chegáraõ á noſſa noticia. Eſtes Turdetanos do Algarve tinhaõ bellas qualidades, ao contrario dos outros Turdetanos de Andaluzia, que Tito-Livio nota de avareza, e covardia; que por iſſo tomavaõ a ſoldo as trópas dos Celtiberos nas occaſiões de guerra.

Os Celtas, Naçaõ famoſa pelas armas, occupavaõ toda a Provincia do Alem-Téjo, aonde tinhaõ muitas, e numeroſas Cidades, Villas, e Lugares, que confinavaõ ao Sul com os Turdetanos, ao Nórte com o Téjo, que os dividia dos Turdulos antigos, ao Oeſte com os Barbaros Sarrios, ao Leſte com os Vetones. Os Celtiberos, ainda que irmãos nas qualidades, eraõ eſtranhos aos Celtas Luſitanos. Elles foraõ conſiderados a força principal da Naçaõ Heſpanhola, como moſtráraõ quando vencêraõ aos Carthaginezes mandados pelos irmãos de Anibal; quando debaixo das ordens deſte Chéfe foraõ os inſtrumentos da victoria de Cannas; quando em Africa Scipiaõ derrotou aos Numidas, e Carthagine-

zes,

zes, os Celtiberos ſe ſuſtentáraõ firmes até a noite, dando tempo aos Generaes Africanos para fugirem: gentilezas, que depois obrigáraõ aos Romanos na guerra de Heſpanha a aliſtarem os Celtiberos debaixo das ſuas bandeiras.

No Promontorio Barbarico, que tomou o nome dos noſſos Barbaros Sarrios, e he o eſpaço de terra, que vai da Serra da Arrabida, até ao Téjo, agora chamado o Cabo de Eſpichel; vivia aquella Naçaõ feroz, e bruta, que ſendo pouco numeroſa, a temeridade lhe deo a reputaçaõ bellicoſa, que naõ podia encher a falta de individuos. Elles eraõ os deſcendentes dos primeiros povoadores da Luſitania, que tambem fizeraõ aſſento em algumas partes da Beira, e os ſuppomos a origem dos bravos Herminios, que ſe eſtabelecêraõ nas fragoſidades da Serra da Eſtrella. Nenhum Hiſtoriador nomeia terreno, que elles habitaſſem, donde inferimos ſer huma gente de caſa portatil, coſtumada ás frugalida-

des,

des, e que naõ alterou a fórma da vida ruſtica dos ſeus primitivos.

Além do Téjo moravaõ os Turdulos, que dizemos Antigos, porque delles deſcendêraõ todos os outros Turdulos, e Turdetanos do Algarve, e Andaluzia. Elles occupavaõ toda a terra do Téjo ao Douro, confinando ao Naſcente com os Herminios da Serra da Eſtrella, ao Poente com o Oceano, ao Nórte com o Douro, ao Sul com o Téjo. Foi huma Naçaõ na ſua origem civilizada, que ſempre ſe governou por Leis eſcritas nos verſos myſterioſos da antiguidade. Por iſſo os Turdulos primitivos viveraõ ſempre em ſociedade nas povoações mais bellas, como eraõ Ulyſipo, Scalabis, Eborobricio, Collipo, Conimbriga, Euminio, Talábriga, Laconimurgi, e outras muitas a que naõ ſabemos os lugares, nem os nomes. Os ſeus deſcendentes na Betica apuráraõ o esforço de Scipiaõ, que conheceo a difficuldade de render as ſuas Cidades. Nenhuma lhes cuſtou mais fadigas, que a de Iliturgi. O rendimento

de

de Ouinge elle o eſtimou tanto como o de Carthagena, e reſpeitou a corage dos de Aſtapa com igualdade á dos Cantabros, e Numantinos.

Entende-ſe, que os meſmos Turdulos antigos dominavaõ a *Beira até ao* tempo do Imperador Tiberio, quando entráraõ nella os Póvos Berones, que Eſtrabaõ faz viſinhos dos Celtiberos, dos quaes dizem ſe chamou Beria, e depois Beira. Outros ſentem, que ſe lhe derivára o nome de ſer banhada por muitos rios, e pela cóſta do Oceano, que vai correndo da bocca do Mondego abaixo de Buarcos, até S. Joaõ da Foz do Porto, como que ſe diſſeſſe de toda a Provincia Beira-mar. Nós entendemos, que além dos Turdulos, a habitáraõ outras Nações; porque nas ſuas floreſtas vivêraõ os Sarrios, na Serra da Eſtrella os Herminios, e para o Naſcente da meſma Serra pela Comarca de Caſtello-Branco, e Eſtremadura até ao Téjo, e Riba-Coa os Peſures, que eraõ huns Póvos de que Plinio nos deixou memoria, e que concorrêraõ na obra da Ponte de Alcantara.

Os

Os Gregos, que primeiro vieraõ á Lusitania, se estabelecêraõ Entre-Douro e Minho. Delles descendêraõ os Interamenses, os Bracaros, os Gaios, Gronios, ou Gravios. Elles foraõ os fundadores das Cidades mais célebres, assim como, Bracara, ou Braga, Porto Gaio, ou o Porto; Forum Limicorum, ou Ponte de Lima; Nebis, ou Neiva; Bretoleum, ou Vianna de Caminha; Cinania, de que naõ ha vestigios junto a Guimarães, e outras muitas. Ultimamente, os Vetones occupavaõ a Estremadura de Castella, que entaõ pertencia á Lusitania, e comprehendia os Póvos Transcudanos na Comarca de Riba-Coa. Estas gentes inventáraõ o remedio da herva Vetonica, que descobriraõ, e delles se lhe deo o nome. Diz Plinio, que com os pós das suas folhas se curavaõ muitas enfermidades; que os Vetones faziaõ della vinho, e que extrahiaõ hum licor olioso, excellente para aclarar a vista, e fortificar o estomago. Elles naõ conheciaõ outra occupaçaõ digna *dos homens*, senaõ o exercicio das ar-

mas, e quando eſtavaõ em guerra, punhaõ de parte todos os outros cuidados, entregando ás mulheres a cultura dos campos, e o governo das caſas.

Pelo que reſpeita aos *Montes*, eu dou o primeiro lugar aos de Monchique neſte Algarve, que atraveſſando-o todo, entraõ por Caſtella, e vaõ prender a ſua cadêa na Serra Morena. Os principaes ſaõ dous ſerros fronteiro hum do outro; o que fica ao Levante chamado a Picota, no meio da qual eſtaõ as Aguas das Caldas; o do lado do Poente, que he muito mais alto, chamaõ a Foia, aonde ha huma fonte muito fria de Veraõ, e muito quente no Inverno. Os Eſtrangeiros chamaõ a eſta Serra o Monte de figo, em razaõ da muita abundancia deſte fructo, que he a producçaõ principal do Reino do Algarve, e os Antigos lhe deraõ o nome de Monte-Cico.

Na Provincia de Alem-Téjo entre Evora, e Eſtremoz fica a Serra de Oſſa, que he célebre pela fundaçaõ
dos

dos Eremitas de S. Paulo pelos annos de 1186 da noſſa Éra; ſendo ſeu Fundador o memoravel Fernande-Annes, Meſtre da Ordem de Aviz. O Monte de Pumares, chamado de Venus pelos Antigos, fica ao Poente perto da Cidade de Evora. O Barbarico he a Serra da Arrabida entre Lisboa, e Setuval. O Herminio menor he a Serra de Marvaõ, aonde diz Plinio, que ha minas de metaes precioſos. O da Lua he a Serra de Sintra, aonde eſtiveraõ os Templos, que os antigos Idólatras dedicáraõ ao Sol, e Lua. O Herminio maior he a Serra da Eſtrella, de grandeza notavel entre o Téjo, e o Douro, que criou os bravos homens, em que eu acabei de fallar. O Tagro, ou Sagro he a Serra de Monte-Junto, de Minde, ou de Albardos, que foi celebrada pelos antigos, e he hoje pelas ſuas minas de azeviche. O Tarpeio he a Serra de Anciaõ conhecida pela aſpereza dos ſeus caminhos. O de Alçoba eſtá dividido em Serra de Beſteiros, e Serra de Monte-Muro, cujos moradores na antiguidade ſe ſuſtentavaõ de

raizes de hervas, e andavaõ nús. O Jurezum he a Serra do Gerez, que começa Entre-Douro e Minho, e se mette por Galliza. Estes saõ os Montes da Lusitania, de que fazem memoria, e lhes daõ os nomes, que entaõ tinhaõ, os Historiadores antigos, ainda que nella hajaõ outros muitos, como sabem os Geografos.

CAPITULO VI.

Artes, e Sciencias dos Lusitanos na antiguidade, e Disciplinas que aprenderaõ das Nações Estrangeiras.

DEPOIS da Época do Diluvio a Idolatria introduzio no Mundo a ignorancia, que se fez familiar ás Nações derivadas dos Artifices da Torre de Babylonia. Ella, com progressos rápidos, infestou as Regiões Orientaes, e as Occidentaes estiveraõ isentas daquella vulgar abominaçaõ por muito tempo. A grande distancia entre a Lusitania, e o berço da Idolatria, a difficuldade

da communicaçaõ com os Eſtrangeiros, foraõ as cauſas de vir o mal com paſſos vagaroſos communicar-ſe aos Luſitanos. Por iſſo em quanto á Religiaõ, nós entendemos, que até o Anno do Mundo 2500, antes de Jeſu Chriſto 1500, elles creiaõ a Unidade de Deos inviſivel, a immortalidade da alma, e todos os mais Elementos da Religiaõ primitiva dos homens, que ſe lhes haviaõ communicado dos netos de Noé antes da corrupçaõ das gentes. Sentimentos illuſtres, que formaõ o fundo da honra, e humanidade Luſitanas.

Naturalmente provinha do conhecimento deſtas verdades, que os noſſos primeiros homens viveſſem em ſocego profundo, com pureza de coſtumes, em trato civil, com acções moraes, dados á Filoſofia: eſpecialmente os Turdulos antigos, que dizem ſe governavaõ por Magiſtrados compoſtos de homens excellentes, que tinhaõ Leis antigas, e elles huma equidade natural, até a vinda dos Fenicios, e Carthaginezes, que os corrompêraõ;

naõ

naõ ſendo juſto que nós attribuamos eſta ſua infelicidade ao Idólatra Geriaõ, Rei intruſo da Luſitania nas opiniões vulgares, quando o ſeu Reinado foi huma fabula. He verdade, que em *muitos* daquelles Luſitanos os *ſentimentos* da politica moral, e civíl eſtavaõ como huma potencia difficultoſa de ſe reduzir a actos. Muitos delles eraõ homens, que viviaõ com as féras, vagos, brutos, ferozes, incapazes de dar uſo ás Artes, e Sciencias, que entaõ já floreciaõ por outras Nações da terra. Ao contrario, os que viviaõ em ſociedade, com abundancia, e ſocego, que movem a curioſidade ás applicações; elles ſe lembrariaõ, ao menos pelo beneficio da tradiçaõ, que antes do Diluvio tinhaõ havido homens, que cuidáraõ em ſe veſtir, ainda que foſſe de pelles; que uſáraõ a Agricultura; que fundáraõ povoações; que fabricáraõ o ferro; que ſe ſerviraõ da lã, e do linho; que ajuſtáraõ o concerto da Muſica, e exercitáraõ outras Artes, que viraõ Noé, e ſeus filhos, em que naõ poderiaõ deixar de

de inſtruir os ſeus deſcendentes, e naõ ſe faz crivel, que ſe deſcuidaſſem de os imitar para o fim das ſuas meſmas commodidades.

A razaõ nos perſuade, que nós hajamos de attribuir aos Luſitanos primitivos conhecimentos mecanicos imperfeitos, que com o tempo ſe foraõ aperfeiçoando. Nós temos próvas, de que elles eraõ caçadores, e devemos capacitar-nos, que inventavaõ os inſtrumentos de colher as féras. Dizem-nos, que elles buſcavaõ as margens dos rios para ſe aproveitarem da abundancia do ſeu peixe, e ſomos obrigados a crêr, que faziaõ as artes para o peſcar. Só dos Barbaros Sarrios nos conſta, que viviaõ do leite dos animaes, e dos fructos ſilveſtres; dos outros ſe aſſegura, que elles ſe alimentavaõ com as producçóes da induſtria, e naõ podiaõ deixar de haver entre elles Ceres, Iſis, e Triptolemos agricultores. Até a vinda das Naçóes eſtrangeiras, como viviaõ em ſumma paz huns com os outros, pouco co-*nhecimento* teriaõ da Arte da guerra; mas

mas ſendo continuamente atacados pe-
la quantidade de féras, que ſe criavaõ
nos boſques immenſos inhabitados, a
neceſſidade os havia conſtranger a in-
ventar repáros para defender-ſe.

Elles uſavaõ a Muſica, *cantando*
as ſuas Leis em verſo, como o prati-
cavaõ os Turdetanos, que tiveraõ co-
nhecimento da Poeſia, e de outras Ar-
tes, em que tambem entraría a Fi-
loſofia, a Ethica, as Memorias da ſua
Naçaõ, os conhecimentos dos primei-
ros homens; porque nos aſſeguraõ,
que elles guardavaõ livros de antigui-
dade veneravel. Da meſma ſórte ſabe-
mos, que elles fundaraõ povoações,
caſas, e domicilios, ſinal evidente de
que ſabiaõ Arquitectura, ainda que foſ-
ſe groſſeira, humilde, ſem os proſ-
pectos, e proporções, que daõ áquel-
la Arte formoſura, e magnificencia.
Nós ignoramos ſe elles eſcreveriaõ por
ordem alfabetica, que exprimiſſe bem
o ſom da pronuncia; mas de Monu-
mentos antigos conſta, que formavaõ
huns caracteres ſoltos, e tambem uſa-
riaõ de geroglificos, ou imagens ſym-
bo-

bolicas, que fossem expressivas das intenções do animo, ou fizessem explicar as figuras da idéa. Assim devemos nós suppor aos Lusitanos, este o estado da sua instrucção até á entrada dos Fenicios, que em Hespanha, e Lusitania alterárão toda a ordem da Religião, da politica, das applicações dos nossos primitivos pelos annos do Mundo 2500.

Com a vinda daquelles Asiaticos bem instruidos ao nosso continente, principiou elle a ser o mais bem cultivado da Europa na Época, em que ella se sentia menos bem illuminada. Os Fenicios lançárão os fundamentos entre nós para o edificio, e casa da sabedoria, que os Carthaginezes avançárão, e polírão os Romanos. Narração breve, mas util, que eu devo offerecer aos Leitores da minha Historia, aonde eu já referi a origem dos Fenicios, a sua vinda, e successos em Hespanha, nos quaes agora darei principio á origem, e progressos das sciencias entre os Lusitanos.

Nós temos fundamentos para ſuppor as viagens dos Tyrios a Heſpanha no governo de Joſué; a ſua fundaçaõ de Cadiz, e mais terras em Andaluzia pelos annos do Mundo 2600; e que o muito ouro, e prata, que *elles* levavaõ das noſſas minas para ornato do Templo de Salomaõ, que foi conſtruido pelos annos de 2990, anuncia hum comercio antigo entre Heſpanhoes, e Fenicios pelos mares Mediterraneo, e Oceano. O trato diuturno deſta Naçaõ civiliſada com os moradores das noſſas terras; o ſeu eſtabelecimento em Andaluzia, taõ perto de Luſitania, e ella povoada dos meſmos Turdetanos aſcendentes dos Andaluzes; tudo nos dá huns indicios bem provaveis, de que nós fomos participantes da ſua cultura.

Ao meſmo tempo que nós aſſeguramos naõ haver Provincia alguma na Europa, que poſſa diſputar comnoſco ter com os Fenicios trato taõ frequente, e taõ longo como nós; tambem com ingenuidade confeſſamos naõ ſabermos, que Artes, e Sciencias

aprendemos delles. Em quanto á Religiaõ, e Governo; Lusitanos, e Andaluzes se conduzíraõ com differença. No Governo nada alteráraõ dos primeiros estabelecimentos, que foraõ os mesmos em todo o tempo dos Carthaginezes, e Romanos. Na Religiaõ porém houve alteraçaõ lastimosa; ou os nossos Antigos até entaõ conhecessem a hum só Deos, ou conservassem as reliquias do Barbarismo, que sustentou o seu vigor até Noé, e se durou até a introducçaõ da Idolatria foi com espirito languido. Porque na primeira crença eraõ felices; e o Barbarismo mal muito menor, que a Idolatria com que elles infestáraõ os nossos Póvos; ficando bem contrapezada a introducçaõ da civilidade, e do conhecimento das Artes com a derrota da nossa candura, com as doutrinas da simualaçaõ, arteficio, em que os Fenicios eraõ os primeiros Sábios.

Egypcios, e Fenicios pelas Colonias, que trouxêraõ á Grecia, fizeraõ Idolotra a Europa toda. Os segundos derramáraõ o veneno em Andaluzia,

que com curſo veloz infecionou toda Heſpanha em breve tempo. Elles pozeraõ na noſſa face abertos os Livros da Genealogia dos Deoſes maiores; e o Polyteiſmo, até entaõ ignorado *das* noſſas gentes, foi nelles *eſtudado* a fundo, e geralmente abraçado, apagada com a luz da razaõ a crença primitiva, de que a penas ficáraõ alguns reſtos para brotar virtudes imperfeitas. Ceremonias, libações, ſacrificios novos, huma ſuperſtiçaõ geral eſcureceo as idéas eſcaſſas da razaõ natural, extinguio nos Luſitanos a ſimplicidade groſſeira do ſeu Culto, que ſendo groſſeiro, era ſimplez.

Do meſmo modo participariaõ elles das Sciencias, e Artes dos introduzidos Meſtres, que naõ duvidariaõ communicallas a humas gentes com quem vinhaõ fazer ſociedade. Em nós ſabendo quaes foſſem aquellas, em que os Fenicios eſtavaõ inſtruidos, eſſas meſmas podemos capacitar-nos, que as aprendêraõ os Turdetanos, e dellas nos deixou noticia Eſtrabaõ. Elle diz, que os Fenicios tinhaõ muitas luzes

da Arithmetica, e Aſtronomia, ambas as faculdades bem neceſſarias a huns homens, que eraõ os primeiros Nauticos, e Commerciantes. Tingir de purpura foi invençaõ dos Tyrios, e o meſmo podemos dizer da Arquitectura naval, tendo taõ groſſas Armadas; da civíl, ſendo mageſtoſos os ſeus Templos; da militar, fortificando elles tantas Praças. Entre elles houveraõ Filoſofos da maior antiguidade, que precedéraõ á guerra de Troia, e illuſtráraõ a Theogonia, ou geraçaõ dos Deoſes, fonte de varias Artes, e Sciencias; deraõ noticia da criaçaõ do Mundo, origem de ponderações admiraveis; illumináraõ a Fyſica, farol que guia os homens para entrarem pelos arcanos da Natureza; ſendo os primeiros, e mais antigos, que derramáraõ em Tyro eſtas luzes Sanchoniaton, e Moſcho, Filoſofos excellentes.

Todas eſtas, e outras Artes, e Sciencias, que os Fenicios trouxeraõ a Heſpanha, he natural as aprendeſſem delles os noſſos Turdetanos, que com el-

elles tiveraõ tanta familiaridade. Desde entaõ principiáraõ elles a escrever por Alfabeto proprio; porque depois se achàraõ Inscripçóes Turdetanas, e Celticas com caracteres, que naõ eraõ Fenicios, Gregos, Carthaginezes, nem Romanos, antes faltos de semelhança com os de todas as linguas conhecidas, como entre outros Authores, vemos na nossa Monarquia *Lusitana*. Nós bem sabemos quanto parece difficultoso, que huns homens taõ rusticos, e salvagens como entaõ eraõ os Lusitanos, elles houvessem de ser inventores da Arte delicadissima de escrever, que alguns bem illuminados a excluem das invençóes humanas, e assentaõ, que ella foi revelada por Deos aos Santos Patriarcas. Com tudo, nós diremos, que conservando-se della algumas das primeiras idéas, ainda que apagadas, e pouco vivas naõ he impossivel a huma imaginaçaõ penetrante fazer reviver as imagens mortas, que se saõ cadaveres, estaõ sepultados na memoria, donde pódem sahir, ainda que ligados, e com máo cheiro, para

o tempo os desatar, e dar-lhes suavidade. Deste meu modo de discorrer talvez nascesse o proverbio, que diz ser facil accrescentar alguma cousa mais aos inventos precedentes. E como os Lusitanos víraõ a invençaõ do Alfabeto Fenicio, formarem elles outro Alfabeto Turdetano foi o mesmo, que avançar o invento.

Sem nós nos embaraçar-mos na pertençaõ de mostrar aos nossos primitivos occupados na investigaçaõ das Sciencias sublimes, e especulativas, que difficultosamente poderiaõ conservar huns homens barbaros, de espirito grosseiro, pela maior parte vagamundos, empregados em exercicios mecanicos, tudo obstaculos para serem avançados aquelles generos de sciencia. Em quanto ao Alfabeto, e modo de escrever, ao mesmo tempo que naõ nos consta, que esta Arte fosse anterior a Abrahaõ, nem ainda a Moysés, nós sabemos, que os seus inventores foraõ os Fenicios, e Egypcios. Os primeiros a trouxeraõ a Hespanha, e com ella Leis escritas, das quaes for-

ma-

ſeus uſos, e coſtumes aos Celtas, *que* os Celtas participáraõ os ſeus aos Heſpanhoes; mas de modo, que cada huma das Nações ficou conſervando o ſeu caracter proprio.

Na Gallia tinhaõ os *Filoſofos* grande authoridade no governo. Naõ nos conſta ſuccedeſſe entre nós o meſmo aos Filoſofos Celtas. Nem ainda para as expedições bellicas elles ſe ſobmettiaõ a hum ſó Chéfe, como ſe practicava na Gallia; e por iſſo os Heſpanhoes, mais bem inſtruidos pelos Fenicios, naõ os deixavaõ uſar dos artefícios, que aprendêraõ dos Druidas para extenderem inſenſivelmente a ſua authoridade com capa de Religiaõ, e de Governo. Nós abominavamos os ſeus Sacrificios ſanguinarios, naõ ſó uſados por elles; mas pelos Fenicios, e Carthaginezes; e ſe os Luſitanos cada anno offereciaõ immolados hum moço, e huma virgem aos Deoſes do mar, iſſo mais foi hum effeito da preoccupaçaõ, e das ſugeſtões, que inclinaçaõ, e genio particular da Naçaõ para eſtes ſacrificios de crueldade. Ainda ha

ha quem diga, que elles, ao contrario dos Celtas, naõ ſacrificavaõ os ſeus nacionaes innocentes; mas os priſioneiros de guerra, que elles entendiaõ, ſegundo o Direito público das mais Nações naquelle tempo, ter ſobre as ſuas peſſoas hum dominio deſpotico.

Em quanto ás Sciencias, a Filoſofia dos noſſos Celtas era corajoſa, magnanima, e jovial. Delles recebéraõ os Luſitanos o deſpreſo generoſo da morte, talvez que depois de capacitados pelas ſuas doutrinas da immortalidade da alma, que paſſava de huma vida miſeravel a gozar outra feliz, perdendo-a com gloria nos combates. Bem podia naſcer daqui o coſtume de muitos dos noſſos Luſitanos, eſpecialmente os Vetones, que entravaõ nelles cantando, como ſe já entoaſſem contra os inimigos a victoria, quando marchavaõ a atacar o conflicto. Á imitaçaõ dos ſeus Bardas, que eraõ Muſicos, e Poetas, nós os levavamos nos exercitos, e aos dos Celtas excediaõ incomparavelmense os noſſos Turdetanos, que tiveraõ melhores Meſtres nos

Fenicios. Elles cantavaõ em tom *ri*-thmico a ſua Juriſprudencia, os louvores dos ſeus homens bons, ao contrario dos Celtas, que ſe entranhavaõ mais vivamente pela harmonia, e conſonancia as idéas juglares, da *liſonja*, da avareza. O canto Celtico em verſo concebia-o o entendimento, e o vento o levava: O dos Turdetanos ſahia pela bocca, e permanecia nos eſcritos, que naõ ſabiaõ lavrar os Celtas.

A diuturnidade dos Seculos naõ nos deixou ſaber, que qualidades de ſciencias nos podeſſem communicar os Celtas. Sim diſſe hum Eſcritor noſſo, que as ſuas diſciplinas formáraõ os noſſos Magiſtrados de homens bons Filoſofos, dotados de equidade, e virtudes, que tinhaõ diſputas públicas em materias Fyſicas, Theologicas, e Moraes. Nós ignoramos, que Tribunaes foſſem eſtes; que Moral; que Theologia, e que Fyſica ſe trataſſem nelles. Veſtigio algum nos deixáraõ os Antigos deſtes eſtabelecimentos, e applicações, que ſó ſervem para eſpiritos foſos, que querem honrar a Patria

com

com venerabilidades quimericas para ſervirem de irriſaõ aos criticos judicioſos.

CAPITULO VII.

Continua-ſe a meſma materia do Capitulo precedente.

NA idéa de Authores pouco eſcrupuloſos nós naõ devemos obrigaçaõ tamanha a alguma das outras Nações, como á dos Gregos. Elles nos moſtraõ quaſi deſpovoarem-ſe, para vir a eſte Continente ſer noſſos Meſtres as Regiões da Grecia, trazendo na téſta os ſeus Principes mais famoſos. Licurgo, Homero, Ulyſſes, Diomedes, Teucro, e outros que já vimos no Prefacio deſta Hiſtoria, marchaõ com os Foceníes, Dorios, Carios, Lacedemonios, Arcadios, Zacynthos, Athenienſes, Curetes, e Rhodios a encher Luſitania de diſciplinas Moraes, Civís, e Militares, ſe foſſe certo terem vindo a ella todos aquelles Heróes. Naõ houve Grego, que metteſſe o pé no

mar, que de hum ſalto naõ deſembarcaſſe nas noſſas cóſtas, e naõ trouxeſſe comſigo todos os Monumentos de erudiçaõ da Grecia para plantar nas aréas das noſſas praias. Nós naõ neceſſitavamos entaõ deſtes hoſpedes para *nos civilizarem*; porque mais antigos, que elles haviaõ ſido noſſos Profeſſores os Fenicios, e os Celtas. Ás Colonias, que com effeito ſe eſtabelecêraõ entre nós, faremos a juſtiça de confeſſar os rudimentos, que aprendemos dellas.

As primeiras Artes, que dizem nos enſináraõ os Gregos, além dos Ritos abominaveis da ſua Idolatria, foraõ torcer cordas, fazer empreitas, que ſervem para capachos, e alcofas, uſar das atafonas, moinhos, e dar valor á moeda. O ſabio Gouguette diz que os moinhos, ſejaõ elles de vento, ou de agua, ſaõ invençoes, que os Gregòs já mais conhecêraõ. A antiguidade he muito eſcura para nos deixar ver com diſtinçaõ eſtas miudezas; e o meſmo que penſa Gouguette a reſpeito dos moinhos, podemos nós ſentir de tudo o mais, excepto os cultos Idolatras.

Pa-

Para ſe formar juizo da cultura, que introduziriaõ os Gregos pelos tempos mais poſteriores em varias partes de Heſpanha, e de que naõ foi taõ participante a Luſitania; faremos hum reſumo de qual era o goſto daquella Naçaõ para as Sciencias, e Artes. He ſabido, que depois da guerra de Troia, os Dorios, Eolos, e Jonios paſſáraõ á Aſia menor, deraõ nome aos tres Dialectos memoraveis da lingua Grega, diſtintos do Attico, e que eſtes Gregos Aſiaticos ſe illumináraõ antes que os Europeos. Naquellas Colonias principiáraõ a brotar as primeiras plantas das Artes, e Sciencias, que depois fizeraõ a Grecia fecunda em ſabedoria ſobre todos os outros póvos. Ella foi o Seminario de Filoſofos brilhantes, de Poetas luminoſos, de Hiſtoriadores excellentes. Como os Gregos ſe deixáraõ dominar do eſpirito de commercio, elles ſe fizeraõ activos, e induſtrioſos. A ſua marinha era muito imperfeita; pouco habeis na Aſtronomia para o uſo da navegaçaõ, e por iſſo

naõ

naõ foraõ longas, nem muito apartadas da terra as ſuas viagens.

Em tempo de Hiſiodo, com progreſſos rápidos, começáraõ as Sciencias a moſtrar-ſe na Grecia. No de Lycurgo, e Solon floreceo a Oratoria, e Filoſofia. A Arquitectura Jonica, e Dorica, mais antiga que a Corinthia, os Gregos a trouxeraõ da Aſia. Pelos meſmos tempos conhecêraõ a Pintura, e Eſcultura. Pouco depois das Olympiadas, quando já reinava o goſto da Filoſofia, vieraõ elles a Heſpanha. Ainda para ella naõ tinhaõ Meſtres, nem Eſcólas públicas; mas os genios inventores ſuppriaõ com a reflexaõ a falta das diſciplinas, e por meio das viagens inveſtigavaõ os ſegredos da Natureza as tradições, e ſyſtemas dos Egypcios, e Aſiaticos. Para a Poeſia lhes ſerviaõ de exemplares Heſiodo, e Homero. A medicina fez muitos progreſſos até ao tempo de Hypocrates. Até ao de Thales foi a Fyſica imperfeita. Elle, e Pythagoras lhe ajuntáraõ as abſtracções mathematicas. Depois de Democrito conhecê-

raõ

raõ melhor a natureza, e o movimento dos corpos Celestes. Em fim, á proporçaõ das suas viagens os Gregos avançavaõ a Geografia; mas elles tiveraõ huma ignorancia total dos Paizes remotos, logo que se esquecêraõ das noticias com que os Fenicios os instruíraõ.

Corriaõ os Annos do Mundo 3400, quando os Gregos principiáraõ a ser vistos nas nossas praias com semblante de Colonos, naõ já de viajantes vagos, como o faziaõ hum Seculo antes. Os Focenses, assim chamados de Focea Cidade da Jonia na Asia menor, elles sem dúvida saõ os que entre nós fundáraõ Colonias respeitaveis, e que nas de Hespanha especialmente fizeraõ commuas as suas doutrinas nas Regiões, que menos haviaõ participado das dos Fenicios, e dos Celtas. Nós podemos suppor, que algumas das gentes de Hespanha, como os Turdetanos, havendo recebido destas Nações luzes de algumas Sciencias, as teriaõ communicado a toda a Peninsula, e que com o trato dos Gregos, se avançariaõ no

lecerem em Luſitania. Eu o deixo aſſim provado no Prefacio á Hiſtoria com reflexões ſólidas, que parecem evidentes. Donde devemos inferir, que os Luſitanos, nem virtudes, nem *vicios* aprendêraõ dos Gregos, e que ſe chegáraõ a elles algumas das ſuas diſciplinas, ſería pelo trato ſem muita frequencia com eſſes Commerciantes, ou pela communicaçaõ com os Turdetanos Andaluzes, que tinhaõ em caſa aos Gregos.

Ao contrario naõ duvidamos, que a Gentilidade Luſitana, dominada de hum valor vantajoſo ao dos mais Póvos de Heſpanha, ella imitaſſe a coragem dos Athletas em jogos barbaros, quando para iſſo baſtava venerar hum Deos Tutelar da guerra. Que o ſeu agouro ſe contrahiſſe ao myſterio dos números, e ſeguiſſe o de Cem nas Hecatombes, que naõ ſó conſagravaõ á Deoſa Hecate, ou Proſerpina; mas as uſavaõ na morte das grandes perſonagens, já de animaes como ſacrificio, já de homens para lhes fazerem companhia, e as ſervirem na outra vida.

Eſ-

Estes, e outros costumes introduzíraõ na Lusitania os Fenicios, e os Celtas; e como elles em muitas circunstancias se pareciaõ com os da Grecia, foi o que bastou para os sentenciarem usos communicados por elles aos Lusitanos, que já mais vivêraõ de portas a dentro com os Gregos.

Ora este credito da nossa instrucçaõ mais polida, que eu nego a recebesse Lusitania dos Gregos antigos; de justiça o devo confessar, e ceder aos Carthaginezes, que tres Seculos e meio foraõ nossos Mestres, e Dominantes. Carthago, competidora formidavel da gloria, e da fortuna de Roma, sugeitou os mares ao seu Imperio; poz o jugo a varias Nações, e a mais gloriosa das suas conquistas foi a de Lusitania com muita parte de Hespanha. Carthaginezes, e Romanos, duas Nações guerreiras, civilizadas, e bem instruidas, disputando nos nossos campos precedencia, ou antes o Principado do Universo, impossivel era deixarem de nos polir na Arte militar, e á proporçaõ em outras

mui-

muitas Artes , e Sciencias. Nós , já entaõ embriagados com o ſabor das gentilezas marciaes , naõ nos fizemos eſpectadores ſimplices de huma das ſcenas mais viſtoſas , que até entaõ ſe repreſentára no Mundo. Os noſſos juizos , os noſſos braços , as noſſas riquezas foraõ agentes activos , que cooperáraõ para a grande revoluçaõ dos dous Póvos mais reſpeitaveis da terra , que á noſſa viſta deſcobríraõ as qualidades da deſtreza , do valor , de dexteridade , das Artes , das intrigas , das Sciencias , de todas as diſciplinas , que haviaõ levar ao fim hum projecto taõ glorioſo , e taõ vaſto.

Eu bem ſei que naquelles Seculos Roma civilizada , ainda naõ merecia a denominaçaõ de ſábia , e que foi muito poſterior a ſua Época brilhante do bom goſto da Litteratura : Que a Grecia , ainda com liberdade , naõ transferira o Licêo para Italia : Que ſó Carthaginezes eraõ agora o aſſumpto dos Eſcrirores das Nações ; mas que eſtes occupados dos eſtrondos bellicos, ſe entretinhaõ menos em propôr idéas

ſcien-

ſcientificas, que em perſuadir ao mar gemendo com o pezo das Armadas de Carthago; tremendo a terra ao romperem a marcha os exercitos de Roma; já fatigados de dar tom de magnificencia ás acções grandes; já ſuſpenſos na rapidez de conquiſtas ruidoſas: já atonitos com o eſtrepito de batalhas honradas. Tudo era horror, eſpanto, confuſaõ, do meio da qual eu deſejo extrair luminoſa a inſtrucçaõ com que os Luſitanos principiáraõ a ſe fazer brilhantes; accendendo-ſe luminarias, que eſperavaõ as veſperas da felicidade do Ceſar Auguſto.

Nas Artes liberaes, e mecaniças naõ podiaõ deixar de ſer bem inſtruidoſos Carthaginezes, quando a navegaçaõ, e o comercio era a ſua principal occupaçaõ. O clima da Africa naõ lhes embotava engenhos, antes ao contrario ſabemos, que della ſahíraõ os mais eminentes. Elles na ſua origem trouxeraõ no eſpirito as delicadezas adquiridas da ſabia Tyro ſua Patria, que ſe communicaría com a Dabir de Judéa, que Joſué fundára Cidade das

Le-

Botanica, e a Aſtronomia. Na primeira foi illuſtre Clitomaco, que levou á Grecia a Filoſofia Punica. Nas outras duas Sciencias ſe eſcrevêraõ obras tambem Punicas, e he ſeu o invento do balçamo, que chamaõ ſucco Cyrenaico. Para entendermos, que os Carthaginezes eraõ inſtruidos na Aſtronomia, e Geografia, ſem nos ſer neceſſario appellar para a ſua *origem Fenicia*, nem individuar as ſuas vaſtas navegações: baſta ſabermos, que o ſeu Senado encarregou aos Generaes Hannon, e Himilcon a empreza famoſa de deſcobrirem a cóſta de Africa ao Meio-Dia, e da Europa ao Nórte, por mares entaõ menos navegados, que depois por Vaſco da Gama os da India.

Os Romanos teriaõ cuidado de exterminar do mundo as Hiſtorias de Carthago para naõ haver nelle memorias das façanhas da ſua competidora inexoravel. Porém nós ſabemos, que exiſtíraõ os Annaes Punicos, nem he crivel, que os Carthaginezes deixaſſem de participar dos Tyros ſeus Patri-

cios o meſmo religioſo eſcrupulo com que elles eſcreviaõ, e guardavaõ os Monumentos da ſua Hiſtoria; tanto, que muito depois da ruina da Capital, elles ſe conſerváraõ até ao tempo de Joſefo. Do eſtrago que fizeraõ os Romanos nas Bibliothecas Carthaginezas, ſe laſtima o erudito Bougainville, que á indifferença dos Gregos, e ao odio dos Romanos attribue a perda daquellas Obras, ſem que huma ſó dellas ſe iſentaſſe da proſcripçaõ geral: que eſta perda tirou á poſteridade os Monumentos da Litteratura, e Hiſtoria Carthagineza; e que com ella nos inſtruiriamos no eſtado da Africa interior, da Heſpanha antiga, e de outros ſucceſſos infinitos ignorados pelos Gregos.

Sendo pois os Carthaginezes huma Naçaõ no ſeu fundo ſábia, ainda que naõ taõ brilhante como a dos Gregos; o ſeu eſpirito todo marcial, e aguerrido, o genio agricultor, e commerciante: Luſitania lhes deve huma boa parte da ſua inſtrucçaõ, primeiro pelo commercio em trato vago, depois pelo dominio em communica-

 çaõ

çaõ effectiva. O memoravel Porto de Anibal; outras Colonias ſuas nos noſſos terrenos; tantos negocios, que com elles fizemos communs; huma frequencia mutua de quaſi quatro Seculos; tudo dá motivo para naõ duvidar-mos, que as diſciplinas dos Carthaginezes ſe communicáraõ aos Luſitanos; ellas eſtimaveis, ainda que naõ taõ luminoſas, como *depois as* dos Romanos.

As noſſas riquezas monſtruoſas; a fertilidade ſumma do noſſo Continente em frutos, e plantas; generos infinitos para muitos ramos de Commercio; minas de ouro, e prata; todas eſtas couſas concurrentes para a oppulencia de Carthago: ella naõ ſe contentou ſó com o noſſo trafego; aſpirou ao dominio. Anibal ſugeitou os melhores terrenos de Heſpanha, e Luſitania; a Peninſula toda eſtava guardada para conquiſta dos Romanos. O Porto de Anibal era a eſcalla das embarcações Carthaginezas, e o Emporio do ſeu commercio com Luſitania, aonde elles tinhaõ Magiſtrados, e Suf-

fetes como em Carthago ; Religiaõ, e Templos á ſemelhança dos ſeus. Juſtamente podemos crer, que a eſta imitaçaõ, á do valor, e da guerra, da Agricultura, e do commercio, os Luſitanos tambem imitariaõ as outras Sciencias, e Artes dos Carthaginezes. Em outra alguma, como na da guerra, os Luſitanos foraõ ſeus generoſos imitadores. Nós o vimos neſta Hiſtoria, ſervindo elles debaixo das ſuas bandeiras, e das dos Romanos.

De ſua natureza eraõ guerreiros os Luſitanos, já antes deſtros, agora eminentes no manejo dos cavallos, taõ celebrados por iſſo dos Authores antigos, que o exceſſo da ſua inclinaçaõ fez naſcer a fabula, de que as eguas da Luſitania pariaõ do vento. A noſſa Infantaria ainda era muito mais forte, e as armas de que entaõ nos ſerviamos, e levamos com Anibal a Italia, merecêraõ as attenções da antiguidade. Naõ ſó aprendêraõ os Luſitanos dos Carthaginezes a conſtancia na guerra, mas os excedêraõ nella, ſendo o exercicio continuo de huma vida fru-

gal quem lhes dava a agilidade, e deſtreza, ou o vigor do animo, e robuſtez dos corpos, que Juſtino admira nelles. Eſta conſtituiçaõ de homens junta á diſciplina, que adquiriraõ na guerra, primeiro contra, logo a favor dos Carthaginezes, era a cauſa dos Luſitanos naõ contarem os ſeus exercitos pelo número, e do ſeu valor, unido ás Artes, diſputar dous Seculos contra todo o poder de Roma, e contra os ſeus Heróes mais affamados a primazia na gentileza das armas. As ſuas meſmas façanhas, que eu acabei de referir obradas contra Roma, daõ a idéa mais ſublime, e evidente da ſciencia militar, e do eſpirito induſtrioſo dos Luſitanos, depois que frequentáraõ as Aulas de Carthago tres Seculos e meio. Finalmente, aſſim analyzada a ſciencia dos Luſitanos durante o dominio dos Carthaginezes, na diſciplina militar, na Nautica, na Arquitectura, no Commercio, na Agricultura, nas mais Artes em que aquelles ſeus Chéfes eraõ peritos, ſem mancharem a candura da ſua ſinceridade com a aſtucia intereſ-

ſan-

ſante, e fraudulenta dos Carthaginezes: Nós vamos a moſtrallos outros homens muito mais polidos na ſugeiçaõ dos Romanos, quando o bom goſto das applicações, ſahindo da Grecia rendida ás ſuas armas, occupava os ambitos do ſeu Imperio.

CAPITULO VIII.

Trata-ſe a meſma materia, e da inſtrucçaõ que a Luſitania recebeo pela communicaçaõ com os Romanos.

HESPANHA, que da antiguidade mais remota ſempre foi celebre, e feliz pela ſua ſituaçaõ vantajoſa, rodeada de ambos os mares Oceano, e Mediterraneo; pela benignidade do ſeu Clima na Zona temperada; pelo engenho dos ſeus moradores dotados de eſpirito igualmente delicado, que intrepido; pela abundancia enorme das ſuas riquezas de ouro, prata, animaes, fructos, e generos. Ella deſpertou a inveja, a emulaçaõ, a avareza, a ambiçaõ das Nações, humas para

ra a desfrutarem commerciando, outras para a dominarem combatendo. Huma, e outra cousa temos nós visto nesta Historia a respeito dos Póvos mais fortes, civilizados, e bem instruidos da antiguidade, quaes foraõ os Fenicios, os Celtas, os Gregos, os Carthaginezes, e agora o vamos a ver nos Romanos, que a domináraõ *toda*, quando os outros a tinhaõ *possuido por* partes. Estas Nações contribuíraõ muito para nós depormos o ar barbaro, que respiravamos desde a nossa origem; mas a instrucçaõ nos custou taõ caro, que nós démos por ella a liberdade, e as riquezas.

Eu bem sei, que neste cambio houvéraõ suas proporções; porque o dominio dos Fenicios naõ passou da Betica, e ella foi a que lhes remunerou a cultura, que recebeo. Os Celtas menos delicados nas Sciencias, se nellas nos avançáraõ pouco, e dos nossos teres se aproveitáraõ muitos, nós recolhemos delles varios interesses, naõ sendo dos menores o grande augmento da nossa Povoaçaõ. Os Gregos antes

foraõ commerciantes, que conquiſtadores, e quando ſenhoreavaõ pelas cóſtas maritimas eſtas, ou aquellas Cidades, o interior do Continente naõ participava do ſeu trafego, nem dos ſeus inſultos. Os Carthaginezes, que tinhaõ o ſangue, a avareza, a induſtria dos Fenicios, elles lhes leváraõ vantagens ſobre nós, unindo com mais força o vigor das armas á ſubtileza dos artificios com que dilatáraõ o Imperio em Heſpanha; mas nem eſte durou muito, nem as ſuas partes Auſtraes, e Boreaes participáraõ nada das delicadezas dos eſpiritos Carthaginezes.

Tudo pelo contrario nos ſuccedeo com os Romanos, que logo no principio da ſegunda guerra Punica foraõ traçando a noſſa eſcravidaõ. Elles domináraõ todo o recinto de Heſpanha, que fizeraõ Provincia do ſeu Imperio; ſugeitáraõ as noſſas Nações, e todos os homens, que deſde entaõ ficáraõ parecendo Romanos: durou ſobre nós muitos Seculos a ſua authoridade, que ſe antes foi ſobmettendo á força das

armas huma gente depois de outra; agora recolhido ao centro do peito o valor dos Luſitanos; coberto de cinzas o ardor militar dos Celtiberos; ſoffocada a reſpiraçaõ dos Gallegos; humilhada a conſtancia dos Numantinos; aballada a firmeza dos Aſturianos, e derretida a obſtinaçaõ dos Cantabros. Roma introduz em toda Heſpapanha o Governo, a Lingua, a *Politica*, as Artes, as Sciencias, os Coſtumes do Lacio. He ella outro Povo dos Sabinos reſuſcitado, com vantagens maiores nos talentos, que correm luminoſos com os Seculos, até que a ferocidade das Nações brutas do Nórte, e a eſtupidez dos Barbaros de Africa a tornaõ a involver no cáhos tenebroſo da primeira ignorancia, que dura idades longas, ſem lembrarem mais diſciplinas que as das armas para lançar de caſa tantos Dominantes injuſtos das noſſas liberdades.

Eis-aqui o grande plano, por onde eu tenho de marchar correndo; e ſe com paſſo veloz já moſtrei aos Romanos ſugeitando ao noſſo Continente

com

com as armas, agora com carreira mais rápida farei ver, como elles o conſerváraõ Seculos com as Letras. Render he effeito do valor, producçaõ da parte inferior do homem: manter os rendidos, e conſervallos em paz he hum fructo do entendimento, filho legitimo da ſuperioridade da alma. O noſſo rendimento á força do valor Romano eſtá contado neſta Hiſtoria: a noſſa conſervaçaõ a beneficio do imperio ſuave da doutrina Romana, he o que eu vou a tratar neſta paſſagem breve, em que ſe verá cambiada a noſſa liberdade pela noſſa inſtrucçaõ.

A noſſa gente ſe eſquecia daquelle bem taõ amavel, ſorprendida da Politica, e eſtylos curiaes dos Romanos, depois que em Luſitania fecháraõ o Templo de Jano, e penduráraõ as armas. Ella, que acabava de ver o ſeu valor nos combates, admirava a ſua prudencia nos conſelhos; a diſciplina das ſuas trópas nos quárteis; a ſua applicaçaõ á Agricultura; como naõ deſtruiaõ, antes augmentavaõ os Póvos vencidos; como abraçavaõ o

bom,

bom, que conheciaõ nas outras Nações; como recompensavaõ os serviços que lhes faziaõ. Observações, que acompanhadas de outras muitas, nos faziaõ parecer o jugo leve pela esperança, de que recolheriamos *fructos* semelhantes a beneficio de igual cultura. Entaõ soubemos com outros fundamentos, o que era Poesia, Historia, Oratoria, Filosofia, e como a esta se ajuntava a Medicina, a Jurisprudencia, as Mathematicas.

Soube entaõ a Lusitania, como a Poesia era huma das Artes mais antigas, que usáraõ os homens, e taõ igual com a origem de Roma, que com enthusiasmo, que parecia profetico, já cantava em verso Carmenta, mãi de Evandro, da qual dizem que tomára a Poesia, ou as suas peças o nome de *carmen.* Além dos versos sagrados, que recitavaõ nos cultos da Religiaõ, nós ouviamos ás mezas dos Romanos cantar ao som do plectro os elogios dos Varões illustres. Soubemos, que em huma das Leis das Doze Taboas elles prohibiaõ com pena

de

de morte publicar contra a fama alheia versos satyricos, que chamavaõ *Fescenninos*. Já nós viamos nos nossos terrenos com uso vulgar a Poesia Dramatica, Epica, e a Satyra. Esta ultima estava dividida em Satyra Antiga, Nova, e Varroniana, ou intermedia. A Satyra Antiga tinha muitas semelhanças com a Dramatica jocosa dos Gregos, em que se introdusiaõ os Satyros; mas ella cessou em Roma, e foi introdusida a Satyra nova, que fóra do Theatro reprehendia por escrito as pessoas, e os vicios. A Varroniana, que tomou o nome de Varro seu inventor, elle a chamou Menipea, em razaõ de imitar ao Filosofo Menipo, e de lhe misturar a prosa, já soltando, já ligando as orações.

Ainda que a Poesia Epica florecêra na Grecia em Homero, já nós sabiamos pelos Romanos, que Terenciano Mauro escrevêra hum Poema Epico em versos heroicos. Que Ennio tratára entre elles a Epopeia, e que naõ obstante faltar a belleza na sua Eloquencia, Virgilio dizia, que tirava pre-

preciosidades das immundicies de Ennio. Que sendo entaõ a Época de Augusto, este genero de Poesia chegára á sua perfeiçaõ no mesmo Virgilio; e em Ovidio, que deixáraõ o campo aberto, e plaino para os déstros corredores, que se lhes haviaõ seguir. Pelo mesmo aqueducto dos Romanos nos instruimos, em que elles aprendêraõ dos Gregos os quatro generos de Dramas, que eraõ a Tragedia, e Comedia, a Satyrica, e a Mimica: que elles depois inventáraõ, ou adoptáraõ outras muitas especies de Poemas Dramaticos proporcionados pelas pessoas, pelos assumptos, pelos vestidos. Elles eraõ conhecidos pelos nomes de Fabulas Togadas, e Paliadas. Nas Togadas se vestia á Romana, e as dividiaõ em Pretexta, ou Trabeatas, nas quaes se representavaõ as acçoẽs dos Heróes, ao contrario das Togadas simplices, em que só se figuravaõ casos civís. Nas Paliadas sahiaõ as pessoas com vestido Grego. A Dramatica Atelana, trazida da Cidade de Atela, servia para tem-

pe-

perar a ſeveridade Romana com chiſtes, e apopthegmas gracioſos.

Sobre a Tragedia entrámos nós a ouvir os elogios, que os Romanos faziaõ á profundidade das ſentenças dos ſeus Authores, á gravidade das ſuas palavras, á nobreza dos ſeus ſentimentos. Que o Thyeſtes de Vario era huma peça comparavel ás dos Gregos. Que na Medea de Ovidio ſe moſtrava de quanto he capaz o talento humono. Que Pomponio Secundo era hum aſſombro, e Seneca inimitavel. Pelo que reſpeitava á Comedia pode ſer que já nós notaſſemos a improporçaõ da lingua Latina para ſer boa imitadora da Grega na compoſiçaõ gracioſa da Comedia, ainda que os Romanos nos diriaõ, que o ſeu Scipiaõ era na verdade Terencio; que Cecilio naõ tinha igual; que as Muſas quizeraõ fallar Latim com Plauto. Os Mimos, ou Pantomimos, em que os membros fallavaõ com expreſsões mais inſinuantes, que as da lingua; o noſſo gentiliſmo torpe naõ ſe deſagradaría de ver nos Romanos os geſtos indecentes; de ou-

ouvir as palavras obcenas, excitantes da luxuria; nem taparia os ouvidos á Planipedia, ou Saynetes picantes, com que elles cortavaõ mais pelas peſſoas, aonde eſtavaõ os vicios, que pelos vicios meſmos.

A Hiſtoria eſcrita pelos Romanos entrou a ſer ouvida com goſto na Luſitania. Ainda que ſoubeſſemos haver dito Cicero, que os Romanos *até ao* ſeu tempo eraõ ignorantes da Hiſtoria, a nós ſe nos moſtraria, que no Reino de Numa ſe principiáraõ a compor os Annaes maximos, ou Pontificios, e que com eſtylo, ainda que groſſeiro, em Roma ſe eſcreveo Hiſtoria até ao tempo de Saluſtio, que lhe deo tom mais mageſtoſo. Entaõ entramos nós a eſtimar como Hiſtoriadores a Publio Cornelio Scipiaõ o grande, e conhecemos, que era emprego honroſo para homens tamanhos: a Cataõ o Cenſor, que deveo eſte beneficio á natureza: a Lucio Celio, que ſublimou a altos pontos o eſtylo hiſtorico: a Siſenna, que florecendo juntamente com Valerio Ancias, Claudio Quadri-

gario, e Rutilio, naõ lhe impedíraõ as ſuas puerilidades merecer hum lugar diſtinto entre elles: a Q. Luctacio Catulo, que unio a qualidade de Hiſtoriador á dignidade de Conſul, e que para ſe lhe conhecer a eſpecioſidade do caracter, baſtaria ouvillo comparar a Xenofonte: a Quinto Hortenſio, que ſería taõ perfeito na Hiſtoria, como foi forte, e inſinuante na Oratoria, e Eloquencia.

De Pomponio Atico, e de Marco Terencio Varro ſeriaõ entaõ ſabidas as Antiquidades, que hum deſenterrou, e do Atico a Chronologia, que reviveo. Os Commentarios de Sylla, ainda que abominavel aos Luſitanos por inimigo de Sertorio, elles goſtariaõ de os ouvir, talvez para deſmentirem a narraçaõ, que nelles faz das ſuas obras, e de ſi. Os outros Commentarios de Ceſar, de quem elles tinhaõ taõ freſcas as memorias dos beneficios, e dos eſtragos, lhes moveriaõ contrarios affectos, huns de aborrecimento para os condemnarem ſem exame, outros de inclinaçaõ para lou-

verem nelles a arte desfarçada em natureza, os retratos os mais proprios, os caracteres bem debuxados, a elegancia sublime, a simplicidade nobre, a verdade dos succeffos com o mesmo Author delles por testemunha. Com pouca inferioridade de respeito pela semelhança do estylo tratariaõ os Lusitanos a Cornelio Nepos, e pela liçaõ destes dous Authores taõ ingenuos elles se deleitariaõ na simplicidade da Historia, e ao mesmo tempo tomariaõ os gostos, e adquiriaõ luzes para entrarem pelos porticos da boa latinidade.

Salustio lhes seria mostrado como hum homem comparavel a Thucidides, attendido pelos Romanos como o primeiro dos seus Historiadores, e *dados* a conhecer por elles aos Lusitanos *os* seus adornos brilhantes, naõ embaraçando a inteireza da exacçaõ, o profundo do juizo, o sublime das sentenças, a pintura natural das pessoas, e a descripçaõ geografica dos lugares. Elles ouviriaõ attentos os apaixonados de Salustio disputar com os de Tito-Li-

vio ſobre as precedencias, e prima-
ıs, e concordarem ambos os parti-
s, que eſtes dous grandes homens
ıhaõ mais de igualdade, que de ſe-
elhança, e ainda que navegando por
fferentes rumos, ferrando ambos o
eſmo porto da perfeiçaõ na Hiſto-
. Em fim, os Luſitanos de entaõ
riaõ nella ſobre nós a vantagem de
ber o que continhaõ os quarenta e
atro Livros de Trogo Pompeo; os
ıte e dous de Feneſtela, entre elles
dos Magiſtrados Romanos, e as ac-
es dos Varões illuſtres de Cayo Ju-
Higino: perdas, de que a poſte-
ıade naõ póde deixar de ſentir-ſe.

Em toda Heſpanha naquelles Se-
los ſe viraõ rotos os diques da Elo-
encia Romana, e inſtruidas na Arte
Rherorica as Nações groſſeiras, que
entaõ mal ſabiaõ ajuntar com or-
n as palavras neceſſarias para a ex-
:ſſaõ ſimples do que o animo con-
ıia. Com as diſciplinas Romanas já
ſabiamos inventar materias para
ar, ou para compôr; tirando os
ɔdellos dos meſmos Authores Roma-

nos, que nos inſtruiaõ. Já os noſſos eſpiritos ſe applicavaõ a conhecer os generos de Eloquencia, qual era o ſimplez, qual o ſublime, qual o moderado para os proporcionarmos aos aſſumptos; para fazermos reflexões geraes ſobre elles. Já naõ nos ſatisfaziamos com perceber o tom das vozes, ſem aprofundarmos o eſpirito dos homens, que nos fallavaõ, ou nos eſcreviaõ, e ſem pararmos attentos na força das razões, e das próvas. Já nos punhamos reflexivos ſobre as idéas para diſtinguirmos as brilhantes das ſimplices; para repararmos na eſcolha, e na ordem das palavras; para conhecermos as fadigas, e ſepararmos os intervallos entre ellas, para reflectirmos nas paixões, nos modos de animar a differença dos affectos, que ſaõ os effeitos mais generoſos da Eloquencia.

Ainda que de tempos mais antigos Roma houveſſe produzido homens, que com a força da ſua Oratoria conſeguíraõ vantagens aſſinaladas á República: os Luſitanos ouvíraõ celebrar

por

por primeiro Orador Romano a Marco Cornelio Cetego, e aprenderiaõ nelle a doçura, que derramára no meio do eſtrepito da ſegunda Guerra Punica. Elles diſcerniriaõ, que nada igualava a Cataõ na gravidade dos elogios, na ſubtileza das idéas, no fino dos diſcurſos, no penetrante das ſentenças, na ſeveridade da cenſura. Illuminados por eſte grande homem os Luſitanos, elles entrariaõ pelas Regiões vaſtas, em partes eſcuras, da Eloquencia de Scipiaõ Emiliano, dos dous Graccos, de Cayo Lelio, e do ſeu verdugo cruel Servio Galba, cujo nome os Luſitanos deſde o tempo de Viriato ouvíraõ com horror, e agora os deleitava repetillo. A recommendaçaõ de Cicero elles a viaõ inſeparavel do ſeu nome, vulgar a fama da ſua Eloquencia, naõ ſó por ella conhecido; mas ſendo elle o que dava a conhecer a Craſſo, e a Antonio, a Cota, e a Hortenſio, com o qual concorreo muitas vezes o meſmo Cicero.

Já

Já ſe ſabia, que até ao tempo deſte grande homem a Eloquencia, e Oratoria tinha andado em Roma com paſſo vagaroſo, e que elle a elevára á maior ſublimidade. O meſmo *tinha* ſuccedido com a Filoſofia até *o tempo* de Cicero; e naõ obſtante dizer elle, que eſta Sciencia era muito antiga entre os Romanos; os que foſſem bem intencionados confeſſariaõ entre nós, que antes do tempo de Lelio, e de Scipiaõ o Menor, raros hómens houvera em Roma, que mereceſſem o nome de Filoſofos. Ainda que ſe diſſeſſe, que a doutrina de Pythagoras entrára nella na idade dos premeiros Reis: que as Seitas Platonicas, Ariſtotelicas, Epicurias, Eſtoicas, Peripateticas, e Academicas tiveraõ em Roma partidarios: que ella naõ deſconheceo a Logica, a Metafiſica, e a Ethica: ainda que ſe perſuadiſſe a eſtimaçaõ geral, que ella déra aos Filoſofos Gregos, com eſpecialidade a que fez Scipiaõ Africano de Polybio, e Panecio, e Paulo Emilio de Metrodoro, e que os Romanos antigos mandavaõ

ſeus

ſeus filhos eſtudar Oratoria, e Filoſofia nas Eſcólas da Grecia. Nós acreditavamos mais a Cicero, que ingenuamente confeſſava os poucos progreſſos, ou a grande decadencia em Roma da Filoſofia dos Gregos, que ſe enſinava na ſua lingua.

Elle foi quem emprehendeo tratar em Latim as ſuas diſciplinas, e entaõ ſoubemos, que na diviſaõ das Seitas, Roma imitára a Grecia. Cicero ſe pôz na teſta dos novos Academicos, quando Lucullo ſeguia os Antigos. Apôz Cataõ corriaõ os Eſtoicos, e Cornelio Celſo marchava na retaguarda dos Scepticos. Nós ouvimos a Filoſofia entoada em verſo por Lucrecio, que com a ſuavidade da cadencia attrahio os Romanos para os precipitar nos abyſmos de Epicuro, que com o ſeu ſyſtema infernal derrotou quanto havia na Divindade de honroſa, e nos homens de eſtimavel; arrancando á primeira os Attributos mais proprios da ſua Eſſencia; levando os ſegundos pelos paſſos do deleite a ſubmergir-ſe no fundo da impiedade, e

do

do Atheiſmo. Por tantos homens Romanos, faccionarios das Seitas Gregas, que vieraõ á Luſitania no eſpaço longo de muitos Seculos, nós ouvimos doutrinas nóvas, que quando ſerviaõ aos noſſos eſpiritos de polimento, ellas avantajavaõ em progreſſos triſtes a cegueira do noſſo gentiliſmo.

A Medicina, que até a idade de Hipocrates foi eſtimada como parte da Filoſofia, e entaõ deixou de o ſer; ella fez muitos giros em differentes figuras por varias Regiões. As mais vulgares, poucos tempos depois da corrupçaõ da carne, eraõ a Botanica, e a Cirurgia, talvez que naquellas idades menos delicados os homens na conſervaçaõ da ſaude, vivendo mais sãos, e robuſtos, quando nellas os vicios naõ eraõ taõ horrendos, nem taõ torpe a ocioſidade. Eſta Arte, girando tanto como digo, deixou paſſar quaſi ſeis Seculos depois da fundaçaõ de Roma ſem viſitar eſta Cidade brilhante. O ponto da Época Medica viſta em Roma como Arte, foi a entrada nella do Medico Archagato, de

na-

naçaõ Grego, que levava os enfermos a ferro, e fogo; adquirindo experiencias a troco das vidas dos Romanos. Entráraõ eſtes a olhar como demencia, que a ſua República déſſe ſalvo conducto para matar a huns homens eſtranhos, e que andaſſem nella tantos verdugos impunidos.

Cataõ com a ſua authoridade, grande eloquencia, e vida larga ſem ſoccorro de Medicos, deo tom muito mais alto a eſtas queixas; fez a Medicina abominavel, e os Romanos, naõ ſó impediaõ que os ſeus naturaes a eſtudaſſem; mas a tinhaõ por huma Sciencia indigna da gravidade, e nobreza dos Cidadãos de Roma. Nada avantejava ella os ſeus progreſſos em razaõ das conſiderações, que faziaõ os Romanos, de que os ſeus Profeſſores uſavaõ de hum arteficio apparatoſo: que deſterravaõ das curas as hervas, que elles tanto tinhaõ eſtimado, ſem fazerem caſo dos remedios, que naõ vinhaõ de Regiões muito remotas: que era vã a oſtentaçaõ da Arte dirigida aos intereſſes, como ſe devia deduzir

da

da variedade dos Systemas: que buscar fama por meio da introducçaõ de novidades, que tinhaõ por objecto as vidas, era naõ fazer caso dellas: que na diversidade de sentimentos, que se viaõ nas juntas, fuzilava bem clara a vaidade, de que naõ parecesse, que hum era discipulo do outro, antes cada qual inventor novo do Systema, que forjava no cerebro: que para isso faziaõ arbitra da vida, e da morte huma verbosidade sem limites, que se explicava por termos incognitos á subtileza mais penetrante; e que bastava ver o prospecto horroroso das officinas, em que a morte se comprava a alto preço, para Roma se desenganar de que cousa era a nova Medicina, que se havia introduzido nella.

Porém nos ultimos tempos, naõ obstante os clamores de Cataõ, e de Plinio, entráraõ os Romanos a estimar a Medicina. Entaõ os Lusitanos, que tinhaõ nos proprios campos o remedio das queixas dos seus moradores, acceitáraõ os usos novos daquelles seus Dominantes. Elles os instruíraõ, como

Pom-

Pompeio Leneo introduzíra a Pharmacia em Roma: que Pompeo eſtimára muito os Commentarios deſta Arte, que achára na Bibliotheca de Mitridates, Rei do Ponto, e o apreço que ſe fazia do ſeu Antidoto-Mitridatico: que os maiores dos ſeus homens diſtinguíraõ o merecimento do Medico Romano Cratero; e que elles meſmos acabavaõ de ſer teſtemunhas da cura prodigioſa, que Antonio Muſa fizera na peſſoa do Imperador Auguſto Ceſar, donde deviaõ tirar huma conſequencia bem honroſa para os Medicos, qual era a de ſaberem, que ſendo os Imperadores Senhores da vida, e da morte de todos; da morte, e vida dos Imperadores ſó eraõ ſenhores os Medicos.

A Sciencia mais util, que os Luſitanos aprendêraõ, e ſempre conſerváraõ foi a Juriſprudencia, ou Direito Romano, que ſe fez conhecido em todo o Mundo pelos Romanos ſeus conquiſtadores. He verdade, que nem as Leis de Romulo, e de Numa Pompilio, nem as das Doze Taboas, nem

o

o Direito Papiriano aperfeiçoárañ o Direito Romano. Porque os ſeus homens illuminados aſſim o entendêrañ, elles pedirañ aos Gregos as ſuas Leis, eſpecialmente as de Lacedemonia, e de Athenas, que derañ occaſiañ ao eſtabelecimento de dez Magiſtrados, que conſervando algumas das Leis primitivas juntas ás mais convenientes da Grecia, vierañ a formar o *corpo do* Direito Romano, approvado pelo Senado, e pelo Povo: Leis tañ cheias de equidade, de prudencia, reveſtidas de tal profundidade de eſpirito, que derañ occaſiañ a Cicero para dizer, que ellas ſe deviañ eſtimar mais, que todos os Monumentos, e Doutrinas dos Filoſofos.

Luſitania, até entañ dirigida pelas Maximas da pura razañ, ou conforme os eſtylos das Nações, que nella ſe eſtabelecêrañ; principiou a ſer governada por eſtas Leis; pelas mais, que tinhañ promulgado o Senado, e o Povo, ou cada hum deſtes córpos de per ſi, conhecidas as do Senado pelo nome de *Senatus-Conſultos*, e as do

Po-

Povo pelo de *Plebiſcitas*; e pelo *Principium placita*, que depois de Auguſto eraõ os Reſcriptos, Decretos, e Conſtituições dos Imperadores. Naõ faltáraõ nella deſde entaõ homens ſabios, Interpretes vivos da eſcuridade, ou brevidade deſtas Leis, e da meſma ſórte que os Romanos, conſultavaõ com elles os Luſitanos as ſuas dúvidas, e eſtas decisões tambem elles as eſtimavaõ Reſpoſtas dos Prudentes. Como a Collecçaõ, que ſe havia feito, por pouco methodica, e mal deſtribuida naõ tinha a claridade neceſſaria. Defeito, que ſe conhecia na Juriſprudencia Romana, e que nos ſeus homens melhor illuminados fez naſcer o projecto de reduzir a hum Corpo de Sciencia todas as partes diſperſas do Direito Civíl, toda Heſpanha naquella Época gozou eſta felicidade a beneficio do trabalho de Servio Sulpicio, que foi o primeiro que reduzio á Arte a Sciencia do Direito, em que excedeo aos Romanos precedentes, e que Cicero illuſtrou pouco depois de Sulpicio.

Na realidade foi Cicero quem *il*-luminou os fundos da Juriſprudencia com os raios brilhantes da ſua eloquencia, com as luzes ſcintillantes do ſeu muito ſaber; e quando dellas participava Luſitania, nas da felicidade de Auguſto via luminoſas as dos célebres Juris-Conſultos Ateio Capiton, e Antiſtio Labion, que na ſua faculdade, em tempo daquelle Imperador, *formárað* os dous partidos dos Sabinianos, e dos Proculianos, que tomárað os nomes dos ſeus Diſcipulos memoraveis Maſurio Sabino, e Nerva Proculo. Eſta he a Época, em que podemos dizer, que principiou na Luſitania, e Heſpanha a inſtrucçað nas Artes, e Sciencias, communicadas a nós pelos Romanos. A Litteratura Romana entað cheia de belleza, e mageſtade; os Poetas, os Hiſtoriadores, os Oradores, os Juris-Conſultos, unindo a formoſura do eſtylo á profundidade da erudiçað; elles fizerað, que nós rendeſſemos ás Sciencias o ſacrificio juſto da inclinaçað, e do goſto. Todas as que os Cidadãos Romanos

man-

mandavaõ aprender por ſeus filhos na Grecia, elles vinhaõ derramallas entre nós, que na maior parte dellas nos podiamos chamar homens ſábios ſem jactancia, até ao tempo, em que a ferocidade das Nações Septentrionaes, e a dos Mouros abafou a cultura, que em tantos Seculos plantára nos noſſos campos o cuidado dos Romanos.

CAPITULO IX.

Conclue-ſe a inſtrucçaõ, que adquiriraõ os Luſitanos pelo trato com os Romanos ſeus Dominantes.

ANTES, e depois do Naſcimento de Jeſu Chriſto ſendo de muitos Seculos a aſſiſtencia dos Romanos em Heſpanha, e os que corrêraõ antes daquelle Naſcimento Soberano ſaõ os que pertencem ao tempo da Hiſtoria Antiga, quaſi todos levados em guerra: Naõ ha dúvida, que o polimento mais principal da noſſa gente foi depois do Imperio de Auguſto, quando os Romanos nos domináraõ em paz, e em

que

que o ſilencio dos eſtrepitos marciaes, fez que foſſe ouvida com goſto a harmonia das Muſas. Naõ obſtante eſta verdade, na Época anterior tambem he certo que teve avances conſideraveis a noſſa inſtrucçaõ, já porque os Romanos primitivos encontráraõ civiliſadas as noſſas Provincias Meridionaes em razaõ do trato, que haviaõ tido com as Nações, que antes *delles* ſe eſtabelecêraõ entre nós; já porque na meſma Época paſſáraõ a Heſpanha os maiores homens de Roma em armas, e letras, que aos Póvos mais barbaros da ſua parte Septentrional inſtruíraõ, e enſináraõ a depôr a ferocidade, e aos da Meridional políraõ a cultura, que já tinhaõ.

Os Luſitanos, os Andaluzes, os Turdetanos, os Celtas foraõ as gentes felices deſte lado de Heſpanha, ás quaes o cativeiro Romano ſe fez menos ſenſivel, attendidos os progreſſos, que ellas fizeraõ nas Artes, e Sciencias, nos arbitrios, e vantagens para as commodidades da vida, que ſempre trouxeraõ aos homens deſvelados

ain-

ainda nos tempos triſtes da ſua maior ſimplicidade. Luſitania, e Andaluzia com inſtrucçaõ longa naquellas vantagens, e arbitrios, que viaõ practicar os novos hoſpedes com mais delicadeza; as ſuas gentes ſe naturalizáraõ Romanos mais que todas as outras, nos veſtidos, na lingua, no trato, nos exercicios, nas Artes, nas faculdades, tanto ſem differença, que Luſitanos, Andaluzes, e Romanos todos pareciaõ hum ſó Povo. Para o uſo da lingua, e dos trajes naõ foi neceſſario aos noſſos Dominantes fazer-nos violencia. Além dos noſſos conhecerem a lingua Romana por mais culta, que he eſtimulo que attrahe o goſto; o trato com os ſeus homens taõ longo, a liçaõ dos ſeus muitos Eſcritos neceſſariamente nos haviaõ fazer communicavel o ſeu idioma. Em quanto ao veſtir, para nós o imitarmos naõ era neceſſario mais que ver a magnificencia dos Romanos, e nós naõ violentarmos o genio para ſeguirmos a moda a todo o cuſto. Inclinaçaõ taõ natural nos Luſitanos aos uſos alheios, que a carreira de tantos

Seculos naõ a tem podido apagar nelles; quanto Lusitania mais velha, tanto mais apaixonada das modas.

Depois do fallar, e vestir, como já fica dito, nós imitamos aos Romanos na Arte Militar, na Politica, na Agricultura. Depois nos fizemos com elles Poetas, e Oradores, tarde; mas bem. Se naõ tivessem vindo sobre nós tantas revoluções fataes, e se conservassem os Monumentos daquellas idades, talvez nos assombrasse a sublimidade dos espiritos Lusitanos conduzidos pelos melhores Mestres do Mundo, que para os fazerem participantes dos thesouros da Grecia, assim como lhes communicavaõ os de Roma, os instruíraõ na lingua Grega, entaõ mui viva, hoje cadaver. Todas as Sciencias depois da entrada dos Romanos em Hespanha foraõ andando por ella a passo lento; mas andavaõ. Veio ao mundo a Época da felicidade de Augusto, e desde entaõ corrêraõ ellas á sua perfeiçaõ. Quem fossem os primitivos corredores mais destros, que leváraõ entre nós a carreira das Scien-

cias,

cias, no corpo da Historia os deixo eu nomeados, e alli vimos serem os Gigantes mais proceros, que criáraõ os campos ferteis da República Romana.

Tal era o grande Scipiaõ Africano; seu amigo o sabio Lelio; Scipiaõ o Menor, que tem a favor dos seus talentos sublimes o testemunho de Veleyo; Polybio taõ grande sabio, como exacto Historiador; Cataõ, que tem a sua recommendaçaõ no seu nome; os Graccos taõ eloquentes, que quem naõ os conhece, podemos dizer que naõ sabe que houve a antiga Roma; Servio Sulpicio Galba, que nunca esquecerá na Lusitania por monstro de Sciencia, e crueldade; o grande Pompeo, que duvidamos quem levou nelle vantagens, se a sabedoria, ou o valor; Julio Cesar, que em huma maõ trazia a penna, em outra a lança; Terencio Varro, que fez Roma vaidade de dizer, que era o primeiro dos seus sabios; Assinio Polion, que nada lhe diminuio a estatura andar em Roma rodeado de Gigantes; Marco Agripa, que pelas suas qualidades occupou hum

dos lados do Throno do maior dos Cefares : em fim, o mefmo Augufto, Principe dos fabios, ou por faber mais que elles, ou por tomar o officio de Protector de todos para fazer *feliz* o feu Imperio, que fe principiava a fello por ter muitos homens ricos; elle lhe completou a felicidade com o adornar de muitos homens fabios.

Com o trato deftes, e outros homens femelhantes, que tantos annos eftiveraõ em Hefpanha, impoffivel he, que a noffa gente naõ foffe tomando humas taes tinturas de inftrucçaõ, que o tempo veio a moftrar cores brilhantes. Hum terreno taõ fertil como o noffo, taõ bem cultivado, produzia fructos correfpondentes, de que faõ teftemunhas os mefmos Efcritores Romanos, ainda os mais efcrupulofos nos louvores das Nações eftrangeiras. Entre os Gregos, que fem exceptuarem aos mefmos Romanos, tratavaõ de barbaros a todos os Póvos, Eftrabaõ judiciofo, e fabio, he hum dos Panegyriftas da noffa capacidade. Já fenhores do Alfabeto Turdetano, e com as

fuas

ſuas luzes poeticas ; nós nos applicámos á Grammatica dos Romanos, que naõ ſó enſinavaõ a elegancia, e propriedades da lingua ; mas tambem a Rhetorica, a Poeſia, e as Bellas-Letras. Como a Grammatica Grega, e Romana, além daquellas ſciencias, tambem comprehendia a Hiſtoria, e a Philologia, Eſtrabaõ perſuade, que nós a aprendemos pelo meſmo methodo. O meſmo Author atteſta, que Aſclepiades de Myrlea enſinára Grammatica aos Turdetanos, e que eſcrevêra a Geografia das Regiões, que occupavaõ eſtas gentes.

Eſte Meſtre era Grego, e talvez enſinaſſe na ſua lingua, ainda que diz o meſmo Eſtrabaõ ſer já naquelles tempos muito vulgar a lingua Latina entre nós. Nella he provavel principiaſſemos a aperfeiçoar a Poeſia informe, de que até entaõ uſavaõ os Turdetanos ; porque nos aſſeguraõ, que o Conſul Metello Pio já no tempo de Sertorio goſtava de ouvir recitar os noſſos verſos ; e Cicero naõ notava nelles mais que a *diſſonancia* da pronuncia.

A

A morte deſte Sabio foi chorada pelo noſſo Poeta Sextilio Hena, como perda irreparavel á Arte da Eloquencia Latina, que ſe com a ſua morte naõ emudeceo, he certo que *decahio* de tom. Foi gloria de Sextilio concorrer com Meſala, hum dos Romanos mais Sabios, e com Cornelio Severo, que foi dos melhores Poetas do tempo de Auguſto.

A Fyſica, e Aſtronomia naõ podiaõ raiar cedo entre nós, quando em Roma naſcêraõ tarde. Quando Auguſto quiz reformar o Calendario de Julio Ceſar, mandou vir Aſtronomos de Alexandria. Calcular hum eclypſe, que he habilidade do Mathematico mais raſteiro, os Romanos o tiveraõ por hum milagre, quando o ſeu nacional Sulpicio Gallo prognoſticou o da Lua, que ſuccedeo na guerra de Paulo Emilio contra Macedonia. Com tudo os Luſitanos, parece que naõ deixavaõ de ter ſuas luzes Aſtronomicas, já communicadas pelos Fenicios, e Carthaginezes; e a ignorancia, que neſta Sciencia lhes attribue Plinio, era relativa

á

á Agricultura, em que ſe governavaõ pela Aſtrologia Judiciaria dos Chaldeos. Elles aprenderaõ dos Fenicios a obſervar as conſtelações celeſtes; dos Carthaginezes, e Focenſes o curſo dos Aſtros; dos Romanos o movimento dos Corpos Celeſtes; e até os fluxos, e refluxos do mar já elles lhes obſervavaõ a correſpondencia com o meſmo movimento das Esferas ſuperiores.

Entaõ naõ ſeria ignorada a Geografia, que acabamos de dizer enſinára na Betica Aſclepiades Myrleano. Os noſſos Turdulos, e Celtas tinhaõ feito varias viagens, os Hiberos paſſáraõ á Sicilia, e á Grecia; toda a Naçaõ commerciava em Roma, Italia, e Africa: Jornadas, que neceſſariamente a haviaõ inſtruir em hum conhecimento parcial do Globo Terraqueo. Além de Authores Gregos, que nos tempos de que vou fallando, eſcrevêraõ Geografia, fizeraõ o meſmo Turanio Gracula, e Pomponio Mela, indiſputavelmente Geografos Heſpanhoes.

Pa-

Para as obſervações Fyſicas baſtava aos noſſos moradores ver a fertilidade dos ſeus terrenos na producçaõ de tantas plantas, hervas, e fructos exquiſitos: o naſcimento de muitos rios, e fontes com aguas de qualidades admiraveis: os muitos mineraes de pedras, e metaes differentes, que em ſi meſmos moſtravaõ, que deviaõ ter uſos diverſos, e para iſſo neceſſitavaõ averiguar-lhes as propriedades das naturezas: os dous mares grandes do Oceano, e Mediterraneo, que no Eſtreito de Gibraltar ſe unem, e ſe dividem para banharem as cóſtas de toda a Peninſula; ambos elles com tanta variedade de peixes grandes, e pequenos, que ſó as ſuas figuras baſtavaõ para deſpertarem a curioſidade dos indagadores dos ſegredos da natureza. Por eſtes, e todos os mais ramos da meſma natureza, pelos Reinos Vegetavel, Mineral, e Animal, he certo que em tempo dos Romanos faziamos muitas obſervações, e que dellas reſultou darem os Luſitanos outro methodo á Medicina, differente do que elles antes

pra-

practicavaõ. Já dissemos que ella entaõ consistia no conhecimento da Botanica, em que os Lusitanos foraõ taõ practicos, que até descobríraõ na raiz da rosa sylvestre, chamada pelos Gregos Cinorrodon, cosida em agua, e bebida, virtude para curarem a mordedura dos cães marfados.

Depois da cura, que Antonio Musa fez no Imperador Augusto com os banhos de agua fria, elles usavaõ do mesmo remedio, e se applicáraõ a conhecer as qualidades das aguas Thermaes, de que ha em Lusitania, e Hespanha fontes de valor inestimavel. Da mesma sorte, e com igual cuidado se entregáraõ a outras composições, como foraõ as da escuma de prata; a do Sal participo; a da Ocra, que além da Medicina, tambem servia na Pintura, e outras, que naõ chegáraõ á nossa noticia. Outras muitas Sciencias aprenderaõ os Lusitanos, que se teriaõ prolongado com grandes vantagens, se os Romanos, em lugar de destruirem, houvessem promovido a conservaçaõ, e avances da Universidade de

Os-

Oſca, que para a inſtrucçaõ *das noſ-*
ſas mocidades fundára Sertorio.

A noſſa primeira Arquitectura ſe
ſervia da terra, com que formavamos
paredes taõ fortes, que reſiſtiaõ ao
combate dos elementos, e dos Seculos.
Nós fomos os inventores deſtas Tai-
pas, que depois ſe fizeraõ vulgares em
muitas partes do mundo. He noſſa a
fabrica do ladrilho chamado *adobes*,
com que ſubſtituimos as paredes de
terra. Inſtruidos depois pelas nações
civilizadas, entramos a dar uſo á pe-
dra, aos marmores, e jaſpes, de que
ſempre houvéraõ em Luſitania minas
abundantes, e excellentes. Plinio,
que faz memoria deſtas noſſas fabricas
Lapidicinas, affirma naõ ſer facil deſ-
crever a variedade das ſuas cores. Naõ
ſó na Arquitectura civil; mas tambem
na militar aprendemos os rudimentos
dos Carthaginezes, e Romanos, forti-
ficando como elles as noſſas praças,
torres, e atalayas, que faziaõ defen-
ſavel a Luſitania antiga, e arraſou de-
pois de muitos Seculos o furor das na-
ções barbaras, mais que todos barba-
ro

ro o de Witiza, e Rodrigo, ultimos Reis dos Godos.

Com o exercicio assim das Artes liberaes, como das mecanicas, e progressos da Agricultura, A Lusitania se fez huma Provincia formidavelmente rica. Os Escritores Gregos, e Romanos celebraõ a fertilidade dos nossos terrenos, em que eu fallei. Sería nos nossos ignorancia naõ imitarem aquellas duas Nações nos agouros, e superstições Astrologicas no tratado da Agricultura; mas com a falta delles se escusavaõ de enganar a credulidade da plebe, nem derrotavaõ a Religiaõ, a Fysica, a Astronomia, e a Critica, que tudo parecia roturas enormes com aquelles estratagemas dos ociosos, e ignorantes. Entre nós se estabelecêraõ os Agricultores mais industriosos, que teve Roma; e vendo-nos nós encaminhados para ella pelos Scipiões, pelo Censor Cataõ, por Marco Varro, e outros Heróes semelhantes, impossivel era, que a sua authoridade veneravel naõ nos conduzisse a huma emulaçaõ gloriosa em materia de Agricul-

tura, que elles tanto promoviaõ, destruindo aquelles abusos.

Ainda que nós tenhamos por fabuloso ao Rei Abidis, que dizem fora o primeiro inventor da Agricultura em Lusitania; sempre esta fabula nos annuncia que os Lusitanos antigos já eraõ Agricultores. Donde deduzimos, que os Romanos o que fizeraõ, foi polir-nos o modo rustico, e *ensinar-nos* a firmar a Agricultura sobre os principios da Historia, e da Fysica; e que Estrabaõ fallou encarecido quando disse, que os Lusitanos eraõ pouco inclinados a este exercicio; que aos despojos dos inimigos punhaõ em lugar dos que haviaõ ser fructos da terra; que viviaõ de roubar os Póvos Comarcãos, convertendo as lanças em arados, as espadas em fouces, ou pelo contrario. Se Estrabaõ faz esta critica aos nossos Barbaros Sarrios, que faziaõ as bollotas em farinha em lugar da de trigo; que naõ conheciaõ outro conducto além do leite do gado, e que se inebriavaõ com a célebre bebida zytho, que elles compunhaõ; nós o acre-

di-

tamos; mas ſuppor toda eſta inape-
ncia aos Póvos civilizados da Luſita-
ia, elle naõ he capaz de lhes levan-
r hum teſtemunho.

Finalmente os Luſitanos, e Heſpa-
hoes em tempo dos Romanos, bem
ıſtruidos nas Sciencias, nas Artes li-
eraes, e mecanicas, no Commer-
io, e Navegaçaõ, na Tactica, Mili-
ia, e Metalurgia, cultivando os
ampos, e as minas; elles fizeraõ po-
eroſo, reſpeitavel, e rico o ſeu Con-
nente. Tudo concorria para ſer o
'ovo numeroſo, bem á proporçaõ da
ua muita abundancia, e no tempo
os Romanos era igual a quantidade
a gente, a extenſaõ da riqueza, a
exteridade da induſtria. Tiveſſe dito
'olybio, que Tiberio Sempronio Grac-
o deſtruíra entre nós trezentas Cida-
es; affirmaſſe, que Cataõ em hum ſó
ia nos arrazára os muros de quatro-
entas; que no tempo de Auguſto nós
os vimos participantes da ſua felici-
ade em tudo, quanto faz hum Eſta-
o reſpeitavel. Baſte dizermos, que
ndo nós occupados tantos homens
nas

nas Artes, nas minas, nos campos, nós enchiamos os exercitos Romanos de Soldados; e na guerra de dous Seculos contra elles, os Lusitanos, os Celtiberos, os Gallegos, os Cantabros, os Numantinos, e os mais Póvos, que nestes se comprehendiaõ, punhaõ em campo esquadrões formidaveis no número, e no valor.

Em quanto a este, que *Naçaõ* teve já mais o mundo, que competisse com o dos Lusitanos, e Hespanhoes? As suas façanhas longas, diuturnas, e pasmosas em todas as Regiões da terra saõ a próva sem suspeita desta verdade. Em tempo dos Romanos, que he o em que agora se falla, o valor da nossa gente era taõ corajoso, que affirma Tito-Livio naõ havia outro mais a proposito para renovar a guerra, e depois de grandes perdas, começalla de novo. Os dous Seculos da sua disputa com Roma saõ outra próva de convicçaõ de verdade de Tito-Livio. Como a natureza os criava homens intrepidos; o terreno montuoso os fazia robustos;

a multiplicaçaõ era grande, e a abundancia muita, nós fomos naquellas idades os rivaes formidaveis da ſoberba Romana, què vencendo em mezes Nações guerreiras, e brilhantes, para nos ſujeitar a nós houve miſter em Seculos guerras ſempre renovadas, e comprar victorias com as ruinas.

Depois do valor, a firmeza, e fidelidade nos deo o primeiro lugar nos exercitos Romanos, com diſtincçaõ entre todas as ſuas trópas auxiliares. A deſtreza da noſſa cavallaria, a immobilidade da infantaria, ſem desfalecer na fidelidade, e no valor, eraõ eſpectaculo viſtoſo da Naçaõ coſtumada a vencer a todos. Huma cadea de acções militares nunca rota, ellas ſempre glorioſas, vencedores, e vencidos nos faziaõ em qualquer das ſórtes reſpeitaveis. Eſte ſuſto da noſſa corage no meio da ſua ventura, obrigou o Imperador Auguſto a largar ao Senado a Betica, e reſervar para ſi a Luſitania indomavel, que dos ſeus meſmos eſtragos fazia eſtimulos para conſervar com firmeza a liberdade em novos

rom-

rompimentos. Como os Lufitanos tiveraõ os melhores Capitães para os inftruir, naõ fó foraõ os maiores homens em combater; mas os mais bem difciplinados nas doutrinas da fidelidade aos Superiores, da conftancia nos trabalhos. Até as noffas mulheres, reveftidas de huma magnanimidade fuperior ao fexo, na campanha, e nos muros foraõ muitas vezes o *efcandalo* dos Romanos; com tal prefença de efpirito nos combates, que nem a gloria as tranfportava, nem lhes mettiaõ medo os perigos: mudas peleijando, triunfando, morrendo.

Famofos nas fuas virtudes, nas fuas qualidades, no feu valor, nas fuas applicações, já fábios, e inftruidos os que foraõ rufticos Lufitanos. Bafte dizermos para gloria dos que vivêraõ naquellas idades, que o feu rendimento, as victorias de Roma fobre elles depois de batalhas innnmeraveis, e de feitos elegantes, naõ fó deraõ a Decio Bruto o nome de Calaico, que quer dizer vencedor de hum Povo bravo, naõ fó fizeraõ gloriofos a Pompeo, e

a Cesar; mas elle formou o ponto da Época brilhante da paz universal, que o Imperador Augusto contemplava pelo complemento da sua felicidade. Lusitania, ultima Provincia do mundo posta em socego, fez fechar em Roma o Templo de Jano, e deixando em paz toda a terra, se encheo a plenitude do tempo para vir a ella a Paz do Ceo.

CAPITULO X.

Memorias de outras Antiguidades Lusitanas, até ao tempo de Augusto, especialmente da sua Marinha, e Commercio.

EU tenho andado huma carreira longa de vinte Seculos engolfado em soledades tenebrosas, vagando pelas Regiões da escuridade, e da fabula, com o desejo de illuminar huma, e de desterrar a outra com a verdade, e verosimilidade; quando no tempo de Augusto Cesar principio a encontrar-me com muitas luzes, outra vez retroce-

do para o cáhos; torno a buſcar a Antiguidade para naõ perder nella veſtigio algum dos que lhe imprimio a noſſa gente, para os fazer conhecidos aos Modernos ſem as preoccupações, que a cada paſſo encontramos nos noſſos Eſcritores. He verdade, que a maça immenſa da noſſa Hiſtoria Antiga, fórma hum mar taõ eſpaçoſo, que por muitos braços, em que ſe divida, elle ſempre fica Oceano. Mas como a Navegaçaõ, e Commercio ſaõ dous Pólos, que firmaõ as felicidades dos Eſtados, eu deſejo no tempo das Épocas eſcuras moſtrar como nellas brilhavaõ os Luſitanos.

Principiando pela ſua Marinha, Eſtrabaõ nos inſtrue, que do tempo da maior antiguidade os Luſitanos uſavaõ huns barcos forrados de couro pregados ſobre madeiros delgados, faceis de dobrar, que exiſtíraõ até ao tempo da guerra de Bruto. Nós naõ podemos capacitar-nos, que embarcações ſemelhantes podeſſem ſopportar a ferocidade do mar embravecido; e ſe eſte invento teve uſo, iſſo ſería nas idades pri-

primeiras da ſimplicidade Luſitana, unicamente para a paſſagem das lagoas, e rios, que naõ foſſem muito caudaloſos. Naõ ha dúvida, que nos noſſos dias certos Portuguezes captivos em Tangere formáraõ hum deſtes barcos de couro, em que paſſàraõ o Eſtreito, e vieraõ a ſalvamento aos portos de Heſpanha; mas os que naõ quizerem, que eſte ſucceſſo foſſe hum milagre da Senhora com o Titulo do Carmo, que foi fervoroſamente invocada pelos conſternados captivos; elle foi hum acaſo, tanto acaſo, que nada tem de vulgar em navegaçaõ ſemelhante.

Nós eramos Senhores dos portos mais excellentes na cóſta Meridional. Na noſſa Villa de Portimaõ tinhamos o memoravel Porto de Anibal, taõ frequentado das Armadas Carthaginezas. Tinhamos o de Sethubala na embocadura do Sado, aonde vieraõ Gregos, e Africanos. Tinhamos o de Ulyſſipo na fòz do Téjo, fertil, e caudaloſo rio, memoravel pela abundancia monſtruoſa dos ſeus peſcados, das *arêas de ouro*, da frequencia dos

mesmos Gregos, dos Gaditanos, e de outras gentes de Hespanha. Tinhamos o do Muliadas, ou Mondego, célebre na antiguidade, ou por haverem entrado por elles os Colimbrios, ou por ser escalla dos navegantes, que entaõ commerciavaõ naquella cósta, e pela de Galliza: Tinhamos o Porto de Gaya, sempre célebre, depois que nelle se estabelecêraõ os *Gravios*, Gaios, ou Gronios, já instruidos na Navegaçaõ, que deixariaõ em herança aos seus Successores. Ultimamente tinhamos, além de outros menores, varios portos, que Estrabaõ nomeia junto a huma Ilha na foz do Minho, e o do mesmo Minho, aonde Gregos, e Carthaginezes faziaõ as suas escallas.

Em tantos portos, que se communicavaõ huns com os outros, e com muitos de Hespanha, naõ duvidamos, que a sua Marinha fosse pouco consideravel; mas que elles fizessem a navegaçaõ da cósta em barcos de couro, naõ o temos por verosimil. Talvez, que para evitar o repáro, o mesmo

Es-

Eſtrabaõ diſſeſſe depois, que os Luſitanos no ſeu tempo já navegavaõ em humas barcas, ainda que pequenas, fabricadas com conſtrucçaõ mais regular, que as primeiras. Nós bem ſabemos, que Eſtrabaõ naõ he o unico inventor deſte genero de embarcações, que dizem navegavaõ pelas cóſtas do mar. Ellas ſe attribuem aos moradores das Ilhas perto da de Irlanda, que chamávaõ Oeſtrimnides, e provavelmente ſeríaõ as Caſiterides, aonde naquellas idades commerciavaõ as noſſas gentes; e por iſſo nos dirá Solino, que na Graõ-Bertanha ſe uſavaõ barcos da meſma fábrica. Nós naõ o duvidamos para o tranſito dos rios, e para o de huma para outras Ilhas, nem que Ceſar ſe ſerviſſe delles para ſalvar o exercito das mãos de Petreio, e Afranio, Legados de Pompeo, na paſſagem do rio Segre.

Mas que nelles ſe frequentaſſe effectivamente o commercio pelos pórtos mais apartados de Heſpanha, até as Ilhas Caſiterides, ou de Irlanda: Que o *Ceſar* Auguſto mandaſſe conſ-

truir huma esquadra de Náos semelhantes para ir atacar a Armada numerosa, e forte de Sexto-Pompeo, como nos querem persuadir alguns Anthores: Que a quilha destas fragatas fosse hum páo ligeiro, o tecido de vimes, e a coberta de pelles unidas para sustentarem o pezo de centos de homens, a furia das ondas, e o impeto dos ventos; sim ha noticia, que tem a seu favor muitos testemunhos antigos, que naõ sei se saõ merecedores da nossa credulidade. Os motivos, que eu tenho da insubsistencia, seráõ os que se eduziráõ do mais que vou a referir.

Dion Cassio he o homem, que nos exagera o terror, que aos habitadores das nossas praias, costumados a navegar em barcos de couro, causou a desmedida grandeza, e numero de Navios da Armada, com que Cesar, depois de sugeitar os moradores Herminios da Serra da Estrella acantonados na Ilha de Peniche, passou a invadir os portos de Galliza. Elle attribue áquelle terror á promptidaõ com que todos se lhe entregáraõ, sem ser ne-

cef-

cessario a Cesar descarregar hum só golpe. Como podemos nós acreditar esta noticia, se sabemos, que os mesmos moradores estavaõ costumados a ver navios de porte semelhante, com que Seculos antes de Cesar vinhaõ commerciar com elles os Fenicios, os Carthaginezes, e os Gaditanos? Ainda que tivessem esquecido as Náos de Himilcon de Carthago, a figura das de Pytheas de Marselha; que se houvesse interrompido o commercio de Fenicios, e Carthaginezes; nunca teve esta rotura o dos Gaditanos, e Tartesios, que navegavaõ em Náos semelhantes; e huma vista de tantos Seculos, naõ se assombraría da Armada de Cesar senaõ pelo número, nem ella teria sido taõ insensata, que com fábrica semelhante deixasse de emendar a das barcas de couro para a navegaçaõ pelas cóstas.

Antes de Cesar, navios grandes dos mesmos Romanos frequentáraõ a navegaçaõ das Ilhas Casiterides, e depois das vantagens de Bruto sobre Lusitanos, e Gallegos, diz Estrabaõ,

que

que estas duas nações avançárão as suas. Já os Romanos frequentavaõ aquellas Ilhas, quando Publio, pai de Crasso, que foi Triumvir com Pompeo, e Cesar, foi parar a ellas, andando pelos nossos portos. Donde fica evidente, que naõ o vulto dos navios; mas a sua força foi quem encheo de terror os nossos moradores da costa, quando avistárão a Cesar. Bem *póde ser*, que esse pasmo se applicasse melhor aos Herminios refugiados em Peniche; porque tendo passado a vida na fragosidade da Serra da Estrella sem saberem, que os homens andavaõ em madeira sobre as aguas, a vista da Armada Cesarea seria para elles hum espectaculo de horror; cada não hum monstro marinho vivente, e nadante, que elles entenderiaõ os vinhaõ tragar. Como se quizerem entender estas passagens da Historia Antiga respectivas á nossa Marinha, elle he bem certo, que os nossos naturaes depois das conquistas dos Romanos a avançáraõ muito, e que os barcos de couro para a navegaçaõ dos mares naõ existiaõ no seu tempo.

Que

Que os Luſitanos, e Heſpanhoes já foſſem deſtros na nautica, quando defendiamos a noſſa liberdade contra Roma; eu o deixo provado na Hiſtoria, referindo a batalha naval, que com huma Eſquadra de Luſitanos deo Sertorio ao Capitaõ Romano Cota, em que lhes desbaratou a Armada. Nós levavamos na nautica tantas vantagens aos Romanos, que Sexto Pompeo, depois da perda da batalha de Munda, com huma Frota, que ajuntou na cóſta do Algarve, diſputou a Ceſar o Imperio dos mares; e paſſando com ella a Sicilia, atropelou, e derrotaria o Triumvirato de Auguſto ſe a ſua fortuna naõ o vencêra por meio de Agripa, como fica referido na meſma Hiſtoria. Aqui ſó lembrarei dizer Xifilino, que quanto as náos de Auguſto excediaõ ás de Sexto em grandeza, e número, tanto as de Sexto levavaõ de vantagem ás de Auguſto em valor, e Sciencia militar.

Como os Fenicios, e Carthaginezes, nauticos bem experimentados, fizeraõ o ſeu primeiro aſſento em Ca-

diz,

diz, e nas terras de Tarteſo; *inſtruídos* os ſeus moradores por eſtes Meſtres, elles fabricavaõ navios de madeira, em que navegavaõ por todo o Mediterraneo até ás cóſtas de Italia, pelas de Africa, e pelas do Nórte até Inglaterra, ou Ilhas Oeſtrimnides. Elles tinhaõ muitos, e grandes navios para eſtas viagens, como penſa Eſtrabaõ; e frequentando tanto *os Luſitanos* as terras de Tarteſo; ſendo os dous Póvos taõ viſinhos; elles ſoccorrendo tantas vezes aos Tarteſios, e Turdetanos contra os Fenicios; recebendo depois aos Carthaginezes nos ſeus portos: Todas eſtas circunſtancias daõ huns indicios bem conſtantes, de que elles muito antes dos Romanos já ſabiaõ conſtruir de madeira as ſuas barcas á imitaçaõ dos ſeus viſinhos, e que ſe ainda naõ levavaõ as navegações taõ longe como elles, que ao menos coſteavaõ as cóſtas de Heſpanha, e Ilhas adjacentes.

A naõ ſer aſſim, credito algum merecia a opiniaõ de Appiano Alexandrino, que nos perſuade como o Té-

jo naquellas idades era celebre pelas ſuas navegações: e qual ſeria eſta celebridade, ſe os moradores de Ulyſſipo, que o Téjo banha, ſe contentaſſem com andar nas barcas de couro pelas ſuas margens, reſiſtando os campos de hum, e outro lado? Sem dúvida, que naquelles tempos já ſahiaõ os homens do Téjo a navegar diſtancias, que faziaõ célebres as ſuas viagens, e eſtas naõ podiaõ ſer memoraveis ſenaõ ſahiſſem fóra do rio para partes mais remotas, foſſem ellas a Galliza, a Inglaterra, ou aos portos do Mediterraneo, para o commercio com as outras Nações de Heſpanha, ou das Gallias. Pelo Téjo a cima ſim navegavaõ grandes barcas, em que Bruto conduzio os viveres para a guerra da Luſitania até a Cidade de Moro, que elle elegêra para Quartel General; e ainda que nos digaõ os Hiſtoriadores, que as Cidades ſituadas pelas margens do Téjo eraõ excellentes pela ſua riqueza, e commercio, a navegaçaõ de humas para outras dentro de hum rio, em que por aguas conhecidas ſe paſ-

ſa-

Luſitanos ; conduzindo as ſuas peſcarias a Africa, aos portos do Mediterraneo, aos de Galliza, talvez ás Ilhas Britanicas, e eſtas viagens remotas nos tempos, em que a navegaçaõ naõ eſtava taõ práctica, ellas ſe deſtinguiriaõ com o epitheto de célebres.

Na ſegunda Época, e idade dos Romanos, ſabemos nós, que como a Agricultura florecia muito na Luſitania, e naõ ſó eraõ innumeraveis; mas exquiſitos os ſeus fructos, e generos, nós fornecemos com elles muitas vezes a Cidade de Roma, e outros portos maritimos de Italia. Já entaõ a nautica tinha outra formalidade, os navios acommodavaõ tranſportes conſideraveis, e entaõ fariaõ os Luſitanos célebre a navegaçaõ de Italia, das Gallias, de Inglaterra, de Africa, aonde conduziaõ, além das pipas de atum, e mais peſcarias, os ſeus trigos, azeites, lãs, carnes, e os mais fructos, de que o terreno fertil da Luſitania, já ſoccorrido com o beneficio da induſtria, foi ſempre abundante, entaõ em muito maior quantidade, que no pre-

elle ſe avançava á proporç
homens creſcia a induſtria
dos Seculos nos propoen
Sagrada aos primeiros irm
ciantes, a Abel Paſtor,
Caim; e he natural, que
les, tendo os mais home
diverſidade nos officios, t
ſem cambios na differenç
ros. Foi-ſe povoando a te
os ſeus moradores eſtavaõ
dos a comer o paõ com
roſtos; elles ſe empregavaõ
cios conducentes á paſſag
No tempo de ruſticos, de
de ingenuos, elles exercita
mercio no troco das mu

fructos naturaes, e da induſtria; então ſe inventariaõ os tranſportes por terra, já ſobre os hombros dos meſmos homens, já pondo as cargas ſobre os brutos. Ultimamente, inventar-ſe-hiaõ as jangadas, logo as canoas, depois os barcos de couro, e neſtas embarcações ſe communicariaõ os ſeus generos os Póvos, que na noſſa Peninſula eſtavaõ plantados nas margens dos ſeus muitos rios.

Eſte ſería o modo do noſſo Commercio primitivo, que durou entre nós até á vinda dos Fenicios a Heſpanha. Entaõ ſe mudou a ſua fórma, e ſe alterou a da navegaçaõ. Como nós ignoravamos o valor do ouro, e da prata, davamos aos Fenicios eſtes metaes pelas quinquilharias mais ridiculas. Elles practicavaõ comnoſco o meſmo, que nós depois viemos a fazer na America com os noſſos Tapuyas. Com as idades nos fomos polindo; avançando-nos com o exemplo Fenicio na applicaçaõ das Artes, no conhecimento do commercio, na practica de navegar. Elles *nos deraõ* a conhecer o grande preſ-

prestimo do fructo das oliveiras, e instruidos no modo de extrair o azeite, este genero veio a formar hum ramo importante do nosso trafego. Em fim, conhecemos o que era prata, e ouro; applicamo-nos a arrancallos do centro da terra; a buscallos pelas arêas dos rios; a guardallos melhor, e com figura nova o commercio, cresceraõ as riquezas no nosso continente.

Nós entrámos a ver Frotas de Tyrios pelas nossas prayas; navios grossos; forma differente de embarcações; e esquecendo as jangadas, as canoas, os barcos de couro, Lusitanos, e Andaluses principiamos a imitar a estructura dos vasos Fenicios para surcarmos com elles as cóstas do Oceano. Entrámos a navegar este mar, e o Mediterraneo; sobiamos pelo Nórte até as Ilhas Cassiterides; penetravamos pelo estreito as enseadas de Africa; devaçavamos as Rias de Galliza, e com as nossas pescarias hiamos lisongear a delicadeza das mezas de Carthago. Sendo taõ importante esta materia do Commercio na nossa Historia Antiga,

justo parece, que eu a trate separada.

CAPITULO XI.

Trata-se do Commercio dos Lusitanos antigos até a Epoca de Augusto Cesar.

Dous pequenos mares, ambos braços do Mediterraneo, fazem célebre a situaçaõ de Italia. Quanto será vantajosa a situaçaõ da Peninsula de Hespanha, que por todas as partes he banhada pelos dous grandes pégos Mediterraneo, e Oceano. Esta posiçaõ admiravel, especialmente a da Lusitania, he a primeira causa da vastidaõ das nossas navegações, e da extensaõ do nosso Commercio ha tantos Seculos por todas as partes do Mundo. Povo florecente na navegaçaõ, naõ póde ser apathico, insensivel aos interesses do Commercio. Nós tinhámos na antiguidade pórtos pela navegaçaõ respeitaveis, a saber, o Porto de Gaya, Ulyssipo, Porto de Anibal, Cadiz,

Carteya, e outros no antigo Tarteſo. Neceſſariamente o Commercio tambem havia ſer nelles reſpeitavel. Eu naõ o digo ſó pela commodidade dos pórtos; mas tambem pelas riquezas immenſas do Paiz em ouro, prata, fructos, e generos, que as Nações vinhaõ commutar comnoſco, e nós levavamos ás outras Nações.

No tempo dos Fenicios, e Carthaginezes principiou o Commercio, nos pórtos do Guadiana até ao Minho com mais frequencia para as cóſtas do Nórte; dos do meſmo Guadiana até Valença, pelos mares das Gallias, e Italia. Para nós ſabermos a abundancia de generos, que tinhamos para a ſuſtentaçaõ deſte Commercio, baſtará ouvirmos ao Profeta Ezequiel, deſcrevendo Heſpanha debaixo do nome de Tarſis, dizer-nos, que nella havia muita prata, ferro, eſtanho, e chumbo com que enriqueceriamos a Cidade de Tyro. Além deſtes generos, nós tinhamos ouro, e o produziaõ os noſſos rios, azeite, vinho, peſcados, e lãs; pannos finos, fabricas de linho,

Ezeq. c. 27. v. 12.

nel, cera, canhamo, e eſparto: Tu-
lo taõ util ao Commercio, e materias
ara a navegaçaõ, que com elles fize-
nos poderoſos aos Fenicios, Cartha-
inezes, e Romanos. Dos ultimos,
Ceſar com o trafego de Heſpanhoes,
Luſitanos ajuntou riquezas immen-
as, e Auguſto com groſſas eſquadras,
que tranſportavaõ os noſſos viveres,
ertilizou Italia.

A antiguidade nos fornece memo-
ias aſſim da abundancia dos noſſos ter-
enos, como dos pórtos de Commer-
io deſde o Minho até ao Promonto-
io Sacro; e deſte até a embocadura
o Guadiana, diz Eſtrabaõ, que havia
nuitos, aonde elle teria a meſma fre-
uencia. No Minho naõ preſumiamos
ós o deſcuido, que ſe infere do ſi-
ncio dos Geografos, e Hiſtoriado-
es antigos, naõ ſó pela viſinhança do
orto de Gaya, e outros mercantís de
alliza, naõ ſó por chamarem os pri-
eiros Poetas rica á Cidade de Braga,
as porque a meſma antiguidade deixou
Iemorias eſcritas, de que em Braga
uguſta commerciavaõ Mercadores Ro-

manos: e como estes enviavaõ as mercadorias para Roma, aonde diziaõ os seus moradores, que com os fructos preciosos da Lusitania eraõ brilhantes, e magnificas as suas mezas, parece que ou navegariaõ do Minho em direitura, ou hiriaõ por baldeaçaõ ao Porto de Gaya, a Ulyssipo, ou a outro algum dos de maior Commercio os generos daquellas Provincias.

Já nos tempos da Mythologia, quando os Gregos animavaõ as suas Theogonias monstruosas, Seculos heroicos dos Deoses, e SemiDeoses, se presume, que os de Tarteso navegavaõ commerciando a Sicilia, aonde dizia a Fabula, que Plutaõ roubára Proserpina aos Tartesios. Como a ficçaõ naõ tardou em representar Rei destes Póvos ao mesmo Plutaõ, eu entendo, que daqui nasceria attribuirse a Tarteso a Navegaçaõ, e Commercio com Sicilia. Huma, e outra cousa sería depois huma preza, que sobre elles fizessem os Carthaginezes, excluindo-os da sua posse; porque sugeitos os Tartesios ao seu Imperio, elles

es dominantes da Sicilia, o ſeu eſpi-
rito todo de Commercio, e Navegaçaõ,
bem póde ſer, que para ſi ſó quizeſ-
ſem o intereſſe, e deſſem excluſiva a
Luſitanos, Gaditanos, e Tarteſios, de
Cadiz até ao Porto de Anibal incluſi-
vamente. Pelo contrario, deſte Porto,
e pelos mais até a foz do Minho,
nós teriamos Navegaçaõ, e Commer-
cio tudo livre dos impedimentos de
Carthago para Galliza, e Ilhas Caſite-
rides, trato dos Luſitanos, de que
nós achamos memorias na mais remo-
ta antiguidade.

Que as Cidades, e portos da Tur-
detania, aſſim Luſitanas como Beti-
cas, foſſem no Commercio as mais fa-
moſas, iſſo tem a ſeu favor os teſte-
munhos da meſma antiguidade. Eſta
Naçaõ, depois da ruina de Carthago,
dos portos de Lisboa, ou Ulyſſipo,
de Setuval, ou Sethubala, de Carteya,
de Cadiz, e outros, em quantidade
monſtruoſa de embarcações, que ella
meſma fabricava, conduzia ao porto
de Oſtia, e a varios de Italia aquella
abundancia de generos, que diz Juſti-
no

no eraõ baſtantes para fornececer Italia, e toda Roma, ſem neceſſidade de que os tranſportaſſem de outras partes. Nós podemos penſar, que eſte Commercio para as embocaduras do Tibre, foi nos Turdetanos huma mudança cauſada pelo novo dominio dos Romanos. Antes delle eraõ as ſuas navegações para a parte Septentrional da Graõ-Bretanha, ou Ilhas Caſiterides, que *Dionifio* de Alexandria entendeo ſerem as Heſperides, ou lhes quiz dar eſte nome em lugar do de Oeſtrimnides, como lhe chamavaõ os ſeus moradores. Os Turdetanos foraõ os primeiros que as deſcobríraõ, e eſtabelecêraõ o commercio do eſtanho, de que ellas tinhaõ grande cópia, talvez acompanhados dos Fenicios. Mas ſe nós houvermos de crêr, que o primeiro Negociante, e deſcobridor daquellas Ilhas, que chamaõ Melicharto, era o Hercules Fenicio imaginado pelo ſeu Filoſofo Sanchoniaton; pode-ſe duvidar ſe ſó Turdetanos, ou ſó Fenicios foraõ os deſcobridores das Caſiterides, para on-

onde navegavamos com mais frequencia antes do dominio dos Romanos.

Estrabaõ para persuadir o grande Commercio activo, e passivo, que de todos os lugares maritimos de Hespanha se fazia para Italia, e Roma, elle assim se prepara. Diz, que os Hespanhoes antigos conhecendo as commodidades, que lhes offereciaõ para o Commercio os muitos rios, que tinhaõ do Estreito de Gribraltar até ao Promontorio Sacro, elles fundáraõ para aquelle fim muitas Cidades nas suas margens: Que taes foraõ, entre outras, Ossonoba, Menoba, Onoba, Nebrisa, e Asta. Parece que por estes rios se fariaõ os transportes dos generos do interior das Provincias para as Cidades de Deposito, aonde se haviaõ de fazer as carregações; e que estas na Lusitania seriaõ no Algarve Ossonoba, que ficava huma legoa ao Nórte, donde agora está Fáro assentada sobre o seu rio navegavel: verdade agora proximamente descoberta em Inscripções de pedras antigas, que se acharaõ; o Porto de Anibal na embocadora do de

Por-

Portimaõ : Lacobriga na Bahia , que hoje se diz de Lagos ; e na Lusitania seríaõ os célebres Emporios de Sethubala , e Ulyssipo. Na Betica haviaõ ser Cadiz , Sevilha , Calpe , Carteya , Porto de Mnestro , hoje de Santa Maria , e os mais até ao Guadiana. Em tantos Almazens se depositariaõ os generos immensos , que acabamos de ouvir dizer a Justino , bastavaõ para fornecer Italia , e Roma ; huns que vinhaõ buscar as suas esquadras , outros que levavaõ as nossas Frotas.

Sobre quaes fossem estes generos, além do ouro , prata , e metaes com que a nossa Peninsula enriqueceo aos Fenicios , Carthaginezes , e Romanos, temos nós de consultar a antiguidade. Hum dos mais consideraveis a que eu descubro naõ apagados os vestigios , he o das pescarias immensas , que se faziaõ pelos mares da Lusitania , e da Betica até á bocca do Estreito , especialmente o atum. Já eu disse como se pescáraõ os primeiros , que nós descobrimos ; como foraõ levados em salmoura a Carthago , e a grande estimaçaõ ,

que

que alli ſe lhes deo. Nós temos experiencias largas, de que peixe algum ſe mette tanto em terra como os atuns, depois que montaõ o Cabo de S. Vicente até chegarem ao Eſtreito, ainda que de vinte annos a eſta parte, por hum ſegredo da natureza, que nós naõ penetramos, elles ſe engolfaõ para a contra cóſta de Barbaria, de ſórte que as peſcarias deſte genero tem diminuido na ſua abundancia mais de tres partes do que entaõ viamos.

Os atuns correm differentes mares na Primavera, Eſtio, e Outono. No Inverno buſcaõ o refugio na profundidade das agúas; e correndo em grande número furioſos pelo impeto da laſcivia, como dizem os Authores antigos, entraõ pelo Eſtreito de Gibraltar, aonde deſovaõ. Atheneo, Plinio, e Eſtrabaõ dizem, que he de muita antiguidade a peſcaria dos atuns nas cóſtas da Luſitania, e Betica. Neſta ſe devia ella diminuir muito; porque eu me lembro dos armadores do Algarve irem a Heſpanha renovar as Almadravas *antigas da* Caſa de Medina Sidonia

nos

nos mares de Conil. O modo por que os nossos primitivos faziaõ estas pescarias, nós o ignoramos, ainda que dizem alguns Escritores, que como na cósta haviaõ muitos pégos, e este peixe busca muito a terra, os pégos se enchiaõ delles, aonde os pescadores os cercavaõ com redes, e os tiravaõ á força de instrumentos de ferro.

Hoje se deitaõ pouco mais de huma legoa ao mar estas armações, que se formaõ de hum grande circulo de redes firmadas em ancoras, com huma bocca para a parte donde vem os atuns, e por onde entraõ para o centro da rede, que chamaõ bucho. No fundo deste bucho está huma rede redonda, grossa, e espessa, atada com cordas por toda a circunferencia, que vem prender na superficie da agua ás outras córdas, que fazem a parte superior da circunferencia do bucho. Quando se quer copejar o atum, os barcos formaõ outro circulo, e vaõ levantando com igualdade a rede da calla, que está no fundo, sobre a qual vem á face da agua quantidade grande de atuns,

muito inquietos, como quem ſente que os vaõ tirando do ſeu elemento. Entaõ a gente dos barcos com huns ganchos de ferro, que chamaõ bicheiros, cravados em varas de páo, prendem o peixe, que deſmaia em ſe ſentindo ferido, e com muita facilidade o vaõ mettendo a bordo.

A peſca, pois, e Commercio dos atuns he taõ antiga, e em tanta abundancia na Luſitania, que o Hiſtoriador Polybio, fazendo memoria da delicadeza, e bondade dos noſſos fructos, da ſua quantidade, e extracçaõ, naõ ſe eſqueceo de incluir nelles eſte ramo principal do noſſo trafego.. Do tempo dos noſſos Turdetanos, e Celtas eſte peixe ſalgado era conduzido a Grecia ainda na vida de Hipocrates. Nós naõ ſabemos quem faría eſte tranſporte do atum á Grecia, ſe ſeriaõ os meſmos Gregos eſtabelecidos em Heſpanha, e Italia, ou qual das Nações, que entaõ teria Commercio comnoſco. Tambem do Ponto vinhaõ atuns á Grecia, e devia ſer deſtes hum, de que diz Atheneo, que comprando-ſe por dous obo-

obolos, era tal a ſua grandeza, que doze convidados em trez dias naõ podéraõ acabar de o comer. O meſmo Author nos conta, que quando era grande a peſcaria dos atuns, os maritimos offereciaõ hum em ſacrificio a Neptuno, como Deos das aguas. Em fim, eu concluo eſta breve noticia do atum com huma receita, que nos deixou o Poeta Archeſtrato para elle ſe conſervar melhor, ter goſto mais delicado, e ſer menos nocivo á ſaude. Bizancio he a metropoli da peſcaria do atum, diz o Poeta: Para o guardar bem, ſe ha de dividir em troços, aſſar em brazas, untallo com azeite, e ao meſmo tempo polveriſallo com ſal moido: Ainda quentes os troços, devem meter-ſe em ſalmoura, e extraidos depois della, pollos a ſeccar. Deſte modo he o atum alimento generoſo, ſemelhante aos Deoſes immortaes na belleza, e incorrupçaõ: Se algum ignorante lhe deita vinagre, corrompeo-o em vez de o conſervar.

Outro ramo importante do noſſo Commercio em fructos, era o trigo,

que as duas Eſtremaduras, e Alem-Téjo, tudo entaõ Luſitania, produziaõ em quantidade taõ monſtruoſa, que por muitas vezes baſtecemos Roma, e Italia. Já eu diſſe os baixos preços, porque entaõ ſe vendiaõ na Luſitania todos os generos de grãos, e eſte commodo extraordinario he a próva mais evidente de huma abundancia admiravel. O meſmo que ao trigo, ſuccedia com todos os mais fructos, que ſendo delicados, e em igual cópia, ſerviaõ do primeiro regallo nas mezas Romanas. Se com effeito a Luſitania teve por ſua adjacente a Ilha Eritreya, aonde dizem que Geriaõ eſperára a morte de Beto para invadir o Continente; ſó ella produzia de ſórte, que affirma Pomponio Mela, naõ neceſſitava ſer ſemiada mais que hum ſó anno, para ſete, ou oito continuos produzir ſem mais induſtria, colheitas maravilhoſas.

Ainda hoje em muitas partes de Portugal ſe conſervaõ os celeiros ſobterraneos, aonde os Luſitanos antigos guardavaõ o trigo incorrupto de huns para *outros* annos. Diodoro Siculo diz, que

que na Graõ-Bretanha tambem se usavaõ estes celeiros sobterraneos, e de Africa affirma o mesmo costume Aulo-Hircio. Os nossos Lusitanos para os fabricarem escolhiaõ sitios enchutos; rodeavaõ a cava de paredes em forma de cisterna; faziaõ ao fundo hum sollo de palha, e cortadas as espigas das cannas, enchiaõ os celeiros, e os cobriaõ, por experimentarem, que naõ lhe dando o ar, e cobrindo-o, nos casûlos estavaõ os grãos livres da corrupçaõ, e do gorgulho. Ordinariamente se fabricavaõ estes celeiros no campo fóra das casas para se evitar a casualidade dos incendios; e Varro diz, que nas outras Provincias de Hespanha, e em algumas de Italia os construiaõ nos lugares altos, donde se extraia o trigo para o Commercio de dentro, e fóra dos Continentes respectivos.

Trogo-Pompeo, e Estrabaõ abonaõ a extracçaõ de grande cópia de vinhos, que mandavamos para Roma, e mais Paizes visinhos. Polybio naõ só attesta a muita bondade dos de Lusitania;

nia; mas a ſua quantidade taõ exceſſiva, que ſe vendia nella por preço baixo. Os vinhos das margens do Téjo eraõ os melhores para os embarques, e delle ſe tranſportavaõ para muitas Regiões. Naõ achamos memorias naquellas idades dos vinhos do Alto-Douro, ou porque ainda entaõ os ſeus moradores naõ ſe applicariaõ á cultura das vinhas, ou porque elles naõ ſe extrahiaõ como nos noſſos tempos. Toda a parte Meridional de Heſpanha abundava deſte licor, que alegra o coraçaõ do homem; mas deſta alegria participavaõ pouco os moradores da parte Septentrional, que por terem pouco, diz Eſtrabaõ, que bebiaõ agua, e por iſſo, faltando-lhes materia para os abuſos, ſó fariaõ uſo do pouco vinho por cauſa do eſtomago; porque o que cuſta caro uſa-ſe menos.

Entre outros vinhos célebres da antiguidade, ſe faz memoria dos cerretanos, que ſe fabricavaõ deſta parte dos Pyreneos, e ſe aſſegura, que eraõ bem ſemelhantes aos antigos de Secia, Cidade de Italia, taõ generoſos, que

os serviaõ na meza de Augusto, e que diz Juvenal ardia em cópos de ouro. Bom sería naquelles tempos beber vinho de Secia; mas nos nossos fazer *secia* de beber vinho, usando-se deste termo esdruxulo modernamente inventado no nosso idioma para denotar o desambaraço, e o desempeno da improbidade; ella he huma secia taõ ridicula, que deve ter tanto *de vergonhosa*, quanto ella tira aos homens tudo o que nelles ha de estimavel. Ainda que se beba vinho por secia em cópos de ouro, como até neste metal elle ferve, fervores semelhantes costumaõ trazer nas escumas, que levantaõ, unicamente as fezes do ouro, que desfiguraõ. Em fim, já na antiguidade o Commercio do vinho, a delicadeza do gosto disputava as qualidades do vinho Lusitano, Tarteso, Setino, Massico, Surretino, Cucubo, Falerno, e outros muitos.

Os Lusitanos tambem levavaõ a Italia quantidade de Azeite, de que era fertil a campanha de Mérida, Capital da Lusitania, e os terrenos dilatados

do

do Téjo ao Guadiana, aonde as oliveiras ſempre tiveraõ particular cultura: Levavamos os noſſos pannos, taõ bem tecidos, que Plinio os deixou recommendados, e as noſſas lãs, que em Roma ſe equivocavaõ na bondade com as de Colchos: Levavamos drógas de matiſes, que pela ſua viſta brilhante, naquella Capital eraõ chamadas Scutulatas, e das fabricas Turdetanas hiaõ para ella muitos veſtidos já feitos á Romana, como elles os uſavaõ no tempo de Auguſto: Levavamos o linho fabricado já com perfeiçaõ taõ antiga, que os Hiſtoriadores de Roma celebravaõ por admiravel no luſtre, e alvura o panno de linho das tunicas latas, que veſtiaõ os ſoldados Luſitanos de Anibal na guerra de Italia: Levavamos as memoraveis manufacturas de Salacia, ou fabricadas pelos ſeus moradores, hoje de Alcacere do Sal, que em Roma chamavaõ Salaciatas: Levavamos a precioſa grã, que produziaõ os campos de Mérida, a Serra da Arrabida, ou Promontorio Barbarico, a do Algarve, e outros lugares da Lu-

ſitania , taõ ſuperior á dos mais
zes , que com ella ſe tingiaõ as
gas , e Mantos magnificos dos Ceſa
Em fim , além de outros muitos
neros , levavamos a Roma , e Italia c
pia grande de mel , e cera , havend
entaõ na Luſitania tal abundancia , qu
affirma Eſtrabaõ ſerem entre nós
cera , e o mel de hum uſo bem vul-
gar. O ſeu invento o attribuio a Fabu-
la ao Rei Luſitano Gorgoris , por iſſo
chamado Melicula.

Heſpanha com os meſmos gene-
ros , e outros ſemelhantes , fazia igual
Commercio , em que ſempre florecè-
raõ os Gaditanos , e Tarteſios depois
dos Fenicios até ao tempo do Ceſar
Auguſto. Naõ he para eſquecer as uti-
lidades , que tem dado ao Mundo hum
pequeno campo de trinta leguas de
comprido , e dez de largo junto á Ci-
dade de Carthagena , donde a nature-
za produz por ſi meſma abundan-
cia ſumma de huma herva , que cha-
maõ eſparto , bem vulgar , e conheci-
da em toda a parte. Nós o temos em
algumas da Luſitania ; mas muito in-
fe-

ferior ao de Carthagena em qualidade, e quantidade. Plinio faz memoria desta herva, do modo da sua colheita, e fábrica, dos seus muitos usos, e do Commercio, que do tempo dos Carthaginezes faziaõ com ella os Hespanhoes. Geralmente fallando, serve o esparto em todas as artes de pescar, na navegaçaõ, no serviço do campo, em todas as fábricas de redes, e cordas.

Do tempo de Homero se conserva a memoria do uso do esparto; e que os Gregos se servissem delle na guerra de Troia o dá a entender Plinio. Ou elle já se chamasse esparto, ou como disseraõ alguns linosparto, elle servia na manobra dos navios dos primeiros Gregos, que communicáraõ o seu conhecimento aos de Tyro, e de Carthago. Elle sería huma producçaõ da Grecia com alguma accidental differença, ou os Gregos o levariaõ de Hespanha nas primeiras viagens, e o principio dellas será a Época verdadeira do conhecimento, que aquella *Naçaõ* teve do esparto. Nós naõ fica-

mos por fiadores da noticia, de que elle na idade de Homero fosse transportado de Hespanha a Grecia; mas de Authores da melhor nota consta, que em tempos posteriores este genero era conduzido á Grecia, e que os Hespanhoes até ao tempo de Augusto o levavaõ a Roma, e a outras partes, como ramo de Commercio effectivo.

Por naõ fazer muito prolongada esta narraçaõ, eu a concluo com a excellente raça dos cavallos Lusitanos, de que Carthaginezes, e Romanos formavaõ muitos dos seus córpos, e recrutas para as remontas: Com a fábrica das carnes, especialmente os toucinhos, e presuntos, de que se naõ esquecêraõ os Historiadores de Roma: Com a farinha das bollotas, que tendo nos nossos Paizes hum doce agradavel, diz Polybio, que nós a conduziamos até ao Tibre; e ultimamente com a quantidade enorme de pescarias, além do atum, em que já fallei, e que naõ acabaõ de encarecer Estrabaõ, e Atheneo: Tudo concurrentes para o avultado Commercio das Hes-

pa-

panhas, que tendo principio nos Fenicios, incremento com os Carthaginezes, e perfeiçaõ com os Romanos, as sobíraõ a hum alto estado de consideraçaõ entre as Nações do Universo.

CAPITULO XII.

Das armas que na antiguidade usavaõ os Lusitanos.

EM todos os Seculos, entre todas as gentes, naõ só foi memoravel o valor dos Lusitanos; mas as armas com que elles o exercitavaõ em tanta variedade de guerras. Já eu disse, que os Lusitanos, quando foraõ depondo a simplicidade, e conhecendo a necessidade da defensa, natural a todos os homens, que para a conservaçaõ da vida, podem repelir a violencia com a força; elles inventáraõ as hastas, que eraõ huns páos tostados com as pontas agudas: que depois lhes accrescentáraõ outras de cobre, e ferro nas mesmas extremidades: que usavaõ das *armas de arremeço*, que eraõ humas

pe-

pequenas lanças, ſoliferreas, falarias; ou tragulas, e que com ellas obráraõ as gentilezas, que ficaõ referidas neſta Hiſtoria. Porém na guerra dos Romanos já elles ſe ſerviaõ das ſuas célebres eſpadas, que os Hiſtoriadores de Roma encareciaõ formidaveis nos ſeus braços, como armas que parecia as inventára a natureza bem á proporçaõ da qualidade das gentes, que as eſgrimiaõ. Tanta eſtimaçaõ tiveraõ ellas entre os Luſitanos, que foi neceſſaria a ſeveridade das Leis para ſe apartarem deſtas ſuas companheiras inſeparaveis.

Todo o mundo tem viſto as eſpadas naõ mãos dos antigos, e modernos Luſitanos, a todo elle temeroſas, vulgarmente vencedoras, raras vezes abatidas. As idades, as Nações, Africa, Aſia, America, e Europa ſaõ teſtemunhas, de que eu naõ minto, nem encareço. Diziaõ os Hiſtoriadores nos primeiros tempos da ſua invençaõ, que aos golpes das eſpadas Luſitanas nada reſiſtia; que para ellas os eſcudos de aço pareciaõ de cera,

os

os morriões de ferro eraõ de igual materia; os oſſos humanos huma vergontea tenra. Os Romanos ſe ſervíraõ dellas na guerra contra Filippe, Rei de Macedonia; e como diz Tito-Livio, os ſeus vaſſallos, que eſtavaõ coſtumados a peleijar com as lanças dos Gregos: elles ficavaõ atonitos, quando aos golpes das eſpadas viaõ cahir os homens como troncos; huns ſem cabeça, outros ſem pernas, nem braços, muitos abertos ao meio: eſpectaculos á humanidade horrendos, ao meſmo furor laſtimoſos. Como toda a novidade faz eſtranheza, nós naõ devemos admirar-nos, que o valor provado dos Macedonios ſe confundiſſe á viſta dos golpes das novas armas, taõ differentes das que até entaõ ſe uſavaõ na Grecia.

Quando os Romanos principiáraõ a uſar eſtas armas, elles lhe pozeraõ o nome de eſpada Heſpanhola; mas nós ignoramos o tempo, em que elles principiáraõ a dar-lhes uſo. He propria a eſpada Heſpanhola para as batalhas, diz *Tito-Livio.* A eſpada dos Celtibe-

ros leva grandes vantagens ná campanha, affirma Suidas; mas qual fosse o primeiro dos Romanos, que a adoptasse, nenhum dos seus Historiadores o refere. O que nós sabemos destas espadas he, que ellas naõ foraõ invento de Roma, senaõ da Lusitania, que soube forjallas, logo que teve luz da Metallurgia. Esta antiguidade de invento foi tanta, que precede muito á guerra de Anibal. Ainda a segunda guerra Punica estava na ordem dos futuros, quando se nos representaõ armados com as nossas espadas aos Generaes Romanos Flaminio, e Lucio Emilio contra os Gallos. A maior antiguidade sobe Tito-Livio outra espada nossa com que Manlio Torcato sahio ao seu celebre desafio contra hum dos soldados valerosos dos mesmos Gallos. Donde se deve inferir, que os Romanos de tempos taõ remotos podéraõ haver de nós algumas das nossas espadas, e que nós já tinhamos tantas, que as largavamos a outras gentes.

He verdade que no Seculo quarto de Roma, as nossas espadas entre

os Romanos eraõ raras; mas no ſexto já Polybio ſuppoem armados com ellas contra os Gallos aos ſoldados de Flaminio, e de Lucio Emilio. Entaõ podemos nós preſumir o modo porque os Romanos houveraõ á maõ tantas eſpadas Heſpanholas; porque entaõ tinhaõ elles vencido a primeira guerra Punica; mandando Legiões a Sicilia, e Sardenha; em ambas eſtas Ilhas havia ſoldados Luſitanos auxiliares de Carthago: muitos delles morrèraõ no campo com valor; nelle deixariaõ as eſpadas entre outros deſpojos, e entaõ os Romanos pela ſingularidade deſtas armas, as fariaõ cingir aos ſeus ſoldados. He provavel, que neſta conjuntura entraſſem a ter entre elles mais uſo as noſſas eſpadas de ponta, e córte, que depois da ſegunda guerra Punica, e derrota de Anibal, naõ admite dúvida ſe fizeraõ mais geraes aos meſmos Romanos.

Nós naõ duvidamos, que nos primeiros Seculos da República, e tempo de Manlio Torcato houveſſem em Roma *eſpadas* Luſitanas, nem difficulta-

mos

mos o modo de as haverem de nós os Romanos naquellas idades taõ apartadas. Em quanto á primeira parte, a origem das nossas espadas he muito mais remota, que a Época de Manlio Torcato, e ainda que della naõ possamos dar huma demonstraçaõ, temos muitas conjecturas, que próvaõ o meu sentir. Eu bem sei, que os primeiros Povoadores da Lusitania naõ conheciaõ os metaes, nem a arte de os fabricar; e se antes do Diluvio Tubalcain inventou a de trabalhar no ferro, depois delle esteve muito tempo esquecida. Da Asia passou mais tarde á Europa o conhecimento dos metaes, e nós naõ ignoramos as disputas, que tem havido entre os Sabios a respeito de se decidir, se os homens dos primeiros Seculos fabricavaõ armas, e se serviaõ do ferro na Agricultura, na guerra, nos instrumentos das Artes mecanicas. Os Egypcios, Fenicios, Hebreos, e Gregos da Europa saõ os primeiros a quem se attribue o uso do ferro. Em quanto aos Romanos, presume-se, que elles

tambem o usáraõ nos primeiros Seculos da sua República.

Pelo que respeita aos Lusitanos primitivos, os Monumentos da nossa Historia nos instruem, que elles para a sua defensa naõ se serviaõ de mais armas, que os páos, as pedras, e outras materias commuas com força para resistir. Neste uso se conserváraõ os Lusitanos até o Anno do Mundo 2600, em que os Fenicios vieraõ, e se estabelecêraõ na Ilha de Cadiz, e outras terras da Turdetania Andaluz. A esta Naçaõ attribuem os mesmos Escritores Romanos a Arte Metallurgica, e com particularidade a de lavrar o ferro. Com a Época deste estabelecimento Fenicio entre nós confere a opiniaõ dos que attribuem a invençaõ do ferro pelos annos 180 antes da guerra de Troia aos Dactilos, aos moradores do monte Ida, aos Gephireós, aos Curetes, e aos Coribantes. Aos Dactilos Ideos se attribue a invençaõ de temperar o ferro para o porem em disposiçaõ de se lavrarem folhas capazes de dar, e resistir aos golpes, e como estes Dactilos

eraõ os Cinetas, ou Caretes, que se estabeleceraõ na Andaluzia, destes Fenicios podemos nós entender, que Andaluzes, e Lusitanos, sendo a mesma Naçaõ Turdetana, aprendéraõ a lavrar, e temperar o ferro, que reduzíraõ a espadas.

Como os Romanos nas primeiras idades da sua República podessem haver as nossas espadas, he materia hum pouco difficultosa de se averiguar na Historia. Elles nada sabiaõ das nossas Nações moradoras no Continente de Hespanha até ao Seculo IV. da fundaçaõ da sua Capital; naõ haviaõ dado passo fóra de Italia; naõ tinhaõ Commercio, nem Marinha para as poderem haver dos estrangeiros por meio da negociaçaõ. As Nações que naquella Época traficavaõ, e com espirito intrigante no Commercio, eraõ os Gregos da Phocia, e os Carthaginezes, totalmente oppostos nos estratagemas á candura, e ingenuidade com que viviaõ os Romanos da mesma Época. Além disso, a nós naõ nos consta, que as duas Nações tivessem trato, convé-

pondencia, ou alliança neſſe tempo com a Romana, e por iſſo temos por duras de crer as opiniões dos Hiſtoriadores Romanos, que dizem ſe uſavaõ as noſſas eſpadas na ſua República em tempo de Manlio Torcato.

Porém revolvendo mais a fundo os Monumentos da antiguidade, elles nos inſtruem, como os Gregos Phocenſes tinhaõ eſtabelecimentos nas cóſtas maritimas de França, e Heſpanha: Como vinhaõ commerciar aos portos da Luſitania do Guadiana até ao Minho: Como elles extrahiaõ os melhores effeitos da noſſa Peninſula para os tranſportarem ás Cidades da Grande Grecia; que ficavaõ perto de Roma, eſpecialmente depois que os Romanos foraõ avançando as conquiſtas até no Pharo de Meſſina. Suppoſtos eſtes principios certos, naõ nos fica razaõ para duvidar, que os Gregos Phocenſes, entre outros generos do ſeu Commercio, levaſſem as eſpedas Luſitanas a Napoles, e Sicilia, aonde os Romanos as haveriaõ á maõ nos primeiros tempos *da República*, ſem ſer neceſſario te-

rem

rem Commercio effectivo com Gregos, e Carthaginezes, sem precisarem sahir de Italia, sem que lhes obstasse naõ terem conhecimento, e trato com as Nações moradoras em Hespanha.

Nas cóstas de Africa, aonde pelos mesmos tempos navegavaõ Lusitanos, Fenicios, Carthaginezes, e diz Polybio, que tambem os Romanos muito antes da primeira guerra Punica, até ao Promontorio ao Nórte de Carthago, que era o marcado pelos Carthaginezes para a navegaçaõ dos Romanos; tambem estes podiaõ haver as nossas espadas, que as ditas Nações conduziriaõ aos portos Africanos por meio da sua mesma industria. Tambem naõ tem duvida serem, ou poderem ser os Carthaginezes do tempo de Manlio os canaes da introducçaõ daquellas armas em Roma. No tempo dos primeiros Consules, Roma, e Carthago eraõ alliadas, e entre si tinhaõ fórma de Commercio antes da entrada de Pyrrho em Italia. Os Lusitanos compravaõ, e vendiaõ entaõ aos

Car-

Carthaginezes; e se estes sabemos por Polybio, que já levavaõ generos a Sicilia, Sardenha, e talvez á mesma Roma, he natural, que entre elles conduzissem, para vender aos Romanos, as espadas, que compravaõ aos Lusitanos. Em fim, os Hespanhoes, que até ao tempo de Seneca se conserváraõ com os seus usos pátrios na Ilha de Corcega, bem podiaõ nos Seculos anteriores communicar aos Romanos a noticia das nossas espadas, entaõ mui célebres, e elles havellas nas primeiras idades da sua República por qualquer das vias, que deixo apontadas.

De quanto ha neste discurso de verdadeiro, e verosimil se infere a antiguidade remotissima das espadas Lusitanas, e que os Lusitanos, e Andaluzes foraõ em Hespanha os seus primeiros inventores, ou elles aprendessem a Arte dos Fenicios, dos Cinetas, ou Curetes, que em outras partes do mundo, e depois entre nós ensináraõ o uso do ferro, e o modo de o lavrar. He huma verdade imparcial sem disputa, que *Lusitania*, Galliza, e Celtiberia fo-

foraõ as noſſas Provincias, aonde ſe fabricáraõ as melhores armas, ou iſſo naſceſſe de ſerem os ſeus eſpiritos os mais guerreiros, ou delles terem melhor inſtrucçaõ, e materiaes para a ſua fabrica. Dizem, que em Galliza havia huns Póvos chamados Calybes, que no lavor do ferro excediaõ a todos os outros. Nós ignoramos, que Calybes foſſem eſtes, e eſtamos bem certos naõ ſerem os das Regiões remotas da Phrygia, e Paphlagonia, que nos quizeraõ perſuadir camaradas de Nabuco-de-Noſor, de Teucro, de Diomedes, ou de Tyde, quando Principes ſemelhantes já mais vieraõ a Heſpanha, nem gente alguma antes dos Fenicios, e Carthaginezes. Se por trabalharem os Gallegos em ferro, lhes deraõ o nome de Calybes, que tinhaõ o officio de ferreiros, tambem lhes podiaõ chamar Cyclopes, que exercitavaõ a meſma arte, e ficava unida huma com outra fabula.

Nós devemos a Diodoro Siculo deixar-nos a memoria, de que os Luſitanos, gente fortiſſima entre os Celti-

tiberos, usavaõ das mesmas espadas que elles; e dúvida alguma temos, de que dentro dos limites da antiga Lusitania, assim no coraçaõ da Provincia, como nas partes da Estremadura, e Galliza, que lhe pertenciaõ, houvessem muitas fábricas de espadas, e mais armas, que nos serviaõ nas guerras contínuas que sustentámos nas duas Épocas taõ longas de Carthaginezes, e Romanos. Os nossos Celtas, que tiveraõ tanto trato com os Fenicios nas terras de Tarteso; que se estabelecêraõ entre nós desde a embocadura do Guadiana até Elvas, e depois por outras partes da Lusitania; que sendo taõ marcial o seu genio, e elles taõ destros em forjar armas; parece impossivel, que instruindo-nos em outras Artes, deixassem de fundar Arsenaes para a construcçaõ dos armamentos necessarios a hum Paiz sempre insultado pelas Nações mais ferozes, sem que nós necessitassemos para nos armarmos do soccorro dos Andaluzes, e Gallegos.

Antes pelo contrario nos fornece a Historia fundamentos para inferirmos,

tas duas Nações quiz esta
do rio Lima ; mas que
tre si , vieraõ ás mãos ,
se muitos , quando dep
e viraõ o seu estrago ,
o nome de Lethes em
queecimento da concordi
combate. Os Celtas , e
restáraõ , e eraõ troncos
em Andaluzia , ficáraõ p
las partes de Lusitania ,
sendo este estabelecimen
vinda dos Fenicios ; elle
na Arte de temperar o f
armas , quem nos emb
que os Gallegos aprend
Arte dos nossos Turdulo

bo Martin, assim chamada da grande fábrica de ferro, que havia nella; e pergunto donde tomáraõ nome os Lusitanos Lancienses, e Lacetanos, senaõ das excellentes lanças, de que elles foraõ em Hespanha os Inventores. Com a mesma tempera se forjávaõ entre nós as nossas espadas de ponta, e córte, mais compridas, ou mais curtas, conforme o uso para que as destinavaõ: taõ fortes, e difficultosas de quebrar, que ficavaõ direitas depois de romperem os morriões de ferro, as loricas, os capacetes, e qualquer escudo, que se interpozesse aos seus fios. Das outras armas offensivas, de que usavaõ os Lusitanos, e das defensivas, de que tambem elles se serviaõ, dezejo eu dar aos meus Leitores huma tintura de instrucçaõ, ainda que o farei com mais brevidade para o conhecimento dos nossos usos antigos.

Além das espadas compridas, os Lusitanos usavaõ das curtas, que chamavaõ Rhamba, e ignoramos se eraõ as mesmas, que a Rhamphea dos Romanos, que Justo Lipsio nos Com-

mentarios de Tacito naõ ſuppoem a Tramea, ou eſpada de dous fios; mas huma eſpecie de pique, ou haſta. A Lingula era outra folha da figura de lingua. Os Geſos pareciaõ-ſe com as haſtas dos Romanos, que as noſſas gentes manejavaõ com deſtreza ſingular. Nós inventámos a lança, que vibravamos com igual deſembaraço, eſpecialmente os Póvos entre o Téjo, e o Douro, por iſſo chamados Lancienſes Opidanos, e Tranſcudanos Lancienſes. As armas curtas de arremeço, que ſe comprehendiaõ debaixo do nome de Geſos, eraõ os pilos, haſtas, ſoliferreas, e outras forjadas com differentes figuras. A cavallaria commummente uſava das grandes lanças chamadas hamatas, e a Infantaria das picas, que muitos Seculos foraõ a firmeza mais incontraſtavel das noſſas campanhas, e de que tambem uſáraõ os Romanos com o nome de Amentatæ. Os Luſitanos tambem as traziaõ com duas pontas em forma de meia lua, que diziaõ Bidente, ou Trudes. As ſoliferreas, armas arrojadiças, chamavaõ-ſe

assim por serem todas de ferro com a ponta farpada; e com pouca differença entendemos nós, que eraõ as Falaricas, e Semi-Falaricas, de que faz mençaõ Aulo-Gelio.

Os saguntinos practicavaõ muito huma arrojadiça, que diziaõ Tragulo, com que feriraõ a Anibal, e nós depois a Metello, camarada de Pompeo, na batalha, que fica referida. Sobre tudo se encarece a destreza dos Lusitanos no despedír a Facha, ou Segur. Além das armas ditas, nós, e os Romanos mutuamente nos serviamos do Verutum, Sparus, Sudes, Prepilata missilia, Faces, Aclides, Cateia, e outras que encontramos pelos Historiadores. Das arrojadiças, que naõ podessem ser despedidas á maõ, disse eu já, que os Lusitanos usariaõ das celebres maquinas, que chamavamos Armatostes, ou outras semelhantes, que os antigos disseraõ Tormentarias, para que até o nome metesse horror aos homens.

Quando eu aqui queria concluir a *minha* narraçaõ respectiva ás armas of-

fensivas dos Lusitanos, ocorre-me a critica a que me exponho, se me esquecer das nossas memoraveis Fundas, com que despediamos na campanha chuveiros de pedras sem resistencia. Esta Arte tem a prova da sua antiguidade na Historia Sagrada, donde a devemos inferir mais antiga, que o Pastor David, depois Rei de Israel, que com a sua funda despedindo huma pedra, a cravou na testa do Gigante Filisteo; tiro, que vingou as injurias com que elle ultrajava o campo de Saul. Nós sabemos de nações destrissimas em manejar as fundas, e de algumas se servirão os Romanos em facções importantes. Mas nos tiros da funda Macrocolon, que arrojava as pedras mais longe, ou nos da Brachicolon, que as despedia mais perto, duvido houvesse alguma, que igualasse a dos Lusitanos. Fr. Bernardo de Brito, citando a Alladio, diz que elles entravaõ nas batalhas, com trez fundas de lã; huma que levavaõ apertada á roda da cabeça; outra na cintura, e a terceira na maõ: que na arte eraõ taõ destros, que naõ erra-

vaõ cousa alguma a que tiraſſem, por pequena, que ella foſſe; que o exercicio continuo era o ſeu Meſtre; porque as mãis naõ davaõ de comer aos mininos, ſem que elles á pedrada naõ o deitaſſem abaixo da ponta de huma lança, aonde lho eſpetavaõ. Para offenderem aos Romanos em Italia levou Anibal tropas de Fundeiros Luſitanos, e Jugurta trouxe outras tropas ſemelhantes de Africa para defenderem aos Romanos em Heſpanha.

Reſta-nos concluir eſte Tomo com a narraçaõ breve das armas defenſivas, de que ſe ſerviaõ os Luſitanos. Nós tinhamos deſtes generos de armas, humas que nós inventamos, outras que imitemos das nações, com eſpecialidade dos Romanos. Nos tempos eſcuros da ignoraucia a luz da razaõ inſpiraria aos homens buſcarem inſtrumentos para ſe defenderem, quando inveſtiſſem, ou foſſem inveſtidos. Parece, que a Voz Galea, donde os morriões, e os elmos tomáraõ o nome, e que ſignifica capacete de couro, próva bem, que a primeira arma defenſiva pa-

para cobrir a cabeça, era feita da pelle mais dura dos brutos. Os Lusitanos os fizeraõ depois de outras materias, antes de páo, logo de cobre, e entre elles tambem parece, que estas galeas tinhaõ o nome de cassis, que veio a degenerar no de casquete, como quem diz: Arma, que cobre os cascos. Os casquetes, ou galeas Lusitanas, diz Manoel Severim de Faria, que em quanto foraõ de couro, para maior bravosidade, e terror, lhe punhaõ em cima a cabeça do animal, donde o esfolláraõ; e depois usando-se as galeas de ferro, naõ perdêraõ a fórma antiga, como ainda hoje vemos nos elmos.

Dos morriões, jubas, viseiras, ou buculas já eu fallei em hum dos Capitulos precedentes. Como os Lusitanos soltavaõ os cabellos para entrar nos combates; muitos delles, como diz Estrabaõ, usavaõ huma especie de mitras, donde pendiaõ humas fachas, que atavaõ debaixo da barba, e talvez fossem de ferro, ou quando naõ, de alguma materia para abrigar a cabe-

ça. Para cobrirem o peito, já eu disse, que usavaõ do thorax, ou lorica, dos pectorales, e cotas de linho, que tudo eraõ humas saias de malha, como as de que se serviaõ os Legionarios Romanos. A nossa Infantaria usava de humas botinas, que chamavaõ ocreas, para defender as pernas, e as faziaõ de couro, ferro, e sedas de cavallo fortemente tecidas; mas nós entendemos, que estas ocreas só serviriaõ aos piqueiros, que faziaõ menos movimento na campanha. Nós distinguiamos o clypeo do escudo: este regularmente era concavo, aquelle orbicular, ou redondo. A parma era outro escudo mais pequeno, que o embraçava a cavallaria. A cetra, e peltra tinhaõ a figura de meia lua, e ainda eraõ mais pequenas, que a parma.

Estas, e outras muitas armas offensivas, e defensivas, que naõ chegou a sua noticia ás nossas idades; todas, ou a maior parte dellas eraõ conhecidas, e bem usadas pelos antigos Lusitanos. He provavel, que elles tambem tivessem instrumentos bellicos

de fazer eſtrondo, de animar a corage, de dar ſinal para atacar, e retirar dos conflictos. Que elles davaõ uſo ás bandeiras, e inſignias militares, muitos Authores o teſteficaõ, e da meſma ſórte ſe ſerviaõ do Grito de Guerra, que era o Pœan, ou Hymno rhitmico com que invocavaõ nas batalhas o auxilio dos Deoſes, como eu já diſſe. A breve noticia, que eu tenho dado neſtes Capitulos do caracter dos Luſitanos antigos, cotiſada com as referidas neſta Hiſtoria, daõ bem a conhecer a ferocidade, e talentos da Naçaõ, que nas Épocas da meſma antiguidade diſputou tantos Seculos com as forças dos dous Imperios Carthaginez, e Romano, e que nas da Hiſtoria Moderna a que eu vou dar principio, ſe qualificou vantajoſa ſobre muitos dos Póvos mais formidaveis do Univerſo.

F I M.

INDICE
DOS CAPITULOS.

PREFACAÕ á Hiſtoria. . . IX

LIVRO I.

CAP. I. *Principio da Hiſtoria na entrada dos Carthaginezes em Heſpanha.* 1
- - II. *Da vinda do primeiro Anibal a Heſpanha, e mais ſucceſſos da Luſitania.* 19
- - III. *Do Imperio do Grande Alexandre com os ſucceſſos da Luſitania pelo tempo do governo de Hamilcar.* 33
- - IV. *Do governo, caracter, e acções de Anibal.* 46
- - V. *Da guerra dos Romanos com os Carthaginezes em Heſpanha atè os expulſarem della.* 55

LI-

LIVRO II.

CAP. I. *Qualidade dos Romanos, principio da sua guerra em Hespanha depois da expulsaõ dos Carthaginezes.* 69
- - II. *Continuaçaõ da guerra com os Romanos até o tempo de Viriato.* 84
- - III. *Primeiras acções de Viriato, e estado da Disciplina militar das Hespanhas no seu tempo.* . . 99
- - IV. *Continua-se com as expedições de Viriato contra os Romanos.* 110
- - V. *Do que succedeo depois da morte de Viriato. Eleiçaõ, e qualidades de Sertorio.* 126
- - VI. *Da guerra de Sertorio contra os Romanos.* 139
- - VII. *Ultimos successos, e fim tragico do memoravel Sertorio.* . 158

LIVRO III.

CAP. I. *Da Pretura de Julio Cesar em Hespanha.* 172
- - II. Continuaçaõ dos successos da Lusitania, e guerra civil de Cesar, e Pom-

Pompeo em Hespanha. . . 185

- - III. *Successos de Sexto Pompeo, de Filo, acções de Cesar na Lusitania com outros acontecimentos.* . 201

- - IV. *Dos mais successos da Lusitania até ao Nascimento de Jesus Christo.* 212

- - V. *Descripçaõ Geografica da Lusitania, noticia dos seus moradores, com os nomes antigos, e modernos dos mais principaes dos seus Montes, e Rios.* 224

- - VI. *Artes, e Sciencias dos Lusitanos na antiguidade, e Disciplinas que aprenderaõ das Nações Estrangeiras.* 244

- - VII. *Continua-se a mesma materia do Capitulo precedente.* . . . 261

- - VIII. *Trata-se da mesma materia, e da instrucçaõ que a Lusitania recebeo pela communicaçaõ com os Romanos.* 279

- - IX. *Conclue-se a instrucçaõ, que adquiriraõ os Lusitanos pelo trato com os Romanos seus Dominantes.* 303

- - X. *Memorias de outras Antiguidades Lusitanas, até ao tempo de*

Au-

CATALOGO

DE ALGUNS LIVROS IMPRESSOS

á custa de Francisca Rolland, Impressor-Livreiro ao bairro Alto, na esquina da Rua do Norte.

Aventuras de Telemaco, com muitas Notas, e o Retrato de Fenelon, em 8. grande. 1785.

Arte Poetica de Horacio por Candido Lusitano. Terceira Ediçaõ, em 8. 1784.

Atlas novo para uso da Mocidade, com 24 Mappas, em 8. 1782.

Belizario de Marmontel, em 8. 1785.

Catecismo Romano abbreviado, em 8.

Escolha das melhores Novellas, e Contos moraes de Marmontel, e outros, em 8. 3 Vol. 1785.

Espirito do Christianismo, em 8.

Historia Geral de Portugal por M. Laclede, em 8. 8 Vol. 1785.

Historia Ecclesiastica do Abbade Ducreux, em 8. 6 Vol. 1784.

Historia Universal de Millot, em 8. 5 Vol.

Historia de Theodosio o Grande por Flechier: Traducçaõ posthuma do Capitaõ Manoel de Sousa, em 8. 1786.

Historia de Carlos Magno, em 8. 3 partes em 2 Vol. 1784.

Imi-

Imitaçaõ de Chriſto por Kempis, em 12. 1785. Com fig.

Miſcellanea, Curioſa, e Proveitoſa, em 8. 7 Vol. 1779-85.

Noites Clementinas, Poema á Morte de Gan-ganelli, em 8. 1785.

Noites d'young (as 24) Traducçaõ de Carlos Vicente de Oliveira, augmentada com Notas, e outras obras do meſmo Young, com eſtampas abertas ao *buril*, em 8. 2 Vol. 1785.

Noticia da Mythologia, em 8.

Obras eſcolhidas de Caraccioli, em 8. 2 Vol. 1785.

Officio da Semana Santa com as Rubricas em Portuguez &c. em 12. com eſtampas.

Obras de Franciſco de Sá de Miranda, augmentadas com as ſuas Comedias, em 8. 2 Vol. 1784.

Obras Poeticas de Quita, em 8. 2 Vol.

Panegyricos, e Diſcurſos Evangelicos, em 8. 4 Vol. 1785.

Reflexões Sobre a Vaidade dos Homens, em 8.

Secretario Portuguez. Quarta Ediçaõ augmentada.

Syntaxe Latina para uſo da Mocidade. 1785.

Trato das Obrigações da Vida Chriſta, traduzido do Francez pelo Capitaõ Manoel de Souſa, em 8. 2. Vol.

Imitação de Christo por Kempis, em 12. 1785. Com fig.

Miscellanea, Curiosa, e Proveitosa, em 8. 7 Vol. 1779-85.

Noites Clementinas, Poema á Morte de Ganganelli, em 8. 1785.

Noites d'young (as 24) Traducção de Carlos Vicente de Oliveira, augmentada com Notas, e outras obras do mesmo Young, com estampas abertas ao *buril*, em 8. 2 Vol. 1785.

Noticia da Mythologia, em 8.

Obras escolhidas de Caraccioli, em 8. 2 Vol. 1785.

Officio da Semana Santa com as Rubricas em Portuguez &c. em 12. com estampas.

Obras de Francisco de Sá de Miranda, augmentadas com as suas Comedias, em 8. 2 Vol. 1784.

Obras Poeticas de Quita, em 8. 2 Vol.

Panegyricos, e Discursos Evangelicos, em 8. 4 Vol. 1785.

Reflexões Sobre a Vaidade dos Homens, em 8.

Secretario Portuguez. Quarta Edição augmentada.

Syntaxe Latina para uso da Mocidade. 1785.

Trato das Obrigações da Vida Christa, traduzido do Francez pelo Capitaõ Manoel de Sousa, em 8. 2. Vol.